

CRENÇAS E LENDAS DO VAUPES

P. Alcionilio Brüzzi Alves da Silva SDB

Presentación: de Walter Ivan de Azevedo SDB

Prefacio: de Dominique Buchillet.



O buraco de Ipanoré - baixo rio Uaupés - de onde teria saído por terra a humanidade.
Fotografia de Dominique Buchillet, dezembro de 1985.

Presentación: de Walter Ivan de Azevedo SDB
Prefacio: de Dominique Buchillet.

CRENÇAS E LENDAS DO UAUPES

P. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva SDB

CRENÇAS E LENDAS DO UAUPES

Coedicion

Ediciones Abya-Yala

Inspeccoria salesiana Missionaria da amazonia
Centro de documentacão etnografico e missionario-CEDEM

1994

CRENÇAS E LENDAS DO UAUPES

P. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva SDB

Apresentação: Dom Walter Ivan de Azevedo SDB

Revisão, anotação
e prefácio:

Dominique Buchillet.

1ª Edición:

Ediciones Abya-Yala
Av. 12 de Octubre 14-30 y Wilson
Casilla 17-12-719
Telf. 562-633
Quito-Ecuador

Inspeção salesiana Missionaria da amazonia
Centro de documentação etnográfico e missionario-CEDEM
Manaus

ISBN

9978-04-035-5

Impresión:

Talleres Abya-Yala
Cayambe-Ecuador

Impreso en Cayambe-Ecuador

S U M Á R I O

P R E F Á C I O

Dominique Buchillet	05
---------------------------	----

A P R E S E N T A Ç Ã O

Dom Walter Ivan de Azevedo, SDB	20
---------------------------------------	----

U M D E V E R D E J U S T I Ç A

E U M A P A L A V R A D E G R A T I D Ã O	24
---	----

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRÉVIAS	34
-----------------------------------	----

CRENÇAS	37
---------------	----

O PROBLEMA MITOLÓGICO E AS LENDAS	48
---	----

1. O problema mitológico	48
--------------------------------	----

2. Lendas	53
-----------------	----

A) Lendas Teogônicas	53
----------------------------	----

B) Lendas Demonogônicas	54
-------------------------------	----

C) Lendas Cosmogônicas	63
------------------------------	----

D) Lendas Filogônicas	65
-----------------------------	----

E) Lendas Didascálicas	71
------------------------------	----

L E N D A S C O L E T A D A S P E L O P A D R E

ANTÔNIO GIACONE, SDB	76
----------------------------	----

Lenda dos índios Tariana sobre a cutia	76
--	----

O sepulcro de Ñamá-kuru	79
-------------------------------	----

Wāxtĩ pescador	80
----------------------	----

Como os Tuyuka viraram macacos	82
--------------------------------------	----

Como os Maku viraram porcos do mato	83
---	----

A anta perdeu a supremacia sobre os outros animais	84
Curupira	86

LENDAS COLETADAS PELO PROFESSOR

AGRÔNOMO SALESIANO THEOTÔNIO FERREIRA	88
Patrona do Macaco	88
A Piranha	89
Lenda sobre as estrelas "Três Marias"	89
O Buiauaçu	90

LENDAS COLETADAS PELO PROFESSOR

ETTORE BIOCCA	91
Miromaki	92
Wãxtĩ	94
Os Trovões e Jurupari	95
História de Iauaretê	114
A morte da Lua	134
Os Maku e a origem do curare	141
Cantos Xamanísticos	145

LENDAS COLETADAS PELO PADRE

WILHELM SAAKE, SVD	152
A origem de Yapiirikuri	153
Yapiirikuri e os primeiros homens	155
História de Koai	158
As flautas de Koai	164
Kuaikániri	168
O surgimento dos mortais Siuci	171
A primeira noite	173

COLABORAÇÃO DOS INDÍGENAS DE VÁRIAS TRIBOS

História do Tatu	176
A Raposa e o Coelho	177
O Jabuti e a Onça	177
A Anta e o Jabuti	178
A Cutia e a Anta	180
História de Ôxsö, a Cobra-de-duas-cabeças	181
Lenda da Cobra de Paraná-jucá	183

Perseguindo Doé	185
História dos Morcegos	186
O Homem e o Curupira (sem ânus)	190
História de Wãxtĩákã	192
História da família do Diabo do pau-oco	193
Boraró ou Curupira	194
O homem que se extraviou e o Boraró	195
Wáí-mãxsã ou história da "Gente-peixe"	197
Bóia-assu, o homem que desapareceu	198
O homem que foi procurar maniuara e pegou uma sapa	199
História da mulher transformada em pedra por ciúme	199
História de Ñamá-kuru	200
Ñamá-kuru (o assobio após o banho)	202
A Piranha, filha da Cobra-Grande	204
História de Uãnálí (as suas peripécias e a gratidão dos peixes)	208
Algumas proezas dos Diroá	211
Lenda do moço Baré	216
História de Kamāweni	217
O'ã-kõ e Mahã-wí (ou Pirarara)	220
Desaparecimento de O'ã-kõ	223
Curupira e o beiju	225
Origem da mandioca	226
Origem das pupunhas no mundo	228
Origem do fogo	228
Origem da chuva	229
O relâmpago	229
O arco-íris	230
Origem da Lua	230
Origem do rio Içana e dos rios	230
Origem de alguns nomes	232
História dos enfeites das danças	233
História dos instrumentos	233
Simeõ	234
Dabucuri da Lua	234
As mulheres, Wãxtĩ e a pedra de Uaracapá	235
História do tipiti, do buraco de pedra	

e da pedra	238
Bisiu e O'ã-kõ	240
Lenda das origens	243
Döxporokhãsé kixtí (Notícias de outrora)	249
Lenda Arwake das suas origens	250
História de Yapirikuri	255
Luta dos Tariana contra os Wanana	261
Lenda dos antigos Tukano	263
Lenda de Wexköá	264

ERMANNIO STRADELLI

E A PRECIOSA LENDA DE JURUPARI	265
---	------------

CONTRIBUIÇÃO DO PADRE CASIMIRO BÉKSTA, SDB

Origem do mundo e da humanidade	345
--	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	364
---	------------

PREFÁCIO

Na ocasião de uma recente viagem a São Gabriel da Cachoeira (região do alto rio Negro, Estado do Amazonas), consultei o Bispo Dom Walter Ivan de Azevedo a respeito do manuscrito *Crenças e Lendas do Uaupés* do P. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva citado em vários livros do mesmo autor, mas nunca publicado. Dom Walter emprestou-me o manuscrito do P. Brüzzi, salientando as dificuldades que teve até agora para publicá-lo e a necessidade de sua revisão por um antropólogo, de maneira a dar-lhe uma forma científica. Após consulta do manuscrito, fiquei convencida do interesse em publicá-lo. De fato, além de apresentar vários mitos inéditos de grande interesse para a etnografia do alto rio Negro, o manuscrito do P. Brüzzi tem também a vantagem de reunir um rico conjunto de mitos¹ dos diferentes grupos indígenas dessa região que, embora já publicados, eram na maior parte de difícil acesso por estarem em periódicos estrangeiros e/ou em outras línguas que não o Português (em Alemão e em Italiano). Considerando a escassez de coletâneas de mitos dos povos indígenas desta região no Brasil - apesar da riqueza e comple-

¹ Baseando-se na distinção estabelecida por Van Gennep (1910) entre mito, lenda e conto, o P. Brüzzi optou por denominar "lenda" as narrativas indígenas que figuram no seu livro, embora ele próprio reconheça a dificuldade de aplicar essa distinção em todos os casos. De minha parte, prefiro seguir a tradição antropológica contemporânea chamando essas narrativas de "mitos".

xidade da sua tradição oral celebrada por vários autores, em particular por Lévi-Strauss nos "Mythologiques"(1966) - o livro do P. Brüzzi parecia-me, neste sentido, uma contribuição importante para o conhecimento das mitologias dos povos indígenas do Uaupés e, mais geralmente da América do Sul. Por outro lado, embora o autor não tenha pretensões interpretativas, ele fornece, além das narrativas míticas, detalhes etnográficos de grande interesse para os antropólogos que pesquisam nesta região, fazendo sua, num certo sentido, a frase de Malinowski: "*O texto dos mitos é evidentemente importante mas sem contexto ele fica sem vida.*"(1926:24). E é, por fim, na esperança de esse livro poder ser utilizado pelos índios no processo de resgate da sua cultura que atualmente ocorre nesta região, que decidi encarregar-me do trabalho de revisão do manuscrito do P. Brüzzi.

Crenças e Lendas do Uaupés é o sexto volume - três já foram publicados (1961, 1966a e 1977) - consagrados aos povos indígenas da região do alto rio Negro pelo P. Brüzzi que, em 1947, fora encarregado pelo antigo Bispo Prelado do rio Negro, D. Pedro Massa, de realizar pesquisas etnográficas e lingüísticas nesta região (ver dados biográficos do autor na apresentação do livro redigida por D. Walter Ivan de Azevedo). Com efeito ao lado do trabalho de catequese e de assistência em matéria de saúde e de educação, os missionários salesianos no rio Negro dedicavam-se às pesquisas etnográficas e lingüísticas que resultaram em vários livros e artigos: afora os livros e artigos publicados pelo P. Brüzzi que mencionaremos a seguir, podemos citar os trabalhos de D. Pedro Massa (1928 e 1965) e dos padres salesianos Giacone (1949,1955,1962,1965 e s.d.), Béksta (1967,1968 e 1984) e Lagório (1983) que contêm numerosas informações sobre a língua e a cultura destes povos. Nisso, as obras dos salesianos no alto rio Negro assemelham-se àquelas dos missionários da mesma ordem religiosa que atuaram e continuam a atuar em outras áreas indígenas: refiro-me particularmente aos trabalhos etnográficos dos padres salesianos Colbacchini (1919), Colbacchini e Albisetti (1942), Albisetti e Venturelli

(1962, 1969, 1976) entre os índios Bororo e Giaccaria e Heide entre os Xavante (1975a, 1975b e 1984).

As preocupações etnográficas dos missionários salesianos no rio Negro eram guiadas, essencialmente, por dois propósitos: conhecer a cultura dos povos entre os quais atuavam de modo a "orientar a tarefa patriótica de incorporar aquelas tribos à civilização brasileira e cristã" (Massa 1965:87) e contribuir para o patrimônio cultural nacional "reunindo cabedais preciosos para a história de amanhã" (*ibid.*:311). Este conhecimento da cultura indígena, considerado indispensável ao seu trabalho de catequese, permitiu-lhes, assim, distinguir representações e práticas tradicionais a serem preservadas, por exemplo, as relacionadas à cultura material destes povos², de outras, dadas como irracionais ("mágicas"³) condenadas a desaparecer com o advento da racionalidade cristã e consideradas como empecilhos à obra de civilização missionária. Relatos de viajantes, funcionários do antigo Serviço de Proteção aos Índios e antropólogos apresentam inúmeras informações sobre esta atitude preconceituosa dos primeiros missionários em relação às representações e práticas indígenas tradicionais, sua incapacidade de compreender e respeitar uma cultura que não seja a cultura cristã e a respeito do impacto das atividades missionárias sobre as culturas indígenas (cf. Nimuendaju 1950; Galvão 1959; Silverwood-Cope 1975; Chernela 1985). Os textos dos antigos salesianos são entrecortados por opiniões depreciativas e etnocêntricas acerca da cultura indígena ou mesmo da psicologia e inteligência dos índios (cf. Giacone 1949; Massa 1928 *apud* Nimuendaju 1950; Brüzzi 1977, 1978 e neste volume), testemu-

² "Convém de início ressaltar que muitos dos elementos da Cultura Material (habitação, utensílios domésticos, alimentação etc) das tribos do Uaupés estão a revelar uma apreciável inteligência prática e de bom gosto, bem como bom aproveitamento dos recursos de que dispõem. Não devem, portanto, ser desprezados, muito ao invés, devem ser conservados, aperfeiçoados e completados" (Brüzzi 1978:12)

³ "Praticamente as tribos do Uaupés não apresentam religião alguma. E conseqüentemente estão sob o peso asfixiante de crenças e práticas mágicas. Dispensa provas a vantagem de uma convivência longa, por anos, ou por uma vida inteira, com pessoas de alta cultura e elevada religiosidade e moralidade como os Missionários" (Brüzzi 1978:14).

nhando nisso o peso da herança colonial tanto na sua ideologia e prática quanto nas suas instituições. Neste sentido, deve-se ter sempre em mente, o trabalho de registro dos costumes e tradições dos povos indígenas da região do alto rio Negro empreendido pelos primeiros missionários salesianos visava mais a sua "museificação" que a sua efetiva compreensão: monografias, vocabulários, gramáticas, coleção de mitos, todos elaborados e publicados visam explicitamente conservar "para a história o conhecimento da alma primitiva de várias tribos nos seus primeiros contatos com a civilização cristã" (Massa 1965:311), servindo, num certo sentido, de testemunhos de uma cultura pagã, atrasada, supostamente elevada à verdadeira racionalidade (cristã) pelo zelo missionário.

O P. Brüzzi, a partir da infra-estrutura das missões salesianas e de seus contatos com os índios, realizou várias expedições prolongadas na região a partir do ano de 1947. Destas expedições resultaram numerosos livros e artigos publicados em periódicos nacionais ou estrangeiros cujo valor etnográfico é inegável. Afora os três livros acima mencionados versando sobre a etnografia e lingüística dos grupos Tukano e o presente volume, o P. Brüzzi elaborou dois dicionários (Tukano-Português e Português-Tukano) que estão atualmente sendo datilografados pela Irmã Olga Tenório, sua antiga colaboradora. Além disso, ele produziu vários artigos em Português sobre os ritos funerários entre os Tukano (1955, 1956), o estabelecimento das missões salesianas na Prelazia do rio Negro e os grupos indígenas desta região (1962), a organização social dos povos indígenas do rio Negro (1966b) e a família lingüística Tukano (1970, 1973 e 1975). Por fim, publicou, em 1978, um opúsculo sobre catequese e civilização dos índios do Uaupés expondo brevemente os princípios gerais do que ele chama "o processo civilizador da Missão Salesiana do rio Negro".

Crenças e Lendas do Uaupés apresenta, ao lado de várias crenças indígenas acerca dos animais, fenômenos meteorológicos, das quais algumas têm valor de presságio, um total de 77⁴ mitos

⁴ Não contabilizamos os mitos - ou resumos de mitos - que servem para ilustrar a discussão do autor sobre os conceitos de mito e lenda e a sua classificação das lendas.

coletados entre os povos indígenas das famílias lingüísticas Tukano oriental e Arwake da região do alto rio Negro. Destes, 51 são inéditos, havendo sido coletados pelo P. Brüzzi na ocasião da sua segunda permanência de campo nesta região entre os anos de 1953 a 1958. Embora o autor não explicita as circunstâncias particulares da coleta destes mitos, podemos presumir que foram narrados a seu pedido e não coletados durante as cerimônias e rituais que constituem um dos contextos tradicionais de narração dos mitos. Com efeito, desconhecendo ainda o idioma Tukano, língua de um grupo indígena particular e funcionando também como língua franca em várias partes desta região, o P. Brüzzi recolheu esses mitos exclusivamente em Português. Destes 51 mitos, 18 foram coletados de informantes da família lingüística Arwake: Tariana (15), Baniwa (1), Baré (1) e Kumãdene (1); 17 de informantes da família lingüística Tukano oriental: Tukano (11), Arapaço (3), Piratapuya (2) e Desana (1). Para os outros mitos (16) o compilador, infelizmente, não especifica a identidade e origem étnica do narrador.

O livro traz também a tradução portuguesa do famoso mito de Jurupari coletado no fim do século passado entre os índios Tariana por Ermanno Stradelli e publicado em 1890 numa revista italiana e do qual, até agora, somente se dispunha da versão italiana⁵.

Por fim, os outros mitos apresentados neste volume foram colhidos por missionários católicos de diversas ordens religiosas que atuaram ou passaram nessa região no mesmo período que o P. Brüzzi, ou por cientistas que este último teve a oportunidade de conhecer nas suas expedições científicas. Assim, uma parte substancial do livro é constituída por mitos coletados entre os diferentes grupos lingüísticos da região do alto rio Negro e já publicados pelo compilador:

⁵ O mito de Jurupari, na sua versão italiana, assim como outros mitos coletados por Stradelli no mesmo período e publicados em Português e/ou Italiano em velhos números do *Bolletino della Società Geographica Italiana* ou em opúsculos de tiragem limitado, foram reeditados pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo em 1964.

mantes Tukano (3), Tariana (1), Caboclo do rio Negro (1) e outros (identidade do narrador não especificada) e publicados em 1949 e que o P. Brüzzi reproduziu neste volume com algumas modificações (principalmente na grafia dos nomes dos heróis culturais);

- 4 mitos colhidos em Português pelo Professor salesiano Theotônio Ferreira e publicados por Giaccone em 1949, dos quais desconhecemos a identidade e origem lingüística do narrador;

- O mito Desana de origem da humanidade colhido no rio Tiquiê pelo Padre salesiano Casimiro Béksta de dois índios Desana, Umusin Panlõn Kumu e Tolaman Kenhiri, os quais conseguiram, em 1980, a sua publicação (com várias modificações de estilo) ao lado de outros mitos da tradição oral Desana, graças ao empenho da antropóloga Berta G. Ribeiro⁶;

- 7 mitos coletados entre os índios Baniwa (Arwakes) do rio Içana pelo missionário austríaco da Congregação do Verbo Divino, Wilhelm Saake, e que, segundo consta neste volume (p.151), foram publicados num livro em Alemão e traduzidos para o Português pelo missionário salesiano austríaco Norberto Hohenscherer a pedido do P. Brüzzi (infelizmente, este último não dá nenhuma indicação sobre esse volume de mitos em Alemão);

- 1 mito coletado pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg entre os índios Makuna (Tukano oriental) quando de sua viagem à região do alto rio Negro nos anos de 1905-1907 e que fora publicado por este em 1909/10, e do qual o biólogo italiano Ettore Biocca publicou, em 1965, uma versão em Italiano que serviu de base para a tradução portuguesa apresentada neste volume;

- 5 mitos coletados entre os Tariana (Arwakes) por Ettore Biocca na ocasião de seus estudos etno-biológicos na região do alto rio Negro e publicados em Italiano em 1965 e dos quais o P. Brüzzi apresenta neste volume uma tradução portuguesa. Por fim, ele oferece a tradução portuguesa de um canto terapêutico

⁶ Deve-se ressaltar também que este mito foi publicado também em Italiano em 1986 (pp. 37-59) com os nomes portugueses dos dois índios Desana (Firmiano Arantes Lana e Luis Gomes Lana) e que a tradução italiana foi elaborada a partir do manuscrito original e não da versão publicada em 1980.

publicado por Biocca no mesmo livro.

Como poderá ser percebido, a tradição oral dos índios da família lingüística Maku, que moram também na região do alto rio Negro, não é representada neste volume. Isto talvez pode ser explicado pelo fato de que esses índios não falavam e não falam Português na sua maioria. Como o leitor poderá perceber existe uma homogeneidade muito grande nas tradições orais dos povos das famílias lingüísticas Tukano e Arwake, o que pode ser explicado em parte pelo alto grau de aculturação intertribal que há séculos vêm experimentando.

O manuscrito que me foi remetido por D. Walter constava de 321 páginas datilografadas nas quais se incorporavam aos mitos notas etnográficas, dados biográficos, lembranças pessoais, identificações científicas de plantas e animais. Considerando o manuscrito do P. Brüzzi como documento histórico - ele foi elaborado, principalmente, na década de 50 - decidi não alterar muito o texto. Assim, foram deixados os comentários depreciativos do autor sobre a cultura indígena ou mesmo sobre a inteligência dos povos da região do alto rio Negro como ilustração da atitude etnocêntrica dos salesianos desta época. Caberá aos estudiosos da ideologia missionária aproveitar esse material na análise e avaliação do impacto das atividades desses religiosos sobre as populações e culturas indígenas. Cabe-nos ressaltar, todavia, que em decorrência das novas diretrizes de atuação da Igreja Católica no Brasil estabelecidas durante o Concílio Vaticano II em 1962, a atitude dos missionários salesianos em relação às culturas indígenas mudou de maneira significativa: não apenas elementos da cultura indígena tradicional são integrados ao currículo escolar nacional destinado aos índios, como também os próprios missionários salesianos estão empenhados num processo de resgate e revigoração da cultura tradicional (sobre isso ver Taylor 1981; Menezes 1984; Novaes 1990).

O trabalho realizado sobre o manuscrito do P. Brüzzi consistiu principalmente em colocar em notas de pé de página todas as observações etnográficas, lembranças pessoais e dados biográficos etc, redigidos pelo compilador e verificar as identificações científicas de plantas e/ou de animais. De modo geral,

respeitei a ordem de apresentação dos mitos exceto, no capítulo "Colaboração dos indígenas de várias tribos", onde tentei reunir as variantes dos mesmos mitos. Acrescentei ao texto várias notas etnográficas baseadas essencialmente na literatura antropológica recente, de modo a ilustrar, esclarecer ou facilitar a compreensão de algum ponto etnográfico particular. De modo a separar as minhas notas explicativas daquelas do P. Brüzzi, marquei as primeiras com a menção entre parênteses (N do R). Verifiquei e completei, na medida do possível, a bibliografia citada no capítulo "O problema mitológico e as lendas" na medida em que muitas das referências bibliográficas dadas pelo P. Brüzzi estavam incompletas⁷. As palavras em línguas indígenas foram grafadas em negrito, ao passo que aquelas de línguas européias o foram em itálico.

Apêndice: as coletâneas de mitos do rio Negro no Brasil.

Existem poucas coletâneas de mitos desta região publicadas no Brasil. Em 1890 João Barbosa Rodrigues publicou, em Nheengatu, com tradução portuguesa palavra por palavra e literal, um total de 16 mitos sobre Jurupari e Curupira e/ou contos zoológicos que ele havia coletado no rio Negro no fim do século passado, mas ele não identifica sequer a origem lingüística dos narradores. Nos últimos anos do século passado, Antônio Brandão de Amorim coletou em Nheengatu, na bacia dos rios Negro e Branco, 31 mitos dos índios Tariana, Baré, Manao, Uanana e Macuxi que publicou em 1926/8⁸. Alguns dos mitos coletados por Amorim serviram de inspiração para um ensaio de Barahuna (1982) e um longo poema de Bopp (1984), respectivamente, o mito Tariana sobre o guerreiro Buopé e os mitos sobre a Cobra-Grande. No mesmo período, Stradelli registrou o mito de Jurupari, cuja

⁷ Todavia não me foi possível completar a referência de Róseres que se encontrava sem título do artigo e a de Heyne que estava sem data e título do artigo ou livro.

⁸ Os mitos coletados por Brandão de Amorim foram reeditados em 1987 pelo Fundo Editorial da Associação Comercial do Amazonas.

versão portuguesa está neste volume, que fora publicado na Itália em 1890. Todavia, esse, assim como outros mitos colhidos pelo mesmo autor, foram reeditados na língua original de publicação em 1964 pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo num livro intitulado "A 'Legendda del Jurupary' e outras lendas amazônicas". O P. Giaccone publicou em 1949 vários mitos dos índios do Uaupés que foram reproduzidos no presente volume. Em 1950-1952, Nunes Pereira, então presidente do Instituto Geográfico do Estado do Amazonas, coletou, na ocasião de uma viagem à bacia do rio Negro, 16 mitos entre os índios Tariana, Tukano, Cubeo, Baré e Jibóia-Tapuia que foram publicados em 1980. Entre esses mitos podemos encontrar variantes dos publicados pelo P. Brüzzi neste volume, tais como o mito de Inapirico, Uanari entre outros. Por fim, dois índios Desana, Umusin Panlõn Kumu e Tolaman Kenhiri, publicaram em 1980 as tradições míticas dos Desana e o P. Eduardo Lagório publicou em 1983 um total de 100 histórias destinadas às crianças. Embora a pesquisa etnográfica dos últimos 15 anos dê uma atenção especial à tradição oral destes povos, as narrativas míticas coletadas pela maioria dos etnólogos encontram-se ainda dispersas em teses não publicadas e, assim, de difícil consulta para o leigo (cf. Wright 1981; Buchillet 1983).

Agradecimentos

Agradeço a Bruce Albert e Alcida Rita Ramos pelos comentários feitos a uma primeira versão deste prefácio, e ao Centro de Documentação Etnográfico e Missionário - CEDEM - na pessoa do P. Damásio Medeiros, SDB pelo trabalho de digitação e apoio para a publicação desse manuscrito.

Referências bibliográficas

Albisetti, C. e A. J. Venturelli

1962 **Enciclopédia Bororo**. Vol. I **Vocabulários e Etnografias**. Campo Grande (Mato Grosso): Museu Nacional Dom Bosco

(Publicação nº 1 do Museu Regional Dom Bosco).

1969 **Enciclopédia Bororo**. Vol. II **Lendas e antropônimos**. Campo Grande (Mato Grosso): Museu Regional Dom Bosco (Publicação nº 2 do Museu Regional Dom Bosco).

1976 **Enciclopédia Bororo**. Vol. III **Textos dos cantos de caça e pesca**. Campo Grande (Mato Grosso): Museu Regional Dom Bosco (Publicação nº 5 do Museu Regional Dom Bosco).

Amorim, A.B. de

1926/8 "Lendas em Nheêngatu e em Portuguese". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 154(100):9-475 (Republicado em 1987 pelo Fundo Editorial da Associação Comercial do Amazonas - Coleção "Hiléia Amazônica" Vol. VI).

Barahuna, E.

1982 **Buopé o guerreiro magnânimo do Uaupés**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas.

Barbosa Rodrigues, J.B.

1890 "Poranduba amazonense ou Kochiyima-vara Poranduba". **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro** (RJ) 1886-1887, Vol. XIV (Fasc. nº 2): 1-224.

Béksta, C.

1967 "Experiências de um pesquisador entre os Tukano". **Revista de Antropologia** (São Paulo) 15/16: 99-110.

1968 **Comunicação sobre as idéias religiosas expressas nos mitos e ritos dos Tukano**. Manaus: CNBB/CRB Norte I.

1984 **1ª Cartilha Tukano**. Manaus: SEDUC/Núcleo de Recursos Tecnológicos.

Biocca, E.

1965 **Viaggi tra gli Indi. Alto Rio Negro - Alto Orinoco. Appunti di un Biologo**. Vol. I. **Tukâno, Tariâna, Baniwa, Makú**. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Bopp, R.

1984 **Cobra Norato e outros poemas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.

Brüzzi, A. A. da Silva

1955 "Os ritos fúnebres entre as tribos do Uaupés (Amazonas)". **Anthropos** (Freiburg) 50(4-6):593-601.

1956 "Morte do chefe indígena da tribo Tukano". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo** (São Paulo) LIII:119-123.

1961 **Discoteca Etno-Linguístico-Musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauáburis**. Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauaretê/ Missão Salesiana do rio Negro.

1962 "O Amazonas, as amazonas e os índios de cauda". **Mundo Melhor** (São Paulo) Ano V, nº 59.

1966a **Observações gramaticais da língua Daxseyé ou Tukano**. Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauaretê.

1966b "Estrutura da tribo Tukano". **Anthropos** (Freiburg) 61:191-203.

1970 "A família linguística Tukano". **Acts of the Thirty-ninth International Congress of Americanists** Vol. V:155-164

1973 "A família linguística Tukano". **Anthropos** (Freiburg) 68 (1-2):304-310.

1975 "Famílias linguísticas indígenas da Prelazia Salesiana do rio Negro (Brazil)". **Salesianum** XXXVII(3):659-670.

1977 **A civilização indígena do Uaupés. Observações Antropológicas, etnográficas e sociológicas**. Roma: LAS (Studi e Ricerche 1).

1978 **As tribos do Uaupés e a Civilização Brasileira**. O método civilizador salesiano. O Índio tem o direito de ser Índio ou de ser Civilizado? Belém.

Buchillet, D.

1983 **Maladie et mémoire des origines chez les Desana du Uaupés (Brésil). Conceptions de la maladie et de la thérapeutique d'une société amazonienne**. Tese de Doutorado (Não publicada), Universidade de Paris-X Nanterre.

Chernela, J.

1985 "Why one culture stays put: a case of resistance to change in authority and economic structure in an indigenous community in the northwest Amazon". In: J.Hemming (Ed.). **Change in the Amazon Basin. Vol. II. The frontier after a decade of colonization.** Manchester: Manchester University Press, pp. 228-236.

Colbacchini, A.

1919 **A tribo dos Borôro.** Rio de Janeiro: Papellaria América.

Colbacchini, A. e C. Albisetti

1942 **Os Borôros Orientais Orarimodogue do Planalto Oriental do Mato Grosso.** São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira).

Galvão, E.

1959 "Aculturação indígena no Rio Negro". **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, N.S. (Belém) 7 (replicado in E. Galvão. **Encontro de sociedades. Índios e Brancos no Brasil.** 1979. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 135-192).

Giaccaria, B. e A. Heide

1975a **Jerônimo Xavante conta (mitos e lendas).** Campo Grande (Mato Grosso): Casa da Cultura (Publicação nº 1 da "Casa da Cultura").

1975b **Jerônimo Xavante sonha (contos e sonhos).** Campo Grande (Mato Grosso): Casa da Cultura (Publicação nº 2 da "Casa da Cultura").

1984 **Xavante. Auwe Uptabi: Povo autêntico.** São Paulo Editora Salesiana Dom Bosco.

Giacone, A.

1949 **Os Tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do rio Negro-Amazonas: notas etnográficas e folclóricas de um missionário salesiano.** São Paulo.

1955 **Pequena gramática e dicionário Português Ubde-Nehern ou Macu.** Recife: Escola salesiana de Artes.

1962 **Pequena gramática e dicionário da língua Taliáseri ou Tariana**. Salvador: Escola tipográfica Salesiana.

1965 **Gramática da língua "Dahceié" ou Tucano**. Dicionário "Dahceié ou Tucano-Português", Dicionário "Português-Dahceié ou Tucano". **Vademecum para os missionários e fraseologia usual tucana nos rios Uaupés, Tiquié e Papuri**. Belém (Pará).

s.d. **Pequena Gramática e dicionário da língua Kotiria ou Uanano**. Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauareté/Missão Salesiana de Iauaretê.

Koch-Grünberg, T.

1909/10 **Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in nord-west Brasilien 1903-1905**. Berlin: Ernst Wasmuth A. G. 2 Volumes.

Kumu, U.P. e T. Kenhiri

1980 **Antes o mundo não existia**. Com introdução de Berta G. Ribeiro. São Paulo: Livraria Cultura Editora.

Lagório, E. (Coord.)

1983 **100 Kixti (estórias) Tukano**. Brasília: Fundação Nacional do Índio.

Lana, F. A. e L. G. Lana

1986 **Il Ventre dell'Universo**. Palermo: Sellerio Editore.

Lévi-Strauss, C.

1966 **Mythologiques. Vol II. Du miel aux cendres**. Paris: Plon.

Malinowski, B.

1926 **Myth in Primitive Psychology**. London.

Massa, Dom Pedro

1928 **Pelo rio Negro**.

1965 **De Tupã a Cristo**. Jubileu de Ouro. Missões Salesianas do Amazonas 1915-1965.

1984 **Missionários e índios em Mato Grosso (Os Xavante da reserva de São Marcos)**. Tese de Doutorado (Não Publicada), Universidade de São Paulo.

Nimuendaju, C.

1950 "Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés (1927). Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre". **Journal de la Société des Américanistes** (Paris) Primeira parte: 39:125-182 (republicado in C. Nimuendaju. **Textos indigenistas**, 1982. São Paulo: Edições Loyola, pp. 123-191).

Novaes, S. C.

1990 **Jogo de Espelhos. Imagens da representação de si através dos outros**. Tese de Doutorado (Não publicada), Universidade de São Paulo.

Pereira, N.

1980 "Área Cultural Norte Amazônica". In N. Pereira. **Moronguêta. Um Decameron Indígena**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: Instituto Nacional do Livro. Vol. I (Retratos do Brasil Vol. 50-a), pp. 180-434.

Silverwood-Cope, P.

1975 "Relatório e propostas sobre a situação dos indígenas do Uaupés, alto rio Negro". Brasília: FUNAI.

Stradelli, E.

1890 "Leggenda dell'Jurupary". **Bolletino della Società Geographica Italiana**. Vol. III(3):659-689, 798-835.

1964 "La leggenda del Jurupary" e outras lendas amazônicas. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro (Caderno nº 4).

Taylor, A. C.

1981 "God-Wealth: the Achuar and the Missions". In: N. E. Whitten (Ed). **Cultural Transformations and Ethnicity in Modern Ecuador**. University of Illinois Press, pp. 647-676.

Van Gennep, A.

1910 **La formation des légendes.** Paris.

Wright, R.

1981 **The History and Religion of the Baniwa People of the Upper rio Negro Valley.** Tese de Doutorado (não publicada), Universidade de Stanford.

Dominique Buchillet
ORSTOM/Universidade de Brasília
Julho de 1991

APRESENTAÇÃO

Padre Dr. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, o douto e paciente compilador deste precioso cabedal de lendas indígenas da vasta região do rio Uaupés (Amazonas), nasceu em São José da Lagoa, Diocese de Mariana, Minas Gerais, aos 10 de abril de 1901. Após seus estudos no Colégio Salesiano de Cachoeira do Campo, ingressou no noviciado salesiano em janeiro de 1919, professando na Congregação no ano seguinte. Completados o curso filosófico e o tirocínio prático, foi enviado à Itália para cursar Teologia e Direito Canônico, conquistando a láurea "*in utroque jure*" em 1929 e recebendo a Ordenação Sacerdotal em 7 de julho do mesmo ano.

Durante o período que vai de 1930 a 1944 desenvolveu intensa atividade como professor em São Paulo no Liceu de Jesus (Faculdade de Estudos Econômicos), no Instituto Teológico Pio XI e no Colégio São Joaquim de Lorena. Celebrizou-se então pela publicação de numerosas obras em variados campos do saber: Química, Didática da língua Grega, Direito, Psicologia Experimental e Liturgia.

Em 1944 partiu para a Europa como capelão militar junto à Força Expedicionária Brasileira, nos meses finais da Segunda Guerra Mundial. Retornando ao Brasil, reassumiu suas aulas no Instituto Teológico Pio XI e lecionou também na Faculdade de São Bento (São Paulo).

Voltando então seu interesse para as pesquisas etnológicas e lingüísticas, realizou uma primeira viagem pelo rio Uaupés nos anos de 1947 e 1948, da qual resultou o volume intitulado **A Civilização Indígena do Uaupés**, cuja primeira edição data de 1952.

Incumbido por D. Pedro Massa, então Bispo Prelado do rio Negro (atual diocese de São Gabriel da Cachoeira, no alto rio Negro, Amazonas) a ampliar suas pesquisas na área, em vistas de novas publicações especializadas, volta ao rio Uaupés em 1953, aprende a língua Tukano (do principal grupo lingüístico da região) e por diversos anos até 1958 percorre a área detendo-se nas aldeias indígenas e recolhendo abundante material etnológico em notas escritas, em fitas gravadas, em filmes e em discos.

Para cumprir o desejo de D. Massa, concebeu o plano de realizar uma série de sete publicações, sob os seguintes títulos:

- 1) **A Civilização Indígena do Uaupés.**
- 2) **Discoteca Etno-Lingüístico-Musical.**
- 3) **Observações Gramaticais da Língua Daxseyé ou Tukano.**
- 4) **Dicionário Tukano-Português.**
- 5) **Dicionário Português-Tukano.**
- 6) **Crenças e Lendas do Uaupés.**
- 7) **Idiomas Indígenas da Amazônia.**

No fim da década de 50 fundou na Missão de Iauaretê o Centro de Pesquisas de Iauaretê, destinado a perpetuar os estudos e pesquisas em favor de um melhor conhecimento das tribos da região, no escopo de ajudar os missionários na obra de uma evangelização inculturada e contribuir para que aqueles povos conservem e desenvolvam sua língua e cultura⁹.

Após o ano de 1958, volta a trabalhar em São Paulo. Nessa época, participa de importantes encontros entre antropólogos e lingüistas no México, EUA e Canadá (1962 a 1964). Por fim, retornando à Amazônia em 1968 para dar continuidade a seus trabalhos, uma grave afecção cardíaca obriga-o a interromper as suas viagens fluviais. Não abandona, porém, a pesquisa: embora de saúde combalida, confina-se no hospital da Missão Salesiana de Taracúá, onde passa a compilar, mediante entrevistas com

⁹ Em 1985 fundou-se em Manaus o Centro de Documentação Etnográfico e Missionário (CEDEM), que pretende ser uma continuação do extinto Centro de Pesquisas de Iauaretê e contribuir para uma formação mais profunda dos missionários Salesianos no campo da Etnologia e da Teologia missionária.

numerosos informantes indígenas, o grande **Dicionário Tukano-Português e Português-Tukano** e as demais obras que planejava.

Tive ocasião de conviver com o P. Alcionílio no Liceu Coração de Jesus (São Paulo), nos anos de 1965-1968. E quando em 1980, como Provincial da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, percorri pela primeira vez o rio Negro e seus afluentes, reencontrando-o em Taracuí, logo me capacitei do valor e da importância de quanto aquele douto missionário vinha elaborando. Passei então a estimular o mais possível o pronto acabamento de seus trabalhos em vista de uma publicação.

Por volta de abril de 1985 ele deu por completada a elaboração do dicionário contido em milhares de preciosas fichas datilografadas. Entrementes, a abnegada Irmã Olga Tenório, FMA, Superiora do Hospital de Taracuí, além de cuidar com desvelado sacrifício da saúde do P. Alcionílio durante todos aqueles anos, realizou o ingente trabalho de, aprendida com perfeição a língua Tukano, datilografar todas as lendas indígenas, ouvindo-as diretamente das fitas gravadas e acrescentando-lhes sob a direção do autor do livro a tradução interlinear e uma tradução livre.

É essa preciosa coleção de lendas que vem à luz no presente volume, escritas em Português, esperando que, em seguida, se possa publicar um segundo volume com as lendas na língua original e sua tradução interlinear, para uso dos estudiosos, mas também para contribuir, em respeito àquele nobre povo, para a divulgação de uma genuína Literatura Tukano.

Como grande parte do que vem aqui exposto é fruto de pesquisas e observações realizadas na década de 50 e mesmo antes, os entendidos em assuntos indígenas, baseados em estudos e descobertas mais recentes, poderão encontrar motivos para muitas ressalvas e correções. Julguei, porém, do meu dever apresentar os escritos do P. Alcionílio quase sem nenhum retoque nem retificação de importância, para preservar-lhes o cunho pessoal e o mérito que, sem dúvida, é muito grande. Submeti, todavia, o texto à revisão cuidadosa da antropóloga Dra. Dominique Buchillet, da ORSTOM (Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Coopération) e da Universidade de Brasília, para conferir a ele e às suas notas uma feição mais científica.

P. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva não conseguiu ver seus prolongados esforços coroados pela publicação desta obra. Faleceu em 12 de março de 1987, em Taracuí, na avançada idade de 85 anos e 11 meses.

As páginas do original à máquina, repletas de glosas e correções feitas a mão pelo próprio autor, exigiram novo abnegado esforço da Revda. Irmã Olga Tenório no trabalho de recuperá-las à máquina. Ulteriores dificuldades editoriais atrasaram ainda mais a publicação dessas lendas, que agora vem à luz como homenagem ao seu compilador e ao povo indígena que as gerou.

D. Walter Ivan de Azevedo
São Gabriel da Cachoeira, Amazonas
Julho de 1991

UM DEVER DE JUSTIÇA E UMA PALAVRA DE GRATIDÃO

Ao apresentar aos leitores o sexto volume da série de estudos sobre as tribos das Missões Salesianas do rio Negro, como nos pedira o primeiro Bispo destas Missões, D. Pedro Massa, enseja-nos a oportunidade para cumprirmos um dever de justiça e fazer ouvir a nossa palavra de gratidão. O autor destes estudos tem muito que agradecer e agradecer a muitos. E por isso mesmo não devemos esquecer que a discrição é também uma virtude humana e uma virtude cristã. Acenaremos especialmente às ajudas que possibilitaram o desempenho da ampla e árdua tarefa que nos fora confiada, suplicando à Bondade Divina que recompense generosamente a todos os que, de alguma maneira, contribuíram para a sua execução.

Após o fecundo quinquênio de 1953-1958, no qual foi-nos dada a oportunidade de fixar o programa e os preciosos dados para os seis últimos volumes da série de trabalhos desejada por Dom Pedro Massa, motivos de saúde fizeram-nos "baixar" (é termo amazônico) até Manaus e, a seguir, até São Paulo. Ali nos surpreendeu um convite para uma conferência no Instituto de Etnografia na rua Voluntários da Pátria, no Rio de Janeiro, expondo nas suas linhas gerais o programa das nossas pesquisas e

os seus primeiros resultados. Pessoa douta e amiga, o Desembargador Prof^o Dr. Arnaldo Duarte lembrou-se de sugerir o nosso nome para que, na qualidade de enviado cultural, fôssemos ao México, EUA e Canadá, a fim de, nesses países, nos pôr em relação com os estudiosos interessados pelo assunto. Era então Cônsul Geral do Brasil e em Nova Yorque a Dra. Dora Vasconcelos, a qual tomou logo a iniciativa de nos encaminhar no monumental American Museum of Natural History (onde o Dr. Robert Carneiro, com o beneplácito da Diretoria do Museu, pôs à nossa disposição durante algum tempo um gabinete para facilitar os nossos trabalhos), às três Universidades de Nova Iorque e aos mais eminentes Professores que se dedicavam aos assuntos das nossas pesquisas. Nossa missão beneficiou-se grandemente com as oportunidades que nos proporcionaram. Em primeiro lugar o Congresso dos Americanistas, na cidade de México e depois com as visitas às Universidades entre as quais a Católica de Washington, a de Stanford na Califórnia, a de New Haven e as três de Nova Iorque. Nos EUA cumpre-se revelar a ajuda que nos deram os Salesianos, as famílias Tretter e Garger, Alberta M. Lucchati Cieri, Mons. Joseph Casella e seu secretário J. Sullivan (que reviu a versão em inglês do primeiro volume que conseguimos publicar sob o título **Discoteca Etno-Lingüístico-Musical**(1961) das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauáburis). Na Stanford University contraímos um débito insolúvel de gratidão com o Prof^o James L. Taylor, autor do esplêndido volume "A Portuguese-English Dictionary". Numa prova de simpatia e adesão aos estudos indigenistas ofereceu-nos o Prof^o Taylor para traduzi-los para o Inglês, língua mundialmente mais acessível que o Português para os estudiosos. Já em nosso primeiro contato com os professores de Nova Iorque mostraram eles o desejo que o primeiro volume da série fosse publicado também em Inglês. E na tradução inglesa do Prof^o Taylor será também bilíngüe (Português-Inglês) o último volume sob o título **Idiomas Indígenas da Amazônia**. A benevolência e generosidade do ilustre Professor da Universidade acalentava-se à esperança de uma tradução inglesa do maior e mais importante volume da série do Uaupés **Crenças e Lendas do Uaupés**. Mas a sua demorada compilação foi antecipada pela morte do nosso ilustre amigo.

Devemos acenar a muitas e generosas pessoas que nos possibilitaram as viagens e transportes, ou mesmo nos deram ajuda financeira. Foi assídua, contínua e indispensável, a colaboração dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora. Foram eles e elas que se preocuparam da nossa manutenção diária e das extraordinárias, desvelando-se, outrossim, pela nossa saúde que periclitou em mais de uma ocasião. Como igualmente nos proporcionaram os recursos necessários e os companheiros, também indígenas, para as nossas numerosas excursões. Já o nosso primeiro contato com as várias tribos ao longo do Uaupés até as fronteiras com a Colômbia se beneficiou com a presença e a experiência do provento Missionário P. Antônio Giaccone, também ele um "bom língua", na expressão amazônica, isto é, intérprete, que estudava com afinco o Tukano, de cujo idioma deixou dois úteis volumes (além da sua colaboração para a perpetuação de duas outras línguas indígenas: o Tariana e o Maku) e assim pôde ser o nosso primeiro intérprete com os indígenas.

O então P. João Marchesi (que, mais tarde, o Papa João XXIII, seu antigo reitor de Seminário e seu ex-capelão-chefe na Primeira Guerra Mundial, elevou à dignidade episcopal), prestou-nos numerosos auxílios quando do seu superiorato na Missão de Iauaretê e, mais tarde, na de Pari-Cachoeira. E com sua longa experiência de quase meio século de convivência entre estas tribos, enriqueceram-se de muito as nossas observações pessoais. Não hesitamos em pedir-lhe, mais tarde, que lesse o esboço do nosso primeiro volume, sob o título **A Civilização Indígena do Uaupés** (1977 [1952]), pedindo-lhe a sua opinião de grande conhecedor e verdadeiro pai amoroso das tribos Uaupesinas. Por isso mereceu ser denominado "o Anchieta das tribos do Amazonas" pela comissão militar encarregada da demarcação destas nossas fronteiras. Sua catequese se beneficiou singularmente pelo conhecimento e manuseio do idioma Tukano. De passagem, podemos informar que também vários outros Missionários e Irmãs salesianas estudaram com proveito prático e teórico a língua Tukano, entre os quais, pelos escritos que deixaram, merecem ser destacados os Revdos. Padres Eduardo Lagório (o mais antigo da missão) e Casimiro Béksta, dois grandes e apaixonados conhecedo-

res dessa língua indígena.

Os primeiros e mais preciosos colaboradores foram naturalmente os indígenas dessas várias tribos, dispersas em centenas de núcleos (povoados e **malocas**) ao longo dos grandes rios navegáveis, dos incontáveis igarapés, seus afluentes, e da densa selva amazônica compreendida entre os dois grandes caudais: os rios Uaupés e Pira-paraná. Receberam-nos sempre cordialmente todos os silvícolas e se prontificaram a dar-nos as informações pedidas, que estavam na alçada dos seus conhecimentos, começando pelo nome da própria tribo no seu idioma natal e nos idiomas de outros grupos com os quais estão relacionados, bem como as denominações e localizações das subdivisões da própria tribo. E assim verificamos que todas elas constam de subgrupos como as tribos brasileiras elencadas em nosso primeiro volume (*op. cit.*). Indicaram-nos todos bem, e é interessante relevá-lo, os nomes dos subgrupos atualmente extintos e sua localização. Fato que prova o relacionamento entre eles, apesar das distâncias que os separam. Já observamos no volume *supra* citado que os nomes dos subgrupos Tukano são na realidade apelidos e, não raro também, grotescos. Tais subdivisões e sua nomenclatura remontam ao país de origem destas nossas tribos? Ou, mais provavelmente seriam conseqüências das migrações desde a sua pátria de origem até se estabilizarem no solo que ocupam atualmente?

E em algumas ocasiões a surpresa que manifestaram alguns grupos indígenas ao verem a nós e ao singularmente benemérito Missionário que então nos acompanhava, o baiano P. Ezequiel Lopes, e a curiosidade com que seguiam os nossos movimentos e nos observavam ininterruptamente, eram indícios palpáveis que, poucas vezes, teriam visto os civilizados. Ao menos os da geração-moça que então nos rodeavam em suas **malocas**. É a oportunidade aqui para agradecer ao P. Ezequiel algumas lendas que, com seu estímulo e recomendação, nos enviaram alguns ex-alunos de Pari-Cachoeira.

A coleta do amplo vocabulário que nos propuséramos com mais de trezentas palavras usuais de cada língua (reunidas no volume sob o título **Idiomas Indígenas da Amazônia**, porque inclui também tribos fora do território brasileiro) era, por sua natureza,

um trabalho vagaroso. E foi algumas vezes interrompida por episódios e circunstâncias imprevisíveis, e retomada na primeira ocasião favorável. À acolhida amiga por parte de todas as tribos que visitamos e sua preciosa colaboração, procurávamos retribuir com nossos pequenos presentes. Em alguns casos foram estes indígenas que nos guiaram a outras tribos e nos ajudaram no transporte da nossa carga. A esses devíamos naturalmente dar uma paga proporcional, além de pequenos presentes. Esta informação de prestabilidade dos diferentes grupos tribais pode ser útil a outros pesquisadores. Nos vários Centros Missionários do rio Negro os Padres salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) com prontidão e alacridade nos proporcionaram sempre consultores indígenas, isto é, ex-alunos ou ex-alunas mais inteligentes que conheciam mais perfeitamente o Português, para os nossos estudos da língua Tukano e a compilação dos dois amplos **Dicionários Tukano-Português e Português-Tukano**, preocupando-se com a retribuição devida a esses preciosos e indispensáveis colaboradores.

O complexo e abundante material do sexto volume sob o título **Crenças e Lendas do Uaupés**, foi recolhido exclusivamente entre as tribos do território brasileiro do Uaupés. Na primeira fase da coleta (1947-1948) não possuíamos ainda o recurso das máquinas gravadoras, os *tape-recorders*. A solução era ouvir os indígenas que haviam aprendido o nosso idioma pátrio nas Escolas salesianas e ouvir, outrossim dos seus velhos **komũs**, os depositários oficiais das Lendas e Sopros, que se serviam exclusivamente da língua Tukano. Tínhamos então algum ex-aluno que nos traduzia em Português, frase após frase, tudo quanto ouvira do relator.

Releve-se que a morosidade normal com que contam suas histórias facilitava-nos grandemente a transcrição simultânea do que estávamos ouvindo sem o emprego dos recursos estenográficos.

Só mais tarde, no quinquênio de 1953 a 1958 é que nos empenhamos no estudo da língua Tukano e conseguimos preparar as **Observações Gramaticais da Língua Daxseyé ou Tukano** (1966) e compilar um volumoso **Dicionário Tukano-Português**. Onde a idéia de servir-nos das máquinas gravadoras para arquivar a voz e a palavra do narrador, da qual se faria uma tradução estritamente

literal, isto é, abaixo de cada palavra Tukano a correspondente em Português. Isto exigia que se acrescentasse também uma tradução fluente e mais inteligível, como o fizemos naquelas poucas lendas que já tivemos o ensejo de publicar (ver 1961).

Em nossa terceira permanência entre estas tribos, iniciadas em 1968 (e que ainda perdura) e com o suficiente recurso das máquinas gravadoras, planejáramos, ao rever membros de todas as tribos indígenas do rio Negro e afluentes, nossos velhos conhecidos e amigos, estimulá-los a revelar-nos não só seus conhecimentos das lendas que transmitem de uma geração para a outra, mas também os episódios que soubessem da história da própria tribo ou grupo, bem como suas crenças e práticas correlativas, prevendo que de um mesmo costume e lenda apareciam não só variantes, mas até a inclusão de personagens históricas e de episódios locais mais recentes, como de fato se dá. Como complemento natural de tão preciosa coleta, uma documentação fotográfica dos lugares celebrizados pelas lendas como das famosas itacoatiaras, isto é, rochedos ou pedras com desenhos e inscrições, que remontam por certos às eras arqueológicas, mas que as tribos atuais incorporaram na própria história ou mitologia era necessária.

A execução de tão ambicioso programa não o permitiu a sábia e amorosa Providência Divina. Pouco tempo após nosso regresso em 1968 a Pari-Cachoeira (no alto rio Tiquiê), onde projetávamos a revisão do **Dicionário Tukano-Português** que de São Paulo trouxemos já datilografado, sobrevieram-nos os incômodos de saúde que se foram agravando sempre mais, obrigando-nos à internação no hospital de Pari-Cachoeira. Em seguida, nesse mesmo ano de 1968, nos transferimos para o de Taracuí, donde redigimos estas informações. Graças sejam dadas a Deus pelos cuidados e tratamentos adequados e carinhosos que nesses dois hospitais nos têm sido proporcionados pelas Revdas. Irmãs salesianas. Abstemo-nos de elencar os nomes dessas nossas benfeitoras e tantos outros benfeitores a fim de não nos alargarmos demasiado, mas Deus a seu tempo premiará a todos e mui generosamente. Nem nos faltou a assistência dos médicos da FAB (nas suas viagens de rotina para atender aos doentes destas tribos;

cheios de gratidão acenamos também a nossa internação e uma intervenção cirúrgica no hospital da Aeronáutica de Belém, em janeiro de 1978) e de outros especialistas de Manaus e Belo Horizonte.

Elementos importantes dessas crenças e práticas indígenas são os formulários que os xamãs ou **komūs** (como são denominados em língua Tukano) empregam na sua clínica habitual, como também nos ritos tradicionais para as diversas circunstâncias da vida. Já revelamos que tais formulários são denominados **baxsesé**, que todos traduzem por "sopros" embora nem sempre em tais circunstâncias pratiquem o bafejo sobre o indígena doente ou não. Em geral, tais formulários que o **komũ** sabe muito bem de cor, são pronunciados com notável rapidez, pois está no conceito indígena que a rapidez na prolação dos formulários mágicos lhes aumenta a eficácia. Conseguimos no volume seguinte reproduzir alguns desses sopros no ritual Tukano com sua tradução literal.

Mas alguns desses formulários terapêuticos são também cantados e com agradável melodia ao som do maracá, como se pode ouvir na coleção de discos e no filme documentário que conseguimos preparar. Acenaremos alhures ao duplo documentário que enriquece e valoriza estes nossos estudos indigenistas, a saber a **Discoteca Etno-Linguístico-Musical** e o filme colorido e sonoro que durante mais de uma hora apresenta as várias atividades primitivas destas tribos, feito na época em que eram poucas ou nenhuma as relações com os civilizados.

Quanto ao assunto das lendas indígenas, o presente volume se enriqueceu extraordinariamente graças às colaborações obtidas. A pedido nosso, o Prof^º salesiano José Ilo Mota conseguiu gravar vários carretéis de fita magnética entre os indígenas que freqüentavam o Centro missionário de Pari-Cachoeira. Mais tarde, complementando essa iniciativa, o Revdm. P. Ezequiel Lopes, quando Diretor daquele Centro missionário, estimulou vários ex-alunos capazes de transcrever, no original Tukano, os episódios lendários que conheciam. A Irmã Maria Badini Gonfalonieri que, por algum tempo, viera em nosso auxílio datilografando apontamentos nossos, enviou-nos também um carretel de lendas obtidas entre os indígenas da Missão de Iauaretê. E a veterana Missionária

Dona Leopoldina Freitas, que se comprazia em entreter-se com esses nossos indígenas no idioma Tukano, mandou-nos nesse idioma uma série de pequenos contos e fábulas populares com a correspondente tradução literal.

Desse mesmo Centro missionário o Sr. Ladislau Auer, que já nos acompanhará em algumas excursões, se deu ao trabalho de também escrever-nos lendas sob ditado de dois indígenas. Outra preciosa colaboradora nossa, a Irmã Olga Tenório obteve-nos, outrossim, vários carretéis com lendas gravadas no original Tukano por um dos mais famosos contadores da tribo Desana por nome Antônio Marques, mais conhecido pelo nome tribal Bo'te (nome do peixe Aracu em Tukano). Quando estendemos nosso pedido de colaboração ao P. Casimiro Béksta, profundo estudioso da língua Tukano e apaixonado admirador da Cultura Indígena, ele prontamente nos enviou, já datilografado em cerca de 500 páginas, o rico cabedal que em longos anos acumulara para si.

Há um nome que merece ser destacado entre os nossos maiores benfeitores e colaboradores: é o da Revda. Irmã Olga Tenório, enfermeira com longa experiência tanto no tratamento dos indígenas das várias tribos como no dos missionários. A Divina Providência encarregou-a da nossa saúde nos longos e mais graves períodos dos nossos incômodos. Verificando, ademais, que Dom Pedro Massa nos confiara uma tão ampla e difícil tarefa, a qual só poderia ser convenientemente executada por uma equipe de estudiosos e esta não fora possível reunir, Irmã Olga decidiu-se a vir em nosso auxílio. E, para essa finalidade, começou por habilitar-se pelo estudo da língua Tukano. Ao findar, em 1975, seu directorado na sessão feminina desta missão de Taracuí, obteve autorização da Revda. Madre Superiora para aqui ficar como nossa colaboradora. Confiamos-lhe então uma tarefa importante e difícil, que exigia grande esforço intelectual e uma inesgotável paciência e tendo como base o estudo profundo do idioma Tukano e a colaboração dos nossos ex-alunos indígenas que, além do conhecimento perfeito da própria língua, possuíam bom conhecimento do Português. A sua tão difícil quão ampla tarefa foi passar da fita magnética para o papel o original Tukano das lendas, contos, fábulas, sopros etc que nós conseguimos, juntamente com sua

tradução rigorosamente literal, isto é, cada palavra de Português correspondente à do idioma Tukano que se ouve na gravação.

E enquanto a sacrificada Irmã estava executando esta laboriosa tarefa, podíamos prosseguir na ampla compilação do **Dicionário Português-Tukano** iniciada em 1968 e concluída neste ano de 1985.

Após um intervalo de três anos e um segundo directorado, a Irmã Olga foi encarregada da Direção do hospital local, o que de ordinário lhe permitiu consagrar uma parte do dia à grave tarefa que nós lhe confiáramos. E assim pudemos prosseguir o nosso amplo e arrojado programa.

Os que têm alguma prática de publicação não desconhecem os longos e graves problemas que se apresentam a um autor depois de concluídos seus estudos e corretamente datilografados os seus originais para a impressão. Não se deve ignorar que, embora numerosas sejam nos dias atuais as oficinas tipográficas, grandes ou mais modestas, é tão impressionante o número de publicações, que obrigam os proprietários dessas oficinas a adiar os prazos calculados para a composição dos trabalhos, para a correção das provas e para a impressão definitiva dos estudos e o preparo dos volumes. Ou mesmo sentem-se constrangidos a reenviar clientes para outras oficinas, especialmente quando se trata de obras volumosas e de difícil composição como são nossos estudos indigenistas, nos quais figuram extensas composições em idiomas indígenas para as quais nem sequer bastam os caracteres tipográficos da língua portuguesa. Ou se torna necessário incluir nos teclados datilográficos os sinais necessários para a transcrição desses estranhos idiomas. Circunstância esta que dificulta sobremaneira a datilografia, a qual será fatalmente mais lenta, mais penosa e sujeita a inexactidões que provavelmente obrigarão a refazer não poucos trechos. Em se tratando de volumes sobre estudos indigenistas e sobre línguas de tribos brasileiras que convém quanto antes perpetuar em livros para o conhecimento e estudo dos pósteros, ocorre espontâneo o pensamento de uma iniciativa de caráter oficial para a impressão de tais trabalhos e sua divulgação não só para os estudiosos brasileiros como até para os estrangeiros interessados em tais assuntos indigenistas. Os que nisso cogitaram, e para a sua

realização tomaram algumas iniciativas, merecem profundo agradecimento, como também os aplausos dos que disso tiveram conhecimento. Entre os nossos amigos pessoais o escritor Dr. Tarquínio José Barbosa de Oliveira que se notabilizou pelos estudos e publicações sobre a Inconfidência Mineira, além de outras benemerências, se interessou vivamente por estes nossos estudos indigenistas.

O atual provincial da Amazônia, P. Walter Ivan de Azevedo, tem mostrado singular amor às tradições amazonenses e, como consequência, vem estimulando os seus estudos, com sua estimulante palavra prontificando-se a obter-nos os recursos financeiros necessários, animou-nos à publicação imediata de uma primeira parte do projetado volume **Crenças e Lendas do Uaupés** abrangendo o material primitivo recolhido exclusivamente em Português. Mais tarde, *Deo volente*, será publicado o exuberante material completo recolhido dos lábios indígenas, no idioma Tukano, quicá também mesclado de expressões características de outras línguas desta área. Semelhante mescla constituirá, por certo, um valioso documento do linguajar presente desta multipopulacional área amazônica.

P. Dr. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, SDB
Taracúá, Amazonas, 1985

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

Temos relevado em várias oportunidades que as tribos que povoam as matas do grande rio Uaupés (e seus afluentes e subafluentes), o qual conflui no rio Negro pouco depois que este recebera as águas do rio Içana (também este enriquecido de vários afluentes), e todos com variada população indígena, pertencem a três famílias lingüísticas distintas: a Tukano, a Arwake e a Maku.

Pelos vocabulários por nós recolhidos, releve-se bem, de mais de 300 palavras usuais, parece-nos inaceitáveis alguns desses grupos que elencamos como simples clãs ou sibs da tribo Tukano mas devem-se considerar como tribos diferentes, embora avançando velozmente para o esquecimento das línguas dos seus avós, e aceitando evidentemente com muitas deturpações o idioma Tukano, começando pela pronúncia (como o provamos pela gravação na fita magnética e no disco) e como demos o alarme num pequeno volume publicado recentemente pela Fundação Roberto Marinho no Rio de Janeiro (s.d.).

Para considerá-los como clãs ou sibs Tukano não nos parece válido o argumento de semelhança dos traços entre indivíduos dessas várias tribos do grupo lingüístico Tukano. Numa das nossas excursões atravessando a mata que medeia entre os rios Papuri e Tiquiê encontramos dois jovens parecidíssimos. Não só não eram irmãos, mas até pertenciam a tribos diferentes pois um deles era Tukano e o outro Pira-tapuya. Após breves perguntas ficamos sabendo que a mãe desse Pira-tapuya era da tribo Tukano. Pela lei obrigatória da exogamia os de uma tribo devem desposar mulheres de outra tribo, lei que vigora há séculos (ou milênios), donde o costume multissecular (ou multimilenar) da permuta das mulheres de um povoado com as do outro para esposas (1977: 358-

368). Permuta esta que não dispensa de uma retribuição material concreta, pela aquisição de um braço trabalhador que um pai perde, quando se casa uma das suas filhas, e que foi cedida a outra tribo. E nada há que admirar, ou nada a estranhar, que aquele Pira-tapuya herdasse sensivelmente os traços fisionômicos da sua mãe Tukano. Ou de um modo geral nada há de estranho que haja semelhança fisionômica nesta área entre membros de tribos bem diversas pelo seu idioma.

Da família lingüística Tukano conseguimos elencar 23 tribos (todas visitadas por nós) entre as quais duas já perderam o seu idioma primitivo e hoje falam exclusivamente o Tukano. São estas os Neenõá, conhecidos também pelo termo de Língua Geral de Miriti-tapuya (miriti é o nome da palmeira Maximiliana regia) e os Kõneá, comumente denominados Arapaço (o nome do pássaro popularmente conhecido por pica-pau da família dos Dendrocolaptídeos), e das demais pudemos recolher um vocabulário de mais de 300 palavras usuais.

As tribos de língua Arwake, em sua grande totalidade localizam-se na área banhada pelo rio Içana e seus afluentes, área que percorremos duas vezes e assim pudemos recolher os vocabulários de onze tribos desta família lingüística. Obtivemos informações de outras 12, presumivelmente da mesma família, localizadas, porém, em território venezuelano ou em áreas que os nossos informantes não souberam indicar com precisão. À família lingüística Arwake pertence o pequeno grupo Kumãdene fixado presentemente em Urubucuara (no rio Uaupés) bem próximo do local onde, segundo a Lenda das Origens, esses grupos saíram do ventre da Cobra-Grande e se transformaram em seres humanos. Mas, nos dias atuais, todos eles falam exclusivamente o idioma Tukano. Conforme alguns indígenas do rio Içana, por aquela área há remanescentes da tribo Kumãdene, os quais, talvez, falam ainda sua língua primitiva. Quicá interesse aos leitores destas linhas uma informação que arqueei no volume denominado **Discoteca Etno-lingüístico-musical** (1961) a saber que em 1953, encontrei em Urubucuara dois anciãos que se recordavam ainda de palavras da sua língua original aprendidas quando muito jovens. Conseguimos recolher dos seus lábios 138 dessas palavras, e não só arquivá-las

no papel, mas também gravar a sua pronúncia na fita magnética, na voz de Mandu, o **tuxaua** de seus 60 anos, com o auxílio de Martinho, ancião de seus 80 anos, e que podem ser ouvidas no disco nº 8 da Discoteca acima citada.

À família Arwake pertence, outrossim, a tribo Taliásseri, conhecida comumente sob o nome de Tariana, a qual do Içana desceu para o rio Uaupés, localizando-se na cachoeira de Iauaretê e imediações bem como em outros afluentes, inclusive no rio Papuri. Embora assaz numerosa, dela conseguimos registrar 717 componentes, foi assimilando o idioma Tukano que se tornou a língua corrente dos Tariana Uaupesinos.

Convém aqui recordar que também naqueles indígenas das matas do Uaupés conhecidos por Maku os homens de um grupo devem procurar como esposas mulheres de outro grupo. Apesar desse longo relacionamento entre si (de séculos ou milênios) para a finalidade matrimonial (também comercial) há ainda presentemente diferenças lingüísticas entre os grupos Maku como também evidenciam os vocabulários por nós escolhidos. Tenha-se presente que os Maku do Uaupés têm fornecido, outrossim, mulheres de sua tribo ou tribos como esposas a homens de várias tribos do Uaupés. Podemos noticiar aos nossos leitores que a 23 de Março de 1982 completou seus cinco anos uma criança batizada com o nome de Inês, segunda filha de um Kôneá (Arapaço) com uma Maku gravemente tuberculosa e que veio a falecer quatro dias depois de internada no hospital de Taracua, e a recém-nascida Inês vem sendo carinhosamente criada e educada pelas Irmãs salesianas locais. E, presentemente, e por variadas circunstâncias, tantos indivíduos Maku vieram a aprender e a servir-se do idioma Tukano e, outrossim, do Português.

CRENÇAS

Duas meninas, alunas da Missão salesiana de Taracuí¹⁰, estavam de cócoras, nas proximidades do hospital, a observar alguma coisa com muita atenção. Seriam formigas na faina do aprovisionamento ou observavam algum verme ou inseto comum? Ou quiçá que inseto raro e estranho? A inteligente diretora do internato feminino acompanhava a cena a certa distância e pôde ver que uma das meninas estendeu a mão a fim de segurar aquele provável pequeno inseto ou verme, quando a outra menina admoestou a companheira: "Não o mate, não, porque a minha mãe me disse que antigamente ele era gente!".

Seria um interessante, precioso e abundante material para o estudo da mentalidade e da psicologia destas tribos do Uaupés (e das demais tribos do Brasil, da América e do mundo) se se reunissem todas (ideal inatingível) ou o maior número possível das suas crenças. Além das elencadas no volume **A Civilização Indígena do Uaupés** (1977:320-321), conseguimos mais algumas que exporemos a seguir. Mas não é apenas a natural reserva dos silvícolas perante os civilizados que os faz silenciar neste assunto. Parece-nos muito verossímil afirmar que não todos eles, mas nenhum deles, conhece todas as crenças da sua tribo ou nação. E do que os indivíduos sabem, muitos assuntos não lhes ocorrem à mente quando conversam com o Missionário que lhes captou a confiança. Sem todavia negarmos que há assuntos que suas crenças vedam sejam reveladas a outras pessoas, especialmente aos civilizados.

O dicionário Aurélio define a superstição como um "sentimento religioso baseado no temor ou na ignorância, e que induz ao conhecimento de falsos deveres, ao receio de coisas

¹⁰ Povoado da tribo Tukano à margem direita do rio Uaupés.

fantásticas e à confiança em coisas ineficazes" (1972:1142).

Intui-se facilmente que a mentalidade toda dos indígenas, seu ambiente e gênero de vida sejam elementos muito propícios para a proliferação das superstições. Mas se, em tudo, diante do civilizado, eles procuram manter grande reserva, o das superstições é o assunto que maior reserva lhes inspira. É verdade que atos e gestos (para quem sabe analisar) podem, em tantas circunstâncias, ser assaz reveladoras, como o são as palavras. Mas é também razoável admitir que tantas vezes o silêncio dos indígenas é também consequência de não saberem eles expressar-nos o próprio pensamento. Com a colaboração de alguns Missionários salesianos e Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora que trabalham entre as tribos do Uaupés, podemos elencar aqui mais algumas das suas crenças que não deixam de ser interessantes em sua simplicidade.

1. Origem das cachoeiras de Iauaretê¹¹. Acreditam os índios que antigamente não existiam as cachoeiras de Iauaretê, porque um alto muro represava as águas. Sobre este muro O'ã-kõ¹² fez cair um raio que o destruiu e formaram-se assim as cachoeiras.

2. Origem do nome Tapurucuara: quem desce o rio Negro, à jusante após a cidade de São Gabriel da Cachoeira, depara com a cidade de Santa Isabel, situada nas vizinhanças do rio, conhecida também por Tapurucuara (do Nheengatu ou Língua Geral **tapuru** "verme" e **cuara** "buraco"). Refere-se a tradição que, há muito tempo, numa das secas periódicas do rio Negro, quando também o fogo consumiu as ressequidas matas marginais, as águas baixaram tanto que a navegação se tornou difícilíssima. Até as

¹¹ Iauaretê, onde se situa o mais importante Centro Missionário Salesiano entre as tribos do Uaupés, é localizado no Uaupés, em frente da sua confluência com o rio Papuri.

¹² O'ã-kõ significa "filho do osso" (de o'ã osso e kō, contração de **maxkō**, "filho"). É o mais importante das personagens lendárias destas tribos que muitos dos indígenas cristãos identificam com Deus, ou com Jesus Cristo. E, consequentemente estão denominando a Maria Santíssima O'ã-kó "mãe de O'ã-kō" (de O'ã "osso" e kō, contração de **paxkō** "mãe") e aos Santos, O'ã-mãra "filhos (fragmentos) de O'ã" (de O'ã "osso" e m̃ara "fragmentos").

pequenas canoas deviam em certos trechos serem arrastadas pelas pedras. E, em dado ponto, os canoeiros puderam ver enormes vermes (**tapurus**) corroerem as rochas e nelas cavarem verdadeiras covas ou buracos (**cuara**), dando o nome Tapurucuara para o local.

3. A primeira urina da criança recém-nascida, quando esfregada sobre os olhos é um remédio eficaz para os incômodos da vista, e faz os anciãos recuperarem a visão perfeita que possuíam quando menos idosos.

4. Osga¹³ é um réptil sáurio dos esconderijos sombrios. Um xamã ou pajé informou a um dos Missionários que a mordida da osga só é curável aplicando-se na ferida sangue de alguma criancinha. O informante corrigiu a informação dizendo que o tratamento se faz com o sangue do macaco guariba¹⁴.

5. Pela manhã o indivíduo só deve tomar alimento quente, se o tomar frio, os bichos, isto é, os vermes intestinais, ficam irritados.

6. Os pássaros pequenos que, de ordinário, não cantam, quando o fazem é sinal (dizem os velhos) que uma doença está chegando.

7. Arorõ é o araçari¹⁵ que, quando pia perto de uma casa, está anunciando a morte¹⁶ de pessoas casadas.

8. De noite quando a coruja canta, é aviso que alguém vai

¹³ Muitos chamam osga a todas as lagartixas.

¹⁴ Macaco do gênero *Alouatta*. Ver também nota 137.

¹⁵ *Pteroglossus aracari* L., variedade de tucano pequeno também chamado araçari-minhoca.

¹⁶ De fato, para os índios Tukano, como para numerosos outros grupos indígenas, quando os pássaros vêm cantar ou gritar perto da casa seus cantos ou gritos são um presságio de doença e/ou de morte. A aparição dos animais perto da casa expressa uma anormalidade na ordem do mundo: há irrupção do mundo da natureza no domínio socializado dos homens, o que constitui uma irregularidade ou, em outras palavras, uma conjunção indesejável entre duas entidades opostas. Na concepção indígena, mundo humano e mundo animal estão irremediavelmente separados e assim devem ficar (N.do R.).

adoecer¹⁷.

9. Quando uma galinha canta como um galo é um aviso de que um dos seus donos vai morrer.

10. Antigamente também o cão falava mas, como contava muitas mentiras, O'ã-kõ tirou-lhe a capacidade de falar.

11. Quando o cachorro uiva é sinal que alguém vai adoecer¹⁸.

12. Quando o cachorro começa a emagrecer isso indica que também o seu dono vai emagrecer.

13. Quando a pessoa está cortando uma árvore e que esta range, é um aviso que aquela pessoa vai adoecer¹⁹.

14. Muitos tipos de malefícios são conhecidos e praticados, especialmente pelos pajés. Os velhos os praticam também sob encomenda de outros e respectivo pagamento. Dentre estes malefícios, muito comum e freqüente é o "pé": -nõ kō-kō que executam na mata e nas roças próprias, como defesa, ou nas aldeias, e consiste num ramo semi-quebrado e enfeitado com formulário adequado.

15. Sonho: quando uma pessoa sonha com gente morta e que, perto dela, alguém chora, é sinal que o dia seguinte lhe será propício para a caça e para a pesca.

16. **Cacuri**²⁰: quem preparar o **cacuri** não deve comer coisa verde, por exemplo a pimenta, a banana verde assada. Se o fizer, aquele **cacuri** não apanhará peixe.

17. **Dabucuri**²¹: as crianças (alguns especificam até doze

¹⁷ As corujas (família Títonídeos e Estrigídeos) têm um canto lúgubre e a simples audição deste canto anuncia uma desgraça. Essa é uma crença comum a numerosos povos da terra (N. do R.).

¹⁸ É uma representação muito difundida no mundo. Ver Câmara Cascudo (1972:215-216) (N. do R.).

¹⁹ O informante disto asseverou que assim lhe aconteceu efetivamente.

²⁰ Curral para a pesca. Ver nota 122.

²¹ **Poosé** em Tukano. Festa de oferta de comida (frutas da mata, caça ou peixe moqueado) e outros bens.

anos) dele não devem participar.

18. Durante os **dabucuris** ninguém pode tomar comida de sal.

19. Os caçadores, quando vão caçar, assobiam na mata imitando os animais; estes, pensando que são seus companheiros (ou irmãos), se aproximam.

20. A mulher que come devagar ou aquela que não obedece às ordens recebidas terá um parto muito demorado.

21. As mulheres de outras tribos que comem dos peixes apanhados nos **cacuris** de Iauaretê adoecem e morrem em breve.

22. Numa dessas pedras de Iauaretê está o crânio²² do **tuxaua**²³ de Iauaretê, por isso quem sobe sobre esta pedra e deixa por algum tempo o seu jirau de pesca, apanhará muitos peixes.

23. É generalizada a crença que muitos pássaros se transformam em peixes; por isso, se alegram muito quando, por ocasião da **piracema**²⁴, aparecem bandos de papagaios²⁵. Isto significa que em breve, estes se transformarão em aracus²⁶, e o confirmam afirmando-nos que quando cortam o aracu, nele encontram uma costela semelhante à do papagaio. Dizem também que quando, após as chuvas, os rios começam a crescer, aparecem bandos de andorinhas²⁷ e que, em breve, também serão peixes. Por isso, quando vêem os pássaros banhando-se pensam que já estão virando peixes.

24. Quando um rapaz está para se casar não deve pegar em **tipiti**²⁸; se o fizer dizem que sua esposa será muito gulosa.

²² Isto é, o desenho rupestre ou itacoatiara assim interpretado.

²³ "Chefe" ou "Cacique" em Nheengatu.

²⁴ Isto é, a subida dos peixes para as cabeceiras dos rios para desovar.

²⁵ Ave da família Psitacídeos.

²⁶ Gênero *Leporinus*.

²⁷ Pássaros da família Hirundinídeos.

²⁸ Termo Nheengatu que designa o cesto cilíndrico de palha no qual se põe a mandioca que se vai espremer.

25. Criança que põe **aturá**²⁹ sobre a cabeça não crescerá.

26. Não se deve parar no meio de uma porta: a criança que o fizer não crescerá.

27. As crianças não devem comer olho de peixe porque os peixes as ficam conhecendo e delas ficam com raiva.

28. Quando uma pessoa espirra é prova que naquele mesmo momento outro indivíduo está falando dela algo, bem ou mal.

29. Não se deve comer deitado na rede: a pessoa que o fizer, quando entrar no mato, os cipós a farão cair.

30. O costume de tomar banho todas as manhãs bem cedinho é para ficar sempre jovem; quem o faz regularmente não envelhecerá.

31. Quando o trovão e o raio são muito fortes, as pessoas apanharão pneumonia³⁰.

32. Já registramos (1977) os rumores que os indígenas destas várias tribos provocam quando há eclipse de lua, a fim de evitar que Wãxtĩ³¹ mate a lua. Mas acrescentam em Iauaretê que nenhuma pessoa deve gritar senão, do cemitério, sairá uma voz avisando que essa pessoa vai morrer.

33. Durante a noite sucede por vezes que cessa o rumor das cachoeiras de Iauaretê, e se escute a voz de Wãxtĩ. É sinal que há pessoas navegando e que sobrevirá seu naufrágio com a morte de alguns.

34. Quando a jararaca³² assobia à noite, é um aviso que ela vai morder a pessoa que ouviu o seu assobio³³.

²⁹ Cesto-cargueiro. Ver nota 109.

³⁰ **Purumã bixpiró** em Tukano, lit. "inflamação do pulmão".

³¹ A má dentre as personagens lendárias primitivas, em oposição ao bom O'ã-kõ.

³² A cobra venenosa Bothrops jararaca.

³³ A pessoa mordida de cobra deve matá-la e comer da sua carne assada, como um dos remédios contra a mordedura.

35. Quando uma minhoca vem chiando ao encontro de uma pessoa, é o indício que aquela pessoa vai sofrer um acidente, ou até mesmo vai morrer.

36. A presença da anfisbena ou "Cobra-de-duas-cabeças"³⁴, é de mau auguro. Mas afirmam alguns indígenas que seu sangue cura a dermatose conhecida por **puru-puru**.

37. Quando uma pessoa está caminhando e, sobre ela cair uma folha seca, é sinal de que ela vai encontrar uma velha ou uma viúva.

38. Receiam dormir nas proximidades do local onde foi enterrado algum **Pexka-sã** (isto é: Branco ou civilizado), com medo do seu **Wãxtĩ** ou alma separada do corpo³⁵.

39. Sonhar com a lua é um pré-aviso à pessoa que ela irá ver um defunto.

40. A pessoa que sonha estar mergulhando no **cacuri** terá que cavar a cova de um defunto.

41. Quando uma **saracura**³⁶ pousa numa canoa e nela suja, é aviso que aquela canoa irá bubuiar rio abaixo³⁷.

42. Se, durante a gravidez, a mulher (ou seu marido) comer da fruta **garãga**³⁸ a criança nascerá de pescoço comprido.

43. **Buxpú-ga**³⁹ é uma castanha comestível tanto assada como crua; é, porém, fétida porque sobre ela O'ã-kõ soltou sua ventosidade.

44. Na cabeleira escura dos indígenas destas várias tribos

³⁴ Também chamada minhocaçu. **Öxsö** em Tukano.

³⁵ Recorda-se que a **maloca** (habitação coletiva em que, outrora, habitava uma inteira comunidade indígena) era também o cemitério único para todos os seus habitantes.

³⁶ Várias espécies de aves da família Ralídeos - gêneros *Limnopardalus* e *Aramides* (N. do R.).

³⁷ É uma expressão amazonense que significa que a canoa desprender-se-á e sairá boiando à mercê da correnteza.

³⁸ Pequena fruta preta não identificada.

³⁹ Não identificada.

há um fio de cabelo ruivo: é o **keērĩ-poa**, literalmente "cabelo-do-sonho". A esse fio atribuem o fato de terem sonhos quando dormem.

45. Há um animal semelhante a um cachorro, denominado **kusiro**. Faz, porém, um barulho semelhante ao de quem sopra um pote, e quando o faz está avisando que em breve (4 ou 5 horas depois) haverá **piracema**.

46. Os botos⁴⁰ são encontrados nos grandes caudais do Amazonas. Com frequência põem a cabeça ou até mesmo saltam fora da água e respiram ruidosamente. Afirmam alguns que se alguém cortar com um facão a água do rio, o boto que estiver nas proximidades, até uns 200 metros, saltará furioso.

47. Quando uma pessoa caminhando pela mata ouve um macaco a chorar, é indício que esse indivíduo ou alguém de sua família morrerá em breve.

48. É crença geral na Amazônia que São Lázaro⁴¹ protege os cachorros. Em Camanaus, para castigar seu cachorro que perdera uma caça, o dono cortou-lhe a cauda; na segunda vez amputou-lhe uma orelha; na terceira vez iria decepar a cabeça do cachorro mas errou o golpe e decepou a própria mão. O acidente foi na interpretação generalizada do povo, um castigo de São Lázaro.

49. Em geral, na Amazônia, vê-se por toda parte (inclusive nos povoados indígenas) um grande número de cachorros vagando à procura de algo para comer. Quando chegaram os militares à São Gabriel da Cachoeira para a construção da estrada Perimetral Norte, um capitão do Exército, encarregado da ordem e limpeza pública, avisou a população que retivessem seus cachorros nas próprias casas. Os cães encontrados dispersos pelas ruas seriam presos, e se os donos não os procurassem, esses cães morreriam de fome. No dia 24 de fevereiro de 1974 esse capitão, encontrando um cachorro farejando pela rua, manda um dos seus soldados recolhê-

⁴⁰ Grandes cetáceos dentados.

⁴¹ Provavelmente se referem não ao irmão das Santas Marta e Madalena, mas ao Lázaro da parábola evangélica.

lo ao caminhão. Mas este, ao retomar seu caminho, pela irregularidade da estrada deu um tão forte arranco que o Capitão, desprevenido, caiu do veículo e fraturou um braço. Castigo de São Lázaro!

50. Uma família das proximidades de São Gabriel da Cachoeira (Curicuriari), em vez de guardar o Domingo abstinha-se de trabalhar nas sexta-feiras. Certo dia toda a família penetrou na mata para tirar madeira. O chefe da família, apesar de toda sua prática, em dado momento distraidamente se feriu. E nesse momento vários membros de sua família se feriram. Só mais tarde é que se lembrou que era sexta-feira e portanto não deviam trabalhar.

51. Um indígena de Taracuá informou que quem come alimento frio e logo em seguida vai à mata será seguido pelo Curupira⁴².

52. Acrescente, outrossim, que tomando alguns alimentos frios em jejum, os indivíduos na realidade comam o coração do Curupira e, por isso, ficarão adormecidos. Isto aconteceu a uma família inteira e apenas uma velha, que não comeu, podia falar. Para que ela não perturbasse os que estavam dormindo alguém tapou-lhe a boca e, com grande surpresa, a velha falou pelos ouvidos.

53. Nas pedras da cachoeira de São Gabriel vêem-se muitas e diferentes marcas ou sinais. Em uma delas vê-se uma pegada humana. Mas o admirável, asseguram-nos, é que tal marca se adapta ao pé da pessoa que nela pisa, seja uma criança ou um adulto.

54. Pixkõ-sẽ é a ave-tesoura⁴³. Informam-nos os indígenas que elas são espíritos e por isso, não nidificam, e as denominam "moças-da-terra"⁴⁴.

⁴² É uma palavra Nheengatu. Chama-se Boraró, em Tukano. Ver nota 139.

⁴³ Muscivora tyrannus, pássaro da família Tiranídeos (N. do R.).

⁴⁴ Em Tukano, ã'rá-khāranō'mya.

55. **Matĩ-syõpĩ** ou **matĩ-soopĩ**⁴⁵ é um pássaro noturno de pio tristonho. Foi também gente, transformando depois em ave, por malefício dos seus inimigos.

56. **Mahã-wĩ**, mulher da tribo Arapaço, foi esposa de O'ã-kõ; era-lhe porém infiel e mantinha relações sexuais com a Cobra-Grande⁴⁶ e depois se transformou em peixe **mahã-wĩ**⁴⁷.

57. **Doé-pĩrõ** era também uma mulher da tribo Arapaço, porém infiel ao seu marido e, por isso, foi transformada em peixe.

58. **Uruká-tutu** é denominação de uma ave notívaga⁴⁸ e a onomatopéia do seu pio, consideram-na a alma do **Pexka-sã** que se separou do corpo. Afirmam que ela atirá pedra contra os que arremedarem o pio.

59. Quando uma criança se põe a chorar sem motivo real, é sinal que vai chegar algum forasteiro.

60. **Natã-ti**⁴⁹ é o nome Tukano de um pequeno sapo que canta para avisar que vão chegar forasteiros.

61. As crianças destas várias tribos, se ultrapassam os quatro ou cinco anos e ainda não falam, deve-se-lhes dar a comer a carne assada do sapo **nãxtērõ**⁵⁰.

62. E dão a beber às crianças o suco de um cipó para que aprendam a andar.

63. **Boraró** é uma personagem lendária, identificada com o Curupira da Língua Geral. Por insulto e zombaria chamam de

⁴⁵ São onomatopéias Tukano, correspondendo ao Nheengatu: **Mati-cererê**, **mati-pererê** ou **matinta-pereira** ou **pereira** ou seja, o pássaro noturno da família dos Cuculídeos Taperia maévia L.

⁴⁶ Eunectes murinus L.

⁴⁷ **Pirarara**, em Nheengatu (Phractocephalus hemiliopterus). Ver os mitos sobre Mahã-wĩ neste volume pp. 219-223 (N. do R.).

⁴⁸ Não identificada.

⁴⁹ Não identificado.

⁵⁰ Não identificado.

"mãe-de-Boraró" (Boraró **paxkó**) as mulheres de pireras, isto é, de seios longos e caídos⁵¹.

64. **Oxkó puxti-sutero** é o nome Tukano do boto vermelho ou **piraboto**⁵². É suposto dotado da propriedade de transformar-se em moço (amante dos bailes e de cachaça) e de seduzir as moças.

65. A cárie dental⁵³ é atribuída a um pequeno animal que corrói o dente.

66. Afirmam alguns habitantes do rio Negro a existência de uma planta que enriquece de poderes mágicos quem a mastiga. Tal pessoa, por exemplo, mergulha nas águas escuras do rio e do fundo traz qualquer objeto que ali perdera ele ou outro indivíduo⁵⁴.

67. É encontradiço nos rios amazônicos um peixe semelhante à enguia, conhecido sob o nome de **poraquê**⁵⁵. Quem o segura com a mão, ou mesmo dele se avizinha ao nadar, experimenta um intenso choque elétrico. Por esse motivo é que popularmente é denominado "treme-treme" ou "peixe-elétrico". A causa de tal choque, dizem, é uma pequena pedra que o peixe traz na cabeça. Quem tiver uma dessas pedrinhas inseridas debaixo da pele do braço torna-se capaz de dar socos violentíssimos. Fomos informados disso por um rapaz de Taracuá que dizia trazer consigo quatro dessas pedras, uma em cada braço e uma atrás de cada joelho.

⁵¹ Ver mitos sobre Boraró neste volume pp. 85-86, 189-191, 224.

⁵² **Piraboto** designa várias espécies de cetáceos (*Inia geoffroyensis* e outros) comuns nos rios Uaupés e Negro e também na foz do rio Tiquiê.

⁵³ **Pixkô**, em Tukano, muitíssima comum entre todos estes indígenas e facilitada pelas águas descalcificadas da região.

⁵⁴ A tal planta denominam **Sacaca (Sakaka)**. Seria acaso da família das Euforbiáceas, cujo nome científico é Croton cajucara Benth?

⁵⁵ Electrophorus electricus L.

O PROBLEMA MITOLÓGICO E AS LENDAS

1. O problema mitológico

Não nos satisfazia a narração indígena: havia repetições, passagens interrompidas, parecia-nos falta de nexos. Entretanto liamos um trecho e perguntávamos se entendiam, se estava bem, respondiam que sim. As narrações assim satisfazem a fantasia indígena, despertam-na... ela reconstruirá... por isso se explica a existência de variações nas narrações.

Uma das questões por certo mais interessantes, e dos estudos mais difíceis na Etnologia, é a das lendas. Aí o estudioso corre o risco de entrar com esquemas apriorísticos que não lhe permitem ver os dados preciosos em desarmonia com seu modo de ver; e na observação de outros dados só perceber os aspectos que combinam com tal esquema, ou ao menos, realçar demasiado esses aspectos.

Vigoram já como axiomas em Etnologia e Sociologia, que por vezes reforçam inicialmente a observação, e, ao depois, também a interpretação das observações. Um desses é o que nos vem desde Baschofen, a saber "as tradições míticas são fiel expressão da vida de épocas e de noções primitivas" (1897:VI).

Costuma-se atribuir à lenda uma dupla função. A primeira é a de reveladora da organização social do grupo. Esta função deve ser recebida com as restrições que o método sócio-cultural sugere. Pode muito bem tratar-se de uma importação de elemento cultural de outro grupo humano. Daqui já se entrevê quanto vai de perigosamente exagerado na concepção dos sociólogos da "Escola

francesa", para os quais as tradições míticas são "um esforço (do grupo)... no sentido de representar-se a si próprio, o que é, o que faz, como vive, e de estabelecer sobre essa mitologia toda uma moral, todo um rito, toda uma mentalidade" (*apud* Schaden, 1959:15). Pode, sem dúvida, advir maior clareza ao mito de confronto com a organização da sociedade atual, existente na tribo. É, porém, conclusão afoita inferir de uma narração lendária que o grupo em épocas passadas teve tal ou qual organização, embora hoje ultrapassada e substituída pela presente organização. Foi o erro de Baschoven quanto ao matriarcalismo. Mais evidente é a segunda, a função unificadora, e solidarizante dos membros. Primeiramente radica em todos uma mesma crença nos poderes sobre-humanos. Essa ação unificadora talvez venha acrescida pela ação de um parentesco entre eles, devido a uma ascendência comum (lendas filogônicas), e a da eficácia de seus ritos religiosos ou mágicos. É a função fidejussória dos mitos - que Malinowski encarece no artigo de 1935 (:640) - confirmada por uma conclusão que ocorre muitas vezes nos lábios dos índios "por isso é que nos fazemos assim". Depois, também uniformiza o desenvolvimento intelectual e espiritual que são dos vínculos mais fortes de união dos grupos. Com efeito, a lenda vale, para a mentalidade primitiva, como explicação dos fenômenos misteriosos da ordem física ou da psicológica.

No que concerne as lendas do grupo de tribos do Uaupés, o problema se agrava mais. Essa região é o *melting-pot* em que se vão caldeando há séculos representantes de três grupos indígenas: Caraíbas (que fugiram do litoral), Arwakes (descidos das montanhas da Venezuela) e Tukano (dos planos colombianos). Seu contato cada vez mais freqüente e prolongado com os civilizados, já o revelamos antes, deixou marcas facilmente identificáveis nas lendas. Encontrar-se-ão por isso "lendas das cabeceiras", isto é, originárias dos grupos mais antigos nesse habitat, e "lendas do litoral", tanto importadas de além-mar, como veiculadas da tradição tupi para a dos Uaupesinos, por meio da Língua Geral ou Nheengatu.

Pelo que respeita as lendas, sem outro meio de conservação senão a memória, ficam elas à mercê da fantasia do narrador,

tanto mais apreciado quanto mais fantasioso, e que principalmente terá a oportunidade de narrar suas lendas quanto já tem a imaginação exaltada pelos vapores do **caxiri**⁵⁶ (recordem-se as Comemorações lendárias nos **dabucuris**⁵⁷). Eis uma das razões porque de uma mesma lenda nos advirão as mais diferentes versões, com os mais inesperados episódios ou inclusões.

O termo "lenda" pode ocorrer em vários sentidos. Numa acepção mais ampla e, outrossim, a mais comum, assim se denominam as narrações fantásticas com que os povos primitivos exprimem sua concepção geral do mundo. Van Gennep (1910:21-22), querendo apreciar-lhes melhor o sentido, distingue o conto da lenda e do mito. Conto é a narração maravilhosa na qual nem a ação, nem os personagens, estão localizados, apresentando uma concepção infantil do universo e uma indiferença quanto ao caráter educativo ou moral. Lenda é a narração com fixação do lugar, determinação dos indivíduos, cujos atos parecem ter um caráter histórico e estão envolvidos pela auréola do heroísmo, e, portanto são objetos de crença. Mito é uma lenda que se desenvolve de região em região e tempos extra-humanos, cujos personagens são deuses ou seres sobrenaturais.

Esta distinção, tão clara na teoria, quando tentamos aplicá-la às narrações dos indígenas, não nos permite uma divisão dessas narrações. Nestas, não há aquela linha divisória nítida das definições livrescas. Não é sempre fácil, ou mesmo possível, dizer se um personagem é um herói mitológico ou um deus, como mesmo classificar em infantil ou não-infantil.

Não pretendendo, por ora, fazer estudo mais demorado, damos a todas as narrações a denominação genérica de lendas e, por simples conveniência de ordem, distinguiremos em teogônicas, cosmogônicas, filogônicas e didascálicas. Não empregamos estas qualificações no sentido estrito em que, por exemplo, teogônicas versam apenas sobre a origem dos deuses, as cosmogônicas sobre a origem do cosmo e assim por diante. É que chamá-las teológicas

⁵⁶ Bebida fermentada preparada a partir do suco de mandioca.

⁵⁷ Ver nota 21.

ou cosmológicas, por exemplo, seria maior impropriedade ainda. Queremos então, sobre aquelas denominações, compreender respectivamente as narrações sobre deuses ou heróis (teogônicas); o mundo e seus elementos tais como as montanhas, as matas, os rios (cosmogônicas); as tribos (filogônicas) e as narrações de caráter educativo, compreendendo os denominados contos zoológicos (didascálicas).

Muitos etnólogos opinam com Van Gennep que não se deve pensar em "leis" das lendas, mas em esquemas, com ampla flexibilidade sobre a gênese e sucessivas transformações das lendas nas mentes dos indivíduos e dos grupos. Costuma-se, contudo, falar em "lei da localização" ou "deslocalização das lendas", sua "individualização" ou "desindividualização", "temporização" ou "destemporização", "convergência" ou dissociação dos temas.

Roséres (1902:13) formula três leis ou princípios de desenvolvimento das lendas:

1) *Lei das Origens*: "Em todos os povos da mesma capacidade mental a imaginação procede paralelamente e chega algumas vezes à criação de lendas semelhantes". É o princípio chamado da origem autóctone das lendas análogas, e que vem moderar outro princípio, a que alguns emprestavam exagerado valor, o da transmissão ou migração dos símbolos, querendo ver uma difusão de mitos sempre que se deparava com uma analogia de lendas. Sem dúvida, a comparação dos mitos pode sugerir valiosas notícias sobre o seu lugar de origem.

2) *Lei das transposições*: Escreve ele que "à medida em que diminui o renome do herói a lenda formada para honrá-lo abandona-o e se relaciona com outro mais famoso". Isto se pode dar dentro do ambiente em que surgiu a lenda, mas especialmente quando se difundiu para outros grupos. Encontra-se, por isso, uma mesma lenda aplicada a personagens diversos, com criação de novos episódios, ou sem acréscimos.

3) *Lei das adaptações*: Prossegue ele dizendo que "toda lenda que muda de ambiente transforma-se para adaptar-se às condições etnográficas e sociais do novo ambiente". É muito natural que assim suceda, como de resto acontece não só para as instituições, como até aos próprios elementos materiais da cultura.

Lang (1896:581-585) distingue em suas narrações fantásticas dos povos selvagens:

1) *As explicativas*: Elas são assim denominadas porque, procurando dar satisfação à curiosidade humana, trazem uma explicação para os grandes problemas do mundo, da criação, ou para as energias cósmicas e fenômenos naturais: tais são mitos e lendas.

2) *As narrativas*, em que não se descobre esse elemento explicativo, por nunca ter existido ou por ser tão obscuro, ou de tão pequena importância, que logo foi esquecido. Nesta categoria entram os *Märchen* ou *Housetales* dos camponeses europeus, ou os contos de fadas e de animais do nosso folclore.

A distinção de Lang agravou a dificuldade, não marcando a diferença entre mito e lenda.

Conforme Hubert e Mauss (*apud* Schaden 1959) mitos são apenas aquelas tradições que se exprimem por atos rituais. Este conceito resulta da observação da relação entre certas tradições orais e determinados ritos, sendo estes explicados por aquelas. Releve-se, contudo, que se, em muitos casos, os rituais são posteriores aos mitos e imitação deles, em outros casos se verificam nos mitos episódios ou elementos que foram sugeridos como explicação para movimentos rituais que, com o tempo, e devido a várias causas, se foram agregando à ação principal.

Quanto à origem das lendas, várias opiniões se apresentam:

1) *Origem alucinatória*: Pensa Tylor (1903) que aos sonhos e às alucinações se devem muitas das crenças que, mais tarde, se cristalizam nas lendas. Da mesma opinião é Boas (1911) afirmando, da sua observação sobre os índios da Colômbia Britânica, que o índio não inventou conscientemente as lendas, surgiam-lhe inconscientemente no espírito, despertadas pelo desejo de gozar das vantagens de uma sociedade mágica e pelas alucinações dos seus jejuns. Ele explicará mais tarde aos companheiros a sua visão, e a crença de que o espírito que lhe apareceu pode reaparecer a outros. É o ponto de partida para nova sociedade mágica e para a formação de novas lendas.

2) *Origem iconográfica*: A representação de uma escultura,

uma pintura, um monumento qualquer, pode originar uma explicação lendária. São João Crisóstomo, por exemplo, imagina os mártires que tiveram sua cabeça decepada pela fé cristã, apresentando-se diante de Deus para receberem seu prêmio, com a cabeça entre as mãos. A piedade cristã honrou-lhes a memória com imagens nessa atitude como emblemas do seu martírio. A mente popular, para explicar essas representações criou as lendas dos cefalóforos, conforme explicam os Bolandistas.

Heyne, em princípios do século passado, ensinava que muitos dos mitos têm sua origem nos ex-votos e obras de arte antiga. Essa explicação iconológica dos mitos facultou a Clermont-Ganneau (1880) um mais perfeito conhecimento da história da religião helênica.

Pode-se pensar também numa origem iconográfica para algumas lendas do Uaupés, como explicação daqueles sinais e desenhos encontrados em muitas rochas dos rios Negro, Uaupés, Tiquiê e Içana (a lenda, por exemplo, de Boruna Namíneri, ver *infra*) ou dos seres que sua fantasia lhes faz ver na figura de algumas pedras (a lenda da Cobra-Grande, em Sarapó, por exemplo, ver *infra*).

2. Lendas

A) Lendas Teogônicas

O problema teogônico é dos mais obscuros. Além da indubitável influência cristã, obscurece-o o silêncio dos índios. Veja o que dissemos sobre o conceito de divindade.

O'ã-kõ, o Ente Supremo, criou os O'ã-kõ-babátĩra "os deuses-companheiros" ou "colegas de Deus", como assim se exprimem os indígenas, todos dotados de corpo. E foi a convite da deusa O'ã-ko, que os deuses desceram à terra onde criaram montes, rios, matas, animais e, por último, os homens. Não nos são conhecidas as lendas de origem desses deuses subalternos: nem sequer seu número ou nomes. São muitos, informam-nos. Conhecemos Baasé-bô que deu aos homens a mandioca; Buxtú-yari, o caçula dos deuses, e talvez Boruna-Namíneri. Sendo que este

último talvez se ache melhor na companhia dos heróis civilizadores, que na dos deuses.

Buxtú-yari é o "irmão menor" (**axkabi**) dos deuses. Não era, porém, digno da familiaridade dos outros. Era indolente, desleixado, ladrão. Por isso, foi expulso da companhia dos deuses e veio à terra. Continuou como era, preguiçoso e ladrão. Não queria trabalhar para viver, roubava das plantações alheias.

Foi uma vez roubar abiu do "macaco grande", conhecido por **séena**. Quando se achava trepando sobre a planta do abiu, o macaco, segurando a árvore pela copa, vergou-a como um arco e depois largou-a bruscamente. Buxtú-yari foi então projetado, como flecha, e caiu dentro de um grande rio. Por felicidade sua, foi nas proximidades de uma ilha. Achando-se aí sem recursos pediu às aves que o levassem de novo para o céu. Afinal dois urubus se comoveram, tomaram-no sobre as costas e puseram-se a subir. Nessa ascensão perguntavam-lhe os urubus se se sentia bem, porque se se mostrasse descontente o atirariam em terra. Ele, porém, respondia sempre sim, e desse modo o levaram outra vez para o céu.

B) Lendas Demonogônicas

Já se disse, a propósito da Religião, o que esses indígenas pensam sobre **Wāxtĩ**, e como eles próprios, naturalmente sob ensinamento dos civilizados, quando interrogados quem é **Wāxtĩ**, respondem: "É o Jurupari" (ou demônio), termo **Nheengatu**, personagem e lenda sobejamente conhecidos em todo o rio Negro.

Barbosa Rodrigues, depois de um primeiro estudo sobre o Curupira e de ter traduzido 11 lendas (1890:3-92), apresenta um segundo estudo sobre "os juruparis" seguido de 7 lendas (:93-140). Assegura que o Jurupari "como o Curupira filia-se às tribos que falavam o Abanheenga e é essencialmente brasileiro" (:93-94). Identifica Jurupari com Anhangá, sendo aquele do norte e este, do sul do país. Afirma que a identificação do Jurupari com o demônio da religião cristã é obra dos civilizados: "O papel infernal que fazem o Jurupari representar é unicamente emprestado pelos missionários e pelos civilizados" (:93). E não duvida avançar: "Os

missionários com vistas interesseiras, espalham essa notícia somente para rebaixar o caráter indígena, dizendo que eram os índios tão maus que só ao diabo tributavam culto" (*ibid.*). Ensina que o Jurupari nunca teve forma corpórea: "O Yurupari não tem como outros mythos, uma encarnação, vive só no pensamento" (:96). Antes, pode-se assemelhar aos espíritos e aos demônios incubos, pois sua "aparição é sempre durante o sono e reina no pensamento do índio nas suas veladas, pelo que é o Yurupari o espírito dos pensamentos maus, resultantes dos maus sonhos ou pesadelos. Tanto Yurupari personifica o pesadelo, que já os civilizados lhe deram o nome de 'Diabinho da mão furada', e como não o puderam representar, tomaram por empréstimo às formas de outro mytho o Sacy⁵⁸, porém lhe furaram as mãos" (:99).

E quer ver no mito de Jurupari uma prova a mais dos "vestígios deixados pela imigração asiática que importou o Muy-rakytã, cuja mãe também era virgem". Pois o Jurupari tem por mãe uma virgem, como "nas Índias orientais, na China, no Thibet, dois ou três mil anos antes de Cristo, já os deuses e semideuses eram dados como filhos de mães virgens" (:97).

Conforme ensina Barbosa Rodrigues, o Curupira, ao contrário de Jurupari, tem sua apresentação corpórea.

"No Amazonas, geralmente, é um tapuyo pequeno, de quatro palmos (Santarém), calvo ou de cabeça pelada (piroca), com o corpo coberto de longos pêlos (rio Negro); com um olho só (rio Tapajós); de pernas sem articulações (rio Negro); maciço e sem ânus (Pará); de dentes azuis e verdes e orelhas grandes (rio Solimões) e sempre com os pés voltados para trás e dotado de uma

⁵⁸ "Sacy é um molequinho ou caboclinho de carapuça vermelha, que em vez de ter os pés às avessas (como Curupira) ou ser coxo, tem um furo nas mãos. Faz à noite as suas correrias, e quando encontra alguém dormindo de costas, salta logo sobre o estômago e começa o seu brinquedo favorito, de fazer passar pelo furo das mãos, de uma para a outra, uma bolinha que consigo sempre traz, e, enquanto se diverte com isso o coitado está preso por um horrível pesadelo. Dizem que se o indivíduo que dorme puder tomar a carapuça e escondê-la sob o travesseiro, tudo conseguirá dele, porque tudo dará para obtê-la". (Barbosa Rodrigues, 1890:99).

força prodigiosa". Habita no centro das florestas e faz sua morada no oco dos paus. Arremedando os animais engana os homens, e fá-los perder seu caminho, e às vezes 'encanta-os' com seus cantos, porque não gosta que se mate animal que ande em bando, como o porco do mato. É carnívoro, apreciando sobremaneira o fígado e o coração. A alguns favorece, mostrando-lhes a caça, e persegue a outros com esconder-lha. É do sexo masculino (pensam alguns que haja de ambos os sexos), embora apareça aos homens sob forma de mulher; é casado com uma velha má que o ajude nos malefícios" (Barbosa Rodrigues, *apud* Câmara Cascudo 1972:333).

Ora, é interessante que Barbosa Rodrigues, depois de ter informado que o Jurupari⁵⁹ não tem representação corpórea, nolo apresenta a seguir no herói das lendas Tukano e Tariana, como espírito "encarnado" nascendo de uma virgem. Está, evidentemente, fazendo uma identificação indevida de personagens. Ehrenreich ensina também que é falsa identificação: "Chamam-no geralmente Yurupari (herói solar ou cultural), designação tomada à língua geral e falsamente identificado com o diabo pelos missionários" (1905:7).

Sem nos determos na questão da identificação do diabo da doutrina cristã com o Jurupari, observamos que talvez se explique mais razoavelmente e naturalmente por uma necessidade didática de um Catequista, para melhor se fazer entender dos indígenas; sem recorrer para aquele interesse simplicista que supõe Barbosa Rodrigues "de rebaixar o caráter indígena". Por certo, o que sabemos pelas lendas não permite identificar o Wãxtĩ das nações do Uaupés com o demônio dos cristãos. Que conceito fazer, então do Wãxtĩ? Seria um deus ou um herói da tribo?

Deus e Herói da tribo são conceitos deduzidos pelos etnólogos dos seus estudos, mais ou menos especializados de alguns grupos humanos, e convindo aos personagens dos mitos

⁵⁹ Étimo da palavra Jurupari, conforme o ilustre guaranílogo Dr. Batista Caetano d'Almeida Nogueira é **Y-ur-upa-ri**, "o que nos vem à cama", isto é, sonho, pesadelo, sonambulismo. Com significação de demônio poderia ser **Y-yru-poary**, "companheiro-coxo". Coudreau (1887/89) traduziu "issu de la bouche du fleuve" mas em língua Tupi seria **Yuruparig** (de **ig** "fluir", "manar").

estudados, donde a dificuldade de aplicá-los a outros mitos. Wāxtĩ, como resulta das lendas, enquadra-se no tipo dos *Heilbringer*. Conforme Breysig, o herói mítico ou *Heilbringer*, especialmente como civilizador, "é uma figura da tradição da qual se revela uma existência terrena na forma de homem ou de animal, à qual se atribuem poderes sobre-humanos já durante a sua vida terrena e que, após seu desaparecimento, se transforma na figura de um espírito de poderes muito elevados" (Breysig *apud* Ehrenreich, 1906:38:538).

Para Breysig, o que o distingue do Ente Supremo é que não se lhe rende culto algum. Ehrenreich (*op. cit.*) ensina que o Herói deriva do princípio divino, como se fora seu aspecto humano. Podem faltar, porque desconhecemos ou porque já se perderam da memória dos indígenas, os mitos que narram as relações entre o Ente Supremo e o Herói.

Schmidt (1926:248-250) estabelece a seguinte distinção: enquanto o Ser Supremo é imortal, incriado, o Herói é o primeiro homem a ser mortal como os demais. Enumera vários aspectos que pode apresentar o Herói: 1) Redentor ou Salvador (*Heilbringer*) que livra a tribo de algum perigo ou dificuldade; 2) Civilizador (é propriamente o *Kulturbringer*, *Culture Hero*) que traz os elementos da cultura material (armas, utensílios, agricultura etc); 3) Legislador que estabeleceu a organização social da tribo (divisão dos trabalhos, iniciação, regras de matrimônio, do parentesco etc). Consoante Radin, o Ente Supremo é "criador de todas as coisas, beneficente e ético, com o qual não se pode entrar em contato direto e que pouco se interessa pelo mundo, depois de o ter criado" (1927:347). E o herói é "que estabeleceu a presente ordem das coisas abertamente não ético, beneficente apenas de modo incidental e inconsistente, com o qual se pode entrar em contato, e que intervém diretamente, de maneira muito humana, nos negócios do mundo" (*ibid*).

O herói pode assumir um ou vários destes aspectos simultânea ou sucessivamente, isto é, na mesma lenda ou nas diferentes lendas, ora um ora outro aspecto. Pode até desdobrar-se particularmente sob figura de irmãos gêmeos ou não.

Mas apesar das lacunas da mitologia do Uaupés, pode-se,

sem receio, aplicar à Wãxtĩ o conceito de Herói mítico, sob os aspectos de Legislador (festa de Jurupari) e de Civilizador (deu arco e enfeites: lenda filogônica de Ipanoré). Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que recebe culto (nas festas), e se o identificamos com o Boruna Namíneri dos Baré, o Inapirikuri dos Tariana, vemo-lo dotado de poder criador.

Versão Baré

Cada tribo conserva as suas lendas que expressam pontos doutriniais. Os Baré⁶⁰, por exemplo, contam que uma virgem teve um filho. Quando ainda engatinhava, nos seus brinquedos amontoava carvão como para uma fogueira e girava-lhe ao redor como se estivesse dançando. Quando atingiu seus três anos, vieram uns pajés e o roubaram, dizendo que ele não era gente. A sua mãe sentiu e chorou muito⁶¹. A criança era muito inteligente. Soprava nos dedos, e de cada dedo tirava um som diferente. Por isso os instrumentos são cinco⁶² e de tamanhos diversos, como os dedos da mão. Fazia cestos, peneira, rede etc e ensinou também a fazer tudo isto. Ensinou-lhes, também, a preparar as bebidas, a fazer festas e dançar.

Com saudade da mãe, pediu aos pajés que o deixassem vê-la. Disseram-lhe que já havia morrido. Porém ele sabia tudo e disse que era mentira: ela estava ainda viva. Levaram-no, então, para onde ela se achava, mas não permitiram que com ela

⁶⁰ A poderosa nação que dominou todo o rio Negro da sua foz até a Venezuela. O relator dessa lenda, Plácido de Melo, em dezembro de 1947, já esquecido da língua Baré da qual se lembrava poucas palavras, não soube dizer os nomes da mãe nem do filho. Como fala, além do Português, o Nheengatu, nesta língua dizia muitos termos. Aprendeu isso dos pajés, em Tamanduá, há uns 40 anos atrás, quando em companhia de uns vinte rapazes dos 13 aos 16 anos, passava pela cerimônia de iniciação masculina.

⁶¹ Um dos instrumentos, o **jurupari** fino, dizem, imita o choro da mãe.

⁶² Pelo que resultou das indagações a indivíduos de diversas tribos do Uaupés não são cinco, porém, quatro pares de instrumentos.

conversasse, senão através de uma esteira de tecido de malhas muito apertadas, de modo que não se pudesse ver. Então, ele disse que faria umas figuras mas que as mulheres não poderiam vê-las.

Como ele sabia tudo, os pais pediram que fosse o mestre dos seus meninos. Aceitou, mas com a condição de que lhe obedecessem em tudo. Quis plantar uma roça e mandou que os meninos fizessem a derrubada. Só ele podia trepar nas árvores, e ficou lá na copa de uma bem frondosa. Havia deixado os meninos em jejum, e eles, sentindo fome, apanharam umas formigas grandes e amarrando-as a um fio, as assavam. Lá do alto, sentindo o cheiro, ele gritou: "Quem está queimando os fios da minha barba?". Os meninos não se importaram e continuaram a assar as formigas. Nisto sobreveio um grande temporal com chuvas e raios. Ele se precipitou, então, do alto e, com a queda, fez um grande buraco, para onde chamou os meninos a fim de abrigá-los da chuva: "Venham cá, meus netinhos!" Estavam com frio, e por isso correram para o buraco a fim de se agasalharem e ele os fechou lá dentro.

Ao voltar à **maloca**⁶³, encontrou os homens preparando um **dabucuri**. Contou-lhes o que fizera aos seus filhos, porque não quiseram obedecer-lhe. Os pais, arrebatados de raiva, quiseram matá-lo. "Vocês querem matar-me, não é?". "Sim", responderam. "Pois bem, saibam que não conseguirão matar-me⁶⁴ nem com veneno, nem com pancadas, nem com água⁶⁵". Disse que só poderiam matá-lo fazendo grande fogueira e atirando-o dentro. Então ele morreria, mas em seu lugar apareceria uma paxiúba⁶⁶.

⁶³ Habitação coletiva.

⁶⁴ Porque seu corpo era feito de todas estas coisas. Ver mitos **Wäxtĩ**, **Miromaki**, História de **Iauareté**, História de **Koai**, Origem de alguns nomes, **Bisiu** e **O'ã-kõ**, **Döxporokhâsé** e seguintes, e a Lenda de **Jurupari** neste volume.

⁶⁵ Afogando-o.

⁶⁶ Segundo as outras versões desse mito apresentadas neste volume tratar-se-ia da paxiúba, **Iriartéa exhoriza** (N. do R.).

Deram-lhe então muito **caxiri**⁶⁷ até embriagá-lo e depois o atiraram no fogo. Ele, porém, não morreu, levantou-se e foi para outro **caxiri**, "bem forte", que se fazia numa outra **maloca**. Quando estava dançando entre quatro fogueiras, os homens da **maloca** foram avizinhandos os fogos até que ele ficou no meio do fogo e explodiu. Pouco depois, nesse lugar onde ele explodira, começou a brotar uma palmeira paxiúba que o representa e com a qual se fazem os instrumentos que imitam o som que fazia quando soprava nos dedos. "Constituem uma banda de música de som muito agradável", acrescentou o narrador.

*Boruna Namíneri*⁶⁸

Algumas lendas apresentam este Ser misterioso como criador. Pertence ainda ao repertório Baré esta outra lenda. Boruna Namíneri veio a estas regiões (rio Negro) e encontrou a terra deserta. Andou por toda parte e não viu ninguém. Desagradou-lhe muito este fato. Pôs-se a ajuntar frutas e preparou um "**caxiri forte**". Preparou também uma flauta e tocou-a muitas vezes. No primeiro dia não apareceu ninguém. Tocou-a com mais força no segundo dia. Ninguém. Tocou-a com mais força ainda no terceiro dia. Ninguém. Ficou então muito contrariado. Subiu numa árvore alta e gritou: "**eeh! eeh!**". Nenhuma resposta no primeiro dia. Gritou ainda no segundo dia, com mais força "**eeh! eeh!**". Nenhuma resposta. No terceiro dia ouviu que lhe respondiam. No quarto dia subiu a uma árvore mais baixa e gritou. E percebeu que respondiam de mais perto. No quinto dia foram chegando homens e mais homens. Ele os convidou para o **caxiri**, ensinou-lhes a dançar e eles gostaram muito. Dançavam fazendo círculos, como

⁶⁷ É o seu modo de indicar bebida em abundância e para festas que deviam durar muitos dias.

⁶⁸ Interrogado o meu relator quem era essa personagem, respondeu que era São Tomé. Evidentemente uma influência da sua religião cristã. Ele fora batizado por Frei Amado, Franciscano, e crismado em 1908 por Dom Frederico Benício Costa, Bispo de Manaus.

Boruna Namíneri quando recolhia frutas. Achou, porém, que assim, os homens só, não estava bem. Levou os homens à mata, escolheu o lugar e com eles começou grande derrubada. Terminada esta, gritou para todos os lados, longamente. Começaram a aparecer as mulheres. Disse que as mulheres é que deviam tomar conta da roça. Por isso é que entre nós os homens não trabalham na roça, só as mulheres. "Agora vocês continuem assim", disse Boruna Namíneri. "Eu vou para outro lugar que ainda não tem gente". Não queriam deixá-lo, porém ele se foi.

Em São Gabriel ficou a impressão de seu pé, com os dedos todos, bem direitinho na rocha. Por isso os antigos não queriam que ninguém pisasse naquela marca.

Ciclo de episódios de Boruna Namíneri

A lenda de Boruna Namíneri compreende um ciclo de episódios. Recordamos alguns, segundo a versão Baré.

Havia outrora em São Gabriel da Cachoeira⁶⁹ uma anta que muitas vezes se arremetia contra os indígenas e os trucidava. Boruna Namíneri a esquartejou e lançou uma parte sobre as pedras (da fortaleza) ficando aí a marca bem como as pegadas dela.

Alguns quilômetros abaixo, na zona encachoeirada de Camanaus, existia um **maguari**⁷⁰ que perseguia a quantos passavam por aí. Alagava-lhes as canoas, comia as crianças. Boruna Namíneri passou por Camanaus armado de espingarda e, vendo o pássaro, matou-o com um tiro. Sentado, depois, na pedra para descansar, deixou aí pintada a forma de sua espingarda: a coronha, o cano com a boca larga, como se usava outrora. Perto de Curicuriari matou um enorme cavalo aquático que vivia no rio Negro e trazia jacarés presos ao pescoço. As marcas desse cavalo

⁶⁹ São Gabriel da Cachoeira, localizada no rio Negro, é a capital atual da região do alto rio Negro, Estado do Amazonas. Era antigamente uma cidade-forte (N. do R.).

⁷⁰ Ave da família Ciconídeos, Euxenura maguari.

podem ser vistas nas pedras da margem esquerda.

Havia, outrossim, uma velha muito má que envenenava as pessoas e comia as crianças. Boruna Namíneri matou-a e, como castigo de suas más ações, cortou-lhe os braços. Hoje só se vê o tronco gravado na pedra.

Outrora, no Uaupés, vivia um índio Tukano que era o terror daquela região, matando todos os que se aventuravam a passar por aquelas passagens. Boruna Namíneri matou-o com uma flecha. Dizem alguns que seu corpo caiu no Tiquiê no lugar que, por isso, chama-se Tukano-cachoeira. Outros dizem que trata-se de Tukano-cachoeira do rio Içana. Vê-se no Uaupés uma zarabatana e a cabeça de um índio reclinado, tudo de pedra. Foi o índio que Boruna Namíneri flechou.

Origem de Wāxtĩ (versão Ipeka-tapuya)

Deus, para experimentar a primeira mulher, pôs diante dela um "grande abio". Ela, gulosa, começou por pôr-lhe o dedo, e depois o lambeu. O suco escorreu-lhe corpo abaixo, e por isso ela ficou grávida.

No momento em que a criança nascia, ela desmaiou. Os velhos tomaram a criança (era Wāxtĩ), esconderam-na e puseram um macaco junto da mulher. "Foi isso que nasceu" lhe disseram. "Não foi!", ela exclamou e deu um pontapé no macaco.

Conclusão

Não nos devemos maravilhar de não encontrarmos nas lendas, e de modo particular nas do Uaupés, aquele arcabouço lógico coerente e completo de um tratado de Teologia. Um estudo, embora rápido, como o que fizemos, das lendas de Wāxtĩ, sugere as seguintes conclusões:

1. Há uma noção de Ente Supremo, que se diz O'ã-kõ, embora vaga;
2. Há uma distinção entre O'ã-kõ e Wāxtĩ;
3. Há uma relação entre o Ente Supremo, O'ã-kõ e Wāxtĩ, sendo este apresentado como filho daquele (ver

lenda Tariana de Kaporikuri);

4. Wãxtĩ é um ente superior aos homens. É até seu criador, deu-lhes norma de vida individual, doméstica e social, ensinou-lhes quanto sabem (música, enfeites, festas, artefatos etc.), punirá as transgressões às suas ordens;

5. Conviveu com os homens, como um deles. Não é, porém, o simples herói da tribo ou seu progenitor, como nas lendas de outros grupos humanos;

6. Contra este ser os antepassados pecaram outrora e os atuais também faltam; faz-se, por isso, mister aplacá-lo e o fazem nos **dabucuris**.

C) Lendas Cosmogônicas

Com relação aos astros, pouca coisa sabemos. Das estrelas dizem que metade são homens e outra metade, mulheres. O sol, a lua e o trovão são homens. Não sabem como se originaram, senão o Sete-estrela (Plêiades), e não se preocupam em saber de que matéria são construídos.

Os Eclipses

**** Eclipse de sol**

Concebem-no como um acesso de intensa febre, causado por fortes ventos impetuosos e poeira. O sol, então, não pode mais ver os homens. Por isso denominam o eclipse "doença do dia" (**â'mãko pũĩsé**, em Tukano). Dizem também **mũhĩpu wē'rĩ** "o sol está morrendo". Este fenômeno provoca consternação geral⁷¹. Receiam que sobrevenha a falta de alimentos e graves doenças e, quem sabe, até mortandade geral. Todos, por isso, se entristecem e alguns se absterm de comer, como quando o pajé lhes anuncia que não vão sarar de alguma doença. Passado o eclipse, há grande e rumorosa expansão de alegria. Há tradição de um eclipse total

⁷¹ Como nas lendas dos heróis solares. Ver Gourdon, 1946:91.

em que o "dia ficou noite" e que surpreendeu os homens na roça. Puderam voltar para a casa pelos gritos e brados de desespero que lhes serviram para orientação.

**** Eclipse de lua**

Supõe também que se trata de uma doença e propriamente de uma perda de sangue. A causa, porém, é Wāxtĩ que está tentando matar a lua⁷². Para afugentá-lo procuram executar seus trabalhos rumorosamente. Talvez pela maior frequência de semelhante fenômeno parece não se assustarem com isso.

Origem da noite

No princípio era sempre claro. Nunca havia noite. Alguns homens, porém, trouxeram do Uaupés uma caixa de pequenos insetos pretos até Bela Vista e depois passaram ao Içana, onde abandonaram-na. Abrindo a caixa, deixaram sair alguns desses insetos e logo começou a ficar escuro. Se soltassem todos ficaria sempre noite e não haveria mais dia⁷³.

*Origem dos rios*⁷⁴

Antes não havia rios. A Cobra-Grande foi passando e ia formando os rios, no sulco que ia deixando. Quiseram cercá-la perto de Serrinha (rio Papuri) para matá-la. Todavia, ela conseguiu escapar e continuou a sua marcha. Um pai tinha um filho pequeno cheio de feridas e costumava levá-lo quando ia pescar. Punha-o sobre um desses galhos que avançam sobre a água, o sangue ia pingando das feridas e quando os peixes vinham, atraídos pelas gotas de sangue, o pai flechava. Numa dessas ocasiões passava a Cobra-Grande que engoliu o pequeno. Isto se deu em Bela Vista,

⁷² Ver o mito da doença da lua neste volume pp. 133-140 (N. do R.).

⁷³ Ver o mito de origem da noite neste volume pp. 172-174 (N. do R.).

⁷⁴ É um dos episódios do "ciclo da Cobra-Grande".

onde se vê um buraco escavado pela pancada que deu a Cobra-Grande.

Origem da cova de Sarapó e da Pedra de São José

Os habitantes de Sarapó (alto rio Tiquiê) viviam angustiados porque cada dia desaparecia uma criança. Quando iam tomar banho no rio eram devorados pela Cobra-Grande. Mas ninguém tinha coragem de matá-la, nem sequer conseguiam descobri-la. Certa vez, um pajé poderoso conseguiu aproximar-se dela, hipnotizou-a⁷⁵ e entrou-lhe barriga adentro. A Cobra fugiu ao seu esconderijo. O pajé, dentro da barriga, começou a fazer barulho com tambor e ocarina, até que os outros ouviram, cavaram o buraco e mataram a Cobra. Mostram na margem direita do Tiquiê uma reentrância denominada **pĩrõ se'ero**⁷⁶ como sendo o lugar escavado em que mataram a Cobra-Grande.

Não era, porém, uma cobra só. Eram duas e a segunda fugiu. Prosseguiram em seu alcance e mataram-na perto do lugar onde hoje acha-se o povoado São José e onde pode-se ver uma pedra, que não é senão a cabeça petrificada da Cobra-Grande.

D) Lendas Filogônicas

Ressentem-se da mesma confusão que as outras lendas. Há reminiscência da história cristã da Gênese: criação de Adão e Eva, queda dos primeiros pais etc.

Conforme algumas lendas, foi um só ato criador que deu origem a todos os homens: o Branco, como as diversas tribos (ver lenda de Boruna Namíneri). Conforme outras, a criação se deu em vários lugares e as diversas tribos têm origens distintas. Na Tômpa-duri (cachoeira de Ipanoré) apareceram os Tukano, Desana, Pira-

⁷⁵ **Baxsé dohátoapĩ**: de **baxsé** "soprar" ou "enfeitiçar" e **dohá** "lançar malefício".

⁷⁶ Que poderia ser traduzido por "Rastro da Cobra-Grande".

tapuya etc. Em Suniá-pweá, os Tuyuka e outros. Em Ióá-pá⁷⁷ os Bará, Maku etc. No Aiari, os Tariana. Em algumas versões, Deus está tirando os homens do nada, com um simples ato de sua vontade, ordenando que apareçam (versão Tukano e Tariana). Em outras, já se acham nas entranhas da terra e o ato da criação consistiria simplesmente na sua libertação, permitindo que saiam à luz do sol (versão Ipeka-tapuya). Em outras se acham no seio da terra ou em outro lugar sob forma de animais (origem dos Wanana). Ou ainda, não será Deus diretamente a criar, porém um enviado seu (Boruna Namíneri). Ou, por fim, saíram os homens como partos da Cobra-Grande⁷⁸ (origem dos Pira-tapuya).

Origem dos homens

Tômpa-duri, assim se denomina em língua Tukano a cachoeira de Ipanoré. Aí, à vista de Urubucuará, quando baixam as águas, vê-se uma panela, como uma cratera de uns três metros de diâmetro, ligada por vários canais subterrâneos de sorte que a água tem sempre, por ocasião da vazante, um nível médio entre a parte alta e a mais baixa da cachoeira. Um desses canais liga essa cratera com outra menor a uns vinte metros de distância. Consoante as lendas de várias tribos (a ouvimos de Tukano, Pira-tapuya e Ipeka-tapuya) aí foi a origem da humanidade.

⁷⁷ "Cachoeira comprida", na fronteira colombiana do Tiquiê.

⁷⁸ A lenda da Cobra-Grande é antes um ciclo de episódios. Existe em todo o Estado do Amazonas esse mito, não só é criado por muitos civilizados mas asseveram tê-la visto. Conforme o relato do Ex.mo Des. Anísio Jobim e do Revdmo. P. Luiz Venzon, alguém lhe assegurava tê-la visto em Codajás, coisa de poucos anos. Logo, ao tombar da noite, ouviu-se um silvo e um rumor como o de máquinas de um navio em marcha, impressão esta ainda acrescida pela luz que se irradiava de dois focos. Correm alguns homens ao porto dispostos a ajudar na descarga do navio, quando subitamente este mergulha na água e desaparece. Era a Cobra-Grande. São sempre sob sugestão de um navio, que chega a noite, os episódios que ouvimos sobre a Cobra-Grande, narrados pelos civilizados.

Versão Tukano

O'ã-kõ, depois de ter preparado o mundo para receber os homens, veio a Tômpa-duri, junto ao orifício de pedra e ordenou: "Saíam os Tukano!". Foram saindo homens, mulheres e foi logo dando ensinamentos e preceitos como deviam fazer suas festas, como deviam comportar-se os homens e as mulheres, os trabalhos de cada sexo, as relações entre os esposos e dos pais para com os filhos, as regras do matrimônio, do parto etc. Por essa razão todos agem assim e as mulheres não se queixam de sua situação trabalhosa.

Depois mandou: "Saíam os Pira-tapuya!". Eles saíram e eles deu também suas ordens e que ocupassem os rios. Como, porém, vieram depois, os Tukano lhes são superiores. E assim foram aparecendo as tribos, uma após a outra, recebendo instruções e ordens, e o lugar que deviam ocupar, que é onde os vemos presentemente.

*Versão Ipeka-tapuya*⁷⁹

A Cobra-Grande, que se assemelhava a uma canoa, veio subindo o rio Uaupés. Ao chegar em Ipanoré chocou-se contra a pedra com tanta veemência que lá abriu um grande buraco. Por ordem da Cobra-Grande saíram os Brancos, depois os Tukano, os Cobeuana, os Pira-tapuya, os Tariana... Obedeciam, porém, a uma ordem na saída: antes saíram os Tukano "da cabeça" (isto é, os principais)⁸⁰.

Outros Tukano quiseram sair na frente. Porém a Cobra-Grande tampou a saída e eles tiveram que sair por um orifício mais distante, mais próximo da margem direita do rio. Daí, os Tukano foram subindo até o Papuri. A Cobra-Grande continuou a subida até Jurupari-cachoeira, na Colômbia. Desceu depois para o rio grande (o mar) e nunca mais voltou.

⁷⁹ Narrada pelo velho Martinho de Urubucuará.

⁸⁰ Vemos aqui um conceito de hierarquia e aristocracia, hoje quase extinto.

Outros episódios complementam essa lenda

1. Os primeiros homens que saíram atiraram-se à água e banharam-se e, por isso, ficaram brancos (são os civilizados, e as águas ficaram escuras).

2. Havia aí um poço com pó de ouro. Os que se banharam logo saíram de cabelos loiros.

3. O'ã-kõ e Wãxtĩ estavam assistindo ao aparecimento dos homens para distribuir-lhes os seus presentes. O'ã-kõ pegou uma espingarda. Os índios tiveram medo. O Branco, ao invés, tomou-a, disparou um tiro e ficou daí em diante usando-a. Wãxtĩ, então, distribuiu aos índios os outros presentes: arco, flecha, enfeites e instrumentos para usarem nos seus **caxiris**.

Criação dos Tariana

Estando já o mundo como agora, coberto de matas, com muitos animais e os rios com seus peixes, desceu Bũxpó ("Trovão") sobre as florestas do rio Aiari e, tirando sangue da perna, salpicou com ele as folhas das árvores. Depois disse: "Saíam os Tariana!". E apareceu logo de cada gota de sangue uma pessoa, homens, mulheres e crianças. Encheram as margens do rio, tomaram conta daquelas florestas e espalharam-se para os outros rios.

Consoante outra versão, o aparecimento dos Tariana se deu por ocasião de uma assustadora tempestade, com raios e trovões. Bũxpó salpicou com seu sangue as nuvens e das gotas de sangue surgiram, por sua ordem, os Tariana. Por isso é que os Tariana são chamados Bũxpó diró pōrã "Filhos do sangue do Trovão".

Completam alguns que o criador dos Tariana foi Kapirikuri, o filho de Bũxpó, de cujo sangue provieram. Por isso se consideram descendentes de Kapirikuri.

Origem dos Pira-tapuya

Aparece aqui um primeiro ente que eles chamam avó, e

seus descendentes são ditos netos⁸¹. A avó dos Pira-tapuya era uma grande cobra e os seus numerosos netos tinham todos nomes de peixes. Por essa razão as outras tribos os chamaram Waikhãrã, isto é, "Gente-peixe"⁸².

*Origem dos Wanana*⁸³

Os Wanana, antigamente, eram todos morcegos e viviam na cavidade de um grande tronco. Certa vez saíram todos e encontraram um enorme cocho de **caxiri**. Beberam, beberam e viraram rapazes e moças. Voltaram, porém, para o mesmo domicílio. A avó Maniwa⁸⁴, avisada que os morcegos haviam se tornado gente, foi duas vezes verificar, porém não conseguiu vê-los. Foi ainda uma terceira vez e só então descobriu onde se escondiam. E, para matá-los, ateou um grande fogo ao redor do tronco. Muitos morreram. Alguns, no entanto, conseguiram atirar-se ao rio e baixaram de bubuia até a foz. Regressaram, porém, mais tarde, rio acima, e foram estabelecer-se em Caruru-cachoeira, no rio Uaupés. Por haverem saído da água os Tukano os denominam Oukó-tikãã⁸⁵ "Os que têm água".

⁸¹ Esperávamos "mãe" e "filhos". Como os descendentes são seres humanos, e o antepassado um animal, talvez daí a necessidade de supor ou implicar um intermediário.

⁸² Lenda de origem Tukano narrada pelo velho octogenário de Santa Luzia, no rio Papuri.

⁸³ Lenda Tukano narrada pelo velho Lucas de Santa Luzia, no rio Papuri.

⁸⁴ Provavelmente o antepassado dos Baniwa (baniwa é o mesmo que "maniva" ou seja, "muda de mandioca").

⁸⁵ Relevamos (ver 1977:84) que oukó-tikãã significa "os que têm remédio", de oukó "remédio" e kãã "gente".

*Origem das tribos Tukano, Desana, Arapaço e Pira-tapuya segundo os Pira-tapuya*⁸⁶

Há muitíssimos anos, O'ã-kõ subiu o rio Negro e entrou no Uaupés com uma grande canoa cheia de peixes e aves. Quando chegou à ilha do Jacaré⁸⁷, que dista uns 150 Km da foz, encostou a canoa a uma grande pedra, onde ainda se lhe vê a marca. Depois, tirou os peixes que levava e, com o seu poder, transformou-os em homens, e assim apareceram os Waikhãrã ou Pira-tapuya ("Gente-peixe"). Depois apanhou as aves e fez os Tukano ou Daxséa, os Arapaço ou Kônéa ("Pica-pau") e os Desana ou Winá ("Filhos do Trovão").

Antes de dividi-los, O'ã-kõ pôs em terra, a certa distância, uma velha espingarda, dizendo-lhes que o primeiro que a pegasse ficaria mais perto dos brancos e os outros deviam subir mais o rio. Em seguida, deu sinal. Todos correram, mas um Desana foi mais esperto e chegou primeiro. Por isso, muitos Desana estabeleceram-se abaixo da ilha do Jacaré, perto dos Brancos e outros, no rio Negro, até a foz do Curicuriari.

Depois, O'ã-kõ continuou a viagem até a cachoeira de Ipanoré, onde colocou numa grande pedra a semente dos outros índios, que vivem no rio Uaupés e afluentes.

⁸⁶ Lenda publicada pelo P. Giaccone (1949:118).

⁸⁷ Öxsó nãxkõrõ, em Tukano. Os indígenas que completam seus estudos nas escolas missionárias distinguem perfeitamente os crocodilianos que chamamos jacaré, que podem atingir grande desenvolvimento corpóreo, e os denominam öxsó, dos pequenos lacertílios (lagartos, teiü, teju) ou yoásõ, em Tukano.

E) Lendas Didascálicas

*Origem do Ipadu*⁸⁸

O'ã-kõ preparou uma cuia cheia de **ipadu** e a ofereceu a todos os habitantes da terra, com a promessa de que não morreriam se dela bebessem. Mas avançaram logo a jararaca, a aranha e outros animais venenosos. Os homens tiveram medo e não quiseram beber. Por isso, os homens vão morrendo, ao passo que aqueles animais que lambeiram daquela cuia, não morrem por velhice ou doença. Somente se os matarem violentamente. Quando vão envelhecendo, eles trocam a pele e assim se renovam e vivem para sempre.

*Origem do curare*⁸⁹

Antigamente chegaram ao alto Uaupés uns índios bravos que queriam matar os Maku, que eram os verdadeiros donos dessas matas. Estes índios não podiam defender-se, por serem menos numerosos e sem armas. Perto do seu povoado havia uma grande pedra. Certo dia, estavam três Maku perto dessa pedra quando, sobre ela, apareceu de repente um moço belo e forte a quem chamaram Keinte. Ele trazia consigo uma zarabatana. Desceu da pedra, cortou algumas ervas, tirou-lhes a raiz e casca, misturou tudo e começou a cozê-las, sendo ajudado pelos três Maku.

Terminada a preparação, molhou a ponta das flechas no veneno: era o curare. Colocou uma flecha na zarabatana e subiu

⁸⁸ Termo Nheengatu que designa o pó de cor esverdeado e preparado a partir das folhas da coca (*Erythroxylum cataractum*) tostadas e reduzidas a cinzas e misturadas às folhas da árvore imbaúba também reduzidas a cinzas e que dão ao **ipadu** um gosto levemente salgado (N. do R.).

⁸⁹ Veneno de ação paralisante preparado pelos índios Maku a partir de certos vegetais do gênero *Strychnos*. Ver lenda Tariana de origem do curare neste volume. Sobre os índios Maku ver notas 107 e 108.

novamente ao cimo da pedra. Os Maku ficaram embaixo, olhando o que ia fazer. Pouco depois passou perto da pedra uma cutia. O moço soprou rapidamente na zarabatana, a flecha saiu veloz, alcançou o animal que correu mata adentro. Estava, porém, ferido e caiu morto alguns metros adiante. O moço disse então aos três Maku: "Onde morreu a cutia estão as plantas que deveis usar para fazer este veneno. Preparai-o como vistes fazer e vos servirá para vos defenderdes dos vossos inimigos e matar os animais para vosso alimento. **Nam** ("curare" em Maku) será vossa arma para tudo".

Depois o moço desceu da pedra, levando sua zarabatana e entrou numa gruta que havia debaixo. No interior daquela gruta via-se uma grande pedra achatada como mesa e sobre ela o moço colocou a zarabatana e disse depois aos três índios que o haviam acompanhado: "Eu estarei sempre aqui para ensinar aos Maku, e somente a eles, como se prepara o veneno". E ficou lá tanto tempo que viraram pedra, ele e a zarabatana.

Os velhos dizem que os seus pais viram ainda na gruta a tal pedra grande com a figura do moço e da zarabatana. Agora, porém, ninguém mais pode ver. Quem o tentar será castigado com a morte repentina. Se alguém o vir por acaso, não pode contar para os outros⁹⁰.

Origem da mandioca

Antigamente os homens só comiam o tubérculo grande de um cipó denominado **yepá-birú**⁹¹. Os homens que moravam nas margens do rio Tiquiê, enfastiados desse alimento, pediram outro alimento a Baasé-bô. Escolheram, então o local. Prepararam, depois queimaram a roça, e invocaram a Baasé-bô. Quando, após as chuvas, o terreno começou a brotar, notaram uma planta nova

⁹⁰ O relator desta lenda, o índio Maku Casimiro Mandu, informou que seu avô, quando ainda moço, tinha casualmente visto esse rapaz de pedra. Já velho, contou ao seu filho o que tinha visto. Morreu dois dias depois mordido por cobra, como castigo por ter faltado ao segredo.

⁹¹ Não identificado.

que não conheciam: era a mandioca. Desde essa época começaram a plantá-la, e agora todas as tribos a plantam e usam como alimento.

Os peixes do Tiquiê

Duas voltas acima da cachoeira de Pari desemboca um canal subterrâneo que se liga ao rio Papuri perto de Piracuara. Deste rio saiu o primeiro peixe que, passando pelo canal, chegou ao Tiquiê e aí pôs os primeiros ovos. Depois desceu ao igarapé Umari e depositou também ovos. Neste local, uma enorme aranha ficou transformada em pedra que, por isso, se chama "Pedra do Iandu" ("aranha" em Nheengatu).

*História de Kamāweni*⁹²

Acima da cachoeira de Caruru (rio Tiquiê) viviam outrora dois irmãos. Eram hábeis em fazer **acangataras**⁹³ e outros enfeites de penas de arara (**mahã-poari**). O mais novo, por nome de Kamāweni, certa vez violando a lei⁹⁴, não observou o jejum enquanto trabalhava na feitura das **acangataras**. Estas ficaram todas estragadas e a ele sobrevieram umas feridas, das quais não conseguiu mais sarar.

Seu irmão pescava para alimentá-lo e o tratava com muito cuidado. Começaram, porém, a aparecer-lhe no corpo umas escamas, os membros se foram paralisando e atrofiando até que, por fim, ele se transformou no peixe que se chama Kamāweni⁹⁵.

⁹² Ver variantes deste mito neste volume pp. 133-140 e 216-219 (N. do R.).

⁹³ Enfeite de penas de cabeça usado nas cerimônias.

⁹⁴ A fabricação de enfeites e adornos cerimoniais é considerada pelos índios da região do Uaupés como uma atividade ritual e, a este título, ela está submetida às restrições dos períodos rituais, notadamente as restrições e proibições alimentares (N. do R.).

⁹⁵ Não identificado.

*História do Piraboto*⁹⁶

O Piraboto outrora era gente. Tinha debaixo do rio uma grande casa com pupunheiras⁹⁷ na frente e moravam com ele muitas mulheres que lhe serviam de criadas. Nunca, porém, saía da água. E gosta ainda hoje de fecundar as mulheres quando vão tomar banho. Não se atrevia, contudo, a subir até a cachoeira de Ipanoré, porque aí há um pacu⁹⁸ grande que o comeria.

Origem do nome Iauaretê

Dizem que um dia saiu o jabuti⁹⁹ a passeio. Enquanto passava por um bosque ouviu um barulho. "Será a onça¹⁰⁰?" - pensou ele. Correu então, até uma palmeira onde um macaco estava bem sossegado a comer coco. Então o jabuti, a tremer de medo rogou ao macaco: "Tenha compaixão de mim, senão morrerei de medo!".

O macaco correu, tomou o jabuti em suas costas e deu com ele lá no cacho de coco. Nestas alturas, chegou a onça que perguntou: "Que estão fazendo aí?". "Estamos comendo de um coco tão bom como você ainda não comeu!". "Dê-me também!" - retorquiu a onça. O macaco respondeu: "Feche os olhos!". A onça fechou os olhos. O macaco jogou-lhe em cima o jabuti com tanta força que a pobre onça morreu. O jabuti, então, tomou um terçado, tirou-lhe a bonita pele, esticou-a bem. Depois cortou a carne, tirou os ossos e, soprando nos mesmos, gritava aos seus parentes que o viessem ajudar.

Chegando estes, cada qual tomou um osso da onça e,

⁹⁶ Mamífero da ordem dos Cetáceos Odontocetos de água doce (família Platanistídeos). **Pira** é um termo Nheengatu que significa "peixe" (N. do R.).

⁹⁷ Guilielma speciosa Mart.

⁹⁸ Termo comum aos peixes da família Cracídeos (N. do R.).

⁹⁹ Testudo tabulata.

¹⁰⁰ Felis onça.

imitando o jabuti, sopravam assim: "Iauaretê yō-mērakhâ pō... pō... pō... eropō... eropō..." (isto é, "Iauaretê meu companheiro em... em... em...").

Chega a anta¹⁰¹ que sempre presidiu a todas as empresas e fazendo um grande buraco no chão enterrou a onça. Desde esse dia aquele lugar ficou conhecido com o nome de Iauaretê-Cachoeira ou "Cachoeira da onça".

¹⁰¹ Tapirus Americanus.

LENDAS COLETADAS PELO PADRE SALESIANO ANTONIO GIACONE¹⁰²

Lenda dos índios Tariana sobre a cutia¹⁰³

Kapirikuri¹⁰⁴ tinha um filho que era muito bonito e destemido. Ele o deixou passear pelo mundo para ver os homens e conhecê-los bem, porque assim, quando fosse rei¹⁰⁵, saberia

¹⁰² Nas atividades missionárias entre as tribos do Uaupés foi um gigante o P. Antônio Giaccone, sobre cujo zelo muito terá que escrever um seu futuro biógrafo. Era uma figura franzina e de pequena estatura, mas dotado de uma extraordinária força de vontade e de um impressionante zelo pelo bem destes indígenas. Zelo que se beneficiou extremamente pelo estudo da língua Tukano, da qual se servia não apenas nas suas catequeses, mas também, nas relações amigas, comuns e freqüentes com estes indígenas. Legou aos estudiosos dois apreciados volumes respectivamente sobre a etnografia dos grupos Tukano (1949) e a gramática da língua Tukano (1965), assim como um pequeno "Catecismo em Português e Tukano" (s.d.). Estimulado pelo seu entusiasmo pelos estudos indigenistas, habilitou-se o Padre Giaccone em perpetuar pela imprensa em três pequenos opúsculos alguns conhecimentos seus sobre o idioma Maku (1955), a língua Tariana (1962) e a língua Kótiria ou Uanana (s.d.).

¹⁰³ Essa lenda foi narrada em maio de 1932 por Francisco, índio Tariana de Iauaretê, ao P. Giaccone e publicada por este em Tukano e em Português (1949:111-114).

¹⁰⁴ **Yapirikuri** ou **Inapirikuri**. Personagem lendária Tariana e identificado com o O'ã-kô da língua Tukano, já citado em outras lendas.

¹⁰⁵ De fato essas línguas indígenas não possuem a palavra "rei", só conhecem os chefes locais, isto é, **wi'ógö** que, em Nheengatu, se diz **tuassua**, donde o termo corrente "**tuxaua**"; **curaca**, **murumuxaua**, **tabixaba**.

governá-los bem. Entre a gente Tariana de Iauaretê havia uma velha feiticeira (como pajé). Ela gostava do filho de Kapiirikuri e, por isso, lhe pediu, mas este não quis dá-lo. Então, a velha fez um feitiço¹⁰⁶ contra o menino, tornando-o invisível, e depois o levou. O filho de Kapiirikuri servia a velha em tudo: trabalhava (na roça), caçava, ia buscar água, acendia o fogo, preparava o **beiju**. Assim a velha podia fazer suas bruxarias contra as outras pessoas.

O menino ia crescendo. Quando já era rapaz, a velha queria botá-lo para fora. O rapaz comia muito e sempre queria saber que coisa a velha fazia. Se ela fazia feitiço contra alguém, ele o desfazia. Por isso a velha não podia mais fazer bruxaria.

Só podia fazer feitiço quando o menino comia. Por esse motivo, tornou-o visível e jogou-o neste mundo. Chegando aqui, ele foi ter com Kapiirikuri para pedir proteção. Kapiirikuri queria ajudar o filho, mas como este passara muitos anos com a velha bruxa, poderia ter aprendido o feitiço. Então Kapiirikuri, marcando um sítio, entregou-o ao filho para que fizesse plantações. Depois ensinou-o a caçar com arco e flecha e outras armas. O filho de Kapiirikuri estava muito contente: pescava, caçava e plantava.

No meio da mata há um tipo de gente chamada Maku¹⁰⁷: são os escravos¹⁰⁸ dos outros índios. Um dia Kapiirikuri indo caçar chegou até o caminho dos Maku. Lá havia uma mulher Maku que carregava um **aturá**¹⁰⁹. O filho de Kapiirikuri, vendo-a cansada, quis ajudá-la. Pegou o **aturá** e o levou até a casa dela.

Kapiirikuri, vendo lá do alto, que o filho era como Maku,

¹⁰⁶ **Dohasé**, em Tukano.

¹⁰⁷ São índios caçadores-coletores semi-nômades que habitam as profundezas das florestas (N. do R.).

¹⁰⁸ É o conceito geral que dos Maku têm as demais tribos que há poucos anos os obrigavam a trabalhar por elas, também com maus tratos. Deve-se esclarecer, contudo, que na língua Tukano não existe a palavra "escravo". Só tem a palavra **daraná** "trabalhadores", isto é, os Maku "são os nossos trabalhadores".

¹⁰⁹ O cesto-cargueiro feito de cipó imbé (*Philodendron imbé*) que as mulheres costumam trazer às costas pendendo de uma embira que lhes contorna a testa e que é de fabricação exclusiva dos índios Maku.

ficou aborrecido.

A roça do filho ia crescendo bem, o milho e a maniva¹¹⁰ brotavam e cresciam. Havia também muita cana. Um dia, Kapirikuri chamou o filho e lhe disse: "Por que carregaste o **aturá** da mulher Maku? Não sabes que os Maku são os nossos escravos? Tu te fizeste Maku, por isso vou castigar-te!".

Kapirikuri criou uma cutia e mandou-a comer toda a roça do filho. Todos os dias a cutia chegava à roça do filho de Kapirikuri para comer a mandioca e estragava as outras plantas¹¹¹. O rapaz estava muito triste com isto e quis ver quem lhe estragava a roça. Vendo a cutia, quis matá-la, mas ela fugiu depressa.

Todas as tardes a cutia ia conversar com um macaco, até a boca da noite. Um dia o filho de Kapirikuri os viu e flechou a cutia. Esta fugiu e o macaco ficou ferido. Então a cutia foi ter com Kapirikuri e lhe disse: "Tu me mandaste comer na roça do teu filho, mas lá não vou mais, ele quer me matar e já conhece a minha casa". Kapirikuri respondeu: "Deverás sempre estar em um buraco e comer assim na roça do meu filho. Se não quiseses fazer isto, hei de castigar-te".

O filho de Kapirikuri ficou também muito aborrecido e foi falar com seu pai: "Meu pai tu me castigaste muito! Agora basta! Quero descansar". "Descansa meu filho, a cutia comerá menos na tua roça. Assim eu quero!".

Muito tempo depois houve uma grande festa entre os animais e a cutia quis ir à festa levando a mala (caixa) dos enfeites. Pelo caminho, encontrou o filho de Kapirikuri. Querendo matá-la, correu atrás dela. A cutia, quanto já estava cansada, entrou num buraco, deixando fora a sua **acangatara**¹¹². A gente que sobe o rio Papuri pode ver, ainda hoje, a mala da cutia, perto do buraco onde entrou. A mala virou pedra.

¹¹⁰ Ou mandioca, Manihot esculenta Cranz.

¹¹¹ A cutia (Dasyprocta aguti L.) se alimenta de frutas, raízes e, não raro também, de mandioca, milho e cana (N. do R.).

¹¹² Ver nota 93.

O Sepulcro de Ñamá-kuru¹¹³

Antigamente uma personagem chamada Ñamá-kuru matava muita gente e, por isso, todos a odiavam e queriam matá-la, mas nunca conseguiam vê-la. Estava uma viúva chorando a morte do marido quando Ñamá-kuru disse: "Vou ter com ela". No outro dia a mulher foi apanhar camarão à beira do rio e Ñamá-kuru, andando na sua frente sem se deixar ver, jogava-lhe peixes que ela apanhava com facilidade. Então a mulher gritou: "Quem é que me dá esses peixes? Quero vê-lo! Por que se esconde? Ensina-me como se apanha tantos peixes!". Ñamá-kuru respondeu: "Ensinar-te-ei se me abres a porta da tua casa!". Replicou a mulher: "Vem quando quiseses, abrir-te-ei a porta da casa".

De noite, quando os filhos da viúva estavam dormindo, Ñamá-kuru foi ter com ela, que o recebeu com muita alegria e o tratou bem. Ñamá-kuru trazia muito moqueado: tatu, peixe, inambu, paca etc e tudo lhe entregou. Ela, porém, escondeu-o, e todos os dias comia sem partilhar com os filhos. Entretanto, Ñamá-kuru, todas as noites ia ter com a mulher e com ela comia e bebia.

Uma noite os filhos da viúva acordaram e descobriram o mau proceder da mãe. Disseram: "Nossa mãe não gosta mais de nós, vamos fugir!". Assim fizeram. No outro dia, fugiram para o mato onde cavaram um buraco para se esconderem. A mulher não chorou a fuga dos filhos.

Quando ela ia à roça deixava sempre a cuia de **manicue-ra**¹¹⁴ para Ñamá-kuru beber. Um dia, enquanto ela estava trabalhando na roça, os filhos entraram em casa e misturaram na cuia

¹¹³ Essa lenda foi narrada em outubro de 1940 por Vicente, índio Tukano de Pari-Cachoeira (rio Tiquiê), ao P. Giacone e publicada por este em Tukano e em Português (*op. cit.*:95-98). Giacone acrescenta (:95) que é uma lenda "dos Tucanos sobre o Cruzeiro do Sul". Ñamá é o nome tukano do veado, ungulado da família Cervídeos; ver variantes desta lenda neste volume pp. 199-203.

¹¹⁴ Suco de mandioca amarga (*Manihot esculenta* Cranz) que, pela fervura, perde a toxicidade do ácido cianídrico.

de **manicuera** um forte veneno de cipó¹¹⁵, e depois fugiram.

Ñamá-kuru veio, fumou primeiro um grande cigarro, depois bebeu a **manicuera** com veneno e morreu. A viúva queria sepultá-lo na terra, mas ele não quis e foi sepultar-se no firmamento. Seu sepulcro está no grupo de estrelas que rodeiam o Cruzeiro do Sul.

Como a viúva tinha coabitado com Ñamá-kuru, deu à luz um filho que (ela) costumava colocar sempre em um **aturá**¹¹⁶, amarrado debaixo do telhado. Quando (ela) ia tomar banho, os filhos entravam em casa para ver o irmãozinho. Como ia crescendo muito devagar, um dia, quando a mãe estava na roça, os filhos levaram o irmãozinho para o mato. Lá cortaram galhos de imbaúba, amarraram com eles os pés do pequeno, colocaram-no perto de uma planta de batatas. Ele comeu as folhas e cresceu muito depressa. Quando foram vê-lo, deu um pulo e fugiu: tinha virado veado.

Por isso a mulher indígena, quando está para dar à luz, não come carne de veado porque teme que o filhinho morra.

Wāxtĩ pescador¹¹⁷

Sobre uma grande pedra do rio Negro Wāxtĩ costumava pescar: cada vez que lançava o anzol na água, dizia: "**Talita pau**"¹¹⁸ e logo um peixe mordida, e Wāxtĩ com forte puxão, lançava-o à terra, atrás da pedra.

¹¹⁵ Nas duas versões da mesma lenda coletadas pelo P. Brüzzi diz-se que se trata do **timbó**, o veneno de pesca preparado com vários cipós *Lonchocarpus* sp. (N. do R.).

¹¹⁶ Ver nota 109.

¹¹⁷ Lenda narrada em dezembro de 1931 por João de Oliveira, caboclo do rio Negro e publicada em Tukano e Português pelo P. Giacone (*op. cit.*:99-101). Lenda narrada, outrossim, com insignificantes variantes por indígenas Tukano dos rios Uaupés e Tiquiê.

¹¹⁸ Ignoramos de qual língua é o significado das duas palavras.

Um grupo de rapazes, que o tinha observado de longe, comentava o fato, desejando ardentemente possuir o caniço e o anzol tão **marupiara**¹¹⁹. Então um moço muito valente disse: "Já sei como fazer, vou jogar Wãxtĩ no rio e roubo-lhe o caniço e o anzol!".

Os companheiros deram uma gargalhada e animaram-no a cumprir a prometida façanha. No dia marcado, o rapaz foi-se esconder ao lado da pedra, onde Wãxtĩ pescava. Na hora de costume chegou Wãxtĩ: ele preparou o caniço, o anzol, a isca e, sentando-se na pedra, lançou o anzol dizendo: "**Talita pau**". E logo pegou o primeiro peixe. O rapaz reparou que o anzol não era como os outros, mas em forma de X e a isca era um pedaço de osso. Devagarzinho mergulhou no mesmo ponto em que caía o anzol de Wãxtĩ e, logo que este bateu na água, agarrou-o com ambas as mãos e deu um puxão para baixo. Mas Wãxtĩ, dando um contragolpe mais forte, tirou o rapaz da água e o lançou pelos ares, caindo em terra, atrás da pedra. Com o corpo machucado e ferido o coitado começou a gemer. Wãxtĩ foi perto e, olhando bem para ele, disse: "Oh! Que bicho é este que eu peguei? Nunca vi um bicho assim no rio! Nem meu pai, nem meu avô me falaram de que havia um bicho assim no rio. E, todavia, ensinaram-me a conhecer todos os animais".

Examinou-o bem, apalpando-o por toda parte. Depois disse: "Será que este bicho tem carne boa para comer? Vou buscar o meu facão e cortarei um pedaço para ver".

E saiu. O rapaz levantou-se depressa, tirou o caniço e o anzol de Wãxtĩ, e entrou no rio para alcançar a margem oposta. Já estava na metade do rio quando chegou Wãxtĩ e, vendo que o rapaz lhe tinha roubado o caniço e o anzol, cheio de raiva gritou: "Venha o **puçá**¹²⁰ e pegue este bicho que me roubou o caniço

¹¹⁹ É a expressão muito corrente em todo o rio Negro para indicar uma pessoa feliz na caça ou na pesca; é um termo Nheengatu que, etimologicamente equivale a "que sabe onde".

¹²⁰ **Puçá** é um termo Nheengatu que designa a rede pequena com a qual se recolhem os peixes mortos ou estonteados pelo **timbó**.

marupiara!".

Veio o **puçá** e prendeu o rapaz, mas este o rasgou e fugiu. Wãxtĩ gritou: "Venha o **pari**¹²¹ e pegue esse bicho!". Veio o **pari**, mas o rapaz o rompeu e fugiu novamente. Wãxtĩ gritou pela terceira vez: "Venha o **cacuri**¹²² e encerre esse bicho!". Veio o **cacuri**, mas o rapaz saiu dele e fugiu. "Venha o cipó mais forte que há no mato e amarre este bicho danado, que me roubou o caniço **marupiara!"** gritou pela última vez Wãxtĩ, pois o rapaz estava quase alcançando a margem oposta.

Veio então o cipó e começou a enrolar o rapaz, o qual, vendo que não podia livrar-se, largou o caniço e o anzol e assim pôde fugir para a margem oposta.

Chamam a pedra onde Wãxtĩ se sentava para pescar de **õxtã Wãxtĩ wai wehẽgõ**, "pedra de Wãxtĩ pescador".

Como os Tuyuca viraram macacos¹²³

Os Tuyuka são índios que vivem no alto rio Tiquiê, perto da marca da fronteira Brasil-Colômbia. Conta a lenda que uma vez, muitos Tuyuka foram buscar frutas em um grande umirizal¹²⁴ e lá estava também Wãxtĩ. Os índios, ocupados em ajuntar muitas frutas, não perceberam que o dia ia acabando de modo que anoiteceu antes que pudessem sair do mato. Resignaram-se então

¹²¹ **Pari** é um termo Nheengatu que designa o gradeado com que costumam barrar a foz dos igarapés onde lançaram o **timbó** que mata ou entontece os peixes.

¹²² **Wairo** em Tukano. **Cacuri** é um termo Nheengatu que designa o cercado de varetas de paxiúba ou patawá preso a estacas altas e reforçadas.

¹²³ Lenda narrada em novembro de 1940 por Gabriel, índio Tukano de Pari-Cachoeira (rio Tiquiê) e publicada em Tukano e Português pelo P. Giaccone (*op. cit.*:103-104).

¹²⁴ O **umiri** é uma planta da família Humiriáceas (*Humíria floribunda* Quart.) que produz uma baga azulada de gosto agradável, coberta de um pó esbranquiçado e perfumoso.

a dormir lá mesmo.

Enquanto todos dormiam, Wãxtĩ ia pertinho de cada um deles e, soprando-lhes os olhos, cegava-os sem acordá-los. Um Tuyuka, porém, estava acordado e a este, Wãxtĩ nenhum mal fez.

De manhã, acordando, nada enxergavam. Então começaram a queixar-se de que a noite era comprida demais e nunca chegava o dia. O Tuyuka que não estava cego contou-lhes o que lhes tinha acontecido durante a noite e porque estavam todos cegos. Começaram a gritar e a chorar sua triste sorte, pedindo ao companheiro que os levasse para casa. O Tuyuka cortou um cipó e mandou que todos o agarrassem e seguissem em fila atrás dele. Assim fizeram. Durante a viagem, os pobres disseram: "Que dirão as nossas mulheres quando chegarmos em casa? Oh! Que grande vergonha passaremos! Certamente caçoarão de nós e todas darão grandes gargalhadas sobre a nossa sorte! Seria bom se puséssemos uns olhos postiços, porque assim, sem olhos, somos feios demais!"

Pediram ao companheiro que os levava que lhes procurasse uma semente que se parecesse como olho humano. O Tuyuka foi à procura da semente e entregou duas a cada um, para colocar nos olhos. Mas quando agarraram o cipó para continuar a viagem, aquele Tuyuka o cortou e fugiu, abandonando-os no mato. Então todos começaram a trepar nas árvores e a gritar: "Au! Au! Au!" e assim viraram macacos barrigudos¹²⁵.

Daquele único Tuyuka que se salvara, vêm os poucos índios que vivem na cabeceira do rio Tiquiê.

*Como os Maku viraram porcos do mato*¹²⁶

Andavam, uma vez, os índios Maku¹²⁷ pelo mato, à

¹²⁵ Símio do gênero *Lagothrix*.

¹²⁶ Lenda narrada em novembro de 1940 por Gabriel, índio Tukano, e publicada em Tukano e em Português pelo Giaccone (*op. cit.*: 109).

¹²⁷ Ver notas 107 e 108.

procura de frutas para comer¹²⁸. O pajé deles encontrou uma bacabeira bem carregada de frutas maduras, cujos cachos tocavam o chão. Cortou um só cacho e foi o suficiente para encher o **aturá**¹²⁹. Levou as frutas ao riacho, lavou-as bem¹³⁰ e depois as entregou aos outros Maku, que as comeram com grande alegria.

Como esse pajé, todos os dias, trazia um **aturá** cheio, perguntaram-lhe os outros onde encontrava tantas bacabas. O pajé mostrou-lhes a grande bacabeira e recomendou-lhes de lavar bem as frutas antes de comê-las. Contentíssimos, os Maku foram apanhar as frutas mas esqueceram-se de lavá-las, comendo-as como as apanhavam. Por isso, viraram porcos do mato¹³¹.

A anta perdeu a supremacia sobre os outros animais¹³²

Antigamente a anta¹³³ era o rei¹³⁴ dos animais. Seu grito era mais forte que o da onça¹³⁵ e quando berrava todos os animais tremiam e as árvores deixavam cair as folhas. Todas as frutas do mato lhe pertenciam e a sua morada era sobre uma montanha onde havia toda classe de frutas. Nenhum outro animal

¹²⁸ É costume geral de todas as tribos que o fazem com grande assiduidade, para não dizer que é praxe generalizada sempre que vão às suas roças.

¹²⁹ Ver nota 109.

¹³⁰ A bacaba (Oenocarpus bacaba Mart.) é uma fruta gordurenta, por isso o pajé a lavou.

¹³¹ Porcos do mato são mamíferos ungulados artiodáctilos da família Suídeos. O P. Giacone acrescenta: "Essa é a explicação que dão os índios para o fato de os porcos do mato andarem sempre em bandos. Antes seriam índios Maku que andavam em turmas..." (*op. cit.*: 109).

¹³² Essa lenda foi publicada pelo P. Giacone em Tukano e Português (*op. cit.*: 105-107).

¹³³ Tapirus terrestris.

¹³⁴ Ver nota 105.

¹³⁵ Felis onça.

se atrevia a subir aquela montanha, e a anta nunca de lá descia, nem para beber água no igarapé que corria junto, pois os netinhos (dela), quando ela tinha sede, levavam-lhe água servindo-se de umas folhas.

Um dia os netinhos, cansados de tantas viagens porque as folhas se rasgavam antes de chegarem perto da anta, pediram-lhe que descesse e fosse beber água no riacho. Aceitou a avó a proposta e desceu para beber. Como a água era muito fresca, limpa e boa, a anta não só bebeu, mas tomou banho e ficou brincando muito tempo na água.

Entretanto, todos os outros animais que estavam ao redor da montanha, aproveitando a ausência da anta, subiram e derrubaram com a maior presteza possível todas as árvores frutíferas e fugiram carregados de frutas. Quando a anta, cansada de tanto brincar na água, voltou à montanha e viu todas as árvores derrubadas, cheia de raiva, berrou com tanta força e violência que as árvores ao redor deixaram cair as folhas e os animais que estavam fugindo caíram no chão como mortos. A anta os perseguiu, berrando cada vez mais, até que os alcançou.

Os animais estavam todos em fila indiana e cada um carregava uma só qualidade de fruta. Chegando a anta perto do primeiro, lhe perguntou: "Que frutas levas tu?". "Levo **umiri**¹³⁶ - respondeu ele. " Passa para cá!". E o animal a entregou. Enquanto ela comia, o animal pediu emprestado o apito grande que ela levava. A anta aquiesceu. Assim fez com todos os animais: eles lhe entregavam a fruta e ela lhes emprestava o apito. O último animal foi o macaco guariba¹³⁷, o qual, mal recebeu o apito da anta, o trocou por outro quase igual, e depois trepou numa grande árvore.

¹³⁶ Ver nota 124.

¹³⁷ Macacos do Gênero *Alouatta* que, de ordinário, vivem em pequenos grupos sob a direção de um macaco mais velho que os nossos sertanejos denominam "capelão" ou "padre-mestre". Gostaria de acrescentar a esta definição do P. Brüzzi que, segundo Von Ihering, "o gênero caracteriza-se anatomicamente pelo grande desenvolvimento do osso hióide, que funciona como caixa de ressonância" e quando uivam "se ouve sua voz a mais de meia légua" (1968:166) (N. do R.).

A anta, antes de afastar-se, quis fazer silvar o seu apito para assustar os animais mas, em vez de dar um grande uivo como antes, só deu um pequeno assobio que arrancou uma sonora gargalhada de todos os animais. Por isso perdeu a supremacia sobre todos os animais, passando esta para o macaco guariba, o qual, quanto grita, faz estremecer a floresta¹³⁸.

Curupira¹³⁹

Curupira, palavra da Língua Geral, é a mãe do mato, o gênio maléfico que vive na floresta e que pode ser fatal aos que, por acaso, o encontrem. Dizem os indígenas que (ele) tem figura de homem, com dois metros de altura, muito peludo, um olho na frente e outro atrás, além da particularidade de ter os pés virados para trás e com mais um metro de comprimento. Dizem que vive na cabeceira dos igarapés, comendo caranguejo.

Se uma pessoa entra em um igarapé onde esteja o Curupira e o vento sopra para cima (isto é, para as cabeceiras), o Curupira, percebendo pelo cheiro que há gente, vai logo ao encontro dessa pessoa, pega-a, fura-lhe a cabeça e chupa-lhe o sangue. Se percebendo por algum barulho que no igarapé há Curupira, (e que) a gente tenta fugir, o Curupira urina por cima da mata e basta que uma gota de urina caia sobre a pessoa para matá-la imediatamente. Daí o medo pavoroso que todo índio tem do Curupira. Quando a gente viaja e faz comida à beira do rio, deve prestar muita atenção para que a panela em fervura não entorne, porque se isto acontecer, pode vir Curupira.

¹³⁸ Ver nota 137 *supra*.

¹³⁹ Essa lenda foi publicada em Português pelo P. Giaccone (*op. cit.*: 119-120). O Curupira, ou Boraró em Tukano, é uma personagem da credence popular como gênio tutelar da selva e dos seus animais, gênio que persegue com grande freqüência e pune os que devastam inútil e barbaramente a mata e os animais e é representado muitas vezes como um menino de cabelos vermelhos, o corpo inteiro peludo e os pés virados para trás, isto é, com o calcanhar para a frente, e privado dos órgãos sexuais. Ver também a descrição de Barbosa Rodrigues neste volume pp. 55-56.

No rio Tiquiê há um igarapé chamado Curupira. Dizem os índios que na cabeceira desse igarapé há uma grande casa de Curupira e que vivem lá muitos deles. Nesse igarapé ninguém tem coragem de entrar, e quem passa por perto da foz caminha o mais depressa possível.

Há velhos que dizem ter visto o Curupira e que só puderam fugir por que o vento soprava em sentido contrário, de modo que o Curupira não os viu (ou melhor, não percebeu). Dizem que (ele) estava na beira do igarapé com as mãos enterradas no barro buscando caranguejos. Mal o viram tiveram tanto medo que ficaram de corpo mole como um abacate podre.

Dizem que Curupira nunca vem à beira do rio grande, só aparecendo nos riachos. Explicam isto do modo seguinte: um pescador valente e destemido estava uma noite pescando à beira de um rio grande com seu **turi**¹⁴⁰ aceso, quando viu, mais acima, na mesma margem, o Curupira pescar. O pescador apagou o facho, escondeu a canoa e entrou na água, ficando-lhe só a cabeça de fora.

O Curupira vinha baixando e iluminando a beira do rio para procurar peixes. Quando chegou perto do pescador alumiou-lhe a cabeça e gritou logo: "Oh! Que bicho é esse?". "**Wexkô paxkô!**" ("Mãe-da-anta!"), respondeu o pescador. O Curupira, assustadíssimo, fugiu mata adentro, gritando **Wexkô paxkô, wexkô paxkô!**. "Mãe-da-anta", "Mãe-da-anta!".

¹⁴⁰ **Turi** é o nome de uma árvore de madeira leve e resinosa, da qual se separam lascas que os antigos usavam como fachos para clarear as **malocas**.

LENDAS COLETADAS PELO PROF^o AGRÔNOMO THEOTÔNIO FERREIRA¹⁴¹, SDB

Patrona de Macaco

Nas margens dos rios existe uma fruta denominada "Patrona de macaco"¹⁴² que, quando amadurece, cai. Como é muito apetecida pelos peixes, estes comem todas as que encontram dentro da água. Logo que chega ao estômago, dizem os índios, a fruta cresce e o estômago aumenta de tal forma que chega a sair pela boca do peixe. Assim, com o estômago fora da boca por algum tempo, os peixes ficam impossibilitados de comer. Por isso, enquanto o estômago não volta para dentro, os peixes não podem morder o anzol. Essa é a causa, dizem, pela qual em certas épocas se torna impraticável a pesca com anzol.

¹⁴¹ Natural do Estado de São Paulo, entrou ainda jovem para a Congregação Salesiana e logo após seu curso de agronomia na então Escola Agrícola anexa ao Liceu Salesiano de Campinas, desejou ser missionário e veio para o rio Negro trabalhando primeiro na Escola Agrícola de São Gabriel da Cachoeira e, por mais meio século, nos vários Centros missionários da região. Numa compilação do P. Giacone (*op. cit.*:117-118) encontramos 4 lendas que o Prof^o Theotônio colheu dos caboclos do rio Negro. Desconhecemos os nomes dos narradores dessas lendas, mas é provável que também tais lendas revelem conhecimentos ou crenças e tradições indígenas, e em qualquer hipótese pode ser útil seu conhecimento. Vale também como homenagem nossa a tão benemérito salesiano que desde a mocidade emprega seus talentos como professor e educador salesiano em benefício das tribos Uaupesinas, cujas lendas constituem importante material deste nosso volume. Apesar de sua avançada idade de 88 anos, o Prof^o Theotônio Ferreira continua ativo e forte no seu trabalho missionário, atualmente entre os índios Yanomami da Missão Salesiana de Maturacá.

¹⁴² Planta não identificada.

A Piranha¹⁴³

A causa da abundância de piranhas, em certos trechos dos rios, é assim explicada pelos indígenas: há no céu um grupo de estrelas com forma de peixe: é a (constelação dita) Piranha. De vez em quando, ela cai nos rios e, no lugar onde caiu, costuma pôr muitos ovos. Pouco tempo depois, todo o lugar onde a piranha pôs os ovos, fica repleto de piranhas.

Lenda sobre as estrelas "Três Marias"

Segundo a lenda indígena, **Ararapari-Paia** é o nome que dão ao grupo de três estrelas, que vulgarmente chamamos de "Três Marias". Perto dessas estrelas há um aglomerado de estrelas a que dão o nome de **Ceuci-Raíra** (filho)¹⁴⁴.

Do lado oposto ao **Ararapari-Paia** há um outro aglomerado maior de estrelas chamadas **Ceuci-Paia** (pai). Perto de **Ceuci-Paia** há um outro grupo menor de três estrelas chamado **Ararapari-Raíra**. A história de **Ararapari-Paia** e **Raíra** (pai e filho) bem como de **Ceuci-Paia** e **Raíra** (pai e filho) é a seguinte:

Certa vez, **Ararapari-Paia** (pai) passou perto de **Ceuci-Paia** sem que este o percebesse e lhe roubou o filho, **Ceuci-Raíra**. Quando **Ceuci-Paia** deu pela falta de seu filho e soube que este fora roubado pelo **Ararapari-Paia**, zangou-se muito e jurou vingar-se.

Noutra ocasião, **Ceuci-Paia** encontrou **Ararapari-Raíra** e o raptou, levando-o consigo. Desde então, ficaram inimigos e nunca se restituíram os respectivos filhos. Por isso é que, onde está **Ararapari-Paia** está **Ceuci-Raíra**, ao mesmo tempo que **Ceuci-Paia** conserva sempre **Ararapari-Raíra** junto de si, tendo-o roubado a **Ararapari-Paia** por vingança.

¹⁴³ Denominam-se piranhas vários peixes fluviais da família Caracídeos, dos gêneros *Pygocentrus* e *Serrassalmus*, temíveis pela sua veracidade.

¹⁴⁴ **Ciuci** ou **Seucy**. Ver lenda de Jurupari neste volume. **Raíra**, em língua Nheengatu, é o termo que designa o filho ou a filha com relação ao pai.

O Buiauaçu¹⁴⁵

Dizem os indígenas que no céu há uma Cobra-Grande¹⁴⁶, formada por diversas estrelas, a qual denominam **Buiauaçu**.

Em certa época do ano, quando caem as maiores chuvas¹⁴⁷ cai também o **Buiauaçu**¹⁴⁸ que procura o leito dos rios, subindo-lhes até as cabeceiras¹⁴⁹. Devido ao grande volume do seu corpo, o rio enche até transbordar. Nessa passagem pelos leitos dos rios, o **Buiauaçu** vai engolindo os peixes que encontra e, quando volta, vomita-os todos. Essa é a causa da falta de peixe por ocasião das grandes enchentes ou do **Buiauaçu**¹⁵⁰.

¹⁴⁵ **Buiauaçu** (ou **Mboiasu**) é termo de Língua Geral e significa Cobra-Grande. O nosso planeta, que denominamos Terra, executa dois movimentos: o primeiro é o de rotação sobre o seu eixo e, portanto durante algumas horas, parte da sua superfície goza da iluminação do sol, são as horas do dia, que se alternam com as da noite, quando a face oposta passa a ser iluminada. O segundo movimento é o de translação por extensa área que só consegue percorrer em 365 dias e 6 horas, espaço que dá origem ao que se convencionou chamar ano: e com esse deslocamento perdemos de vista tantas estrelas e, em compensação, conseguimos ver outras estrelas e constelações, isto é, agrupamentos de estrelas, mas só os abalizados astrônomos conseguem avaliar aproximadamente as dimensões e as grandes distâncias da nossa Terra nas quais se acham as estrelas e as constelações, por isso é que nos parecem pequenas, embora sejam muitíssimo maiores que o nosso Planeta. Planeta se denomina Terra e outros mundos ou corpos do espaço que não têm luz própria, mas gozam por algumas horas da iluminação solar.

¹⁴⁶ A fantasia humana pode sugerir àquela tão distante série de estrelas a figura de uma cobra que bem merece ser denominada de Cobra-Grande.

¹⁴⁷ E já perdemos de vista o **Buiauaçu**.

¹⁴⁸ A Cobra-Grande do céu.

¹⁴⁹ Como fazem as nossas maiores sucuris e outros ofídios aquáticos.

¹⁵⁰ Releve-se este raciocínio da inteligência indígena que observa fatos e fenômenos à procura das suas causas e efeitos.

LENDAS COLETADAS PELO PROF^o ETTORE BIOCCA¹⁵¹

¹⁵¹ Desde longa data o professor Biocca vem-se demonstrando amigo e admirador das Missões Salesianas do rio Negro. Em 1944, teve ele a primeira oportunidade de, nas pequenas lanchas de então, subir todo o rio Negro e em seguida os rios Uaupés e Tiquié, e pelas canoas indígenas, alcançar também os igarapés e visitar várias tribos do Uaupés e afluentes, inclusive as afastadas **malocas** ou barracas da tribo Maku. As nossas relações pessoais com o Prof^o Biocca, de cujas publicações haurimos as lendas que aqui se lerão a seguir, remontam aos longes de 1949. Em nossa permanência entre as tribos do Uaupés, com a finalidade de recolher elementos para um estudo antropológico e sociológico das mesmas, durante o ano de 1947, ouvimos as mais elogiosas referências ao atual Diretor do Instituto de Parasitologia de Roma (1982). Ao regressarmos a São Paulo em 1949, fomos procurá-lo e ficamos cativado pela recepção amigável que nos fez, sabendo que éramos Salesianos e que fôramos até as Missões do rio Negro por motivo de estudos. Não só nos falou com grande cordialidade das suas viagens e do resultado animador dos seus estudos, mas também resumiu-nos as conclusões a que chegara. Graças a esse seu relatório, pudemos em nosso volume **A Civilização Indígena do Uaupés** (1977) dar uma informação concisa, porém exata, sobre o curare. E completando sua gentileza mimoseou-nos com algumas fotografias que tirara na sua primeira excursão às nossas selvas, entre as quais a foto dos índios Maku preparando seu veneno para as flechas, com a qual pudemos enriquecer a documentação fotográfica do volume supracitado. A Divina Providência deu-nos o ensejo de ler a relação dos resultados científicos da comissão Biocca e não duvidamos em pedir sua autorização para traduzirmos do Italiano para o Português, aqueles capítulos ou assuntos que se enquadravam dentro do nosso programa. O ilustre Prof^o da Universidade de Roma no-lo concedeu prazerosamente. Vão aqui, com estas palavras de esclarecimento, os nossos agradecimentos por esta colaboração para os trabalhos que D. Massa nos pedira.

Miromaki¹⁵²

Há muitos anos na Grande Casa da Água da Terra do Sol saiu um menino que sabia cantar tão maravilhosamente, que muita gente, quer da vizinhança quer de longe, se reunia para vê-lo e ouvi-lo. Chamava-se Miromaki¹⁵³. Mas quantos do povo que o ouviram cantar, regressavam às suas habitações e comeram peixe, caíram todos mortos. Então seus parentes se apoderaram de Miromaki, nessa época já um juvenzinho e o queimaram sobre uma grande fogueira, porque fora mau e lhes matara os irmãos (da tribo). O jovem, no entanto, continuou a cantar maravilhosamente até a sua morte e, quando as chamas já lhe lambiam o corpo ele cantou: "Agora eu morro, meu filho¹⁵⁴, agora eu deixo este mundo". E quando todo o seu corpo foi envolvido pelo fogo ele cantou em tom ainda mais forte: "Agora se destrói o meu corpo, agora estou morto". E o seu corpo foi destruído, ele morreu queimado pelas chamas, mas sua alma subiu ao céu.

Das cinzas, no mesmo dia, brotou uma folha verde, que foi crescendo rapidamente, transformou-se em uma planta cada vez maior, e no dia seguinte já era uma árvore de paxiúba¹⁵⁵ que não existia na véspera. Da sua madeira os homens prepararam grandes flautas que reproduziam maravilhosamente as melodias que Miromaki cantara. Os homens ainda as fazem soar em nossos dias,

¹⁵² Lenda recolhida pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg em 1909-1910 entre os Makuna (da família lingüística Tukano oriental) do rio Apaporis (Colômbia) e publicada por Biocca (1965:229-230). Ver outras versões desta lenda na nota 64.

¹⁵³ Nome provavelmente da língua dos Makuna.

¹⁵⁴ Quem?

¹⁵⁵ Paxiúba são palmeiras encontradas na Amazônia, dos banhados como da terra firme, denominadas popularmente castiçal e cujo nome científico é Uriartea exorrhiza.

quando amadurecem as frutas do mato¹⁵⁶ e dançam em honra de Miromaki, que criou todas as frutas. As mulheres, porém, e as crianças, não podem ver tais flautas. Se as vissem, as mulheres morreriam imediatamente, e as crianças comeriam terra, vindo a adoecer e a morrer. Depois das danças, os homens só se podem alimentar quando o pajé lhes houver dado uma pimenta¹⁵⁷ grande assada. Assim mesmo durante dois dias e meio só podem comer **beiju**, **manicuera**¹⁵⁸ com pimenta (**tucupí**) e termitas. E só mais tarde poderão tomar qualquer espécie de alimento.

Uma vez por ano, por ocasião das solenes Festas de Jurupari, para as quais se reúne muita gente, os participantes (homens e moços) flagelam-se reciprocamente¹⁵⁹, mesmo até correr sangue e, depois, as feridas são esfregadas com pimenta e ardem terrivelmente por uns três dias.

¹⁵⁶ S. Hugh-Jones (1979:41-68), que analisou os rituais de Jurupari entre os índios Barasana da Colômbia mostrou a sua estreita ligação com a maturação das frutas silvestres ou cultivadas (N. do R.).

¹⁵⁷ Capsicum frutescens Willd. Todas as festas e rituais entre os índios Tukano prescrevem uma série de restrições e proibições de atividades e alimentares. Estas proibições são suspensas pela cerimônia do "xamanismo de descontaminação dos alimentos" ou "xamanismo da pimenta", na qual o pajé recitará uma encantação sobre um pedaço de pimenta dando o nome e as características das substâncias a serem descontaminadas (peixe, carne etc.). O "xamanismo da pimenta" inaugura a retomada alimentar e os alimentos são reintroduzidos progressivamente na alimentação. Sobre isso ver Langdon, 1975 e Buchillet, 1983 e 1988 (N. do R.).

¹⁵⁸ Ver nota 114.

¹⁵⁹ S. Hugh-Jones mostrou o significado da flagelação durante os rituais de Jurupari que têm quatro propósitos: "evitar a preguiça (os jovens tendo visto os instrumentos de **Jurupari** são considerados como naturalmente preguiçosos e fracos); propiciar a "troca de pele" dos iniciados; encorajar seu crescimento e tornar os jovens valentes, ferozes e agressivos" (1979:207) (N. do R.).

Existia outrora um ser misterioso que causava a ruína das mulheres. A qualquer uma que o visse ou encontrasse, a tornava doente e impura.

Reunindo-se, os homens decidiram capturar Wāxtĩ vivo para matá-lo depois. Com grandes troncos prepararam uma armadilha e nela caiu Wāxtĩ. Tinha forma humana, era, porém, horroroso e com o corpo cheio de buracos e vento passava por esses orifícios produzindo um som profundo e lúgubre.

Wāxtĩ foi queimado vivo e nesse local nasceram subitamente três palmeiras de paxiúba¹⁶¹ para as quais passou o espírito de Wāxtĩ. Desde aquele tempo com essas palmeiras são preparados os instrumentos (musicais) ditos de Wāxtĩ e possuem o espírito desse ser misterioso. O som que eles produzem é igual ao som que o vento produzia ao passar pelos orifícios do corpo de Wāxtĩ. As mulheres que virem esses instrumentos tornam-se impuras e doentes (emprenhadas) como quando vivia Wāxtĩ e devem ser eliminadas (isto é, mortas). Dessa maneira são punidas as três maiores culpas das mulheres: a loquacidade, a curiosidade e a (...) ¹⁶².

¹⁶⁰ Narrada ao Prof^o Ettore Biocca em 1944 pelo Bispo Missionário Salesiano Dom José Domitrovitsch, falecido em 1962 como Bispo de Humaitá e publicada em Biocca (*op. cit.*:230-231).

¹⁶¹ Ver nota 155.

¹⁶² O P. Brüzzi acrescenta no manuscrito que D. José Domitrovitsch, ao narrar essa lenda, não se lembrou da terceira e grande culpa das mulheres. De acordo com as outras versões da lenda de Jurupari apresentadas neste volume parece-nos que se trata da concupiscência. Ver também Costa (1909:54) (N. do R.).

Os Trovões e Jurupari¹⁶³

*A Virgem cria os Trovões*¹⁶⁴

¹⁶³ Lenda narrada em 1963 em Língua Tukano ao Prof^º Ettore Biocca pelo conceituado e veterano xamã Tariana de Iauaretê, Ponciano Mendes, residindo presentemente no rio Inixi, afluente do rio Negro, nas proximidades de Santa Isabel, traduzida ao Português pelo seu filho, Graciliano Mendes e publicada por Biocca (*op. cit.* 269-281). Plenamente convicto estou da fidelidade do Prof^º Biocca na tradução italiana de quanto ouvira dos seus informantes indígenas. Torna-se, por conseguinte, desnecessário pedir, para uso nosso, a transcrição na fita magnética dos originais que foram entregues "al Consiglio Nazionale delle Ricerche" de Roma. É evidente que a tradução portuguesa que apresentamos a seguir, tradução fidelíssima do texto italiano podemos assegurar, não reproduzirá materialmente as palavras do narrador Graciliano Mendes. A única dúvida que pode pairar é sobre a capacidade intelectual do intérprete Graciliano de apreender bem o pensamento de seu pai que expunha estas lendas em Tukano (o idioma de que atualmente se servem todos os Tariana que habitam no Uaupés) e de vertê-lo com exatidão para o Português que foi gravado pelo Prof^º Biocca. Os que confrontaram as várias lendas que arquivamos neste volume verificarão imediatamente não só a fidelidade dos relatos, mas outrossim, a capacidade intelectual dos relatores. Escapa, evidentemente, da nossa finalidade, fazer uma crítica do relato de Graciliano como também de outros contistas, embora assinalamos deficiências e contradições na exposição dele. Podemos pensar que o velho pajé Ponciano, desconhecendo o Português, não se desse conta das inexatidões que dizia o seu filho, sob color de traduzir em Português suas palavras e pensamentos expostos em língua Tukano. Desde a exposição da primeira lenda verifica-se a incapacidade do intérprete que, ao finalizar a sua tarefa de tradutor do velho pajé seu pai, confessa sua impossibilidade de seguir a profissão de pajelança, como o fizera seu pai. Infelizmente, já na primeira e tão importante lenda de Koadidop o intérprete mostra sua limitação, desdobrando a existência das personagens (por exemplo dos Trovões) e desconhecendo os seus nomes. O título *supra* é a tradução do nome de duas importantes personagens masculinas mitológicas ou lendárias das tribos do Uaupés, as quais no idioma Tukano, se denominam respectivamente Bũxpó ou Bõxpó (lit. "Trovão") e Wãxtĩ. Este segundo tem sido muitas vezes, também por narradores indígenas, identificado como o Jurupari da língua Tupi e do Nheengatu. Em língua Arwake, a cuja família lingüística pertence o idioma Tariana, a primeira personagem se chama Enu e a segunda Koái (ou Koé).

¹⁶⁴ Os subtítulos são todos eles traduzidos literalmente do original italiano.

Dizem que quando não existia a Terra, uma menina, jovem e virgem, vivia sozinha no espaço vazio. O seu nome em língua Tariana era Koadidop, a "Avó dos dias".¹⁶⁵

Ela (Koadidop) disse: "Eu vivo sozinha no mundo. Quero Terra e Gente". Procurou tabaco e fumo. Tirou dois ossos grandes (provavelmente o fêmur) das pernas direita e esquerda para servirem de cigarreira. Do próprio corpo tirou o fumo e preparou um grande cigarro e do próprio seio espremeu o leite sobre o cigarro que foi colocado no seu suporte como os charutos rituais das festas indígenas que se vêem ainda nos dias atuais¹⁶⁶. So-

¹⁶⁵ Com estas palavras é que o intérprete Graciliano Mendes inicia o seu relato, afirmando que ela era menina e virgem; é uma suposição de Graciliano, pois não se ouve de outros contistas indígenas e, ao declará-la "menina", discorda dos demais narradores que a denominam em Tukano Yepá Bükökö (lit. "a velha avó") e muitas vezes dizem-na simplesmente Bükökö, isto é, "a velha Yepá". Graciliano está também em desacordo consigo mesmo pois diz "seu nome em língua Tariana é Koadidop" que significa "a avó dos dias". Outro Tariana, prestando esclarecimentos à nossa colaboradora Irmã Olga Tenório sobre palavras da língua Tariana, que bem poucos conhecem nos dias atuais, informou que Koadidop equivale a "mulher". É provável também que Graciliano, o qual pertence já à terceira geração de indígenas cristãos, e estudou nas Escolas Salesianas, saiba o significado da palavra "virgem" mas, como alhures fizemos notar, nem em Tariana, nem em Tukano, nem nas demais línguas indígenas do Uaupés, existe a palavra "virgem". É, portanto, inexata a sua informação. Fizemos notar alhures que os missionários Montfortianos, da área fronteira colombiana, devido à inexistência da idéia e do termo "virgem" nas línguas destas várias tribos, introduziram na sua Catequese a palavra latina *virgo*. Devemos naturalmente em toda essa lenda nos basear no relato do intérprete Graciliano, do qual faremos uma tradução rigorosamente literal, embora seja evidente a sua imperfeição, fato nada estranho se nós nos recordamos do baixo QI (*intellectual quotient*) de todos estes indígenas. Ocorre-nos ademais informar aqui aos nossos leitores de um caso verificado em Pari-Cachoeira em que os dois ou três ouvintes salesianos que entendiam bem o idioma Tukano gravado na fita magnética verificaram que o intérprete indígena falseava o pensamento do pajé narrador, introduzindo idéias próprias. Abster-nos-emos de outras críticas a Graciliano. Em geral os contadores indígenas partem da existência da Terra e do firmamento, ou cúpula azul que a recobre, para falar da criação das personagens lendárias: Bükpó, O'ã-kô e outras.

¹⁶⁶ Os velhos antigamente usavam porta-cigarros em forma de forquilha, para fumar cigarros rituais que tinham até 30cm de comprimento (N. do R.).

prou¹⁶⁷ sobre o cigarro porque queria fazer nascer gente. Ela criou também o **ipadu**¹⁶⁸. Ingeriu o **ipadu** e fumou o cigarro.

Aquela fumaça produziu um trovão e uma claridade¹⁶⁹ e apareceu a figura de um homem que desapareceu imediatamente. Soprou novamente. Vieram trovão e raio que logo desapareceram. Na terceira vez quando ela soprou, a fumaça se transformou em um corpo humano. "Este é Trovão" - disse ela. "Tu és o filho de Trovão e Trovão também tu és, meu neto. Eu te criei e dar-te-ei todo poder. Poderás fazer no mundo tudo o que quiseses". Esse Trovão chamava-se Enu¹⁷⁰.

Os dois viviam isolados. Disse-lhe ela: "Eu te fiz homem. Como homem tudo poderás fazer, o bem e o mal. Eu sou mulher. Ordeno-te que cries companheiros (teus) para juntos viverem bem. Também criarei companheiras para mim".

Trovão fez como ela lhe havia dito. Preparou um cigarro, tirou uma fumaça. E da fumaça saiu uma figura de homem: "És o meu irmão, o meu filho. Somos irmãos, temos o mesmo nome: - Trovão, filho de Trovão saído do sangue do Trovão".

Trovão tirou nova fumaça e a fumaça formou uma espécie de nuvem com trovão e relâmpago, subindo e descendo. Fez uma nova fumaça. Na terceira vez, o relâmpago desceu bem baixo e deu origem à terceira forma de homem.

Disse, então ele (o primeiro Trovão): "Vós sois meus irmãos, sois o sangue do meu sangue, vós saístes do meu ser. O teu nome (disse ao segundo Trovão) será 'Trovão que guia o dia', 'filho dos dias', isto é, Enu Koana". E dirigindo-se ao terceiro "o teu nome será Enu Pokurano".

O primeiro criou ainda um terceiro Trovão que se

¹⁶⁷ Por "soprar" talvez deva-se entender aqui o rito mágico denominado sopro usado com frequência pelos pajés ou a simples expiração ou expulsão da fumaça pelo fumante?

¹⁶⁸ Ver nota 88.

¹⁶⁹ Seria um relâmpago?

¹⁷⁰ Ver nota 163.

chamou "Trovão que faz nascer a fome".

Os (quatro) Trovões disseram à Virgem (Koadidop): "Nossa mãe, nossa tia, nosso sangue, nós faremos tudo o que quiseres".

Respondeu-lhes a Virgem: "Vós sois homens; não posso estar convosco; agora criarei mulheres. Eu devo ter mulheres ao meu lado". Habitavam (todos) eles nas alturas do céu.

A Virgem cria outras mulheres - A Puberdade

Koadidop agiu do mesmo modo como criou Trovão. Preparou um grande cigarro, (bem como) o porta-cigarro com os ossos¹⁷¹, espremeu o leite no cigarro e soprou a fumaça. Aquela fumaça saiu, depois voltou e apareceu uma mulher. "O teu nome será Kaisaro"¹⁷². Fez novamente aparecer uma segunda mulher a qual denominou Paramano.

Existiam portanto os quatro Trovões e as três Mulheres: Koadidop e as duas por esta criadas. Os Trovões viviam só de tabaco e ipadu. Habitavam todos em uma grande **maloca** de pedra lá no céu¹⁷³.

Quando as donzelas estavam para adoecer¹⁷⁴, a Virgem

¹⁷¹ Provavelmente os ossos usados para a criação de Trovão.

¹⁷² Yaparió em Tukano.

¹⁷³ Releve-se bem esta informação de Graciliano: "**maloca** de pedra lá nas alturas do céu", aliás a Terra não fora ainda criada. As **malocas** são as antigas casas coletivas.

¹⁷⁴ Isto é, sofrer o catamênio ou menstruo. É costume geral entre as tribos do Uaupés que a donzela, por ocasião da primeira menstruação, seja isolada dos demais; se necessário, preparam-lhe adrede um cubículo onde passa a residir e aí possa receber as instruções do Pajé e submeter-se a práticas especiais tais como corte do cabelo, pintura do rosto e do corpo com tinta preta, coito de iniciação etc (ver Brüzzi, 1977:385-391). Faltam-nos dados para deduzir as idades destas diversas personagens, a própria lenda informa que as donzelas, tanto a Criadora Suprema, Koadidop, como as outras estavam no seu catamênio. E os Trovões, tanto o primeiro criado por Koadidop como os outros três criados pelo primeiro

que as criou manteve-se isolada para mostrar o que devia ser feito. Os Trovões não sabiam o que fazer. Passavam o dia pensando que coisa se devia fazer. Um deles indagou: "Como devemos fazer?". O mais jovem exclamou: "Vós, meus velhos irmãos, sois tão velhos que nem sabeis pensar? Ela mesma (Koadidop), como nos criou a nós, assim também deve ensinar-nos as coisas".

O Trovão mais jovem foi ver a Virgem, que estava no seu período (menstrual) e perguntou-lhe: "Como devemos agir contigo?". "Sim, meu neto, tu és o último (dos seres criados), todos os últimos de qualquer geração serão os mais atilados, os mais hábeis¹⁷⁵. Estes teus irmãos nem sequer souberam pensar".

Ela (Koadidop) ensinou então a preparar o **pari**¹⁷⁶ e a pintar (o rosto e o corpo) com **urucu**¹⁷⁷ e com carvão. Disse ela (então): "Eu tenho **pari**, tenho tabaco, tenho **genipapo** para pintar-me e tenho **carajuru**¹⁷⁸". E para preparar todas essas coisas ela

estariam todos na puberdade ou foram criados com desenvolvimento corpóreo correspondente à idade mais avançada?

¹⁷⁵ O P. Brüzzi acha esta "afirmação estranha nos lábios do Ente criador supremo". De fato, na mitologia dos índios do alto rio Negro, os caçulas de família são sempre retratados como mais espertos, inteligentes, dotados de imaginação e de uma certa capacidade visionária (inclusive as mulheres) mais do que os primogênitos (N. do R.).

¹⁷⁶ O P. Brüzzi acrescentou a nota seguinte: "**Pari** é o recinto. Cumpre aqui relevar um equívoco de Graciliano; **pari** é um termo Nheengatu que se ouve com frequência no Uaupés, correspondente ao **sütérikha** ou **imisawö** da língua Tukano e indica o amplo cercado para a pescaria, colocado geralmente na foz dos igarapés. **Pari** não é a barraca ou cubículo para isolamento de uma jovem na sua primeira menstruação". De fato, discordamos dessa afirmação do autor: O **imisawö** serve tanto para designar o cercado para a pescaria, quanto o cercado de proteção da família nuclear na ocasião do nascimento de uma criança, ou ainda da mulher menstruada (N. do R.).

¹⁷⁷ Substância colorante vermelha extraída do urucuzeiro ou Bixa orellana L. (família Bixaceae).

¹⁷⁸ Respectivamente, Genipa brasiliensis L. (família Rubiáceae) e Arrabidaea chica Verlot; o **carajuru** é uma tinta vermelha escura que os índios usam para a pintura do rosto para se protegerem do calor do sol.

espremeu leite¹⁷⁹ do próprio seio. "Tudo isso te disse eu, porque é o mais inteligente e jeitoso. Vai ter com teus irmãos e ensina-lhes isto".

Ele circundou (com o **pari**) a Virgem para fazer-lhe exorcismo e aplicar-lhe os sopros. Os quatro (Trovões) tiraram a casca da árvore **paiúma**¹⁸⁰. Pintaram a jovem e sobre ela sopraram e a exorcizaram como ela lhes havia ensinado. E depois de cinco dias deram banho na Virgem.

A Virgem cria a Terra

Quando Koadidop saiu do banho foi visitar as outras donzelas e perguntou-lhes: "Vós estais bem?". "Temos fome, queremos comer e não temos nada" - responderam elas. "Atendei que a vossa vida será diversa. Vós não sois como estes Trovões, que apenas fumam cigarro e tomam **ipadu**. Vós deveis trabalhar. Eu (para isso) vos darei a Terra". E assim ficou estabelecido que as criaturas devem trabalhar para comer.

Koadidop tomou uma corda e enrolou-a em volta da (própria) cabeça. Depôs a corda e dividiu-a ao meio e espremeu o próprio seio. O seu leite caiu naquele círculo e formou a Terra. No dia seguinte naquela terra se formara um grande campo. Deu, então, a terra às mulheres para que a trabalhassem e disse: "Com esta terra podereis viver".

¹⁷⁹ É uma oportunidade para recordar que o leite, no seio da mulher, não é a consequência da menstruação, mas da maternidade, e até conhecem-se casos em que o recém-nascido manifesta fome e ainda não apareceu o leite no peito materno. Aqui o narrador não só já supõe o leite no início da puberdade, mas até algum tempo antes a menina Koadidop extrai o leite do próprio seio para o seu primeiro ato criador, isto é, para a formação do primeiro Trovão.

¹⁸⁰ "Raspa-se esta casca para, com tais raspas, lavar a donzela que entrou na puberdade. Stradelli (1929) cita inúmeras árvores da região amazônica, não porém **paiúma**. Encontramos citada a árvore **paiurá** ou **pajurá** (:585), sem especificar, porém, sua utilidade e emprego". De fato, segundo o Novo Dicionário Aurélio 1972 (:1018) **pajurá** é uma árvore da família Rosáceae (*Couepia bracteosa*) comum na floresta densa e úmida (N. do R.).

Ela (Koadidop) desceu então sobre a Terra próximo da cachoeira de Uapui no rio Aiari. Também desceram com ela as mulheres. Os Trovões continuaram suspensos no ar e apenas faziam trovejar.

As Virgens engravidadas pelos Trovões

As duas mulheres disseram: "Estamos cansadas de viver assim¹⁸¹. Devemos procurar alguma coisa que alegre o nosso coração. Sabemos que daremos origem a muita gente".

Por sua vez os Trovões disseram: "Somos quatro, devemos fazer aparecer um outro mais". Sopraram, fizeram os sopros sobre o **ipadu**. Havia ainda uma pelota de abio, suco de cucura e suco de **cumã**¹⁸². Queriam experimentar se, após ingerir aquelas coisas, lhes nascesse uma pessoa. Embora fossem eles homens procuraram ficar "grávidos". Cresceram-lhes, porém, os músculos das coxas e dos braços, com resultado deformante.

As mulheres os viram e disseram: "Estes velhos¹⁸³ pajés estão loucos! Reparem como fizeram crescer uma barriga nas pernas e nos braços!". Disseram então os Trovões: "Vejam como zombam de nós aquelas jovens. Façamos sobre elas esse trabalho, tornar-se grávidas é próprio delas, não de nós!".

Os Trovões então desceram sobre a Terra, convidaram as jovens e, para atraí-las, espalharam perfume. Elas foram ao rio para tomar banho. "Vamos ver o que os Trovões vão fazer", disseram entre si em voz baixa. Havia um enorme cigarro com agradável cheiro de fumo, uma bela bola de abio e também **ipadu**. "Estes velhos Trovões estão preparando alguma coisa e ninguém sabe o que seja". Eram três os Trovões porque o primeiro (o que

¹⁸¹ Isto é, isoladas e trabalhando na sua roça.

¹⁸² Respectivamente, *Pouteria caimito* L. (família Sapotaceae) e *Pourouma cecropiaefolia* Mart. (família Moraceae). **Cumã** (*dikōxká-ga*, em Tukano) é fruta da seringueira (*Hevea brasiliensis*).

¹⁸³ Por que as mulheres chamaram os Trovões de velhos? Acaso assim se apresentavam eles a elas?

aparecera) manteve-se a parte.

Uma das mulheres tomou o abio, lambeu-o, depois o comeu e fumou (também). A outra tomou o **ipadu**. Quando a primeira tomou o abio e o chupou, disse a outra: "Coma-o também, é gostoso". Abriu aquela bola de abio, lá dentro havia um neném. A outra disse: "Aí dentro há uma coisa, eu não como". Ficaram tristes. Era como se tivessem tido relações com um homem; começaram a sentir-se transformadas. "Vamos embora, os Trovões estão chegando!" disseram elas e fugiram.

Quando os Trovões chegaram, verificaram que as coisas não estavam como eles as deixaram. "Vê-se que estas duas mulheres vieram aqui. Prestemos atenção!". E os Trovões vigiaram as duas mulheres.

Depois de algum tempo elas já estavam grávidas com o ventre enrubescido. Disseram então: "Aonde irão elas para o parto?". Aproximava-se o tempo do parto e elas sofriam muito, contorcendo-se de dor. Essas duas Virgens não tinham o corpo como o das mulheres atuais. Seu corpo tinha apenas um pequeno orifício para verter água¹⁸⁴, não havia aquele para dar à luz.

Nascimento de Jurupari

A primeira mulher ia se contorcendo nas vizinhanças daquela corrente que se chama "igarapé das dores"¹⁸⁵ até chegar acima de Iauaretê. Encontrou algumas mulheres¹⁸⁶ e disse: "Minhas avós, tendes cuidado de mim, porque eu estou para perder

¹⁸⁴ Isto é, urinar.

¹⁸⁵ Além dos inúmeros desenhos dos itacoatiaras que se vêem ao longo dos rios nessa área da Amazônia, e que se incorporam às lendas e mitologia das diferentes tribos, também simples elementos potamográficos, rios, igarapés, braços de rio, canais, margens, rochas com suas depressões, fendas ou pontas e, de modo geral, se pode dizer que os mínimos acidentes da topografia desta área ocupada por tão numerosas tribos entram no seu lendário e são citados como testemunhas dos seus heróis tribais ou mesmo foram originários de uma sua proeza.

¹⁸⁶ Não se sabe como, mas já havia mulheres nessa zona.

os sentidos (desmaiar). Os Trovões estão se aproximando. Não deixeis eles tomar o meu neném". Depois desmaiou. Ainda hoje se vê o lugar onde a primeira mulher criada e gestante, antes de dar à luz a Jurupari, apoiou as suas nádegas, seus flancos e as partes genitais. Não se deve, porém, olhar (para estas marcas). Quem olhar terá muitos inimigos e facilmente ficará cego. Só as pessoas muito idosas conseguem ver aquele corpo de mulher na cascata. Dizem que é realmente um corpo de mulher.

Os Trovões vieram no encalço da mulher até Iauaretê; haviam eles tomado a forma de símios. Quando lá chegaram, ela estava como morta. As outras mulheres tomavam conta do seu corpo. Os Trovões trouxeram consigo o porta-cigarro e, com a ponta deste, abriram uma fenda do umbigo para baixo. Dizem que é por isso que todas as mulheres têm uma linha branca do umbigo para baixo. E assim tiraram para fora a criança. Lá há também uma pedra em forma de criança que não se deve ver. Puseram então suco de cucura e de **cumã** na boca da mulher. Este suco correu sobre a ferida donde saíra a criancinha e a cicatrizou. Os Trovões tomaram a criança e foram para a própria **maloca** que estava na cachoeira de Uapui.

O menino estava repleto de buracos.

Quando a mulher (parturiente) acordou viu que as que dela deviam tomar conta estavam dormindo e que o menino ali não estava. Os Trovões as fizeram dormir. Também os nossos antigos guerreiros quando combatiam contra os Brancos os faziam adormecer¹⁸⁷.

¹⁸⁷ É interessante esta informação do narrador, e compreende-se que as sombras da noite favorecessem aos indígenas nos seus ataques contra os civilizados.

*Origem dos Tukano e do Caapi*¹⁸⁸

Era o tempo em que os Dahséa (Tukano), os Wanana, os Pira-tapuya, os Arapaço e os Tuyuka¹⁸⁹ chegaram em forma de peixes, subindo o rio. Nós, os Tariana¹⁹⁰, fomos criados diversamente. Uma serpente (a Cobra-Grande) era a canoa deles. Aproximaram a canoa (do rio), desceram e os peixes tornaram-se gente¹⁹¹.

Viram eles a segunda das duas irmãs que estava repousando e disseram: "ela deve ter uma criança (no ventre)". O filho da primeira irmã foi criado pelos Trovões, o filho da segunda o foi por esta gente¹⁹² e foi o pai do **caapi** pois dele é que fizeram o

¹⁸⁸ **Caapi** é o termo Nheengatu do qual se formou o Tukano **kaxpi**. É o cipó *Banisteriopsis caapi*, da família Malpighiaceae, de cuja casca se prepara uma bebida que é, segundo Stradelli (1929:387), de sabor amargo e pelo que contam os que a bebam, os seus efeitos são muito parecidos com os do ópio; complementando a bebedeira do **caxiri** deixa-os prostrados e com uma meio sonolência durante a qual, dizem, eles gozam de visões e sonhos encantadores.

¹⁸⁹ São todos grupos da família lingüística Tukano oriental.

¹⁹⁰ É Graciliano quem fala!

¹⁹¹ De acordo com a tradição indígena, as tribos do ramo Tukano vieram a partir da região oriental (litoral atlântico) no seio de uma Cobra-Grande, subindo os rios Amazonas, Negro e Uaupés à procura de um lugar adequado para a saída. Chegando em Urubucuará (baixo rio Uaupés) se transformaram em seres humanos ao saírem à luz do dia e de aí a mesma Cobra teria prosseguido sua marcha pelo rio Uaupés acima para, mais tarde, dar luz às tribos Arwakes. Gostaria de acrescentar a este resumo da lenda das origens do P. Brüzzi, que esta viagem debaixo da água corresponde à maturação física e psicológica dos ancestrais da futura humanidade (índios e brancos) como o mostra claramente a versão publicada por Umusin Panlõn Kumu e Tolaman Kenhiri (Firmiano e Luís Lana, 1980 e 1986) e reproduzida neste volume na contribuição do Padre Casimiro Béksta, SDB (N. do R.).

¹⁹² Que veio até Urubucuará no seio da Cobra-Grande.

caapi. E todos bebem o **caapi** criado por aquele menino¹⁹³.

Jurupari, o Legislador

Os Trovões criaram a primeira criança. Era de outra raça¹⁹⁴ e de outra qualidade. Viera (a este mundo) para dar as leis e para instruir.

Os Trovões haviam criado muita gente: eram Tariana e Baniwa. Havia já muitas **malocas** naqueles rios mas ninguém vira aquela criança que agora era um homem. Crescera rapidamente, em poucos dias já era um jovenzinho. Passada uma lua¹⁹⁵ e era homem feito. Era Koé, o Jurupari filho de uma virgem e de Trovão.

Ele freqüentava as festas, ensinava a dançar e cantar. Quando ia a um **dabucuri**¹⁹⁶ era o chefe do **dabucuri**, cantava e dançava. Ninguém sabia que ele era o filho daquela mulher. Tinha o corpo cheio de orifícios, mas ninguém o sabia, pois ninguém os via, porque estava recoberto pelos enfeites das danças.

Um dia ele disse: "Hoje quero estar com minha mãe". Sua mãe estava sentada no meio das outras mulheres¹⁹⁷ e não sabia que aquele era o seu filho. Disse-lhe ele: "Tu pensas que eu tinha desaparecido do mundo, porém estou aqui e já sou um homem". Cantava para ela: "Eu sou o teu filho, fizeste todo o sacrifício por mim". Ele era o chefe (que dirigia) a inteira roda dos dançantes.

As duas irmãs estavam sentadas em um banco e a tia (de

¹⁹³ O P. Brüzzi acrescenta a nota seguinte: "É algo obscuro esse trecho final". De fato, o cipó **caapi** tinha a forma de um menino, o menino era o cipó **caapi**. Foi provavelmente isto que o informante de Biocca quis dizer com esta frase (N. do R.).

¹⁹⁴ Diferente, naturalmente, da dos Trovões.

¹⁹⁵ Isto é, 28 dias.

¹⁹⁶ Ver nota 21.

¹⁹⁷ Em todas as festas as mulheres, entre as danças, ficam sentadas juntas, separadas dos homens (N. do R.).

Koé) disse: "Minha irmã, ele está cantando para ti. Não ouves?". A outra estava cochilando, mas abriu os olhos. Ele lhe disse: "Minha mãe não me fites, eu não posso ser olhado". Ele estava revestido dos enfeites (das danças).

Ele deu à sua mãe uma planta para ela não ficar doida e lhe fez tirar dela um ramo pequeno. Disse-lhe depois: "Vem, acompanha-me com o teu canto!"¹⁹⁸.

Enquanto ele cantava para a sua mãe, ouvia-se fora com grande intensidade soar os instrumentos (denominados) **jurupari**¹⁹⁹.

Fora o chefe mais importante da festa, por nome Veado e fazia reboar a terra com o som dos **juruparis**. Era sempre o mesmo Jurupari, dentro (da **maloca**) cantava para sua mãe e fora reboava terrivelmente. Ele disse: "Os meus animais vieram aqui, para a festa, mas sou eu mesmo que estou lá, eu mesmo que estou aqui"²⁰⁰.

Pelo amanhecer as danças estavam terminando. Falou Jurupari: "Quando eu não estiver mais neste mundo, vós continuareis a fazer assim (deste mesmo modo). Estes instrumentos que soam lá fora são os meus ossos"²⁰¹.

Todos da tribo (ou das tribos) disseram: "Demos nossos filhos a este homem, para que aprendam como deve ser feito".

Terminou o **dabucuri** e Jurupari retornou à sua **maloca** de pedra na serra do rio Aiari.

¹⁹⁸ Nas danças solenes indígenas, após alguns movimentos exclusivamente dos homens, seguem-se movimentos e giros que a mulher também executa abraçada a um homem e, não raro, aos dois entre os quais se acha.

¹⁹⁹ O narrador aqui fez a seguinte observação: "Todas as tribos da terra não possuem um som de **jurupari**".

²⁰⁰ É praxe nas festas de Jurupari que alguns homens na escuridão da noite, a certa distância, façam soar os instrumentos que as mulheres não podem ver, enquanto estas dançam na **maloca**.

²⁰¹ Segundo as outras versões apresentadas neste volume os instrumentos de **jurupari** foram fabricados a partir de um pé de paxiúba nascido das cinzas de Jurupari (N. do R.).

Jurupari mata os meninos que não observam o jejum

Jurupari tinha consigo três gerações de meninos aos quais dava instruções sobre tudo (o que deviam saber). Eram muitíssimos estes meninos, eram eles Tariana e Baniwa. Já cantavam como ele tinha cantado. Levou os meninos a fazer a festa do **uacu**²⁰², pois era o tempo dessas frutas, mas proibiu-lhes comer **uacu** assado. Mas os meninos não quiseram ouvi-lo. Quando as frutas caíram no fogo que havia sob a árvore e (os meninos) perceberam aquele perfume tão agradável, assaram as frutas e as comeram.

Jurupari lançou então um enorme gancho de pedra que tinha consigo procurando matar os meninos. O gancho caiu entre eles²⁰³. Na cachoeira de Uapui, vê-se uma enorme e longa pedra, ela é aquele gancho de pedra atirado por Jurupari.

Jurupari invocou então chuva e vento e disse (aos meninos): "Correi, procurai um lugar para abrigar-vos". Enquanto os meninos procuravam folhas com que se abrigarem da chuva, Jurupari estendeu-se sobre a terra, abriu o seu enorme orifício posterior (o ânus) e disse-lhes: "Escondei-vos aqui". Os meninos viram uma enorme gruta enxuta²⁰⁴ e correram para entrar. Jurupari fechou então o próprio ânus, porque supôs que o menino não houvesse comido (o **uacu**).

Desde a sua **maloca** (os indígenas) viram aquele enorme temporal e disseram: "Ele está irritado nestes últimos tempos. Certamente ele apanhou e comeu a todos os nossos filhos". E as mulheres gritaram: "Eis que agora não temos mais filhos!".

Jurupari foi, com aquele último menino, até a sua casa de pedra e fechou a porta. O pequeno ficou (sozinho) com ele. Jurupari vivia dormindo. Os meninos dentro de sua barriga

²⁰² O **uacu** (ou **uacum**) é fruto da Leguminosae *Monopterix uacu* Spar. et Benth., fruto que, releve Stradelli (1929:693), só pode se comer depois de assado, porque o seu leite corta a língua.

²⁰³ Ver lenda coletada por Stradelli neste volume.

²⁰⁴ Assim lhes pareceram o ânus e a última parte do reto ou intestino grosso de Jurupari.

começaram a apodrecer e ele dava terríveis arrotos e perguntava: "O cheiro é desagradável?". O menino, por medo que ele o devorasse (também), respondia: "Não!". Emitia do ventre e da boca um fétido terrível. "É desagradável o cheiro? É o fétido daqueles meninos que desobedecem e são obstinados, é o fétido deles!".

O menino pensava: "Eu não posso ficar aqui muito tempo, devo fugir". Transformou-se em **anacá**²⁰⁵, de cauda longa. Começou a bicar pouco a pouco (a pedra) até que fez um buraco em cima da casa de pedra. Experimentou sair, mas sentia-se muito fraco por causa da fome e do horrível fedor. Saiu mas entrou novamente.

Jurupari acordou e perguntou: "Como foi? É cheiroso?". "Isto não é cheiro, é fedor horroroso! Tu és horrível! Foste criado pelos meus pais, os Trovões, engoliste todos os meus irmãos e agora queres matar-me com este fedor podre!". Apenas disse isto, Jurupari tentou aferrá-lo. Mas o menino passou pelo pequeno orifício e fugiu.

Saiu voando e cantando, transformado em **anacá** até chegar entre os seus. Naquela **maloca** não havia mais meninos, só havia velhos. O menino lá chegou chorando e contou como foram engolidos os seus outros companheiros, e como ele conseguirá fugir.

Jurupari restitui os ossos dos meninos

Os da **maloca** do menino que fugira disseram: "Não sabemos como vingar-nos e matá-lo. Pensemos um modo como prendê-lo e matá-lo". Decidiram fazer um **caxiri** de **paiaru**²⁰⁶, de grande consumo no Içana.

Mandaram o **anacá** convidar a Jurupari. O **anacá** se

²⁰⁵ **Anacá** é uma ave da família Psitacídeos, *Derophtus accipitrinus* (N. do R.).

²⁰⁶ Conforme Stradelli (1929:584), esse **caxiri** é feito de beiju queimado. O **beiju** é tostado e conservado em fermentação durante alguns dias e depois se lhe acrescenta caldo de cana-de-açúcar.

apresentou pelo orifício (que fizera) na casa de pedra e disse: "Os meus pais te convidam para ir dançar com eles". Jurupari indagou: "Qual é a bebida?". "É **paiaru**!". Disse então: "Eu não vou, essa bebida tem cheiro de ventosidade!".

Mandaram convidá-lo uma segunda vez. O **anacá** chegou e disse: "Deves mesmo vir pois os meus pais querem falar-te!". Jurupari respondeu: "Que desejam de mim? Certamente querem me matar, mas não conseguirão, absolutamente não! Eu irei falar com teus pais, direi que se eu matei os meninos não foi porque eu quisesse isto, mas porque eles me provocaram". Jurupari abriu as portas e saiu.

Chegou à **maloca** dos pais dos meninos. Era dia de festa e todos estavam com medo da sua força. Quando chegou, receberam-no com as devidas cerimônias. "Eu vim para dizer que vós sois pais de meninos obstinados, meninos que não obedecem, meninos curiosos, meninos que agem contra a vontade dos velhos. Os vossos filhos são culpados e é culpa vossa, porque não os educastes! Agora eu vos restituirei todos os seus ossos. Fazei uma roda!".

Puseram um **pari** ao redor, enfeitado de **urucu**, de carvão e de **carajuru**. Comprimiu então seu ventre, abriu a boca e vomitou fora todos os ossos. Disse-lhes: "Vós os podeis jogar fora, vou-me embora, não bebo **caxiri** convosco". E foi-se embora.

Jurupari deseja morrer

Ele retornou a sua casa de pedra e lá continuou a viver, sem dela jamais sair. Eles prepararam outros **caxiris** de diversas qualidades e de novo mandaram chamá-lo. O **anacá** voou até lá e disse-lhe: "Os meus pais te convidam novamente para a festa". Respondeu: "Porque me chamam? Aqui estou tranquilo! Bem, irei mas não beberei **caxiri** quando estiver convosco. Eles querem me matar, querem me dar veneno, mas o veneno já está no meu corpo.

Querem me matar com flecha, porém a flecha não pode me matar²⁰⁷. Tudo isto nada é contra mim. Diz aos teus pais que plantem muito ingá²⁰⁸, muito mesmo. Quando essas plantas estiverem grandes devem tirar-lhes a casca e assim secarão. Plantem também bananas, muitas bananas, que haja numerosos cachos e suspendam os cachos dentro da **maloca**. Quando essas bananas estiverem bem maduras, próximas a caírem, descasquem-nas e cozinhem-nas! Este será o meu **caxiri**. Nunca bebi desse **caxiri**, este é o que eu quero, só desse quero eu, porque já conheço todos os outros. O **caxiri** será feito só de banana. As plantas de ingá servirão para o fogo. Só assim poderei morrer, porque só posso morrer queimado²⁰⁹. Ele queria mesmo morrer.

Quando as plantas de ingá já estavam maduras, os indígenas tiraram-lhe as cascas e delas fizeram lenhas que eles reuniram para um grande fogo. E prepararam, entretanto, o **caxiri** de banana. Quando tudo estava pronto, disseram ao menino: "Vai chamá-lo, ele mandou preparar isto e agora deve vir". O menino foi até a maloca de Jurupari e disse que os seus haviam preparado a bebida que ele tinha pedido. "Bem! Irei beber esse **caxiri** que eu nunca bebi e que muito desejo".

Abriu a porta e saiu. Ossos de serpente eram seu colar. Apenas saiu que os orifícios que tinha no corpo começaram a zoar, eram cantos de todas as espécies de animais. E com aquela enorme música chegou a casa do **caxiri**.

Também os três velhos Trovões estavam lá, eram os

²⁰⁷ Segundo as diferentes versões reunidas neste volume (ver nota 64), Jurupari tinha tudo dentro do seu corpo: água, pedra, metal, madeira, e, por isso, não podia morrer por essas coisas. Todavia, como ele tinha esquecido de nomear o fogo, ele acabou por morrer pelo fogo (N. do R.).

²⁰⁸ Recorde-se que na selva amazônica, há diversas variedades de ingazeiras, plantas da família *Faseolácea* ou *Leguminosae*, sub-família *Mimosaceae*, de favas bem desenvolvidas e grãos bem apreciados, tanto pelos civilizados como pelos indígenas que saem à sua procura na época da maturação.

²⁰⁹ Ver nota 207 *supra* (N. do R.).

chefes da **maloca**. Havia eles criado os Baniwa²¹⁰. Os Tariana haviam tomado como esposas as Baniwa e tinham muitos filhos e netos.

Jurupari queimado na fogueira - A paxiúba e os instrumentos proibidos ou secretos

Os indígenas da **maloca** haviam preparado escavações subterrâneas e depositado nelas as coisas para comerem e beberem, como também sementes de tudo. Disseram às mulheres: "Vós já podeis entrar, porque o momento se avizinha". Pela alta madrugada eles dançaram com Jurupari de um lado para o outro²¹¹, cantando o seu canto. Quando ele já estava completamente tonto, com a enorme fogueira ardendo intensamente, eles puseram sobre o corpo de Jurupari todos os seus adornos, as plumas dos pássaros e tudo o mais.

E o empurraram na fogueira. Plumaz e enfeites arderam num instante. O fogo se espalhou rapidamente e queimou a Terra inteira.

Os homens, com todas as suas coisas, saltaram dentro das escavações que haviam preparado, porém mesmo naquelas profundidades ainda caía muito carvão.

Passaram muito tempo nessas escavações e a Terra ainda ardia... Disseram (entre si): "Um de nós deve ir ver se o fogo se extinguiu". Um deles se transformou em grilo²¹², aquele pequeno grilo da cabeça preta que faz seu abrigo debaixo da terra. O grilo saiu, mas o solo estava quentíssimo, por isso suas patas ficaram também pretas. Ele voltou e disse aos seus irmãos que o incêndio ainda não se extinguiu. E continuaram ainda por muito tempo dentro da terra.

²¹⁰ Baniwa é uma denominação genérica para o conjunto de tribos que povoam a área banhada pelo rio Içana e afluentes.

²¹¹ Da **maloca**? Do pátio? Pois há inúmeras danças que se executam na praça da frente da **maloca**.

²¹² É um ortóptero da família Grilídeos, gênero Grilotalpa (N. do R.).

Quando o fogo se extinguiu, saíram todos. Não existiam mais nem **malocas**, nem troncos. Plantaram então as suas sementes. Habitavam eles na cachoeira de Tunui, no rio Içana.

Jurupari transformou-se em paxiúba²¹³ que nascera justamente no lugar em que ele fora queimado. A palmeira crescia e emitia som. A palmeira era seu corpo. Antes de subir ele tinha dito: "Eu vos deixo esta paxiúba, dividi-a em pedaços e cada porção soará de modo diverso". E deu-lhes todas as medidas dos instrumentos²¹⁴. Foi subindo e desapareceu.

Quando caiu aquela paxiúba suas frutas saltaram para diversas partes e em diversas cachoeiras ao longo destes rios. As frutas germinaram e lá nasceram novas paxiúbas e foram fabricados novos instrumentos.

Jurupari dissera: "Em recordação de mim fareis isto!". E para recordação daquele que subira, fizeram as máscaras e as danças. Ele é o chefe das festas e dirige as danças. Aquele que não quer dançar é açoitado²¹⁵. Ele é também a cabeça dos instrumentos.

As mulheres não podem ver estes instrumentos. Desde o tempo de Jurupari, no qual se devia conservar o segredo daquela música, jamais os instrumentos foram vistos pelas mulheres. Os homens matam as mulheres que vêem estes instrumentos²¹⁶.

Os indígenas não quiseram mais viver onde Jurupari morrera. Foram construir suas **malocas** às margens dos rios e se dispersaram. Começaram a viver em diversas partes ao longo destes rios.

²¹³ Ver nota 155.

²¹⁴ Stradelli (1890) especifica a variedade e as dimensões dos diversos instrumentos com seus respectivos nomes. Ver, também, neste volume pp.304-306.

²¹⁵ Na realidade é característico nas festas indígenas a flagelação que um dançante aplica ao outro. Ver nota 159 sobre o significado da flagelação ritual nos rituais de Jurupari.

²¹⁶ É a chamada "Lei de Jurupari": ver Stradelli (1890) e neste volume (p. 271).

Naquele local em que ele foi queimado há ainda muito carvão. É um local belo, próximo da cascata do rio Aiari²¹⁷. Morre quem sente o cheiro deste carvão²¹⁸. Neste local há plantas que são, porém venenosas. Onde o fogo se apagou e Jurupari caiu morto, existe uma grande rocha, é o corpo dele²¹⁹. Os pássaros que voam sobre essa rocha caem mortos quando chegam ao meio da rocha. Também as abelhas que sobrevoam caem mortas. As frutas das vizinhanças da rocha não podem ser colhidas²²⁰.

Os índios que vão àquele lugar morrem. Só os filhos dos Baniwa e dos Tariana podem ir lá, porque eles sabem o que é necessário fazer para não serem vítimas de mal algum. Por isso é que os Baniwa possuem muitos venenos que lá recolhem. Servem para matar os inimigos.

Quando vão à procura de veneno e pisam aquele solo desprende-se um som de tambor. Cantam eles então: "Venho aqui para pedir veneno, quero matar os meus inimigos". E eles podem recolher (o veneno desejado).

²¹⁷ O rio Aiari, como em geral os rios destas fronteiras do Amazonas, apresenta numerosas e perigosas cachoeiras.

²¹⁸ É uma afirmação gratuita da crença indígena, e são incapazes de localizá-lo. Basta recordar que se trata de um episódio lendário e não de um fato histórico.

²¹⁹ É facilmente a fantasia do narrador desvair se ele um homem, da estatura de sua mãe e dos demais indígenas, como do seu corpo carbonizado poderia resultar uma grande rocha? E continuaram as expressões enfáticas, ou melhor, fantásticas.

²²⁰ Provavelmente porque são venenosas.

História de Iauaretê²²¹

Iauaretê não foi (antigamente) nem dos Tariana, nem dos Desana. Naquela ilha diante de Iauaretê, viviam uns antigos habitantes em uma grande habitação (coletiva) que os civilizados chamam **maloca**.

Não era população de homens, eram Curupira nambiguari²²², animais da mata, onças, mas viviam como se fossem seres humanos. As vezes eram animais da mata, outras vezes eram homens. Por isso o local chama-se hoje Iauaretê. Outro grupo dessa gente se encontrava ao subir o rio Papuri²²³ e, nesse grupo, procuravam suas esposas. Certa manhã os Curupiras se transformaram em homens. Era o dia em que as saúvas voaram. Prepararam um jirau para apanhar as mães das saúvas²²⁴ que eles comeram.

Uma donzela violada e morte do culpado

Uma menina ficou sozinha e então um jovem dela se aproximou e a violentou. Viram-no os outros quando estavam unidos e logo exclamaram: "Este jovem nos desrespeitou, matemo-lo!".

Transformaram-se então em pássaros, naqueles pequenos

²²¹ Lenda narrada em 1963 por Ponciano Mendes e publicada por Biocca (*op. cit.*:285-298). Os topônimos, especialmente dos afluentes dos rios Uaupés e Negro, são em geral da língua Nheengatu e, nesse idioma, Iauaretê significa o *Felis jaguar* ou onça como transcreve Stradelli (1929:463).

²²² Stradelli não registra o termo **nambiguari** no seu Dicionário (1929). Sobre o Curupira ver p. 55 e nota 139.

²²³ O rio Papuri deságua no rio Uaupés.

²²⁴ O narrador faz assim coincidir a transformação dos Curupiras em seres humanos com o aparecimento das asas nas saúvas (Família Atídeos).

falcões²²⁵ que comem saúvas, e desprenderam seu vôo. É por isso que esses pássaros ainda hoje comem a saúva no ar.

O jovem que estava (fornicando) com a mulher (donzela) foi, com os outros pássaros, apanhar saúva. Viram-no e se lançaram sobre ele, um deles o feriu e ele caiu²²⁶ onde existe aquele grande poço. Os demais também se precipitaram (sobre o falcão ferido) e disseram: "Acabemos de matá-lo, (pois) ainda não está morto!" E o arrastavam. Ele se aferrava com as patas, mas os outros o arrastavam.

Ele se transformou no pássaro **aripipi**²²⁷, depois em uma árvore com grandes raízes. De uma coisa se transformava em outra. Mais abaixo, transformou-se em **cacuri**. É por isso que os antigos não comiam peixes daquele **cacuri**²²⁸.

Levaram-no em seguida para aquela pequena ilha. Tomou ele, então, o corpo de mulher, transformou-se em mulher. Fazia tudo isto porque compreendera que queriam matá-lo. Tornou-se mulher esperando que os outros lhe saltassem em cima²²⁹ e assim os apanharia e deles se vingaria.

Mas os outros nada viram e o empurraram para o poço onde havia uma enorme pedra, a pedra da arara, pois ele se transformara em **arara**²³⁰. Da pedra da arara o impeliram para

²²⁵ Denominação comum às aves da família Falconídeos conhecidas no Brasil por gavião (N. do R.).

²²⁶ Em Iauaretê?

²²⁷ Seria **uirá-piti** "andorinha" (família Hirundinídeos) pois a palavra **aripipi** não existe em Stradelli (1929)?

²²⁸ Ver nota 122.

²²⁹ Com finalidade sexual?

²³⁰ O grande e muito conhecido Psitacídeo de enorme cauda que, nas **malocas** há trinta anos atrás, era criado para aproveitar-lhe a bela plumagem para seus enfeites de dança.

baixo no rio e ele se transformou em crocodilo²³¹. Depois se transformou em uma coisa cortante que hoje não existe mais²³². Queria cortá-los mas eles o estavam observando com atenção.

Foram novamente para o meio do rio onde ele se transformou em macaco. Então o chefe reuniu todos os seus companheiros, todos eles eram onças, e o macaco, um apreciado petisco. E lançaram aquele macaco na gruta.

Os três pequenos ossos

Numa ilha próxima viviam um velho e uma velha. A velha disse ao marido: "Corre até lá porque aquele jovem está morrendo sem ser vingado. Vá até lá e procure tirar um pedaço²³³. Eles já o estavam comendo e o velho procurou entrar na roda²³⁴.

Queria um pedaço de carne ou de osso. Por fortuna sua o velho encontrou o dedo mindinho com seus três ossos. Fingiu comê-los mas não o fez, com sua mão fez como se quisesse matar uma mutuca²³⁵ na própria costa e atirou longe aquele pedaço de carne²³⁶. O dedo voou e caiu no rio e se transformou em peixe semelhante ao peixe agulha²³⁷.

²³¹ Talvez, com mais exatidão, dever-se-ia dizer transformou-se em jacaré ou caimão. Ver nota 87.

²³² É lamentável que não é lembrado o nome desse objeto cortante.

²³³ Nesse mito como, aliás, em numerosos outros mitos, as personagens mortas são muitas vezes retratadas como tendo a capacidade de se reconstituir a partir de um pedaço de osso, ou de uma pena, sendo portanto imprescindível não deixar um pedaço do corpo do inimigo, de modo a impedi-lo voltar à vida (N. do R.).

²³⁴ Isto é, o grupo de comedores.

²³⁵ Família Tabanídeos.

²³⁶ É um recurso que se ouve também de narradores de outras lendas.

²³⁷ Trata-se provavelmente, do **pirapucu** ou peixe-agulha-d'água-doce Potamorhaphis guianensis (N. do R.).

No momento em que o velho atirou longe aquele pedaço de carne, ouviu-se um estrondo. Todos deram um salto e disseram: "O maldito conseguiu fugir; já está longe!". Procuraram saber quem teria atirado (fora) aquele pedaço, mas o velho disse: "Não foi eu, quem teria sido?".

O velho foi à procura do osso: havia muitos peixinhos. Quis apanhá-los, porém não conseguiu; saltavam de cá para lá. "É impossível apanhá-los com as mãos", disse ele.

Por fim, a velha fez uma armadilha, apanhou os peixinhos que pôs em uma folha e os levou para casa. Encheu-os de pimenta²³⁸ grande e os pôs a secar. A velha queria mesmo tomar uma vingança pelo jovem.

Depois de três dias os peixes transformaram-se novamente em ossos. A velha os esmagou com pimenta grande, a pimenta grande era o alimento deles. Os pequenos ossos transformaram-se em grilos, aqueles que cantam dia e noite. Os três ossos eram muito impertinentes, não se podia suportá-los. Eles iam sujar os olhos do velho quando este dormia, sujavam-nos com esterco de pimenta grande²³⁹.

O velho não resistia e, pelo ardor, saltava o dia inteiro. "Depois que a minha velha for à roça - assim pensou ele - eu esmagarei esses ossos com cinza quente".

Igualmente a velha estava inquieta, porque também a ela os grilos lhes emporcalhavam os olhos. Pensou ela: "Vou pôr um termo a estas coisas!". Preparou uma panela de barro cozido, a pôs no fogo no ângulo da praça e lançou os ossinhos na panela.

Da boca da panela saíram então três meninos que se puseram a brincar. A velha viu os três meninos e exclamou: "São gente e assim vai bem!". Levou-os para sua casa e criou-os como filhos. Cresciam eles muito rapidamente. A velha dizia aos

²³⁸ Ver nota 157.

²³⁹ Ver a história dos Diroá de Guilherme Alves neste volume pp. 210-214. Também os narradores de outras tribos se comprazem em descrever com alguma fantasia as traquinagens destes jovens que seriam os progenitores dos Tariana, com o nome Tukano de Diroá ou "Gente (filho) do sangue do Trovão".

meninos: "Tende muita prudência, não vos deixeis ver por ninguém! Os outros não sabem que aqui há gente. Fui eu a única que vos quis salvar. Se vos virem findarão por comer a todos nós".

Os três continuaram atormentando sempre o velho atirando-lhe pimenta nos olhos. O velho pensou: "Quero levar estes maus rapazes à roça e queimá-la com eles". E assim o fez, mas os três não se queimaram. Saltaram e saíram do fogo.

Supôs o velho que havia liquidado os três, mas quando regressou, os viu brincando sobre a margem da torrente. Era aquele belo igarapé com pequenas cascatas e água preta. O velho exclamou: "Como!? Eu os queimei e eles estão brincando com a canoa!".

Os jovens puseram estão um jabuti²⁴⁰ no caminho pelo qual o velho estava passando. O velho tropeçou no jabuti e caiu. Irritou-se (com isso) e atirou o jabuti contra uma árvore com tanta raiva e força que, com a pancada, o jabuti voltou (sobre quem o atirara) e o velho caiu novamente.

O velho retornou inquieto para sua casa, irritado também com a velha esposa: "Tu és a culpada! Vê como eles são intoleráveis! Estes rapazes que me mandaste buscar são a nossa desgraça, eles nos trarão muitos desgostos. Isto é apenas o começo!".

Os três jovens e as três donzelas

A velha ainda não tinha a sua roça. "Não sei como encontrar o alimento. Terei que ir à roça dos nossos parentes, os Homens-onça!".

Os três rapazes foram com ela. Eram terríveis, ninguém os poderia suportar. Transformaram-se em passarinhos e voaram sobre uma árvore muito alta e lá transformaram-se (de novo) em rapazes. Havia muitas mulheres na roça, porque o dia era bonito e eles, como verdadeiros moleques, começaram a atirar as frutas

²⁴⁰ É o Testudo tabulata Spix, muito encontrado na Amazônia como no Brasil, de carapaça constituída de placas córneas mui resistentes.

verdes, e as frutas se transformavam em cutias²⁴¹. Continuaram a atirar-lhes ali e acolá e se divertiam quando as mulheres se assustavam.

A velha gritou-lhes: "Descei meus netos!". E porque não queriam descer a velha tomou uma formiga tocandira²⁴² que fez subir na árvore e picar os três rapazes. Os três caíram como mortos.

"Eu matei os meus netos - disse a velha - que farei?". Ela aplicou-lhes um sopro. Os três corpos estavam mortos, pois os três haviam saído do corpo e ouviam as palavras (mágicas) que a velha dizia para ressuscitá-los. Ela pôs também um suco em suas bocas (dos cadáveres) e eles se ergueram contentes.

Os rapazes queriam vingar-se. A velha foi apanhar **maniuaras**²⁴³ e uma aranha picou o seu dedo. Ela caiu morta. Mas como os rapazes tinham ouvido o sopro, repetiram o que a velha pronunciara sobre eles. Ela reviveu, levantou-se e todos voltaram para a casa. A velha então assou as **maniuaras**.

No dia seguinte ela voltou à sua roça e disse aos rapazes: "Vocês fiquem (em casa) porque são muito moleques". Tomou os três e os pôs debaixo de uma enorme panela de barro, levando também as **maniuaras** para a roça.

Mas os três saíram e se transformaram em belíssimos pássaros. Quando a velha chegou na roça em que estavam as (outras) mulheres, estas lhe disseram: "Ó tia²⁴⁴, veja que belos pássaros temos!". As moças foram atrás dos pássaros para apanhá-los. Os pássaros transformaram-se então em belos jovens e, com as moças, fizeram o que queriam²⁴⁵. E as moças regressaram tristes.

²⁴¹ *Dasyprocta aguti* L. da família Cavídeos.

²⁴² É a *Dinoponera grandis*, e certamente não foi apenas uma formiga, mas uma fileira delas!

²⁴³ As fêmeas aladas das saúvas muito apreciadas por estas tribos, especialmente depois de assadas.

²⁴⁴ É uma das denominações que dão aos velhos.

²⁴⁵ Isto é, tiveram relações sexuais.

Quando a velha voltou à sua **maloca** foi olhar debaixo da grande panela. Lá estavam os três, de olhos fechados. E disseram-lhe: "Não nos movemos daqui, pois aqui nos pôs, como poderíamos fugir?".

Os homens-onça querem tirar vingança da ofensa

Os três jovens fizeram outras vezes (com as moças) o que haviam feito. As moças mantinham oculto o ocorrido até que uma delas um dia decidiu revelá-lo: "Eu vou contar ao meu pai pois isto não está bem!". Disseram-lhe as outras: "Pode contar!". Então ela disse aos seus: "Olhem aquela velha! Ela mantém escondidos três rapazes, ninguém sabe donde eles vieram. Com certeza ficou algum pedaço daquela carne que vós não comestes e que agora querem vingar-se (de nós) a qualquer custo".

Gritaram então, os pais: "Vamos acabar com isto de uma vez". Decidiram fazer uma roça²⁴⁶ e chamaram os três rapazes para ajudá-los.

Lá no mato os homens-onça se transformaram em serpentes e outros animais venenosos. Os rapazes perceberam-no e fizeram seus sopros. E estes sopros afastaram todas aquelas cobras, aquelas aranhas, todos aqueles animais que queriam matá-los. Depois de preparar a roça, isto é, depois de queimá-la, foram todos para o banho. Eles queriam apanhar os três rapazes, mas estes transformaram-se em andorinhas²⁴⁷, voaram e foram banhar-se no meio do rio. Os outros se transformaram então em piranhas²⁴⁸, porém não conseguiram agarrar as andorinhas. Os três voltaram para a sua casa.

Os homens-onça convidaram-nos novamente para

²⁴⁶ Na abertura de uma roça, ou na construção de uma casa, os índios do alto rio Negro costumam trabalhar no sistema do **ajuri** comunitário. Aquele que requer a ajuda dos outros oferece comida e **caxiri** às pessoas que o ajudaram (N. do R.).

²⁴⁷ Ver nota 227.

²⁴⁸ Ver nota 143.

derrubar a mata onde queriam fazer roças. Alguns desses homens-onça transformaram-se em ninhos de termitas²⁴⁹, outros em troncos de árvore para cair em cima dos três rapazes. E a estes deram machados de pedra velhos para terem tempo suficiente de feri-los, mas os três sempre escapavam.

Um dos três disse: "Devemos baixar pelo rio onde há uma velha que sabe fazer um instrumento que corta as árvores!". Dois deles desceram rio abaixo (em busca desse instrumento), o terceiro ficou como o pássaro pica-pau²⁵⁰. Com aquele instrumento serraram toda a mata ao redor e as grandes árvores caíram. E assim quase conseguiram matar aqueles que os queriam matar. Foram depois destruir esse instrumento.

Terminando o desmatamento houve um dia de festa na **maloca** dos homens-onça. Correu muito **caxiri**, porém misturado com veneno, a fim de matar os três jovens. Estes, porém, furaram as cuias e faziam como se estivessem bebendo o **caxiri** mas o líquido escorria por aqueles orifícios da cuia.

Os três jovens tornaram-se pajés - Os gaviões

Os três agora já eram homens. Disseram então: "Vamos estudar para nos tornarmos pajés!". E foram providenciar o necessário para a pajelança. Não tinham, porém, as penas para os seus adornos. Naquele tempo em que as pedras eram moles e todos os animais também eram homens, dois amigos, dois companheiros a saber, a mucura²⁵¹ e o inambu²⁵², brigaram por causa de uma mulher e a mucura matou o inambu, mas foi o gavião real²⁵³ que o devorou.

²⁴⁹ Ou cupins, insetos roedores da Ordem Isóptero, família Termitídeos.

²⁵⁰ Ave trepadeira da família Píidea (N. do R.).

²⁵¹ Mucura ou gambá: é o marsupial do gênero Didelphis.

²⁵² Ave do gênero Crypturus da família Tinamídeos.

²⁵³ Harpyia harpyia L.

A avó do inambu odiava o chefe dos gaviões, que eram homens também eles. Soube que os três jovens procuravam penas de gavião e pensou: "Devo falar com esses jovens. Eles devem matar aquele gavião que matou o meu neto". Fora a mucura que o matara, mas o gavião o comera. A velha disse-lhes: "Ide para aquele lugar. Lá vive o gavião que matou o meu neto. Matai aquele gavião, arrancai as suas penas e vesti-vos de pajé". E indicou o lugar onde morava o gavião, queria assim vingar a morte do seu neto. Responderam eles: "Como podemos apanhar o gavião?". Disse-lhes a velha: "Entre o céu e a terra está a casa do Trovão. Diante da sua **maloca** há uma planta de tucum²⁵⁴".

Os três foram procurar o tucum. Era uma fibra muitíssimo resistente porque não era deste mundo²⁵⁵. E assim fizeram uma rede de tucum para apanhar o gavião.

Foram à **maloca** dos gaviões. Lá encontraram em um ângulo uma velhinha e perguntaram: "Que estás fazendo?". Ela respondeu que estava preparando curare²⁵⁶. "Onde cozinhas este veneno?". O veneno era para matar os três e já estava quase pronto. "Põe mais água para aumentar a quantidade!", disseram a ela. E um deles foi buscar água e a pôs na panela. "Agora está bem, pode deixar ferver!". E com isto tinham diluído o veneno.

Um dos três viu o instrumento (musical) dos gaviões suspenso no centro da **maloca**²⁵⁷. Era de osso para ser soprado e soado. E o som era como o canto dos gaviões. Tomou esse instrumento que se pôs imediatamente a soar.

Quando os gaviões, que estavam nas vizinhanças fazendo seus trabalhos, ouviram aquele som, vieram até a praça da **maloca**.

²⁵⁴ É a palmeira *Bactris setosa* Mart. de cujas folhas os indígenas sabem preparar uma fibra muito resistente e de amplo emprego.

²⁵⁵ Mas do mundo dos Trovões.

²⁵⁶ É o veneno com que costumam envenenar as suas flechas para a caça. Ver também nota 89.

²⁵⁷ Os índios Tukano costumavam guardar instrumentos e enfeites pendurados no teto da **maloca**. Sobre a **maloca** ver nota 262 *infra* (N. do R.).

Chegaram de gavião a fim de agarrar e comer os três jovens. Os três, então, os prenderam nas redes e pelo ar os transportaram até a própria **maloca**. Contaram à velha como haviam matado os gaviões. Aqueles gaviões faziam parte daqueles que tinham matado o seu pai (dos jovens): "Nós - disseram eles - já temos matado alguns daqueles que mataram nosso pai".

Dirigindo-se à velha, pediram: "Vá depená-los, porque queremos comê-los". A velha respondeu: "Eu não me ocuparei com os gaviões". Eles, então, tomaram os gaviões e foram para a roça onde tiraram-lhes as penas para, com elas, prepararem os enfeites de pajé. Puseram-nas num **aturá**²⁵⁸. "Vamos preparar nossos enfeites de pajé com essas penas", disseram. No dia em que eles mataram os gaviões o universo inteiro permaneceu mudo.

*Os homens-onça convidam para um dabucuri*²⁵⁹

O velho queria preparar os presentes que devia levar aos seus parentes. Nas vizinhanças de Ipanoré²⁶⁰ havia um monte onde crescia muito **arumã**²⁶¹.

Ele já estava de partida quando os três lhe disseram: "Também nós vamos e nós remaremos!". O velho não queria levá-los consigo, mas os levou. Chegaram a Ipanoré onde há um monte na mata que se avista desde Iauaretê. Nesse monte eles fizeram uma **maloca**²⁶². Viviam só de **paricá**²⁶³, não comiam e estuda-

²⁵⁸ Ver nota 109.

²⁵⁹ Ver nota 21.

²⁶⁰ No baixo rio Uaupés.

²⁶¹ Empregado para fazer os balaaios. Arumã é *Ischnósiphon ovatus* Kpke da família das Marantaceas. O narrador acrescentou aqui que Ipanoré deveria chamar-se Balaio. É uma opinião espirituosa que ocorreu a Graciliano nesse momento.

²⁶² **Malocas** são habitações amplas e altas de madeira bem escolhido que serviam e servem para habitação permanente de várias famílias. Graciliano deveria ter dito uma pequena barraca, como as que improvisam os indígenas

vam a vida de pajé²⁶⁴.

Depois de duas ou três luas²⁶⁵ o velho, que se ocupava em fazer cestos, veio vê-los. Disse-lhe um deles: "Meu avô já vai voltar?" (para Iauaretê). "Sim, já me vou embora!". "Espera por nós que vamos apanhar nossas coisas!". Responderam-lhes o velho: "Vós, não, não há lugar na canoa²⁶⁶". Responderam-lhe: "Viemos contigo e contigo devemos voltar!". Disse-lhes: "Vós não podeis ir!". E o velho fazia força remando para sair, mas os três haviam amarrado a canoa e o velho não podia fugir. Eles haviam feito a sua magia e se afastaram.

Quando voltaram o velho ainda estava tentando mover a canoa para ir embora. Ele havia espalhado os cestos e dizia: "Não há lugar, não é possível". Os três amontoaram os cestos e responderam: "Aqui há lugar para muita gente!". Começaram a remar e, com cada golpe de remo, percorriam distância enorme.

quando devem passar com sua família alguns dias na própria roça.

²⁶³ Ao **paricá** atribuem efeitos inebriantes e estupefacientes semelhantes aos do **caapi**. Conforme Stradelli (1929:591) **paricá** é feito a partir da fruta do paricazeiro sob cujo nome vêm duas plantas da família das Falseolas, antigamente chamadas Leguminosaeas, uma da sub-família Mimosaceas (*Piptadenia peregrina* Benth.) e a outra da sub-família Cesalpinas (*Schizolobium amazonicum* Ducke). Os frutos torrados e socados fornecem um pó que alguns indígenas costumam aspirar, ou nas festas solenes ritualmente um dançante sopra na narina do outro, servindo-se por isso de uma forquilha de osso da perna de um pássaro.

²⁶⁴ Ou seja, para se tornarem pajés.

²⁶⁵ É a maneira primitiva e muito prática de computar o tempo, durando cada lua quatro semanas.

²⁶⁶ Por causa dos cestos que devia levar.

*O porco-espinho*²⁶⁷

Encontraram um **Ipinguari**²⁶⁸. Era parente daqueles que haviam matado seu pai.

Puseram os três a canoa na margem próxima de uma **maloca**. "Vamos ver o que eles estão fazendo na **maloca** do 'porco-espinho'!" O velho porco-espinho **Sekolapi**²⁶⁹ estava fabricando um grande bastão. Todos estavam se preparando para matar os três rapazes. O velho estava trabalhando no bastão e não os reconheceu. Indagaram eles: "Que estás fazendo?". "Estou preparando um bastão para matar aqueles três homens, eles são tremendos!".

O velho porco-espinho pôs-se a mostrar como se podia dar um golpe com o bastão. "Se eu estivesse em teu lugar, ó velho, eu faria assim!". E um deles tomou o bastão, e saltando de um ponto para outro da **maloca**, feriu o velho. O velho porco-espinho caiu morto. Eles já estavam se vingando.

De Ipanoré eles foram subindo o rio (Uaupés), matando animais e homens, todos esses inimigos seus.

*A Cobra-Grande*²⁷⁰

Chegaram eles à própria **maloca**. O velho e a velha tinham apenas cestos para (a oferta) do **dabucuri**. Disseram eles: "Eia, meus velhos! **Dabucuri** só com cestos não fica bem! São

²⁶⁷ O porco-espinho é um pequeno roedor da família *Histricídeos* que não existe na América do Sul e é, no Brasil, impropriamente confundido com o coandu, vulgarmente conhecido sob o nome de ouriço-cacheiro da família *Coendídeos* (N. do R.).

²⁶⁸ É o nome do porco-espinho? Em qual língua?

²⁶⁹ Em língua Tariana.

²⁷⁰ Denominada por toda parte *sucuri*. É a *Eunectes murinus* L. que pode atingir uma dezena de metros de comprimento e mora de preferência no fundo dos rios ou dos pântanos.

necessários peixes de diversas qualidades. O **dabucuri** deve ser uma coisa bem feita para que todos fiquem contentes!". A velha respondeu: "Fazei como quiserdes". Abaixo de Iauaretê há um lugar chamado Juqira. Habitava aí, no fundo do rio, a Cobra-Grande. Também ela era uma espécie de gente e inimiga dos três.

Um dos três disse: "Devemos matar aquela cobra!". Assentaram-se bem à margem do rio. "Tu te transformarás em mulher!", sugeriu o outro. A cobra, que era macho, pensou: "Quero aferrar aquela bela mulher e ter relação sexual com ela". Enquanto ela tentava apanhar a mulher, os outros dois, que estavam perto dela mas sem serem vistos (pela cobra), correram com aquela lança que os antigos tinham, a lança dos **tuxauas**²⁷¹, e com aquela lança a transpassaram. E assim mataram o velho que era Cobra-Grande.

No momento em que ele morreu transformou-se novamente em Cobra-Grande. Os três partiram-na em muitos pedaços. Cada pedaço transformou-se em peixe, em diversas qualidades de peixes para fazer o **dabucuri**.

Prepararam lenha para assar²⁷² os peixes. Quando partiam a lenha diziam: "Este corte jamais será vingado. O fogo desta lenha jamais será vingado". Este era o sopro deles. Prepararam assim grande quantidade de peixes moqueados.

Os bichos-sem-cabeça

Regressaram à sua **maloca** e disseram à velha: "Leva este cesto de peixes, mas sem rompê-lo, aos nossos parentes, aos nossos amigos, à nossa gente²⁷³ leva-o para que os comam! Quando eles te derem de comer, come tudo quanto for carne, quer seja de

²⁷¹ Trata-se de um pau roliço, pesado, de cerca de dois metros de comprimento e terminado em ponta aguda. É uma antiga arma de guerra que hoje somente se usa nos **dabucuris** (N. do R.).

²⁷² "Moquear" seria o termo mais adequado. Os peixes ou a caça oferecidos nos **dabucuris** estão sempre moqueados a fim de facilitar sua conservação (N. do R.).

²⁷³ Que eram os inimigos dos três.

macaco, de peixe, de todos os pássaros que voam. Traz-nos, porém, as cabeças porque só queremos comer as cabeças!".

A velha não entendia²⁷⁴ e disse: "Os homens os convidam a irdes amanhã, amanhã bem cedo, para fazer o **dabucuri**. Eles tomaram as cabeças para sobre elas fazerem seus sopros!". Aquelas cabeças, na realidade, serviam para serem enviadas até lá, na **maloca** dos inimigos e levar-lhes a má sorte, isto é, a desgraça. Aqueles pássaros, aqueles animais, gritavam como se estivessem vivos quando, na realidade, estavam mortos, eram apenas as suas cabeças que passavam gritando de uma porta a outra²⁷⁵. Era um mau indício, era a desgraça que estava chegando.

Depois de haver enviado de volta aqueles animais, (ou melhor) as suas cabeças, os três moços com o velho e a velha chegaram à **maloca** dos homens-onça, levando nos cestos outros peixes moqueados, porque era dia de festa do **dabucuri**. Depois de haver entregue aos homens-onça tudo que haviam levado os três puseram imediatamente em si mesmos os enfeites para as danças. No meio da cachoeira de Iauaretê todas aquelas rochas²⁷⁶ são rochedos-cestos, pois lá eles fizeram o **dabucuri** e lá deixaram os cestos.

Os homens-onça procuram matar os três

Quando um dos três saía da maloca (das danças) para a praça para fazer suas necessidades, voltava com outros dois ou três companheiros. Quando saíam os três rapazes, voltavam com seis. E assim ia aumentando a sua gente, a gente dos três. Ninguém sabia donde vinha toda essa gente. E quando chegou a noite, a

²⁷⁴ Isto é, o motivo desta recomendação de trazer-lhes de volta as cabeças.

²⁷⁵ As antigas **malocas** tinham apenas duas portas ou entradas: a da frente, a mais importante, que dava para a praça e a do fundo, menos importante.

²⁷⁶ Na vazante do Uaupés aparecem bem numerosas.

maloca estava cheia de rodas de dançantes.

A primeira bebida foi o **caapi**²⁷⁷. O vaso de **caapi** era repleto de um veneno terrível. O chefe das danças dos três era o caranguejo²⁷⁸, também ele sob o aspecto humano. Ele disse aos seus companheiros: "Vós não tomeis nada, eu beberei antes!". Tomou o vaso com o **caapi** e furou com as suas unhas na parte inferior. Parecia que estivesse bebendo mas o veneno por aí escorria sem que ninguém o percebesse. Passaram uma segunda cuia de **caapi** mas esta era boa e dela podiam beber.

Em dado momento, depois do **caapi**, todos saíram para fazer as suas necessidades. Os (habitantes) da **maloca**, quando reentravam, encontraram um grande número de pessoas sentadas e perguntaram: "Como te chamas?". O outro respondia: "O meu nome é 'onça amargosa'". Os da **maloca** indagavam (então): "É realmente 'onça amargosa'? Deixa-me morder!". Eles, que eram os homens-onça, experimentavam morder para verificar se conseguiriam matar os três. Procuravam morder na cabeça. Mas a boca se lhes tornava tão amarga que corriam gritando para o fundo da **maloca** a fim de lavá-la.

De modo semelhante um outro perguntou: "E tu, qual o teu nome?". "O meu nome é 'onça que quebra os dentes'!". "Deixa-me que eu experimente morder-te!". "Pode morder, êia coragem!". Quando abriu a boca para morder e apertou os dentes, estes se quebraram todos. Eram eles, os donos da casa, que procuravam morder e matar.

Perguntaram (o nome) ao terceiro. Este respondeu: "Eu sou o 'jaguar-duro'". "És mesmo duro?". "Eu o sou!". O outro mordida mas os dentes não conseguiam entrar, era demasiado duro. "Então vamos dançar!". Eram os três, mas com eles havia também muita gente.

²⁷⁷ Ver nota 188.

²⁷⁸ O crustáceo decápode de fortes unhas.

Depois de todas estas tentativas para matar os três, estes disseram: "Agora está bom, podemos começar os nossos cantos, os cantos para matar os inimigos". Estes cantos, para nós Tariana, eram antigamente proibidos nas **malocas** onde estavam os nossos cunhados, os nossos parentes²⁷⁹. Esses cantos eram para causar a morte logo em seguida ou para trazer a desgraça. Eram cantos para a desgraça ou para a guerra.

Antes do canto deram (os homens) um assobio²⁸⁰. "Chegou agora o momento de ver o nosso inimigo, o inimigo que matou o nosso pai. Trazei-o aqui que queremos vê-lo. Queremos ver como lhe daremos um fim. Chegou a hora. Dar-lhe-emos um fim hoje mesmo. Desta **maloca**, destes parentes, destes inimigos não ficará nem mesmo o pó²⁸¹. Tudo será destruído! Está decidido para sempre, não sobrá nem o pó". Terminando o canto, deram novamente um prolongado assobio.

Cada qual tinha ao seu lado uma mulher (que era) filha daqueles inimigos e era a sua amante. Uma das mulheres disse: "Minha irmã, está ouvindo o que eles dizem? Ouviu bem?". "Eu não!". A outra continuou: "Ouve bem, procura ouvir bem! Cantam contra nós e contra os nossos pais! Querem destruir a nossa gente! Cantaram precisamente assim: 'Podes trazer aqui o nosso inimigo, aquele que matou o nosso pai. Será destruído. Dele não ficará nem mesmo o pó'. Tu ouviste?". Era o canto do pajé para invocar a desgraça.

Terminando aquele canto os donos da casa convidaram os

²⁷⁹ Assim denominavam os da **maloca** que lhes fornecem mulheres como esposas pois, em todas as tribos do Uaupés, vigora a lei da exogamia, isto é, o indivíduo não pode tomar como esposa uma mulher da própria tribo, e desse costume a consequência foi a permuta entre as tribos de mulheres para serem suas esposas.

²⁸⁰ Um assobio forte e prolongado costuma preceder a execução de diversas danças.

²⁸¹ Ver nota 233 (N. do R.)

hóspedes para tomarem **caxiri** no fundo da **maloca**. Todos os homens da **maloca** estavam sentados diante do **caxiri**. Os três, com seus companheiros, eram também numerosos.

Ninguém sabia quais eram os três porque todos tinham aparência igual. O caranguejo os ia guiando, tomava a cuia, furava-a e o veneno caía em terra. Todos fingiam beber, mas o veneno já havia caído.

Os homens-onça de tocaia

Quando, depois de beber, voltavam aos seus lugares²⁸² era costume dar grito e proferir ameaças contra os inimigos. Enquanto passavam debaixo das traves de cobertura da **maloca** os homens-onça, que estavam de emboscada, saltaram sobre os três. As defesas desses três eram seus enfeites de pajé que cortavam como facões. Ao primeiro homem-onça que saltou sobre um deles, os enfeites cortaram a cabeça. Outro homem-onça saltou também e mais uma cabeça caiu do outro lado.

Disseram os três: "Bem feito! Quando um homem tem um inimigo, não o mata traiçoeiramente! Nós vos estamos demonstrando que somos homens, vós morrereis porque quereis!". E assim passaram a noite! Muitos morreram nessa noite e os outros nem se deram conta disso.

Sobreveio a alvorada e os chefes da **maloca** disseram: "Ide repousar! Passastes a noite dançando e descansai agora e dormi". Havia uma cabana no fundo da praça. Mas a intenção deles era apanhá-los enquanto dormiam²⁸³. Em vez de irem para aquela cabana os três voltaram para a própria **maloca**.

Depois de algum tempo os três convidaram os outros para a dança e foram novamente convidados para seu turno. Assim se fazia antigamente: convidava-se para a dança e para fazer o **dabucuri**, depois os outros retribuía com a dança e o convite.

²⁸² Os pequenos bancos usuais.

²⁸³ Antigamente os ataques aos outros grupos se faziam sempre depois de uma festa quando todo mundo estava dormindo (N. do R.).

Deste modo, as pessoas dançavam para "restituir" ou retribuir a dança. E os três prepararam o ataque como pajés (que eram).

O velho Trovão e o raio

Os três decidiram ir buscar a espada²⁸⁴ de Trovão. O velho Trovão vive nos confins desta abóbada celeste. Lá está a sua **maloca**, nas alturas da abóbada celeste. Foram os três até lá. O velho Trovão estava dormindo. "Viemos para buscar aquela espada para fazer o trovão e o relâmpago!". Quando Trovão alçava aquela espada, saíam efetivamente trovões e relâmpagos. Eles lhe disseram: "Dá-no-la, queremos nos vingar daqueles que mataram nosso pai!". Mas o velho, em vez de dar-lhes a espada bela e forte, deu-lhes uma fraca. Os três tomaram a espada e desceram até a terra. Fabricaram cestos de bacaba e os lançaram por terra. Cada cesto transformou-se em um javali. "Vejam se estes animais vão morrer". Isto aconteceu naquele lugar que se chama **Taiacu**²⁸⁵.

Levantaram a espada mas não conseguiram matar o **taiacu** ou porco-do-mato²⁸⁶. Feriram-no apenas. Disseram eles: "Isto é um mau sinal, esta espada é fraca, não é aquela que, lançando um raio, destrói tudo. O velho Trovão nos enganou!".

O velho Trovão sabia que os três viriam novamente porque lhes dera a espada fraca. Fechou toda a sua casa de pedra, pôs-se na sua rede e adormeceu. Trazia a espada forte ligada ao

²⁸⁴ As lendas constituem o precioso e generalizado patrimônio intelectual das tribos indígenas. E da personificação e identificação de uma personagem lendária como o Trovão derivou o conceito de relâmpago como o brilho de sua espada. Seria um conceito tribal primitivo ou posterior à visão das espadas ou facões entre civilizados?

²⁸⁵ Já relevamos que em geral, a toponímia do Uaupés é na língua Nheengatu. **Taiacu** é o nome de uma localidade do Uaupés, perto de Iauaretê e **taiacu**, em Nheengatu, significa em Português porco-do-mato (Tayassu albitrostris).

²⁸⁶ Fizeram isto para experimentar a força da espada do Trovão antes de usá-la contra os homens-onça, seus inimigos (N. do R.).

seu pescoço.

Os três não entraram pela porta mas apareceram dentro onde estava o velho Trovão. Desataram a espada e trocaram a fraca pela espada boa.

O velho Trovão acordou e disse-lhes: "Vós não resistireis, meus netos, porque essa espada não é para brincadeiras!". "Nós resistiremos!". "Então ficai aí (onde estais) e eu arremessarei um raio contra vós!".

O velho Trovão alçou a sua espada e dela partiu um raio. Os três não ficaram queimados, mas despedaçados. Metade do corpo caiu para baixo, metade foi para o alto, depois os três corpos se refizeram novamente.

"Agora é a nossa vez, disseram. Fica aí e vejamos se tu resistes como nós". Tomaram a espada do velho e lançaram um raio contra ele. E do velho não ficou nem o pó! Disseram: "Agora sim, que liquidamos este avô!"²⁸⁷

Procuraram os três um almofariz, que era um longo tronco, puseram-no no meio da casa de pedra (do Trovão), adaptaram-lhe paus à guisa de pernas e braços e, com a cuia do velho, formaram a cabeça de Trovão. Pronunciaram os seus sopros para reunir toda a poeira que restara do velho Trovão. Começaram então a chegar gafanhotos, aranhas, toda espécie de pequenos animais e, pouco depois, o velho tornou-se homem, começou a mover-se e levantou-se. Então, os três desceram à terra e experimentaram a espada contra os javalis do Miriti-igarapé. O fogo queimou tudo. Disseram: "Agora sim, que a espada é boa!" e voltaram a própria **maloca**.

Os três arremessam o raio e tudo destróem

Os convidados tinham vindo para o **dabucuri**. Chegaram os três com a espada já pelo fim da festa e disseram: "Vejamos como arremessar o raio sobre eles. Estão todos dentro da **maloca**. Se saíssem seria melhor". Foram observar o limite da praça: a velha

²⁸⁷ A qualquer velho denominam avô.

estava no meio da roda dos parentes.

Um dos três disse: "Esperamos amanhecer quando é costume que todos saiam da **maloca** para a última dança! Não podemos agir agora, porque a nossa velha (que criara os três) está com eles, cantando na roda". O outro respondeu: "Que podemos nós fazer? Visto que são os nossos inimigos, devemos exterminá-los!. Porém, não mataremos a nossa velhinha. Ela tudo fez para que nós existíssemos. E vamos matá-la agora? Isto não!".

De manhã cedo, quando saíam da **maloca** para a última dança, naquela enorme roda (de dançantes) também a velha saiu. Indagou um deles: "De qual lado arremessaremos o raio?". "Lançá-lo-emos sobre a praça, lá embaixo, próximo daquela rocha". Rocha enorme a qual se chama hoje "Rocha do Trovão".

Quando chegou a hora, os inimigos estavam saindo da maloca em uma enorme roda em direção à boca da cachoeira do rio (em Iauaretê). Aquelas pedras (que hoje se vêem) naquele tempo eram "gente". Lá do outro lado da praça, os três, mais carregados ainda de enfeites que os demais da festa, pensaram em si: "Chegou o momento!". Já estavam todos na pracinha dançando aquela enorme dança. Os três haviam subido sobre a pedra do Trovão, alcançaram a espada, veio o estalido e caiu o raio sobre todos. Explodiu o raio e queimou a **maloca**. Toda aquela roda que dançava caiu morta, queimada pelo raio.

Os três se avizinham lentamente para verificar se alguém escapara. Todos, inclusive a velha, caíram mortos. Um deles disse: "Matamos a nossa velha. Devemos fazer um sopro para ver se ela revive!".

Um deles lançou mão de uma coisa que ele pôs na boca da velha. Esta sentiu o remédio e começou a cardar-se, queria se levantar mas quando ela se moveu, todos despertaram. "Então acabamos com todos. Pena que se acabe também com a velha!".

E lançaram outro raio. Tudo ficou queimado. Ninguém mais existia. "Agora sim, ficamos bem vingados. Nada mais temos que fazer, vamos embora!".

Eles subiram para a atmosfera, para o céu. Foram viver na última (mais remota) parte do universo. O nome de Iauaretê, parece, é porque aí habitavam os homens-onça. Também os três

eram daquela gente.

A morte da Lua²⁸⁸

O jovem preguiçoso e a morte da lua

Em uma **maloca**, lá pelas nascentes do rio Tiquiê, viviam muitos irmãos²⁸⁹. Um deles era muito preguiçoso, não queria trabalhar e enquanto os irmãos dele iam trabalhar, ele passava o dia dormindo. Ao redor da **maloca** havia muitos bacuraus²⁹⁰, aves impertinentes que cantavam durante as noites de luar. O jovem preguiçoso saía para atirar pedras contra essas aves que o incomodavam de noite.

Certo dia quando o rapaz estava dormindo, vieram muitas pessoas desatarem a sua rede, transportaram-no para o monte e o deixaram deitado em sua rede na beirada da praça da **maloca** da Lua.

²⁸⁸ Lenda narrada em 1963 ao Prof^o Ettore Biocca por Graciliano Mendes, filho e intérprete do velho xamã Tariana Ponciano Mendes e publicada in Biocca (*op. cit.*:399-404). Na concepção de todos os indígenas das várias tribos do Uaupés, Sol e Lua são uma única e mesma pessoa, de sexo masculino, e denominada em Tukano Muhĩpu.

²⁸⁹ A expressão "muitos" faz-nos pensar que não se trata de irmãos consanguíneos, isto é, filhos de um pai e de uma mesma mãe, mas apenas de *contribules*, embora pertencendo todos à mesma subdivisão tribal. Exprimindo-se em Português eles se apresentam como "irmãos", e não raro acrescentam "meu irmão maior" (*mami*) ou "meu irmão menor" (*axkabi*). Com rigor estes termos Tukano não exprimem relação de parentesco ou proveniência sanguínea, porém mera relação social; dos nascidos do mesmo pai e da mesma mãe, o primogênito é o *mami* de todos os demais que assim o denominam e a cada um dos demais ele considera seu *axkabi* e entre si os irmãos consanguíneos denominam *mami* aos anciões nascidos antes dele e *axkabi* aos irmãos mais moços. Na falta de um termo mais apropriado preferível ao de irmão da Língua Portuguesa, e evidentemente inadequado, poder-se-ia empregar o latino *contribul* como equivalente a irmão de tribo.

²⁹⁰ Bacurau, em Nheengatu uakurawa, designa várias aves de vida crepuscular ou noturna da família Caprimulgídeos.

O jovem continuou dormindo. Quando a manhã já ia alta, os pássaros saltavam de um ramo para o outro e assim moviam os ramos e as gotas de orvalho caíam sobre o seu corpo. Sentiu frio, acordou e pensou: "Não sei como cheguei até aqui e onde me acho agora".

Ali não estavam os que o tinham trazido, não havia ninguém! Ele viu apenas aquela grande **maloca** que lhe estava próxima. "Seja o que for, pensou ele, vou olhar lá dentro, pode ser que haja alguma pessoa". Tomou a sua rede e entrou mas não viu ninguém. Amarrou a sua rede dentro da **maloca** e retomou o sono.

Veio uma velhinha para fazer a limpeza da **maloca** e, quando chegou perto dele, indagou: "Quem és tu?". Respondeu-lhe ele: "Recordo só onde eu morava" - e lhe indicou o lugar. Depois perguntou onde ele se achava então. A velha lhe disse: "Tu estás na **maloca** da Lua. A Lua é meu filho". "E agora como farei eu para retornar entre os meus?". A velha respondeu: "Não sei, mas veremos (como isto se fará). Se não fosse agora a ocasião da festa da doença²⁹¹ do meu filho tu já podias ter voltado. Infelizmente agora não há aqui ninguém que deva ir onde tu vives. Eu sei porque tu estás aqui! Disseram-me que tu estavas a perturbar os pássaros do meu filho que são também eles seres humanos. Se não tivesses lançado pedras contra eles, tu não estarias aqui. Eles te trouxeram aqui como castigo". "Mas agora eu quero retornar entre os meus". "Agora debes esperar, mas dentro de poucos dias de lá virá gente e poderás voltar com eles". O jovem ficou vivendo naquela **maloca**. Veio a velha que lhe disse que seu filho (a lua) estava para ter a sua doença (eclipse) que lhe faria cair as suas unhas, os dedos e as carnes aos pedaços. Tudo lhe caía, ficava apenas o esqueleto, isto é, começava o que na Terra denominam a morte da Lua ²⁹². "Aqui virá muita gente", disse (a velha).

²⁹¹ Conforme a concepção indígena, o eclipse de lua é a sua doença, quando lhe caem todas as carnes e ela fica reduzida a um simples esqueleto. Por ocasião desses eclipses procuram nas suas **malocas** ou povoados fazer grande ruído, a fim de afugentar os inimigos da Lua.

²⁹² E para os Brancos é o eclipse de Lua.

Quando chegou o dia fixado, a velha disse ao jovem: "Nota-o bem, tu deves fazer somente o que eu te disser. Quando o meu filho sair e começar a ter a sua doença, seu corpo cairá aos pedaços e tu não deves ir vê-lo. Esta **maloca** se transformará em um torrente, em um rio e toda aquela carne no rio tornar-se-á peixe²⁹³. Aquela gente virá para apanhar os peixes e comê-los. Farão eles toda espécie de pesca²⁹⁴. Eu te fecharei em um **pari**²⁹⁵. Por motivo nenhum deverás olhar".

Mas o jovem era cabeçudo. No dia fixado veio gente de toda parte: eram velhos, homens, mulheres, meninos e criancinhas. Começaram a fazer os preparativos ao redor da **maloca** para apanhar os peixes, faziam os **cacuris**²⁹⁶, **paris** etc. Quando terminaram os preparativos, a velha disse (ao jovem): "Chegou o momento! Não deves olhar". Mas ele era cabeçudo e curioso. O homem-lua²⁹⁷ já começava a se sentir mal, estava saindo, era a Lua cheia²⁹⁸. Ele disse: "Já estão caindo os meus dedos". Os dedos se transformaram em peixes na água.

Aqueles homens que vieram (para a pescaria) não eram homens, eram espíritos e estavam fazendo a sua pescaria ao redor da **maloca**. Matavam muitos peixes enquanto a Lua estava perdendo os dedos, as carnes dos dedos, dos braços, dos pés. O jovem escutava (o rumor) e queria ver, porém, não o podia porque ele estava fechado dentro (do **pari**). "Quero ver a todo custo", pensou ele. Abriu uma pequena fresta e viu mal apenas um esqueleto e naquele instante saltou-lhe no olho um peixe aracu-

²⁹³ Esta é a explicação indígena da **piracema**, isto é, o cardume de peixes que sobem ou descem os rios para a desova ou para a procura de alimentos.

²⁹⁴ Isto é, os seus processos.

²⁹⁵ Ver nota 121.

²⁹⁶ Ver nota 122.

²⁹⁷ Esta expressão de per si denuncia, não o velho pajé, mas é criação do seu filho, ex-aluno das Missões Católicas.

²⁹⁸ Ou nova?

piranga²⁹⁹. "Agora sim, que recebi o castigo que eu merecia", pensou ele. Voltou gemendo para a sua rede. Começou a chorar, porém ninguém vinha vê-lo. Estavam todos ocupados a pescar. O homem-lua começou a melhorar, voltaram-lhe as carnes. Quando estava para entrar na **maloca**, toda a sua carne já havia voltado e ele foi dormir. Durante a noite os outros estavam pescando os peixes, moqueando e comendo-os.

A velha, no dia seguinte, veio limpar a **maloca** e se aproximou do jovem. A cascata, a torrente haviam desaparecido. Toda aquela gente estava na praça da **maloca**. A velha abriu o recinto e foi ver o jovem. Este estava com os olhos fechados e nem tinha coragem para olhar.

Disse-lhe a velha: "Que tens?". Mas ela já sabia que ele espiara. "Não tenho nada - respondeu o jovem - sinto apenas dor em um olho". Tu foste espiar! Tu és obstinado e curioso, se não tivesse ido espiar não estarias com dor no olho e com este peixe no olho". A velha saiu e foi procurar um remédio, pôs-lhe no olho e o peixe caiu fora. "Agora pôr-te-ei um outro remédio para que teu olho fique são".

Quando terminou (o curativo) disse-lhe a velha: "Agora tu não podes ficar aqui, porque eu moro sozinha com meu filho que, de tempo em tempo, sofre essa doença e dá oportunidade a todos estes espíritos de fazer as suas pescarias. Tu voltarás com eles. São espíritos mas quando se acham na sua terra, têm forma de corpo humano. Dar-te-ei **beiju**. Este **beiju** é suficiente para chegares até a tua **maloca**. Esta gente te guiará, passará bem próximo à tua **maloca**. Segue-os sempre às escondidas e nunca te deixes ver! Se eles te virem, tomarão toda a tua comida e trocarão sua comida pela tua. Será, então, a tua desgraça".

No momento fixado, aqueles espíritos chegaram sobrecarregados de coisas e com muitos peixes moqueados. As mulheres e as crianças seguiam na frente cantando. Também o jovem tomou a sua rede e os seguiu lentamente, como a velha lhe dissera.

De vez em quando ele parava longe dos outros para

²⁹⁹ Gênero *Leporinus* (N. do R.).

comer um pedaço de **beiju**. Até que chegou em um lugar onde viu escamas de peixes no terreno e um perfume saboroso de peixe moqueado. "Desperta mesmo vontade de comer. Sinto muita fome, eu não resisto só com este **beiju**", pensou ele. Recolheu (do chão) um pedacinho daquele peixe, era gordo e saboroso. Despertava vontade de comer. Cheirou-o e comeu-o. Era mesmo gostoso. "Se eu pudesse ter mais um pedaço! A velha recomendou-me que eu não o tomasse mas é tão gostoso! Se eu pudesse pediria àquela gente! Quero mesmo comer dele!".

Passou na frente sem se esconder, sentou-se em um lugar bem visível e começou a comer. Os outros se aproximaram e disseram: "Companheiro, que estás fazendo aqui?". "Estou vindo atrás de vós!" "Pois bem, vem, mas que coisa estás comendo?". "Estou comendo **beiju**!" "É só **beiju** que comes? Nós temos muitos peixes moqueados, se tu queres, nós te podemos dar!". Era justamente o que ele desejava. "Pois bem, dai-mo!". Ele passou o **beiju** aos outros e explicou-lhes de onde ele era. "Nós vamos naquela direção!". Assim caminharão juntos comendo daquele peixe moqueado e conversando, até que chegaram próximos da **maloca**. O jovem entrou então na **maloca**. Os irmãos dele indagaram onde ele tinha estado. Mas ele nada lhes contou. Os irmãos ficaram suspeitosos. Isto aconteceu nas cabeceiras do rio Tiquiê.

A pesca mágica

Alguns dias depois os irmãos disseram: "Nós vamos pescar". Também foi o jovem. Chegaram no local à noite e circundaram com **pari**³⁰⁰ um grande igarapé. "Nós ficaremos aqui recolhendo os peixes, tu vais mais para dentro a fim de espantá-los e bate na água para que eles fujam".

³⁰⁰ Na realidade além do cercado de **pari**, na boca do igarapé, para que os peixes não fujam para o rio grande, costuma-se lançar na água o **timbó**, suco venenoso de diversas plantas que, misturado no barro, é capaz de matar os peixes pequenos os quais, depois de moqueados, nenhum dano causam a quem os comem, e os grandes sentem-se logo estonteados e vêm à tona e os pescadores os recolhem (ver nota 115).

O jovem começou a bater na água³⁰¹ e, em dado momento, pôs-se a gritar: "Caiu o meu dedo. Olhem! Fiquei sem dedo, não sei o que tenho... Caíram-me todos os dedos desta mão... agora da outra mão... agora perdi também a mão". E na proporção que lhe caíam as carnes, peixes e mais peixes desciam para o **pari** onde os outros irmãos estavam pescando. Estava sucedendo com ele o que se dera com a Lua. Aqueles peixes eram carnes da Lua. Ele continuou dizendo: "Agora (caiu) meu braço, agora o meu pé, agora as pernas".

Os outros disseram então: "Quem sabe aonde foi o nosso irmão? Vamos embora daqui". E regressaram à própria **maloca**.

O jovem continuou a falar sozinho e assim passou a noite. No dia seguinte ao alvorecer, dele restava só a cabeça, como sucedera à Lua, o restante era só osso, (isto é) o esqueleto, mas continuava a falar como se fosse um homem.

A cabeça voadora

Pela manhã, aquela cabeça regressou à **maloca** dos irmãos, chegou como um trovão, fazendo igual a um rumor e caiu no alto da **maloca**. De lá começou a falar: "Oh, meus irmãos, por que tendes me deixado assim sozinho? Não me dissestes que iríeis embora? Vinde ao menos falar comigo, por que fizestes isto, vós que sois os meus parentes? Desejo muito falar convosco³⁰²".

Assim ia falando aquela cabeça, até que o (irmão) mais velho perdeu a paciência e disse: "Quero atirar uma flecha sobre aquela cabeça e acabar com isto de uma vez. Visto que ele já está morto só nos resta acabar de matá-lo".

Tomou o arco e a flecha, saiu da praça (da **maloca**) e observou-o bem. Quando estava para lançar a flecha, a cabeça voou sobre os seus ombros³⁰³. O homem (isto é, o irmão mais

³⁰¹ Do igarapé para espantar os peixes para a área com **timbó**.

³⁰² Ver mito de Kamāweni neste volume.

³⁰³ Os homens têm uma cavidade na clavícula porque aí caiu a cabeça.

velho) caiu por terra com duas cabeças, porque a cabeça voou, se ligou a ele e não se separou mais.

Os outros vieram ver, procuraram tirar a (segunda) cabeça, porém não o conseguiram. As duas cabeças não eram mortas. "Pobre do nosso irmão, como fará para comer?". Com efeito, a comida que o dono do corpo queria, a outra cabeça engolia e a comida não chegava ao abdômen. O homem já estava morrendo de fome. "Como separaremos esta cabeça?", perguntou um deles. "Davam-lhe toda espécie de alimento e muita pimenta"³⁰⁴, respondeu um outro. A cabeça salivava muito, porém não se destacava do corpo.

Colheram então **uacu**³⁰⁵, fruta da mata, de sabor agradável mas que tira a pele da língua de quem a coma crua e que tem bom sabor quando assada. Deram-lhe em grande quantidade. A cabeça ia comendo até que a sua língua começou a sangrar. Então disse: "Não resisto mais, só me dais esta fruta que queima a língua, agora quero beber água".

E aquela cabeça, que estava ligada ao homem, se separou e saiu voando. Chegou até a Serra de Juquira, que ficou abaixo de Iauaretê, onde havia a maloca daqueles espíritos³⁰⁶. Apoiou-se num grosso tronco e lá ficou.

Em Nheengatu chama-se esta cabeça **mira-anga**, que Stradelli (1929:526) traduz por "duende" ou "alma-de-gente". Quando as mulheres, donzelas ou meninas têm a sua doença, isto é, são menstruadas, é porque a cabeça está girando pelas vizinhanças da mata. Ela é muito má. Quando as mulheres vão fazer algum trabalho na mata, às vezes começam a sentir-se mal, vem então aquela cabeça que come as mulheres e as faz desaparecer³⁰⁷.

³⁰⁴ Capsicum frutescens Willd.; era para fazer arder a língua da segunda cabeça.

³⁰⁵ Ver nota 202.

³⁰⁶ Que foram para a pescaria da Lua.

³⁰⁷ Esta mesma história é contada pelos Tariana e pelos Tukano (é uma observação registrada no volume do Prof^o Biocca).

Os Maku e a origem do curare³⁰⁸

Um homem Desana³⁰⁹ vivia lá no Papuri e tinha cinco filhos. Ele pensou: "Preciso de um rapaz que cuide dos meus meninos e vou procurá-lo".

Encontrou um pequeno Maku³¹⁰, de nome "Morcego". levou-o para a sua casa para que se ocupasse das crianças. O pequeno Maku disse: "Eu não sou mulher para cuidar das crianças. Se o desejas, posso trazer uma minha irmã, ela poderia muito bem vir trabalhar aqui. Eu vou fazer outros serviços: caçar, pescar". "Então vá procurar a tua irmã!".

Ele trouxe a sua irmã que ficou com aquele homem. Ela dava banho nas crianças e os levava a passeio. Com o tempo as crianças, de que ela cuidava, tornavam-se sempre mais fracas e pálidas todas elas.

A mulher disse ao marido: "Estas crianças tornam-se cada vez mais fracas, é cada dia pior, e ninguém sabe o que está acontecendo. Fica atento porque todas as vezes que a jovem leva as crianças ao rio para o banho, ouvem-se gritos e não se sabe o que ela está fazendo!".

³⁰⁸ Lenda narrada em 1963 em Português por Graciliano Mendes ao Prof^o E. Biocca e publicada in Biocca (1965:481-484).

³⁰⁹ Da família lingüística Tukano oriental. Os Desana vivem nos rios Papuri e Tiquiê e afluentes e contam com mais de um milhar de membros conforme os registros paroquiais de Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracúá.

³¹⁰ Até alguns anos atrás, os das outras tribos se serviam largamente dos membros da tribo Maku, que diziam seus **peonás** (traduzem essa palavra por "escravos") em troca de uma escassa alimentação e alguma peça de roupa velha; mais recentemente a Missão Salesiana começou suas atividades em benefício dos Maku procurando reuni-los em grupos, estabelecendo aí escolas primárias, estimulando o seu comércio com os civilizados, principalmente a venda de cipós, mas especialmente estimulados a organizarem as suas roças. E nos dias atuais já vendem paneiros de farinha aos regatões, com os quais se abastecem os caboclos do rio Negro. Fomos informados que, em alguns dos nossos Centros missionários, rapazes Maku se estão preparando para serem, em breve, os mestres-escolas dos seus *contribules*. Ver também notas 107 e 108.

Todas as vezes que a mãe das crianças preparava o **beiju**, a jovem Maku preparava também um **beiju** para si. Cresceu a suspeita do homem e pôs-se a observar às escondidas. A jovem Maku fazia um orifício no meio da testa das crianças e aí chupava e, o que ela chupava, comia com aquele **beiju**. O homem exclamou: "Na realidade ela come o cérebro dos meus filhos e por isso eles estão fracos". Quando acabava de comer, ela fechava novamente o buraco e assim as crianças morriam um pouco mais de cada vez.

Certa vez, acabou por morrer um menino. Disse, então, o pai: "Pois bem, esta Maku me há de pagar, ela morrerá como morreu o nosso filho!". Levou a jovem Maku a sua roça, onde havia muita lenha, reuniu toda essa lenha para fazer um fogo, pegou a Maku e a lançou no meio de uma enorme fogueira. Ela morreu queimada.

O irmão (da Maku) fora pescar e desceu a um igarapé com um pouco de **timbó**³¹¹ com o desejo de apanhar alguns peixinhos. Improvisadamente ele ouviu um sussurro "ssss". Eram os olhos da sua irmã que vinham dizer-lhe que a haviam matado. E os olhos caíram perto dele.

Ele parou, recolheu os olhos na mão e lhes perguntou: "O que aconteceu?". Aqueles olhos choraram. "Meu irmão, tu me tiraste da **maloca** do nosso pai para que aquele homem me matasse. Ele me queimou, ele me matou, eu estou morta".

Disse ele: "Vingarei a minha irmã". Reuniu os peixes em um embrulho de folhas para assá-los ao fogo e, no meio (dos peixes), pôs também os olhos (da sua irmã). Aqueles olhos transformaram-se em peixes. Levou (os peixes) à **maloca** do Desana e, quando acabou de assar o embrulho de peixes, deu-o ao chefe (o Desana). Apenas o Desana começou a abrir, o embrulho explodiu e feriu o olho da esposa. Mas ele não sabia que aquilo era uma vingança.

O Maku chorava pela morte da sua irmã. Tomou um osso da perna direita e pôs-se na rede para fazê-lo soar, entoando cantos pela morte da sua irmã. Os cantos diziam: "Pobre da minha

³¹¹ Ver nota 115.

irmã, um dia eu vingarei a tua morte! Um morto sempre é vingado! Assim como trouxe aqui a minha irmã, devo levar embora os filhos desta **maloca**".

Os meninos ouviram aquele canto tão triste e disseram: "Nunca ouvimos um canto assim! Ó jovem Maku, onde encontraste uma flauta tão bela? Também nós a queremos! Nós queremos brincar, queremos cantar contigo".

O Maku respondeu: "Dentro daquela mata longínqua que eu conheço cresce o caniço³¹² para fazer flautas. Nós podemos ir até lá". "Pois vamos!". No dia marcado eles foram. Só o irmão maior permaneceu na **maloca**.

Enquanto caminhavam, o Maku chamou o menor deles e disse-lhe: "Ouve bem! Tu te salvarás desta viagem! Tu dirás 'este igarapé tem água de abelha, com este suco doce apagar-se-á a dor de cabeça, a dor do calor da febre'". Foram caminhando para frente e ele repetiu a mesma coisa: "Com este canto, com esta água do igarapé, curarás a dor de cabeça, a dor da tua febre". O Maku ia assim ensinando ao menor dos irmãos. Os outros não ouviam, só o menor seguia o Maku. "Um dia voarei embora daqui, matar-me será difícil para vós. Procurareis todos os modos de matar-me, o teu pai e todos os teus parentes".

Havia muitos igarapés, igarapé do abio, igarapé da cucura, igarapé do ingá, e o Maku repetia (ao menino): "Com este doce ingá será extinta a dor e também o calor da febre".

Assim o Maku ia guiando os meninos até que chegaram onde havia os caniços. "Finalmente, agora chegamos! Tu és o último (o mais jovem). Os outros não se preocupam contigo. Quando me quiseres flechar, tu (criança) reunirás a força do mundo inteiro no teu corpo e, com a força do mundo inteiro, tu lançarás um fogo, o maior até lá onde eu estarei. Com aquela força e com aquele vento, poderás atingir-me. Fica aqui na margem da mata dos caniços. Os teus irmãos virão comigo no mato cerrado".

Enquanto os meninos estavam recolhendo caniços para os

³¹² As flautas-de-pã, cognominadas geralmente caniços e, em língua Tukano, **weõ-pa**, de 6 a 10 tubos de caniço.

instrumentos, o Maku rodeou de folhas secas todas aquelas plantas de caniço e acendeu um fogo. Tudo estava seco e pôs-se a arder.

Quando o menorzinho, que estava na margem, viu aquele enorme fogo, fugiu já um tanto queimado. Recordou-se então do que lhe dissera o jovem Maku: "Com o frio da água, com o suco de abelha, o teu calor se abrandará". Os outros irmãos seus foram queimados pelo incêndio.

Naquele momento, o Maku se transformou em gavião³¹³ e voou, voou até que viu uma pedra como árvore, pousou num ramo e cantou: "Eu queimei os filhos da Lua, agora estou contente, porque vinguei a morte da minha irmã". Os Desana são Filhos da Lua³¹⁴.

O (filho) mais jovem regressou à **maloca** e contou ao pai (a morte dos seus irmãos) e o pai disse: "Agora procuremos o curare³¹⁵ e preparemos as flechas com algodão na base e o curare na ponta. Também o pequeno queria uma flecha. Mas os seus pais e o irmão mais velho que ficara na **maloca** disseram: "Porque dar-te a flecha? Tu não sabes sequer soprar zarabatana, como poderias fazer contra um pássaro que está nas grimpas mais altas?".

Todavia, com o resto de algodão, o pai preparou uma flecha também para ele. E imediatamente foram para lá, aos pés daquele monte. O gavião estava pousado acima e de lá insultava o Desana.

Eles sopraram (a flecha) na zarabatana, sopraram com toda força, mas as flechas não chegaram até o gavião. Disse então o pequeno: "Pois bem, agora (soprarei) eu, agora eu o flecharei!". Fez o seu cigarro como lhe ensinara o jovem Maku e, com aquele cigarro, soprou sobre aquele tronco (em que estava pousado o gavião). A fumaça do cigarro reuniu grande quantidade de

³¹³ Ave de rapina.

³¹⁴ Estranhamos esta afirmação de Graciliano. Os Desana se consideram como "Filhos do Sol", ou ainda, "Filhos do Dia" mas, em nenhum caso, como "Filhos da Lua". Os Tukano, cuja auto-denominação é Nami-maxsã "Gente da noite", é que seriam os "Filhos da Lua" (N. do R.).

³¹⁵ Ver nota 89.

formigas, de tocandiras, de aranhas que subiram sobre o ramo em que estava pousado o gavião e lhe treparam sobre as pernas. O gavião voou e pousou um pouco mais baixo. O menino pôs, então, a sua flecha na zarabatana e, reunindo o vento do mundo inteiro, soprou e feriu o gavião. Disse, então, aos seus (pais e irmãos): "Vós sois velhos, nada valeis, só eu valho"³¹⁶. Flechei o gavião!".

O gavião levantou vôo, elevou-se, desceu, atravessou o rio, girou e caiu. E reboou um estrondo. Quando ouviram (o estrondo), disseram: "Ele morreu".

Enquanto o gavião voava, ia vomitando curare. Por isso é que há tantos venenos sobre estes montes, vomitados pelo gavião.

O gavião foi morrer no rio Japurá. Os Karapanã³¹⁷, que vivem próximo das nascentes do Papuri, recolheram o veneno caído do gavião. Por isso, os Desana fizeram muitas guerras contra os Karapanã. Aquele vômito transformou-se na planta que dá veneno³¹⁸

Cantos Xamanísticos³¹⁹

³¹⁶ Ver o que dissemos sobre a esperteza dos caçulas, nota 175 (N. do R.).

³¹⁷ Da família lingüística Tukano oriental (N. do R.).

³¹⁸ Isto é, o curare.

³¹⁹ Graciliano, depõe Biocca (1965:196), "foi o meu intérprete e traduzia em Português os cantos e exorcismos do pajé, à medida que o velho ia cantando recitando em Tariana e em Tukano. Era uma tradução livre que certamente respeitava o sentido. Tudo foi registrado na fita magnética e tudo quanto segue é a tradução exata do registro". Podemos também assegurar aos nossos leitores que procuramos traduzir com a máxima fidelidade a redação italiana tanto das lendas como desses cantos e as demais informações de Graciliano. É compreensí-

O velho, desde a praça da maloca invoca a "Avó da água", pede água para refrescar o doente e canta:

"Desde que o mundo começou a existir existimos nós filhos dos pajés que somos, e bebemos este **caapi**³²⁰, e assim temos sido desde o princípio do mundo. Terra, bela Terra onde vivemos! Vinde todos, aproximai-vos para ver o doente! Uni-vos para ver o que ele tem! Com a força deste **caapi** abra-se toda a natureza! Espírito do gavião, com cauda de tesoura, do abutre e da andorinha trouxe a cuia da água e as folhas de calmantes para refrescar o corpo e tirar a doença".

Ele repete muitas vezes o mesmo canto, invocando o espírito do gavião, de cauda da andorinha, do abutre e da andorinha.

Enquanto joga água, chupa, sopra sobre o doente, faz toda a sua cerimônia³²¹.

Já não canta mais. Ele tem as folhas que pediu ao espírito dos pássaros³²², esfrega essas folhas na cuia onde está a água e renova os sopros com suas invocações.

E terminou, mas deve reenviar a água e o recipiente à "Avó da água" e libertar os espíritos. Se não reenviasse a água e os espíritos dos pássaros, sucederia desgraça, cairia raio. Ele canta:

"Avó da água leva embora este vaso, esta água. Conserva esta água no seu lugar, o corpo do doente já está refrescado.

vel que o velho Pajé Ponciano, embora desconhecendo atualmente a língua Tariana dos seus avós, se recorde de algumas canções nesse idioma, ouvidas em sua juventude, dos velhos pajés de outrora. Como, porém, o seu filho Graciliano foi capaz de dar informações também sobre estas canções de um idioma que não só ele desconhece, mas também seu próprio pai ignora? Por resumida analogia com as canções terapêuticas dos pajés atuais? Biocca (*op. cit.*: 196-200) transcreve, na tradução de Graciliano, os cantos do pajé.

³²⁰ Ver nota 188.

³²¹ São formalidades rituais de uso regular e freqüente emprego e acompanhadas de gemidos, como tivemos oportunidade de presenciar e gravar na fita magnética, e que Graciliano se esqueceu de citar.

³²² Mas já os levava consigo, como seus apetrechos de pajé.

Espírito dos pássaros, voltai ao vosso lugar, retirai-vos meus companheiros, meus irmãos. Levai embora vossas armas, o nosso maracá, a nossa pedra, retirai-vos com tudo. Já terminamos meus irmãos".

O pajé fica alguns minutos em silêncio, depois entoia um novo canto lento e monótono como o precedente.

"Assim como viestes, ó espíritos para ajudar-me, assim retirai-vos. Este chefe³²³ vindo de longe, quis ouvir e ver-nos, ele já vos viu, podeis retirar-vos. Ele quis ver a nós que somos filhos daqueles que já faziam isto. Quando este filho de chefe daquelas terras vos chamar, podeis apresentar-vos, podeis atendê-lo. Ele resolverá convosco de boa mente, assim como vós agora nos tende ouvido. O trabalho está feito. Podeis ir-vos".

Graciliano, depois, resume o aprendizado do seu pai, de tudo o que ele viu ou ouviu do seu pai e afirma³²⁴: "Este Tariana, este meu velho pai, é o único que sabia os cantos, os cantos do pajé. Ensinou-lhe quando rapaz o nosso avô, o nosso bisavô e assim por diante. Ele fez todas as cerimônias³²⁵ com muito rigor porque assim seguiam os costumes³²⁶".

Tudo isto não é por brincadeira, nem apenas para impressionar, não foi inventado nem ontem nem hoje. Quando nós nascemos este costume era já velho. É do tempo quando o mundo começou³²⁷. Tudo isto está desaparecendo pouco a pouco.³²⁸

³²³ Trata-se de Ettore Biocca.

³²⁴ Ver Biocca (*op. cit.*:198).

³²⁵ Para aprendizagem da pajelança.

³²⁶ É compreensível esta informação nos lábios do Graciliano para valorizar as atitudes e informações do seu pai perante o Prof^o Biocca que viera de tão longe para entrevistá-lo!

³²⁷ Não estamos em condições de informar se a profissão e as práticas de pajelança os nossos indígenas as trouxeram de sua pátria de origem (China ou Índia) ou as criaram já no habitat amazonense, quiçá mesmo por imitação dos grupos humanos preexistentes no atual território brasileiro?

Meu velho pai conhece todas as coisas e as narra para que eu as aprenda, mas eu não sou feito para isso.³²⁹ Quando eles estudam³³⁰, fazem jejuns, comem só **beiju**, **maniuara**, não comem pimenta, nem carne de animais grandes³³¹ nem assada nem fervida. Nem podem ter relações com mulheres. É muito sacrifício³³²!

O pajé enche o osso de gavião com paricá e sopra no nariz do aprendiz. E (naturalmente) o aprendiz espirra. Se não espirrar é melhor que não continua. Quem espirrar pode continuar, será um bom pajé! O **paricá** é preparado com a casca de uma árvore, cozinham-na, recolhem a água, deixam-na sedimentar, depois jogam fora a água e o pó fica no fundo e o secam ao sol.

Existe uma pedra³³³ amarela que se encontra em um monte especial. É uma espécie de resina. Os pajés a recolhem para preparar o **paricá**. Foi Jurupari quem deu esse **paricá**. A pedra do meu pai era amarela e se raspava. Nem todos a podem possuir. É

³²⁸ Releve-se que esta declaração parte dos lábios de um indígena, filho de um conceituado pajé.

³²⁹ O P. Brüzzi acrescentou a seguinte nota: "Em contato com a civilização brasileira os indígenas puro sangue já acalentam outras idéias". Discordo dessa interpretação do P. Brüzzi. O que Graciliano quis dizer é que ele não se sentia capacitado para escolher a profissão de pajé. Nem todos podem ser pajé, nem mesmo estão interessados em sê-lo (N. do R.).

³³⁰ Isto é, se preparam para a pajelança. É natural que o filho dê informações poucas e vagas (ver Brüzzi 1977:240-253).

³³¹ Como, por exemplo, porcos do mato e sobretudo antas.

³³² Assim comenta o seu filho que não ignora as grandes liberdades sexuais destas tribos!

³³³ Quantas inexactidões e informações inaceitáveis nas palavras de Graciliano! Afirma que é uma pedra, e a de seu pai era amarela, encontrável em um determinado monte. Mas na realidade trata-se de uma resina e, por isso, fácil de ser riscada, resina destinada à inalação, porém perigosa, podendo até enlouquecer os candidatos a pajé ou mesmo causar-lhes a morte. É com tal pedra ou resina que o pajé prepara o **paricá**. Sobre o **paricá** ver nota 263.

necessário saber de onde vem e quais os pontos onde iniciar a inalação. Ela faz enlouquecer, saltar, faz cair na água e fazer todas as loucuras. Se não estivesse presente o pajé-chefe, muita gente morreria!

Existe também o **caapi**. O **caapi** que se bebe nas danças, nos **dabucuris**, é outro, este é muito mais forte. Quem não o resiste, vira de pernas para o ar e morre. Nem todos podem cantar os cantos do pajé. Se alguém quisesse aspirar (o **caapi**) e cantar sem ser pajé cairia morto ali mesmo, porque não saberia nem receber, nem restituir³³⁴. Por isso é proibido cantar alguns cantos do pajé.

Existe um canto para ensinar aos aprendizes, um para curar os doentes e um outro ainda contra os inimigos. Depois do canto o pajé toma o cigarro e fuma-o para espalhar a fumaça.

Quando o aprendiz estuda, o pajé (mestre) pergunta-lhe: "Queres aprender para curar os doentes ou para matar os inimigos?". Quem tem um coração bom disse: "Eu quero curar a gente!". Outro dirá: "Eu também!". Um terceiro, parece que não é bom, dirá: "Eu quero matar o inimigo!". Um bom e competente pajé pode defender-se de um pajé malvado, mas deve ser um pajé forte e velho.

Este Tukano que vive conosco estudou para ser pajé, mas não chegou até o fundo. Não resistiu à força do **paricá** e ficou doido³³⁵: imergia-se no igarapé, trepava sobre as árvores. Então os outros pajés perceberam que ele não resistia, retiraram dele todo aquele odor³³⁶ a fim de que voltasse a se sentir bem. O pajé deve ter força (isto é, ser forte) porque no momento em que faz suas inalações, ele se contorce e deixa sair fogo (do próprio corpo).

³³⁴ Talvez queria dizer não saberia aspirá-lo ou expectorá-lo?

³³⁵ Os índios Tukano geralmente dizem que um aprendiz de pajé que não respeitou as restrições alimentares que acompanham a tomada dos alucinógenos tornam-se loucos. Isto se fundamenta num mito em que o herói cultural que estudava para ser pajé começou a comer e ficou louco, embrenhando-se na mata (N. do R.).

³³⁶ O cheiro intenso das plantas com que se esfregam.

O pajé manda sobre o **tuxaua**³³⁷. Se ele é pajé-**tuxaua** ele manda sobre todos, mas é raro³³⁸. Quando o pajé determina uma coisa o **tuxaua** deve segui-la.

Para curar um doente o pajé pinta o próprio rosto, mas de maneira diferente (da pintura) para a dança. Na face um círculo redondo e um ponto no centro é o olho do gavião³³⁹. O maracá³⁴⁰ do pajé tem pequenos orifícios de um lado que correspondem aos do outro lado. São para fazer sair e entrar a força e para soprar a fumaça. O punho da maracá é a espada dos seus sonhos³⁴¹. Ele foi banhado com água de **paricá**, a fim de que, nos seus olhos, eles (os pajés) vejam (tenham visões) e tenham força. No maracá há desenhos mágicos, o maracá é o seu corpo, o corpo do pajé. É uma espécie de escudo que eles usam³⁴².

Quando os pajés fazem esta cerimônia invocam o espírito dos pássaros, cantam sobre a fumaça, fazem o resto, (?) e o doente

³³⁷ "Cacique", "chefe" em Nheengatu.

³³⁸ Isto é, um **tuxaua** ser ao mesmo tempo pajé. De fato, os primogênitos, são, tradicionalmente, destinados a assumir o cargo de chefia, ao passo que os caçulas são destinados a estudar para ser pajés. Ver, também, o que dissemos sobre a capacidade visionária dos caçulas, nota 175. (N. do R.).

³³⁹ O gavião é reputado pela sua visão aguda (N. do R.).

³⁴⁰ O maracá é um pequeno instrumento que os pajés agitam nos seus ritos, essencialmente é uma cabaça munida de um cabo contendo pedras cujo rumor, dentro da cuia, ritma os momos ou canções terapêuticas.

³⁴¹ Talvez mera fantasia de Graciliano, por certo nos dias de hoje há indígenas que já viram espada; no século passado nem conheciam os facões e serviam-se de machado de pedra.

³⁴² Todas estas tribos conheciam o escudo. São antigas armas de guerra, feitas com um cipó levíssimo, porém eficiente como as flechas e que, no início deste século, eram utilizadas como adornos de festa, que traziam ao braço esquerdo quando iam beber sua cuia de **caapi** (Ver Brüzzi 1977:180).

sara (...)³⁴³.

Aos padres missionários ninguém jamais lhes explicou isto porque eles imediatamente (o) condenam. Ora, eu sei que quando os pajés fazem estas cerimônias invocam o espírito dos pássaros, sopram, cantam e o doente sara.

³⁴³ Graciliano cita o caso de um brasileiro abastado e desenganado pelos médicos, e ao qual um pajé curou com suas práticas mágicas e assim concluiu com estas afirmações tão peremptórias quão inexatas.

LENDAS COLETADAS PELO PADRE WILHELM SAAKE³⁴⁴, SVD.

³⁴⁴ De longa data ouvimos falar da revista *Anthropos*, dirigida pela Congregação do Verbo Divino (SVD) e do Instituto *Anthropos* especializado em estudo de Etnologia e Linguística, com atual sede perto de Bonn, capital da Alemanha Oriental. Com indizível satisfação nossa tivemos o ensejo de um encontro com o etnólogo P. José Vicente César, da SVD, e membro pleno da *Anthropos* Internacional, fundador e diretor da *Anthropos* no Brasil, quando ele visitou as Missões Salesianas do rio Negro, em Maio de 1974. O P. Saake teve a ocasião de trabalhar dez anos no Brasil(1950-1961) e passar longa temporada visitando as tribos indígenas da Amazônia sobre as quais publicou estudos e observações de indiscutível valor. Em uma das nossas visitas às tribos Arwakes, precisamente quando recolhíamos vocabulários daquelas populações para o Centro Salesiano de Pesquisas, tivemos ocasião de não só conhecer o P. Saake, mas de manter contato mais demorado com esse ilustre sacerdote e etnólogo, durante o tempo em que ele recolhia seu precioso cabedal de lendas. Nossas relações se prolongaram ao depois através de cartas e de algumas observações nossas na revista *Anthropos* (1955 e 1956). Recentemente viemos a saber do falecimento (17/03/1982) do ilustre diretor da *Anthropos*, na Alemanha, depois de haver publicado uns preciosos artigos sobre nossas tribos Arwakes. Manifestamos ao P. César, diretor da *Anthropos* no Brasil, em Brasília, o desejo de enriquecer nossas coletâneas de lendas com alguns dos preciosos elementos publicados pelo P. Saake e, imediatamente este enviou-nos não só sua autorização, mas também algumas dessas lendas recentemente publicadas pelo P. Saake, num volume em Alemão, e cuja tradução temos o prazer de apresentar aos nossos leitores graças a colaboração de um nosso zeloso missionário desta Missão, o P. Norberto Hohenscherer, SDB. Ao benemérito P. Norberto, com os meus agradecimentos pessoais, aos dos nossos leitores que, graças a sua colaboração, podem apreciar esse esplêndido trabalho do P. Saake.

A origem de Yapirikuri³⁴⁵

Naquele tempo havia uma pequena área de terra firme³⁴⁶. Dzamiquape³⁴⁷ tinha uma mulher. Dois anos depois, Dzamiquape matou um homem e este era o irmão de sua esposa. Matou-o com uma faca e tirou-lhe o osso da coxa, no qual fez três orifícios à guisa de flauta, depois na sua rede, pôs-se nela a soprar. Irritada a esposa, porque seu marido se servia do osso de seu irmão como de uma flauta, tomou-o e o atirou no rio onde ele ficou. No dia seguinte foi ela ao rio e, com a mão, procurou tirar o osso. Mas, este sempre lhe escapava das mãos. Procurou então um puçá³⁴⁸, porém, o osso lhe escapava por entre as malhas.

Retornou ela a sua casa, preparou uma rede de malhas mais estreitas e voltando com mais vagar ao rio, desta vez conseguiu apanhar o osso. Regressando a sua casa, ela pôs o osso num cesto dependurado da cobertura da casa. Nos três buracos do osso ela pôs três sementes de tabaco. Durante a noite, ela ouviu um barulho como se fosse um rato dentro do cesto. Tomou um pedaço de pau para bater no cesto e assim espantar o rato. Nos três dias seguintes, das três sementes nasceram três crianças. Eram três meninos e com isto aumentou o barulho. No quarto dia a mulher foi para a roça, as três crianças desceram (do cesto) e disseram: "Vamos à roça atrás da nossa tia!".

As crianças encontraram a tia na roça. Quando voltaram, pela tarde, perguntou-lhe o marido: "De quem são estas crianças e onde as encontrou?". Respondeu-lhe ela: "Encontrei-as na roça mas não sei donde vieram". O marido indagou: "Quem é o pai delas?". "Elas não tem pai!", respondeu a mulher. "As crianças - disse, então o homem - chame-as Maxueiai, isto é, 'sem pai'". As crianças ouviram e acostumaram-se com este nome.

³⁴⁵ Ou Yapirikuri. Ver nota 104.

³⁴⁶ Além dela só se via água e igapós.

³⁴⁷ Na concepção indígena o homem mais antigo e um ser maligno.

³⁴⁸ Ver nota 120.

O velho disse à sua mulher: "Se não erro eu, estes têm alguma coisa com aquele que eu matei!". Ele fez então uma zarabatana do tamanho de um braço para as crianças. Estas tentaram matar o velho com a flecha. Mas ele gritou: "Não façam isto, pois foi assim que eu matei o outro!".

As três crianças ficaram com as flechas apontadas para o velho. Depois o velho pegou as três crianças, colocou-as num pilão e com uma grande mão-de-pilão pôs-se a socá-las longamente. O pilão começou a rachar e as carnes das crianças começaram a sair pelas quatro rachaduras: do quarto buraco saiu a carne da qual se formou Kári³⁴⁹. Da carne que saiu da primeira rachadura apareceu Inapirikuri. Depois o velho jogou tudo no rio, juntamente com o pilão. Ouviu-se um barulho com se alguém batesse na água com a mão. E da água saíram quatro crianças. Elas pegaram o pilão e a mão-de-pilão e levaram-nos para o velho que estava na rede e disseram: "Aqui está tudo". Disse-lhes o velho: "Meus sobrinhos, vamos à nova roça para queimá-la!". Os meninos, que já sabiam o que ia acontecer, envolveram-se com imbaúba³⁵⁰ e encaminharam-se para a roça.

Quando chegaram lá disse-lhes o velho: "Vocês são jovens e têm mais força do que eu. Por isso, façam o fogo no centro da roça, enquanto eu, um homem velho, vou acender o fogo na beira. Os meninos foram até o centro da roça, deixaram lá as imbaúbas, foram em seguida para o outro lado e voltaram para o centro da roça onde estavam antes. O velho correu ao redor da roça e pôs fogo por toda parte. Quando já estava queimando, ele ouviu três vezes um estrondo como se algo explodisse. O velho, que escutara os estrondos, disse: "Agora estou satisfeito! Agora os três estão mortos!". Foram, porém, as imbaúbas que explodiram pelo calor do fogo. O velho supusera que explodira a barriga dos meninos.

Os três meninos quando chegaram ao lugar donde haviam

³⁴⁹ Um dos heróis culturais dos Baniwa que cultivou a mandioca. Ver Saake (1959) neste volume.

³⁵⁰ É a Cécropia palmata Willd da família Moráceas, e de madeira levíssima.

partido, colocaram um jabuti³⁵¹ que haviam encontrado: "Também este animal deve morrer!", disse o velho quando viu o jabuti. Tomou-o e o atirou contra uma árvore. Ricochetando, porém, o jabuti bateu violentamente no peito do velho. E é por isso que temos no peito uma depressão abaixo das costelas!

Quando o velho voltou para sua casa, encontrou um dos meninos que já havia se tornado rapaz, por nome Inapirikuri. E esse rapaz lhe disse: "Agora devo eu vingar a morte do meu pai!". Fez ele uma zarabatana grande, como hoje se costuma fazer, e um cesto para guardar as flechas envenenadas pelo curare³⁵². Naquela noite apareceram no lugar em que morava o rapaz os **equapiri**³⁵³, animais noturnos e aves que trazem desgraças. Defendeu-se ele matando esses seres noturnos com suas flechas.

Depois disse esse jovem: "Se eu agora gozo da luz deste mundo tenho o dever e é também a minha ardente vontade que também outros sejam chamados à vida, (haja) terra firme³⁵⁴, bons animais, igarapés, o dia e a noite, e alimentos para todos".

Yapirikuri e os primeiros homens³⁵⁵

Yapirikuri significa "todo de osso portanto sem carne. Os ossos são cobertos diretamente pela pele. A carne seria uma coisa desnecessária. Só o espírito tem valor e importância. Se ele teve pai e mãe, isso não se sabe. Não teve esposa alguma.

Teve dois companheiros, cujos nomes são: Dzúri e Meríri, ambos feitos por ele. Estes dois têm corpos carnosos. Dzúri é pajé e "sopra" os alimentos. Meríri é também pajé, ele chupa para fora

³⁵¹ Ver nota 240.

³⁵² Ver nota 89.

³⁵³ Como se denominam em língua Baniwa.

³⁵⁴ Outrora havia apenas uma pequena área seca.

³⁵⁵ Lenda narrada por Ernesto Wenceslau do povoado de Santa Ana (rio Içana).

dos corpos dos doentes, ossos, cabelos, pedras ou pedaços de pau e, desta maneira, os cura³⁵⁶.

Yapirikuri "da terra" fez estes dois homens³⁵⁷. Depois fê-los acordar. E assim a terra se transformou em homens.

Yapirikuri fez um passeio com Dzúri e Meríri. Disse-lhes: "Vamos ver onde é o caminho dos homens". E chegaram até Uapui-Cachoeira³⁵⁸. E Yapirikuri disse-lhes: "Aqui há homens!", disse ele. Virou ao depois o espelho para a terra, olhou e disse: "Lá embaixo há homens! Façam um buraco!". Fizeram na terra um buraco de um metro de profundidade, porém não encontraram nenhum homem. Fizeram um buraco em um outro lugar, mas também lá não encontraram ninguém. Finalmente, quando Inapirikuri mostrou outro lugar, eles começaram a cavar e encontraram homens. Meríri pegou um deles pela mão e puxou-o para fora. Depois vieram muitos para fora, como uma manada de porcos do mato.

Yapirikuri ia-os contando, finalmente disse: "Basta! Fechem novamente o buraco". Os homens estavam todos em fila. Yapirikuri disse a Dzúri: "Você é o chefe de toda essa gente, pois eu não fico aqui! Pois eu vou embora porque esse mundo não vai ser bom". Ele disse ainda: "Você fique aqui. Eu vou rio abaixo até a cachoeira (que se denomina em Baniwa) Puquepani. Eu quero ver se lá posso puxar fora dos buracos da cachoeira outra raça³⁵⁹ de seres humanos". Lá onde há uma pequena ilha, ele escutou um

³⁵⁶ Soprar e chupar são as duas técnicas de cura empregadas pelos pajés nas sessões xamanísticas (N. do R.).

³⁵⁷ Seriam reminiscências da Catequese Bíblica assimiladas pelos lendários destas tribos?

³⁵⁸ No rio Içana.

³⁵⁹ Este conceito o narrador indígena aprendeu evidentemente dos civilizados.

barulho. Chamou, então o pássaro pica-pau³⁶⁰ para fazer um buraco onde estava se ouvindo esses rumores.

Lá Yapurikuri puxou para fora um Uariperesdákenai³⁶¹. Este saiu com uma espingarda e deu logo um tiro, mas o chumbo não foi parar longe. Ele pôs a arma de lado e ficou observando o restante da raça. Logo depois saiu o Branco. Yapurikuri viu-o sair. Ele tomou a espingarda e a levou consigo até as fontes do rio Amazonas³⁶². Por isso, os Brancos estão até hoje com as armas, armas que deveriam estar com os índios.

Quando o Siuci deu o primeiro tiro, ouviu-se também o primeiro trovão que ele não soube explicar. E a raça dos Brancos usou a arma para procurar seus alimentos. Dzúri foi seguindo rio abaixo até a cachoeira da Araripirá. Levou consigo todas as raças, colocou-as em fila e deu a cada grupo a sua língua. Enxugou-os (?), depois distribuiu a cada grupo a sua terra.

Os Iauretê-tapuya	receberam a sua terra em Iuivitera
Os Arara-pirá	em Pupunha-rupitá
Os Siuci	acima de Pupunha-rupitá
Os Hohodeni	em Uapui Uarana
Os Surucucu-tapuya	em Jurupari-cachoeira
Os Móri-wēni	em Siringa-rupitá
Os Para-tana	em Tunui
Os Dzaui-Minánei	na boca do Umaço-igarapé
Os Jurupari	em Santa Ana
Os Uiperieni	em Pirá-yawara

³⁶⁰ Pica-paus são Picídeos dos quais se conhecem mais de sessenta espécies no Brasil, entre os quais, os arapaços que, em Tukano, se dizem **Kôreá** ou **Kôneá**, sob cujo nome ficou alcunhada uma tribo da família lingüística Tukano oriental do rio Uaupés.

³⁶¹ Em Língua Geral, Siuci-tapuya (família lingüística Arwake).

³⁶² Recorde-se que o rio Amazonas resulta da junção dos rios Negro e Solimões. Provavelmente pouco acima referia-se às fontes do rio Negro ou, com mais exatidão, às fontes de um dos seus constituintes, o rio Içana, que tem suas nascentes na Venezuela fronteira.

História de Koai³⁶³

Além de Yapirikuri e de seus dois companheiros (Dzúri e Meríri) existia uma mulher com o nome de Amáru. Ela é chamada "Tia", não era, porém, uma verdadeira tia de Inapirikuri, pois também ela fora criada por uma palavra saída da boca dele. Amáru era com Eva³⁶⁴, a primeira mulher, não tinha vagina.

Yapirikuri tirou uma pequena fruta de **matiti**³⁶⁵ e, com ela, três folhas. Ele passou as três folhas pelo rosto para limpar-se e depois colocou as folhas sobre um jirau. Em seguida, fez fogo para assar a carne (no jirau). Pegou mais uma vez as três folhas e as repôs novamente no jirau. A "tia" perguntou o que ele havia colocado no jirau. Ele disse que não era nada e não lhe mostrou as folhas. Amáru, porém, pegou as folhas e as passou sobre o rosto para limpar-se. Na noite seguinte, ela teve um sonho: ela viu que Yapirikuri estava deitado sobre ela³⁶⁶. Em uma noite posterior, ela teve o mesmo sonho e também a terceira noite. Depois de três ou quatro dias, percebeu que estava grávida. Um mês mais tarde percebeu-se que a criança estava para nascer.

Yapirikuri saiu para pescar com Amáru. Ele apanhou um peixe de 10 cm de comprimento, denominado jacundá³⁶⁷. Ele segurou o peixe com a mão e disse à "tia", que estava sentada na

³⁶³ Narrada por Ernesto Wenceslau do povoado de Santa Ana (rio Içana). Koai (Koé) corresponde ao nome Jurupari da língua Geral.

³⁶⁴ Esta afirmação prova que as tribos Arwakes do rio Içana, à semelhança das tribos da família lingüística Tukano oriental dos rios Uaupés e Tiquiê, da Catequese Cristã, recebida dos Missionários, ou quiçá antes da vinda destes, que é bem recente, pois data do fim do século passado, já haviam identificado suas personagens lendárias com as do Cristianismo e assim amalgamado suas lendas com a Doutrina Cristã.

³⁶⁵ Na versão coletada por Brüzzi (ver p. 250 e nota 852) essa planta chama-se **matsiti** ou **maxixe** (N. do R.).

³⁶⁶ Isto é, com ela fornicando.

³⁶⁷ Designação comum a vários peixes de escama, de água doce, da família dos Ciclídeos, gênero *Crenicichla* Heckel (N. do R.).

canoa, que abrisse as pernas. O peixe abriu-lhe³⁶⁸ um orifício no corpo. Mas ele tinha pouca força. Inapirikuri pescou de novo um peixe maior, de uns 20 cm por nome jacundá-piranga³⁶⁹. Soltou o peixe na água de dentro da canoa. O peixe abriu um buraco no seio de Amáru e um caminho para a criança. Depois de três dias, nasceu a criança. As dores duraram o dia inteiro e Amáru gritava fortemente. Quando nasceu a criança ela ficou como morta.

Yapirikuri ordenou a Dzúri que levasse embora o recém-nascido. Meríri levou a criança a um igarapé para lavá-lo. Dzúri voltou para junto de Amáru e soprou a fumaça do cigarro sobre o seu rosto.

A mulher logo voltou a si e perguntou a Inapirikuri: "Onde está o meu filho?". Respondeu-lhe: "Você não teve nenhum filho, nada lhe nasceu!". Disse-lhe ela: "Isto não é verdade, foi realmente a uma criança que eu dei à luz". Respondeu-lhe ele: "Nada há aqui! Olha o chão!". "Pensando um pouco - disse ela - você deve ter roubado o meu filho!".

O nascimento aconteceu na beira do rio. Amáru tomou um banho no rio e foi para sua casa. Inapirikuri tomou, depois, a placenta que ele atirou na água onde ela se transformou num rochedo. Amáru ficou deitada em sua casa para descansar. Ela sentia-se muito fraca.

Yapirikuri, Dzúri e Meríri cuidaram da criança. Dzúri soprou a fumaça de um cigarro sobre ela que cresceu rapidamente, sem precisar de alimento.

Mas essa criança não podia falar porque não tinha boca. Ela cresceu tão rapidamente que depois de dois anos era como um menino de seis anos. Inapirikuri perguntou-lhe então: "Quem é você? Você é uma criatura humana?". A criança fez com a cabeça um movimento negativo. "É você um porco do mato³⁷⁰?". Ela fez

³⁶⁸ Com uma dentada.

³⁶⁹ *Crenicichla johanne* Heckel. **Piranga** em Nheengatu significa "vermelho". O jacundá-piranga é, assim o jacundá vermelho (N. do R.).

³⁷⁰ Ver nota 131.

novamente um movimento negativo com a cabeça. "Você é uma fera da selva?". Pela terceira vez, ela negou. "Um bicho da água?". Também não era.

Yapirikuri pensou um pouco e, finalmente, perguntou: "Você é Koai?". A criança respondeu-lhe afirmativamente com um movimento da cabeça. Inapirikuri indagou novamente: "Onde está a tua boca?". Ele mostrou as diferentes partes do corpo, do peito, do rosto, mas sempre recebeu a resposta "não". Finalmente ele mostrou a parte onde fica a boca e ouviu, então, uma resposta afirmativa. Yapirikuri quis fazer uma abertura para a boca, usando, para isso, a presa de um porco do mato. Deu-a a Dzúri o qual fez um corte de cima para baixo até o lábio inferior e, através desta abertura, apareceram os dentes. Mas assim não podia ser! Fechou-se então a ferida. Disse então Inapirikuri: "Abra a boca da direita para a esquerda". Koai pôs-se a gritar e encheu o mundo com seus gritos.

Quando Koai cresceu, seu corpo inteiro ficou coberto de pêlos. Tinha ele o corpo de um macaco, mas a cabeça, as mãos e os pés eram como os de um ser humano.

Koai quis colher frutas para um **dabucuri**³⁷¹ e pediu três meninos para irem com ele. Os três meninos nada deviam comer. Koai subiu numa árvore de **uacu**³⁷² e com uma vara abatia as frutas. Os três meninos recolhiam as frutas e abriam-nas para retirar o caroço. Dois dos meninos disseram: "Não podemos mais, temos fome". Foram ao rio para pescar. O terceiro ficou debaixo da árvore. Os dois que foram ao rio não tinham anzóis e um disse ao outro: "Vamos amarrar um pequeno inseto numa corda". Deixaram o inseto nadar na água e, quando ele foi engolido por um peixe, puxaram o peixe para a margem. Desta maneira eles pegaram dois peixes. Fizeram fogo, puseram nele os peixes para assá-los. Depois disseram: "Os peixes estão assados, vamos comê-los".

Koai, que ainda estava em cima da árvore, percebeu o que

³⁷¹ Ver nota 21.

³⁷² Ver nota 202.

os meninos haviam feito e começou a zunir. Ele estava muito irritado contra eles. Um dos meninos disse aos outros: "Ele já sabe (de tudo). O que devemos fazer?". Eles jogaram tudo fora sem nada haver comido. No corpo de Koai entrara só o cheiro dos peixes. Começou, então, um temporal. Chovia intensamente.

Os meninos procuraram proteção contra a tempestade. Viram diante de si uma grande árvore na qual havia um enorme buraco. Neste buraco da árvore, havia lugar para dois meninos. O terceiro ficou fora do buraco. Esta árvore grande com o buraco, era, de fato, o ânus de Koai. Este o fechou e ambos os meninos ficaram presos na sua barriga. Koai tomou então um bastão de 3 metros de comprimento e o atirou sobre o terceiro menino. O bastão bateu na cabeça do menino, penetrou-lhe no corpo, saiu-lhe pelo ânus. Assim ele morreu.

Koai voltou para a casa de Inapirikuri. Este já sabia de tudo o que acontecera. Quando começou a chover, Inapirikuri estendera a mão para recolher a água de chuva mas recolheu sangue. Ele pensou então: "Koai devorou os meninos. Ele está bem perto e chegará daqui um pouco". Yapirikuri mandou colocar no pátio diante da casa quatro cestos. Koai tinha a barriga cheia. O terceiro menino também estava na sua barriga. Quando ele chegou ao pátio, ele restituiu (o que engolira). Um dos meninos caiu no primeiro cesto, o segundo no outro, e o terceiro no último cesto. No quarto cesto caíram as frutas. Deve-se notar que tudo o que estava perto dos meninos havia entrado no corpo de Koai. Koai agora estava diante de Yapirikuri, de Meríri e de Dzúri. Todos os três estavam sentados. Koai afastou-se para tomar um banho.

Yapirikuri estava indignado por tudo o que acontecera. Mandou enterrar os três meninos e distribuiu as frutas. Eram 3 horas da tarde. Ele disse aos outros: "Devemos matar Koai! Ele é capaz de matar todos os homens. A mim ele não pode devorar, mas a vocês todos ele pode devorar". Passou-se uma hora. Foram todos para a casa de Koai. Mas não o encontraram mais. Koai fugira. Às 5 horas, ouviram os gritos dele. Ele fazia: "**hi, hi, hi**", mas não se sabia onde estava. Yapirikuri disse: "Ele deve estar lá

em cima³⁷³. Ele mandou um pequeno animal chamado **acutipuru**³⁷⁴, parecido a um macaco. Esse pulou até o firmamento e conseguiu chegar até a casa de Koai. Viu a mulher de Koai a quem ele deixou peixe assado e formigas³⁷⁵ que levava consigo e sobre os quais Dzúri havia soprado para terem um cheiro mais agradável³⁷⁶.

O **acutipuru** indagou da mulher de Koai: "Onde está o teu marido?". Respondeu ela: "Ele, com o seu filho, estão preparando um **dabucuri**". O **acutipuru** chamou Koai (em voz alta): Mas ele respondeu: "Não irei porque Inapirikuri quer me matar!". "Ele não vai matá-lo, ele lhe manda peixe e formigas". Koai indagou então: "Onde está a comida assada?". O **acutipuru** respondeu: "Aqui!". Koai começou a comer e a comida lhe agradou. Ele disse: "Agora eu quero ver Yapirikuri. Yapirikuri quer me matar mas não vai conseguir. Ele não tem nenhuma arma com a qual possa conseguir me matar". O **acutipuru** se despediu e Koai lhe disse que chegaria lá de tarde.

O **acutipuru** regressou. Quando ia passar pela porta do firmamento, esta se fechou e ele quase ficou esmagado. Mas não morreu. Koai tivera o pensamento seguinte: "Se o mensageiro morrer, eu não tenho mais compromisso de ir como Yapirikuri". Mas o **acutipuru** saiu com vida e assim Koai tinha que vir ver Yapirikuri.

O **acutipuru** voltou até Inapirikuri e narrou-lhe o que acontecera.

Yapirikuri disse: "Nós vamos esperar por Koai". Ele fez três

³⁷³ Na abóbada celeste ou firmamento.

³⁷⁴ Ou "**agutipuru**", "**coatipuru**" ou "**quatipuru**." Pequeno roedor arborícola do gênero *Scirius*. É provido de uma grande cauda, peluda. Talvez é devido a esta característica anatômica assim como da sua natureza arborícola que o informante do P. Saake o comparou com um macaco (N. do R.)

³⁷⁵ Comida apetecível aos indígenas.

³⁷⁶ O rito mágico de tão freqüente uso e para as mais variadas finalidades e certamente nesta ocasião para causar mal a Koai.

figuras de molongo³⁷⁷ bem parecida aos três meninos mortos³⁷⁸. As três figuras foram colocadas de tal maneira que Koai as viria e acreditaria que os meninos voltaram a viver.

Às 5 horas da tarde, Koai veio ter com Inapirikuri. Ele chegou da mata roncando "**hi, hi, hi**". Inapirikuri disse: "Ele está vindo". Convidou Koai a sentar-se e disse-lhe: "Então você chegou?³⁷⁹". Ele respondeu: "Você me chamou". "Vamos terminar os nossos assuntos!", disse Yapirikuri. "Para mim está bem - retrucou Koai - eu sei de tudo, mas a mim vocês nada podem fazer!". Koai passou perto das figuras (os três meninos) e do seu corpo saíram zunidos, de todos os seus dedos, do joelho, do cotovelo. Ele disse: "Vamos ficar juntos toda esta noite". Ele dançava ao redor das figuras de madeira.

Yapirikuri mandou preparar muita lenha. Koai dançou até as 2 horas da madrugada. Fazia frio. Koai bebeu muito **caxiri** que Dzúri e Meríri haviam preparado. Dzúri soprava para Koai sentir frio. Yapirikuri disse: "Vamos acender o fogo porque já está se tornando muito frio". Depois segurou a mão direita de Meríri, a mão esquerda de Koai, e dançavam juntos.

Koai disse a Yapirikuri: "Você não pode me matar com madeira, porque eu sou madeira. Você não pode me matar com faca, pois sou faca. Você não pode me matar com água, porque sou água. Você não pode me matar com arma de fogo (espingarda) porque também isto eu sou". Com isto, ele queria afirmar que seu corpo continha tudo e que fora dele não há nada que possa matá-lo. Mas ele se esqueceu de citar o fogo. O fogo é algo diferente de tudo e, com ele, tudo pode se destruir.

Yapirikuri disse: "Vamos atirá-lo ao fogo". Até às 5 horas da madrugada demorou a dança, então Dzúri e Meríri atiraram ao fogo Koai que estava bêbado. Yapirikuri estava sentado e tudo

³⁷⁷ Molongo é um arbusto leitoso, da família das Apocináceas (*Ambelania acida* A. Rich.), de cuja madeira muito leve os índios fabricam bastões para mexer a **manicuera**, a sopa de peixe etc. (N. do R.).

³⁷⁸ Mortos por Koai.

³⁷⁹ São expressões muito usadas quando as pessoas se encontram.

observava de longe. Koai gritou: "Você não pode me matar. Eu voltarei à abóbada do firmamento. Minha língua e meu espírito não podem morrer. Eles retornam ao firmamento. Depois destes acontecimentos os homens todos devem morrer! Se você não me matasse não precisariam morrer, eles podiam ir para o firmamento quando estivessem cansados e velhos, sem que devessem antes morrer". Yapirikuri ouviu estas palavras. Assim mesmo, Koai foi lançado ao fogo e, quando a barriga dele explodiu, ouviu-se um rumor e o espírito de Koai foi para o alto. Yapirikuri ficou ainda mais um mês naquele local, seguiu depois Koai para ver onde ele estava. Ele chegou até Koai, o viu bonito e claro e, em seguida, regressou à Terra.

As flautas de Koai³⁸⁰

No local onde foi queimado Koai cresceram paxiúbas³⁸¹, **jebaru**³⁸² e certo cipó chamado **adabi**³⁸³. Inapirikuri jogou algumas das vísceras de Koai no mato e delas apareceram cobras e mosquitos. Inapirikuri ordenou ao **acutipuru**³⁸⁴ que subisse pelas paxiúbas acima e as talhasse em várias dimensões. O **acutipuru** começou pela parte de cima, talhando incompletamente. Mais tarde, Dzúri, com um pau, foi batendo no tronco e as partes cerradas separaram-se em variadas dimensões³⁸⁵.

Dzúri e Meríri tiraram o córtex do **jebaru** com uma

³⁸⁰ Lenda narrada por Ernesto Wenceslau do povoado Santa Ana (rio Içana).

³⁸¹ Ver nota 155.

³⁸² Árvores da família dos Cesalpíneas (*Epérua purpúrea* Benth.).

³⁸³ Conforme um dos nossos informantes muito digno de crédito, **adabi** é um canço com que reciprocamente se batem os dançantes nas solenidades comemorativas de Koai ou Jurupari. Sobre o significado da flagelação ritual ver nota 159.

³⁸⁴ Ver nota 374.

³⁸⁵ Das quais se prepararam os diferentes tipos de flautas. Ver a descrição das flautas de **jurupari** pp. 304-306.

técnica que costumam seguir até hoje. Amarraram com o córtex a paxiúba. Inapirikuri indicou como se devia fazer e Dzúri executou tudo como ele disse. Cortaram o cipó para amarrar o córtex. Na parte inferior, ataram dois pauzinhos que se podem cravar na terra para manter de pé as flautas quando não as estão usando. Eram 10 pares de flautas diferentes, resultando num total de 20 flautas.

Dzúri tomou a folha para antepor-se à aragem e começaram então a soar todas as flautas. Koai dissera antes de morrer: "Eu vou deixar no mundo o meu filho, que é a minha voz, ele cantará como eu tenho cantado".

Amáru, que ouvira os sons dos instrumentos, disse para si mesma: "Que é isto? Pode algum animal emitir um som de flauta?". Ela se escondeu para observar. Inapirikuri não vira Amáru pois ela estava escondida. Foi dito a ela que eram feras que emitiram aqueles sons. Depois que vira tudo, Amáru foi procurar Inapirikuri para perguntar-lhe: "É verdade que estes sons procedem dos animais?". "Naturalmente, é isto mesmo!". Amáru disse para si mesmo: "Quero ver onde os instrumentos estão escondidos". Os **Maliemaliéni** eram os guardas dos instrumentos. Quando eles nasceram saiu um rumor de lamento "**mali, mali**" e, disso, lhes adveio o nome. Guardavam eles os instrumentos nas águas do igarapé Jurupari. Depois voltaram eles para casa e foram tomar um banho.

Amáru contou isso para as suas irmãs e disse-lhes: "É tudo diferente do que eles contam". Ela foi ao igarapé e dele tirou as flautas. "Nós pensávamos que eram animais!". Elas levaram consigo as flautas para a mata. Amáru e as suas irmãs procuraram as frutas cubio, abio, ananás³⁸⁶ e carás³⁸⁷ que se encontram facilmente. Quando voltaram, fizeram soar as flautas. Inapirikuri foi então procurar os **Maliemaliéni** e logo ficou sabendo que isso

³⁸⁶ Respectivamente Solanum sessiliflorum, Pouteria caimito L. e Ananas sativus Schult.

³⁸⁷ Raiz de várias espécies de Dioscoreaceas.

só podia ser ação de Amáru. Preparou então o **adabi**, o **caroá**³⁸⁸ de fibra resistente e o caniço, secou o caniço ao fogo para torná-lo mais resistente. Isso ele fez, porque queria castigar as mulheres. Ele deu o caniço aos **Maliemaliéni**, porque era comprido demais.

Inapirikuri entrou no seu quarto e fechou-o. Ele não queria ver as mulheres, nem seu **dabucuri**³⁸⁹. Então os **Maliemaliéni** colocaram os cestos no chão para recolher as ofertas das mulheres. Eles disseram às mulheres que elas deviam tirar as suas roupas³⁹⁰. Mas elas não queriam fazê-lo. Insistiram: "Seguimos as ordens de Inapirikuri". As mulheres se despiram e, por quatro vezes, receberam o açoite com **adabi** e com caniço. Depois vestiram-se novamente. Os **Maliemaliéni** devolveram o açoite e o caniço a Inapirikuri. E as mulheres retomaram as flautas. Disse-lhes, porém, Inapirikuri: "Esperem!". Ele criou ucuqui, açai³⁹¹ e outras frutas silvestres de colheita difícil, porque suas árvores são muitas altas. "Agora, vocês mulheres devem colher essas frutas!". Ao som dos **juruparis** elas foram para a mata para colher essas frutas. Chegaram até as árvores, mas não puderam subir e recolheram apenas os frutos caídos no chão. Voltaram e entregaram a Inapirikuri as poucas frutas que tinham encontrado caídas no chão. Mas ele não ficou satisfeito com o resultado e disse na presença dos **Maliemaliéni** sua intenção de tomar os **juruparis** das mulheres. "Eu quero deixar crescer os umarizeiros!"³⁹². Ele criou então umarizeiros, e as mulheres, debaixo da árvore, colhiam as

³⁸⁸ Sobre o **adabi** ver nota 383. **Caroá** é uma planta da família Bromeliáceas (*Neoglaziovia variegata*) cujas fibras são usadas na manufatura de barbantes, linhas de pesca e tecidos (N. do R.).

³⁸⁹ Ver nota 21.

³⁹⁰ Lembremo-nos que, outrora, desconheciam as roupas e só nas festas usavam um cuêio ou pueri-cuêio ou cobre-sexo pequeno e elegante (Brüzzi 1977:189).

³⁹¹ Respectivamente, *Ecclinusa balata* Ducke (família Sapotaceae) e várias palmeiras do gênero Euterpes.

³⁹² *Poraqueiba sericea* Tul.

frutas. Elas haviam deixado as flautas enfiadas no chão³⁹³. Bem distantes de lá, elas descobriram uma árvore que tinha ainda numerosas frutas. Elas foram até lá para recolher as frutas e deixaram as flautas de **jurupari** (fincadas) sob a primeira árvore. Enquanto elas recolhiam as frutas, Inapirikuri se transformou em tatu³⁹⁴ e fez um buraco no chão para chegar às ocultas até a árvore onde estavam as flautas de **jurupari**. Quando viram sair da terra um homem que elas não conheciam, fugiram para dentro do mato. No mesmo momento, Inapirikuri recolheu os **juruparis**, levou-os consigo até a beira do rio, voltou para a sua casa e disse para os **Maliemaliéni**: "Eu deixarei lá, na beira do rio, os **juruparis**, debes transportá-los para outro local bem escondido". Nesse instante chegaram bem tristes as mulheres perto de Inapirikuri. Perguntou-lhes ele: "Que tem vocês? Aconteceu alguma desgraça?". "Sim - responderam elas - vimos sair da terra um homem e fugimos de medo".

Nesse momento, os **Maliemaliéni** já haviam chegado naquele local onde foram postos os **juruparis**. Mas nada mais ali encontraram, apenas a pena do gavião com a qual se faz soar o **jurupari**. Hoje somente os homens tocam essas flautas. Mas eles devem aprender (a fazer isto). Os homens vão à mata colher frutas e voltam pelas 5 horas. As mulheres devem ficar trancadas dentro das suas casas. As frutas são deixadas pelos homens no meio do pátio da **maloca**, eles dançam ao redor das frutas e tocam as suas flautas. Isto dura meia hora. Depois, eles levam os **juruparis** para o mato³⁹⁵. As mulheres abrem as suas casas e vêem as frutas que se consideram um presente de Koai³⁹⁶.

³⁹³ Pelas suas hastes postas para tal finalidade.

³⁹⁴ Mamífero xenartro da família dos Dasipodídeos que escava longas galerias subterrâneas.

³⁹⁵ Ou para escondê-los no rio.

³⁹⁶ Para uma descrição e análise do ritual de **jurupari** ver S. Hugh-Jones (1979) (N. do R.).

Dzuriferi era aparentado com os animais selvagens. Esses animais prepararam um **caxiri** e para ele convidaram Inapirikuri, Dzuriferi³⁹⁸ e Kuaikániri. Este último não estava com vontade de participar da festa do **caxiri**.

Quando Inapirikuri chegou ao local da festa, deram-lhe **caxiri** envenenado. Mas ele tinha no peito e na barriga uma espécie de mangueira³⁹⁹ e o veneno ficou nessa mangueira quando passou o alimento⁴⁰⁰. Porém, Kuaikániri ficou doente por causa do veneno. Chamaram o pajé Dzuriferi a fim de curar o doente. Dzuriferi inalou **paricá**⁴⁰¹ e "morreu"⁴⁰² pois "seu espírito adejava". Assim chegou até Koai e perguntou-lhe o que o doente tinha. Koai respondeu que era **maracaimbara**⁴⁰³.

Koai deu um fio de cabelo seu a Dzuriferi e, com isto, ele curou o doente. Quando Dzuriferi voltou a si⁴⁰⁴ ele tinha o remédio na mão⁴⁰⁵. Chupou no corpo do doente e mostrou o

³⁹⁷ Lenda narrada por Benedito Mandu do rio Içana.

³⁹⁸ Que era pajé.

³⁹⁹ Como tubo de borracha ou de outra substância.

⁴⁰⁰ Para o estômago e os intestinos.

⁴⁰¹ Ver nota 263.

⁴⁰² Isto é, ficou inconsciente. Os índios interpretam os desmaios ou perdas de sentidos como uma separação da alma do corpo que eles associam à morte (N. do R.).

⁴⁰³ **Maracaimbara** significa feitiço em Nheengatu, língua muito divulgada entre algumas tribos Içanesas.

⁴⁰⁴ Voltou à vida, disse o narrador. Ver nota 402 *supra*.

⁴⁰⁵ Isto é, o cabelo de Koai.

cabelo de Koai que seria a causa da doença⁴⁰⁶. Ele soprou sobre o doente para ficar novamente são. Koai disse a Dzuriferi que o doente não devia comer peixe durante quatro dias. Com isto, o xamã terminou o tratamento. E no futuro ele assim agia com todos os doentes. Um pajé verdadeiro sempre recorre a Koai.

Kunafési jogou **timbó**⁴⁰⁷ na água do igarapé e deu a Kuaikániri a ordem de recolher os peixes. Quando ele se inclinou sobre a água na margem do rio a fim de apanhar os peixes, Kunafési pegou uma flecha bem afiada para matá-lo e o transformou no peixe surubim⁴⁰⁸. Cortou-o depois em pedaços.

Inapirikuri estendeu a mão e verificou que estava chovendo sangue. Isto era para ele sinal de que haviam morto o seu irmão. Quando chegou ao igarapé, ele viu o irmão cortado em pedaços. Ficou muito irritado e disse a Kunafési: "Dê-me as entranhas!". Pôs atrás de si o coração e (logo) chegou uma caba⁴⁰⁹ que picou no coração. Depois de segurá-lo fortemente, pôs-se a voar levando consigo o coração. Eles perseguiram a caba, bateram nela mas não conseguiram tomar-lhe o coração. Era Inapirikuri que se transformara em caba e, com o coração, voara para a clareira de Viruassu para lá transformar o coração em homens que pudessem vingar a morte de Kuaikániri. Eles, porém, não conseguiram do coração formar homens. O coração ficou transformado num gavião⁴¹⁰. O gavião cresceu e ficou bem grande. Inapirikuri lhe deu uma pedra para levá-la até o firmamento. Ele o conseguiu. Deu-lhe depois um grande pedaço de madeira. Também isto ele levou ao firmamento. Depois Inapirikuri transfor-

⁴⁰⁶ Os pajés costumam mostrar para o doente espinhas, cabelos, pedaços de algodão, pedras que retiraram do seu corpo e que simbolizam a sua doença (N. do R.).

⁴⁰⁷ Ver nota 115.

⁴⁰⁸ Pseudoplatystoma corruscans Agassi.

⁴⁰⁹ Espécie de vespa social.

⁴¹⁰ Ave de rapina.

mou o gavião num pássaro pequeno que se chama bacurau⁴¹¹.

Inapirikuri deu o bacurau à filha de Kunafési para criá-lo. Era o tempo em que as formigas voavam⁴¹². A menina quis apanhar formigas e, por isso, deu esse pássaro ao próprio pai para que dele cuidasse, enquanto ela se ocupava em pegar formigas.

O pequeno pássaro transformou-se novamente em gavião grande que, com seu bico, segurou o velho e rodou com ele em volta do mundo. O velho urinou e da urina formou-se o cipó **uari**⁴¹³, do qual se extraiu o veneno **mankuri** (em Baniwa). Finalmente, ele deixou cair o velho Kunafési na Venezuela, na região de Maipure. O velho transformou-se em uma pedra que, até hoje, está naquela região.

Um morto não deve ficar na terra mais fundo que o palmo da mão e então seu esqueleto retorna à vida. Inapirikuri proibiu à mulher de Kuaikániri de ver o esqueleto desse velho. Somente ele podia vê-lo. Quando Inapirikuri foi caçar e pescar, a mulher de Kuaikániri pensou: "Quero ver a sepultura do meu marido!".

Quando ela abriu a sepultura, o esqueleto lhe disse: "Agora você estragou tudo pois só meu irmão pode me ver assim". A mulher puxou o esqueleto para fora da sepultura e este lhe disse: "Vai buscar **carajuru**⁴¹⁴ e passe-o sobre mim, porém só em uma direção, de cima para baixo!. Se esta prescrição não for observada o homem deverá morrer para sempre!".

A mulher fez como lhe fora dito. Porém, no fim ela mudou de direção, passando (o **carajuru**) de baixo para cima. O esqueleto caiu então pela segunda vez na sepultura e não mais voltou a viver. Depois desse tempo o homem e a mulher, quando

⁴¹¹ Ver nota 290.

⁴¹² Ver nota 243.

⁴¹³ Ou curare, ver nota 89.

⁴¹⁴ Ver nota 178. Os indígenas atuais julgam útil se pintarem com **carajuru** por ocasião das "Ave Marias". Releve-se este particular da crença contemporânea no Içana.

morrem, não tornam mais a viver. Deveria ser bem diversamente, o esqueleto deveria ficar quatro dias na sepultura, depois retornar à vida e subir ao firmamento. A mulher estragou tudo com a sua curiosidade e provocou a morte, o sofrimento etc.

O surgimento dos mortais Siuci⁴¹⁵

Hivisi⁴¹⁶ tinha um filho por nome Häreisi, que significa **Kamuin** ou Sol. Hivisi tomou seu filho e o pôs sobre um galho de árvore que estava sobre a água do rio. O menino dos seus seis anos tinha uma ferida (nas nádegas) desde o seu nascimento. Ele coçou a ferida e o sangue pingava na água.

Rapidamente, os peixes se juntaram no local, de sorte que seu pai pôde matar muitos peixes com a flecha. Mais tarde, chegou Inapirikuri que perguntou como o pai pudera matar tantos peixes. O menino respondeu que seu pai usara ovos de insetos e frutas. Como Inapirikuri insistisse, ele disse finalmente que o pai se servira também do filho para atrair os peixes.

Inapirikuri lhe disse: "Agora você vem comigo para que eu, com o auxílio seu, possa matar muitos peixes". O menino foi ao rio com Inapirikuri e aconteceu o mesmo como antes: ajuntaram-se muitos peixes e Inapirikuri os matou com a flecha. Quando ele já tinha matado muitos peixes, a Cobra-Grande⁴¹⁷ percebeu o que se passava. Quando ela se aproximava do menino, este gritou fortemente: "Inapirikuri tire-me daqui!". Mas ele disse: "Eu quero matar ainda mais peixes, espere mais um pouco". O menino gritou de novo: "Venha logo!". Nesse ínterim, a Cobra-Grande chegou bem perto, pegou o menino e o devorou. Mas o menino não morreu e a Cobra-Grande voltou novamente para sua casa⁴¹⁸.

⁴¹⁵ Lenda narrada por José de Uapui-cachoeira (rio Içana).

⁴¹⁶ Hivisi é um nome Baniwa que indica a constelação das plêiades ou Sete-Estrelo, ou **Seucy** (**Ciuci**) em Nheengatu.

⁴¹⁷ Iniriferi em Baniwa quer dizer "Mãe dos Peixes".

⁴¹⁸ Com o menino na barriga.

Quando Inapirikuri voltou sem o menino, encontrou-se com o pai que ficou muito irritado. Isto aconteceu em Iutica, na foz do igarapé Tucunaré. O pai disse a Inapirikuri: "Agora você deve matar a Cobra-Grande". Inapirikuri preparou uma grande quantidade de **timbó**⁴¹⁹ para envenenar a água do rio. Mas a Cobra fugiu (rio abaixo) quando o **timbó** ia chegando à água. Avisaram aos moradores da beira do rio até São Gabriel que a Cobra-Grande engolira um menino e fugira. A primeira barragem do rio foi em Tuiuka. A Cobra deixou subir a água e escapou da barragem. Outra barragem foi em Tapira-jirau, acima de Caruru. A barragem era como um grande jirau, feito de varas inclinadas⁴²⁰, mas a Cobra esperou subir a água, superou o impedimento e escapou novamente. A terceira barragem onde tentaram prender a Cobra foi em Matapi⁴²¹, donde ela escapou novamente esperando a água subir.

Disto Inapirikuri avisou os Baré⁴²² e mandou-os fazer uma barragem muito alta. Eles a fizeram tão alta que ela chegou até o firmamento. Era um **matapi** tão comprido que começou em São Gabriel e terminou em Camanaus⁴²³. Sua abertura ficou vigiada pelo pássaro cançã⁴²⁴ e, no seu final, estava como vigia um outro pássaro, o **bitiru**⁴²⁵. Quando a Cobra-Grande entrou no **matapi**, os pássaros deram o anúncio. Também pela metade do

⁴¹⁹ Ver nota 115.

⁴²⁰ Que, em Baniwa, se diz **caiá** e em Nheengatu, **cajá**.

⁴²¹ **Matapi** designa uma armadilha de pesca com a forma de um balaio afunilado. O local, com este nome, situa-se no rio Uaupés, nas vizinhanças de Ananás.

⁴²² Ver nota 60.

⁴²³ Área extremamente rochosa e encachoeirada do rio Negro.

⁴²⁴ **Tatare** em Baniwa. É o Cyanocorax cyanopogon Wied, a gralha indígena.

⁴²⁵ Cujo nome científico ignoramos e com provável engano de sua denominação em Português.

matapi estava pousado como vigia o pássaro **tamburipana**⁴²⁶. Quando a Cobra-Grande estava dentro do **matapi**, puxaram este com a Cobra para a pedra. Então tiraram a Cobra e a mataram. Começaram em seguida a abrir o corpo dela a fim de tirarem o menino. Lá, o encontraram já morto. Cortaram o corpo da Cobra em pequenos pedaços e da cabeça até a metade do corpo atiraram os pedaços na direção do rio Solimões⁴²⁷. Esses pedaços se transformaram em pirarucus⁴²⁸. Outros pedaços da Cobra-Grande transformaram-se em tartarugas⁴²⁹. Das partes posteriores resultaram os jacarés⁴³⁰ e dos pedaços pequenos da cauda surgiram as traíras⁴³¹. Foi também tirado fora o corpo, porém já apodrecido, do menino. O acontecimento desgostou tanto o pai do menino que, partindo da Terra, foi no firmamento formar a Constelação denominada Siuci.

A primeira noite⁴³²

Inapirikuri, que estava à procura da noite, entregou para a Mãe-da-noite uma corrente com pérolas brancas e outra com pérolas vermelhas. A velha cortou de ambas correntes um pequeno pedaço, pois dizia ela, seriam demasiado compridos os dias e noites se se deixassem inteiras as correntes. Colocou ela em um armário

⁴²⁶ Não identificado.

⁴²⁷ Grande rio de cuja união com o rio Negro resulta o gigantesco rio Amazonas.

⁴²⁸ O peixe Arapama gigas Cuvier, o maior peixe fluvial da Amazônia.

⁴²⁹ Variados e numerosos quelônios amazônicos.

⁴³⁰ Crocodilianos tão variados e de diferentes tamanhos. Ver nota 87.

⁴³¹ Os peixes Hoplias malabáricus Bloen da família Caracídeos (sub-família Eritrinídeos).

⁴³² Lenda narrada por Benedito Mandu do rio Içana.

ambas as correntes de pérolas e, com elas também, grilos e outros insetos que cantam de noite. Tudo estava num armário pequeno, porém muito pesado.

A Mãe-da-noite disse que Inapirikuri poderia abrir o armário quando ele chegasse a sua casa. Inapirikuri despediu-se e, vindo do espaço aéreo, chegou a uma terra firme. Achando muito pesado o armário, o abriu um pouco. Ele abriu só um pouquinho, mas logo fugiram os animais que cantam de noite. Começou a noite e Inapirikuri sentou-se num galho da palmeira *ubi*⁴³³. Mas a noite demorou muito e o dia não queria retornar. Inapirikuri chamou então o morcego⁴³⁴, deu-lhe um maracá e mandou-o procurar a noite. O morcego voou sobre o mundo inteiro e acabou por encontrar nas nascentes de um rio uma paxiúba barriguda⁴³⁵ e, na árvore, a corrente de pérolas da noite que era segurada por uma preguiça real⁴³⁶. Por isso, a corrente não podia escapar. "Ah! Você está aqui?". A noite respondeu: "Sou eu!". O morcego soprou então sobre a preguiça e, no mesmo instante, a ela sobreveio tão forte disenteria que ela teve que se retirar. Ela entregou a corrente de pérolas para o morcego dizendo: "Guarda-a bem até que eu volte!" e, em seguida, ela saiu rapidamente. O morcego tomou a corrente de pérolas e logo depois a soltou. No mesmo instante começou a clarear.

Inapirikuri ficou sentado no galho da palmeira. Ele estava muito aborrecido porque a noite demorou tanto e o dia não retornava. Enquanto estava esperando (o retorno do dia), ele descobriu seu membro viril (o pênis), e com ele, começou a brincar. Enquanto fazia isto, o dia começou a clarear. Porém logo

⁴³³ São várias essas palmeiras pertencentes a três gêneros *Bactris*, *Calyptrigena* e *Geonoma*.

⁴³⁴ Denominação genérica que abrange todos os mamíferos da ordem dos Quirópteros.

⁴³⁵ É a palmeira *Iriartea ventricosa* que apresenta perto do meio do tronco uma dilatação muito grande, daí seu nome em Português (N. do R.).

⁴³⁶ Mamífero xenartro da família dos Bradipodídeos.

escureceu outra vez, como acontece freqüentemente. Quando ele experimentou o prazer intenso do seu órgão, era o momento em que a preguiça estava com disenteria, e apareceu o dia claro. Quando Inapirikuri percebeu o clarear, pegou o galho da palmeira ubi e o atirou para o ar. Ouviu-se então um zunzum. O galho transformou-se num jacu⁴³⁷, aquele jacu que canta anunciando o dia.

Havia lá um tipo de cogumelo que, em Baniwa, chama-se **pharuda**⁴³⁸. Também este cogumelo, ele jogou no ar e ele se transformou na ave tucano⁴³⁹. O primeiro raio do sol caiu sobre ele. É por isso que o tucano tem o peito vermelho.

Quando tinha vomitado o dia, Inapirikuri disse: "Agora é assim como eu quero". Pegou o armário e pôs-se a caminho da sua casa, lá o abriu totalmente e muito rapidamente. Agora o dia e a noite têm a mesma duração e assim continua até hoje⁴⁴⁰.

Com o armário, a Mãe-da-noite dera também a Inapirikuri um galo para anunciar o novo dia. Disse-lhe ela: "Quando o galo cantar vocês devem levantar. Se vocês ficarem deitados na rede, vocês vão ficar feios, com o rosto todo encarquilhado e a pele feia. Se vocês atrasarem o banho no início do dia, vocês ficarão velhos rapidamente⁴⁴¹".

⁴³⁷ Nome comum às aves Cracídeas, do gênero Penelope.

⁴³⁸ Não identificado.

⁴³⁹ Nome comum às aves da família Ranfastídeos.

⁴⁴⁰ Assim ocorre na área amazônica praticamente toda ela sobre a linha equatorial.

⁴⁴¹ Os índios Tukano e Arwakes da região do alto rio Negro creditam ao banho tomado pela madrugada o poder de rejuvenescimento (N. do R.).

COLABORAÇÃO DOS INDÍGENAS DE VÁRIAS TRIBOS⁴⁴²

História do Tatu⁴⁴³

Um Tatu meteu-se num buraco de terra. Lá encontrou uma mulher e teve relação com ela. Depois de três meses nasceram-lhe três filhos. O primeiro filho, depois de três meses, casou-se com outra Tatu. Ele fez como o pai dele, isto é, teve relação com sua mulher e a deixou grávida. Porém a sogra dele fez a mulher abortar. Ela sobreviveu ainda dois anos.

O segundo filho também se casou depois de um ano. Viveu com sua mulher um ano, não tiveram filhos, e ele morreu.

O terceiro também se casou e, depois de um ano, teve dois filhos. Ele mesmo matou o primeiro filho porque tinha relações sexuais com a própria mãe. O avô viu que o filho matara o menino, ficou irritado com isso e ele também matou o filho.

O outro filho, do terceiro, ficou portanto sozinho com sua mãe. E depois de cinco anos também ele se casou, como fizeram os demais. Sua mãe morreu depois de três meses e assim ficou ele só, com sua mulher.

Por fim, um homem que se chamava Pedro, com auxílio de um cachorro, matou todos os tatus que se encontravam no

⁴⁴² Lendas coletadas em Português entre os anos de 1953 a 1958.

⁴⁴³ Lenda narrada por Manuel Azevedo, índio Tariana de Buzina (médio rio Uaupés). O tatu é um desdentado da família Dasipodídeos.

buraco. Assim terminou a história dos tatus.

A Raposa e o Coelho⁴⁴⁴

A Raposa subiu na árvore de bacaba⁴⁴⁵. Lá de cima, enquanto comia, chamava o Coelho para ajudá-la a comer.

O Coelho, porém, não podia subir. Então a Raposa desceu, pôs o Coelho nas costas e foi subindo até o meio da árvore. O Coelho, vendo-se naquela altura, sentiu medo, largou-se da Raposa, caiu no chão, ficou estropiado e não podia mais acompanhar a Raposa. Ela continuava a comer sozinha e o Coelho, desde o chão, lhe pedia comida.

A Raposa, vendo que o Coelho tinha fome, jogava-lhe alguns caroços de bacaba. O Coelho sentado olhava para cima e então lhe caíram sobre os olhos dois caroços. Ele ficou completamente cego.

A família do Coelho ficou com raiva. A Raposa sabendo disto escondeu-se debaixo das folhas onde o jacaré⁴⁴⁶ já havia deposto seus ovos. A Raposa pensava estar entrando na própria casa, mas enganou-se e entrou na boca do jacaré. A família do Coelho, ao saber disso, ficou muito alegre.

O Jabuti e a Onça⁴⁴⁷

A Onça estava trepada num pé de inajá⁴⁴⁸. O Jabuti pediu-lhe algumas frutas (alguns caroços) de inajá, porém a Onça não lhe quis dar e disse: "Você tem que nos pagar antes!". Mas o

⁴⁴⁴ Raposa é denominação vulgar de vários mamíferos dos gêneros *Canis* (graxaim e raposa-do-campo) e *Didelphis* (gambá). O coelho é um roedor da família *Leporidae* (N. do R.).

⁴⁴⁵ *Oenocarpus bacaba* Mart.

⁴⁴⁶ Ver nota 87.

⁴⁴⁷ Respectivamente, *Testudo tabulata* Spix e *Felis onça*.

⁴⁴⁸ É uma palmeira dos lugares úmidos (*Maximiliana regia* Mart.).

Jabuti tinha muita fome e a Onça ficou com dó e deixou-lhe cair dois carochos. O Jabuti os comeu, gostou e pediu mais.

A Onça respondeu: "Suba você, e assim poderá comer à vontade!". "Eu não sei subir", respondeu o Jabuti. Então a Onça desceu e levou o Jabuti para cima onde ele ficou comendo.

Depois a Onça desceu e o Jabuti continuou lá em cima. "O que é que você está fazendo lá em cima? Não há mais nada para comer. Desça de aí!". "Eu não sei descer - respondeu o Jabuti - venha me buscar!".

A Onça não foi buscá-lo. Mas o Jabuti caiu mesmo em cima da cabeça dela e esta morreu. E o Jabuti deu muita risada.

Vieram outras Onças. O Jabuti estava na boca de um buraco quando estas lhe perguntaram: "Foi você que matou nossa parente?". Respondeu-lhes que ele não havia matado a Onça e foi entrando no buraco para esconder-se quando uma Onça o agarrou pela última perna. Logo disse-lhe o Jabuti: "Você não está pegando a minha perna, você está agarrando um tronco (ou raiz)". Assim o Jabuti enganou⁴⁴⁹ a Onça e esta, pensando que fosse raiz, o deixou livre.

As outras Onças afirmavam "Era, sim, a perna do Jabuti que você segurava". E elas puseram-se a brigar com aquela que soltara a perna do Jabuti.

A Anta e o Jabuti⁴⁵⁰

Uma mulher, que ia para a sua roça, encontrou no caminho uma Anta correndo na frente dela. Falando à Anta a mulher disse que queria lhe comer o fígado. A Anta foi-se embora. No dia seguinte, indo para a roça, a mulher encontrou a Anta no mesmo lugar da véspera e esta lhe perguntou: "Era você que queria

⁴⁴⁹ O jabuti, em todas as mitologias sul-americanas, é sempre retratado como muito inteligente, esperto, astuto e tirando sempre partido de tudo e todos (N. do R.).

⁴⁵⁰ Respectivamente Tapirus terrestris e Testudo tabulata Spix. Esta lenda foi narrada em 1953 por Marcelino Lana, índio Tariana de Iauaretê.

comer o meu fígado?". "Eu mesma", respondeu a mulher. "Pois então você mesma o tira!". E mandou que introduzisse a mão no seu ânus. A mulher quis introduzir a sua mão aos poucos no ânus da Anta. Esta lhe disse que devia introduzir o braço inteiro para alcançar o fígado. Nesse momento a Anta apertou o ânus e pôs-se a correr arrastando a mulher. Arrastando-a sempre, atravessou dois igarapés e ia ferindo gravemente a mulher. Foi então reparar se ela estava ainda viva. Ela o estava, embora muito machucada. A Anta pôs-se de novo a correr. Por fim a mulher ficou presa nas raízes de uma paxiúba e aí ficou morta. A Anta, então, afrouxou o ânus e o braço da mulher ficou livre. A Anta seguiu seu caminho para casa. Na casa da mulher as pessoas comentavam que a Anta a havia matado e puseram-se a chorar.

O Jabuti perguntou então a uma velha: "Por que você está chorando?". Ela respondeu: "Você não sabe que a sua dona morreu e que foi a Anta quem a matou?. Se você fosse como gente devia ir matar a Anta!". "Pois, eu vou matar a Anta", disse o Jabuti. "Eu sei que você vai mesmo", retrucou a velha. O Jabuti foi até a **maloca** da Anta. Era o dia do **dabucuri**⁴⁵¹ da Anta. O Jabuti tomou **caxiri**⁴⁵² junto com ela. Quando esta ia sair avisava ao Jabuti: "Vou botar fora este caldo de abacaxi!". Disse outra vez a Anta que ia sair para urinar e botar fora o caldo de abacaxi.

O Jabuti observou: "Tanto caldo você está botando fora! Eu realmente gostaria bebê-lo!". Respondeu a Anta: "Vamos então para fora para você beber o caldo de abacaxi!". Saíram, a Anta na frente e o Jabuti atrás. A Anta começou a urinar e disse ao Jabuti: "Venha beber agora!". O Jabuti perguntou: "Onde eu vou beber?". A Anta respondeu: "Aqui, debaixo de mim!". O Jabuti foi para debaixo da Anta que lhe dizia: "Abre a tua boca!". Ele enganava a Anta dizendo-lhe: "Eu não bebi nada ainda. Você está perdendo muita coisa boa!". A Anta o chamou para mais perto. O Jabuti então mordeu o pênis da Anta. Esta pôs-se a gritar que o Jabuti a mordida e que era para matá-lo. Disse-lhe então o Jabuti: "Eu não

⁴⁵¹ Ver nota 21.

⁴⁵² Ver nota 56.

morro com golpes de machado". A Anta pediu aos seus companheiros que pusessem o Jabuti no fogo. "Nem no fogo eu morro!", disse ele. "Joguem-no no rio!". O Jabuti começou a chorar. A Anta levou ao rio o Jabuti que não largava o seu pênis. Ela pulou na água e mergulhou para matá-lo. Verificando que o Jabuti não havia morrido mergulhou outra vez. Embaixo da água encontrou um pau. Quis livrar-se do Jabuti porém não pôde porque este se agarrou no pau e a Anta ficou também presa e não conseguiu sair. Então a Anta morreu.

O Jabuti voltou alegre para a sua casa, anunciando que tinha dado a paga à Anta, matando-a. Quando esta apodreceu o Jabuti convidou outro Jabuti para irem juntos comer a Anta morta. Também outros animais disseram que queriam comer da carne da Anta. A um beija-flor⁴⁵³ disse-lhe o Jabuti: "Tu não podes comer porque és muito pequeno!". Os Jabutis falavam entre si: "Estamos dando-lhe a devida paga porque ela matou a nossa dona". Comeram a Anta e foram-se embora com os seus companheiros.

A Cutia e a Anta⁴⁵⁴

A Anta estava no rio Solimões e lá tinha a sua casa. Fora da casa havia um pé de umari⁴⁵⁵. Ela não deixava cair fruto algum no chão. Fez uma espécie de jirau e do jirau a fruta caiu num **baxpa**⁴⁵⁶. Ela ia assim amontoando os umaris para que a Cutia não os roubasse. A Cutia queria comer (das frutas) mas a Anta não os deixava cair fora.

Alguns dias depois a Cutia roeu no meio do jirau e assim o umari, em vez de cair nele, caiu no buraco onde ela morava.

⁴⁵³ Ave da família Troquilídeos.

⁴⁵⁴ Lenda narrada por Manoel, índio Tukano de Mira-pirera (rio Uaupés). A cutia é um pequeno roedor da família Cavídeos (Dasyprocta aguti) e a anta o Tapirus terrestris.

⁴⁵⁵ Ver nota 392.

⁴⁵⁶ Grande prato ou vaso de cerâmica.

Quando o fruto caiu no buraco a Cutia apanhou um caroço de umari. Daí ela passou para as cabeceiras do rio Tiquiê. A Anta foi-lhe no encalço, porque gostava muito de umari. Daí ela passou para as cabeceiras do rio Papuri. Sempre atrás dela vinha a Anta. A Cutia entrava entre os paus e nos buracos, mas a Anta estava sempre no seu encalço. Do Papuri ela passou para as cabeceiras do Uaupés com a Anta atrás para lhe tomar o caroço de umari que ela trazia na boca. A Cutia foi até as cabeceiras do rio Papunaua, retornou ao Tiquiê com a Anta sempre em seu encalço.

A Cutia foi atravessando pela mata e chegou até o porto de Iauaretê. Até hoje está aí na pedra (como desenho) as pernas da Cutia e da Anta. A Cutia atravessou o rio (Uaupés) de um lado para o outro com a Anta sempre atrás, tentando recuperar o umari.

A Cutia penetrou no igarapé que se chama igarapé da Cutia e entrou na sua casa. A Anta vinha atrás, porém chegou depois que a Cutia havia entrado na sua toca e assim não conseguiu recuperar o umari. Muito triste voltou para a sua casa, lá em Tapira-jirau ou Matapi, no alto rio Uaupés. Depois a Anta quis matar os Wanana e os Pira-tapuya. Por isso as tribos dos Wanana e Pira-tapuya mataram a Anta⁴⁵⁷. Até hoje existe a cabeça (uma pedra) da Anta em Matapi, acima de Caruru-Cachoeira.

Estes Pira-tapuya e Wanana são os antigos que saíram da cova de Urubucuará⁴⁵⁸.

História de Öxsô, a Cobra-de-duas-cabeças⁴⁵⁹

Uma velha, que morava sozinha, tinha um filho que era

⁴⁵⁷ Tratar-se-ia da guerra Wanana e Pira-tapuya, dois grupos da família lingüística Tukano oriental, contra a tribo Arwake dos Tapira ou "Gente Anta"?

⁴⁵⁸ No baixo rio Uaupés. Yoxkapeeri, em Tukano, isto é, "buracos (cova) de urubu". Ver lenda de origem das tribos Tukano neste volume.

⁴⁵⁹ É o réptil lacertílio da família Anfisbenídeos (Gêneros *Amphisbaena* e *Lepidosternon*) de corpo longo e cilíndrico com a mesma espessura de um extremo ao outro, daí seu nome popular de cobra-de-duas-cabeças. (N. do R.).

Öxsö, a cobra-de-duas-cabeças. Mas ele aparecia como moço bonito. A sua mãe foi buscar uma esposa para ele: "Ora você tem filho?". "Sim, tenho!". "Onde está?". "Ele vai chegar logo". A moça veio e pôs-se a ajudar a velha.

De noite a velha disse: "Minha sobrinha, amarre a rede bem baixa, junto ao fogo". Disse assim porque Öxsö se escondia debaixo da lenha. E a velha aí punha **beiju**, **manicuera**, **quinhapira**⁴⁶⁰ para ele. "Minha sobrinha, prepare alguma coisa para ele comer que ele vem!". A moça, porém, amarrou a sua rede bem alta⁴⁶¹.

Öxsö vinha chorando e dizendo: "sĩ... sĩ... sĩ". Queria deitar com ela, porém a rede era muito alta. Caiu..."**tihú**"⁴⁶². Ela ouviu, levantou-se e, vendo a anfibena, atirou-a fora. No outro dia a velha disse: "Minha sobrinha, vamos preparar **caxiri**"⁴⁶³ de batata doce porque Öxsö gosta muito disso". Foram à roça e arrancaram mandioca e batata doce. A velha trouxe um balaio cheio de mandioca e a moça de batata doce. Prepararam o **caxiri**. Ela queria ver o moço, porém ele continuava escondido na lenha.

A velha mandou-a levar para o mato um pote de **caxiri**. A moça o levou e depois foi para a roça. De lá ouvia o rumor do machado cortando a árvore " **tá... tá...**" (cantarolando). Depois " **tãa... ã... ã... tãa... tã... ã!**". Era a árvore que caía. Öxsö bebeu todo o **caxiri**.

"Sobrinha, volte para casa". De regresso para casa, Öxsö a acompanhava. Havia troncos caídos, Öxsö queria saltá-los e caiu. A moça assustou-se. Tomou um pau e bateu nele. Este, porém, não morreu. A moça jogou-o fora e foi para a casa dos seus pais.

⁴⁶⁰ **Beiju** (bolo de massa de mandioca), **manicuera** (suco de mandioca detoxicado) e **quinhapira** (sopa de peixe apimentada) constituem a base da alimentação indígena. (N. do R.).

⁴⁶¹ Ainda hoje as moças amarram suas redes bem alta para que não venha o Öxsö e a emprenhe.

⁴⁶² É o rumor da queda.

⁴⁶³ Ver nota 56.

Ela ficou em casa e não foi mais para a roça. Pouco depois chegou um moço bonito, de chapéu vermelho e branco tocando uma flauta de pã cujo som dizia assim: "sêru, sêru, tuba". Ela olhou pela porta e viu um moço. Este, porém, logo desapareceu. Ela foi para fora para ver melhor. Não viu homem algum. Viu apenas atrás da bananeira, um **tapuru**⁴⁶⁴.

Ela voltou para dentro da casa, o moço veio e ficou na porta. Ela fez mingau de banana e lhe deu. Ele comeu tudo e pediu mais. Era muito guloso. Ela lhe deu mais e ele se foi embora. Ela ouviu ele sair tocando a flauta "sêru, sêru, tuba". Olhou e viu que ele era uma cobra⁴⁶⁵ de corpo verde e, nas costas, vermelho e preto. A moça matou a cobra.

Quando seus pais souberam disso a repreenderam por haver matado a cobra. Disseram que ela seria azarenta⁴⁶⁶.

Lenda da cobra de Paraná-jucá⁴⁶⁷

Contam os velhos que, antigamente, uma grande cobra⁴⁶⁸ comeu uma mulher do alto rio Uaupés. O marido e os filhos dessa infeliz mulher juraram que haveriam de matar a cobra para tirar-lhe do ventre o cadáver que eles, respeitosamente, queriam enterrar. Isso foi ainda na época em que os animais eram amigos dos homens. A cobra tinha como seu aliado o peixe arraia⁴⁶⁹.

Após engolir a mulher, a cobra fugiu rio abaixo, precedida pela arraia que lhe ia abrindo o caminho. Os homens avisaram a

⁴⁶⁴ Verme ou lagarta dos seus 10 cm, da grossura de um dedo, e que come as folhas da mandioca.

⁴⁶⁵ Designação popular dos ofídios venenosos ou não.

⁴⁶⁶ **Yoxkosé**, em Tukano e **maráúna saruá**, em Nheengatu.

⁴⁶⁷ Povoado do médio Uaupés, pouco antes de Iauaretê.

⁴⁶⁸ Trata-se provavelmente da sucuri ou Eunectes murinus L. (N. do R.).

⁴⁶⁹ Seria a arraia-da-água-doce da sub-família dos Seláquios? (N. do R.).

onça⁴⁷⁰, que morava em Iauaretê que pegasse a cobra quando passasse aí. A onça ficou de sentinela e assaltou a cobra quando ela passou pela sua cachoeira, mordeu-a em diversos lugares, tirando-lhe pedaços de carne, porém não conseguiu detê-la.

Alguns homens haviam preparado montes de pedras em Urubucuará⁴⁷¹ a fim de aí deterem a cobra e matá-la. Mas as arraias que vinham na frente da cobra lhe abriram uma passagem e ela conseguiu fugir.

Outros homens foram esperar a cobra em Paraná-jucá, onde o rio Uaupés faz uma curva e estreita-se muito e, além disso, existe no meio uma ilha. Aí eles preparam uma grande armadilha para a cobra e ficaram esperando. As arraias, porém, fizeram um novo canal no meio da ilha, pelo qual a cobra conseguiu fugir.

Mais abaixo, bem perto da foz do Uaupés, um tatu e um tamanduá⁴⁷² ficaram esperando a cobra para apanhá-la. As arraias, porém, ao chegarem em São Joaquim, na foz do rio Uaupés, em vez de seguirem rio abaixo, abriram um furo em plena mata e saíram no rio Negro, dando origem ao canal ou segunda boca do Uaupés entrando no rio Negro. Por esse canal a cobra escapou de novo penetrando no rio Negro e fugiu. Mas outros homens estavam à espera dela na Fortaleza⁴⁷³ de São Gabriel onde o rio Negro se estreita extraordinariamente. A cobra, porém, não baixou logo, refugiou-se no local denominado Bóya-cuara e mandou que as arraias lhe preparassem o caminho. Chegando estas nessa área da Fortaleza de São Gabriel não puderam abrir o furo porque a pedra era muito dura. Voltaram atrás um pouco e abriram um furo pela margem esquerda, em direção à Serra. Ao chegarem, porém, ao pé desta serra, não puderam prosseguir

⁴⁷⁰ Ver nota 447.

⁴⁷¹ Ver nota 458.

⁴⁷² Respectivamente das famílias Dasipodídeos e Mirmecofagídeos.

⁴⁷³ Para vigiar os rios Negro e Uaupés contra os Espanhóis foi construído em 1761 um forte em São Gabriel da Cachoeira (N. do R.).

porque era tudo pedra e muito dura. Os homens que lhes vieram no encalço mataram todas as arraias.

A cobra esperou, esperou e, vendo que as arraias não chegavam, resolveu sair do buraco e baixar. Encontrando o canal aberto por cima da cachoeira começou a baixar por ele. Todavia, no fim deste canal os homens haviam posto grandes **puças**⁴⁷⁴ e a cobra ficou presa. Alegres por isso os homens arrastaram a cobra e as arraias até a cachoeira de São Gabriel e sobre uma grande pedra aí as deixaram apodrecer. Nessas pedras vêem-se ainda hoje as figuras da cobra e das arraias.

Perseguindo Doé⁴⁷⁵

Doé havia comido muita gente. No alto Tiquiê há um poço que se chama Traíra-poço. Certo dia Doé vomitou muita gente. Depois entrou no Turi igarapé⁴⁷⁶. Daí saiu e subiu até o alto Papuri onde procurou vomitar peixes na cachoeira da Inimizade. De lá veio até Uaracapa⁴⁷⁷ onde os habitantes haviam posto um **ewá**⁴⁷⁸ com a finalidade de matar Doé. Cercaram-na depois em Tamanduá, porém não conseguiram pegá-la. E foi baixando pelas cachoeiras. Em Tômpa-duri⁴⁷⁹, puseram um

⁴⁷⁴ Ver nota 120.

⁴⁷⁵ Lenda narrada por Manoel, índio Tukano de Buzina (médio rio Uaupés). **Doé** é nome Tukano da taraira ou traíra, peixe fluvial muito espalhado em toda a América, da família Caracídeos, sub-família Eritrinídeos (Hoplias malabáricus Bloch e Erytrinus taraira L.).

⁴⁷⁶ O igarapé Turi é um afluente do rio Papuri. Hoje há uma laje de pedra com o **turi**, ou facho (Ver nota 140) desenhado.

⁴⁷⁷ Perto da foz do Papuri.

⁴⁷⁸ Jirau posto em lugares encachoeirados para apanhar os peixes que tentam, de salto, vencer a cachoeira.

⁴⁷⁹ Ou Ipanoré, no baixo rio Uaupés.

matapi⁴⁸⁰ com o desejo de apanhá-la. Ela, porém, passou por um paraná⁴⁸¹ e continuou baixando. Algumas pessoas esperavam-na em Kipú-tö ã'rá ("Serra da Panela de Cerâmica") não conseguiram, porém, matá-la e deixaram aí esta panela de cerâmica que emprestou o nome à serra.

Continuaram a persegui-la e cercaram-na em Büxkó-pweá ("Cachoeira de Tamanduá"). Mas enquanto aí a esperavam, ela "furou" no Möxtēá yuxtí ("Paraná de Carapanã") e conseguiu escapar. Depois, cercaram-na novamente na Cachoeira de São Gabriel, com montes de pedra e inventaram o arpão⁴⁸².

Conseguiram arpoá-la, mataram-na, arrastaram-na sobre a pedra e abriram-na para verificarem as pessoas que ela havia comido. Mas ela apenas tinha comido barro, areia e folhas. Partiram-na e atiraram para baixo do rio Negro pedaços grandes: por isso lá há pirarucus⁴⁸³ e outros peixes grandes. Dos pedaços pequenos resultaram peixes pequenos no rio Uaupés.

História dos Morcegos⁴⁸⁴

Os Morcegos foram a uma casa e lá encontraram uma moça, cujos pais tinham ido beber **caxiri**⁴⁸⁵ numa outra casa. Eles apresentaram-se à moça e pediram que ela fizesse **caxiri** para eles que iam lhe oferecer um **dabucuri**⁴⁸⁶ de formigas-da-noite⁴⁸⁷.

⁴⁸⁰ **Büxkūa-wō**, em Tukano. É uma nassa de pesca.

⁴⁸¹ Canal ou braço do rio.

⁴⁸² Em Tukano, **waf-doxkeró** ou **doxke weherō**.

⁴⁸³ Ver nota 428.

⁴⁸⁴ Lenda narrada por Paulino, índio Tariana de Aracu-ponta. Morcego ou **oxsó**, em Tukano, é denominação genérica que abrange todos os mamíferos da ordem dos Quirópteros.

⁴⁸⁵ Ver nota 56.

⁴⁸⁶ Ver nota 21.

Os Morcegos marcaram o dia, dizendo assim: "Amanhã vá buscar a mandioca, prepara no outro dia o **caxiri**, e no terceiro dia viremos aqui para oferecer o **dabucuri**".

Depois de acabado o **caxiri** os pais da moça voltaram e ela contou-lhes: "Chegou aqui gente desconhecida que nós nunca vimos, pediram que nós preparássemos **caxiri** para eles pois daqui a três dias nos querem dar **dabucuri** de formigas-da-noite".

Prepararam o **caxiri** e, depois de três dias, pelas quatro da tarde, apareceram os Morcegos. Trouxeram muitas formigas-da-noite, fizeram o **dabucuri**, beberam e dançaram até as duas horas da manhã.

Quando estavam dançando as mulheres iam desaparecendo porque os Morcegos as comiam. Os de casa não percebiam nada. Todavia, mais tarde, repararam que as moças iam diminuindo (de número) e que a boca de um Morcego estava suja de sangue. Compreenderam então porque as mulheres iam desaparecendo.

Os Morcegos, pouco depois, começaram a desaparecer também. Iam embora. No fim restavam apenas duas moças. Os Morcegos começaram a insinuar que elas fossem com eles. Por fim, roubaram essas moças e as levaram para a mata onde eles moravam.

Os Morcegos as deixaram no mato, dizendo-lhes que esperassem um instante. Afastaram-se delas e viraram árvore de cunuri e pau de **uacu**⁴⁸⁸. As duas moças ficaram sozinhas no mato. Uma delas voltou para a sua casa. A outra, que era viúva, ficou errando durante muito tempo e por fim, encontrou um homem que se chamava Uñu-mahsõ, "homem-abacate" porque comia só abacate⁴⁸⁹. Perguntou-lhe: "Quem é você?". "Respondeu-lhe ele: "Eu sou Uñũ-mahsõ". Ela passou um tempo com ele. Deu

⁴⁸⁷ **Namika**, em Tukano (Atta sp.).

⁴⁸⁸ Respectivamente, **waxpögö** (*Cunuria spruceana* Baill.) e **simiögö** (*Monopterix uacu* Spar. et Benth.).

⁴⁸⁹ *Persea gratissima*.

à luz uma criança e ele continuou com ela, criando o filho da mulher.

Quando o menino já estava engatinhando ela saiu da casa de Unũ-mahsõ e foi andando pelo mato até que encontrou Mērē-mahsõ, o "homem-ingá"⁴⁹⁰. Também com este passou algum tempo.

Deixou também a este e pôs-se novamente a vagar pelo mato e veio encontrar outro homem que se chamava ỹ umũ ou Nãã, isto é, "Bacaba", porque gostava muito de bacaba⁴⁹¹. Mas três dias depois ele saiu à procura de bacaba e ela aproveitou para sair de casa. Ela foi andando e encontrou dois homens que se chamavam Waxsócumã⁴⁹² porque só comiam os frutos da sorveira. Eram, porém, gente muito brava. A mulher chegou pela tarde e foi esconder-se entre as frutas da sorveira. Os dois homens bravos chegaram em casa de noite quando a mulher e seu filho estavam dormindo entre as frutas da sorveira. Ela soltou uma ventosidade. Quando a ouviram, os dois homens puseram-se a revolver as frutas e, entre elas, encontraram a mulher e seu filho.

Disseram à mulher que ficasse com eles. Porém, ela só ficou com eles um dia e, pela madrugada, fugiu. Quando perceberam que ela havia fugido, foram-lhe no encalço com zarabatana para matá-la. Ela ia na frente e trepou numa árvore para esconder-se. Eles a procuraram e quando a descobriram puseram-se a soprar na zarabatana querendo matá-la. Porém, quando queriam soprar a seta (envenenada) apareceram uns carapanãs⁴⁹³ grandes que se puseram a chupá-los. Procuraram então matar os mosquitos e foi

⁴⁹⁰ Ingá sp.

⁴⁹¹ Ver nota 445.

⁴⁹² Árvore da família Apocináceas da floresta úmida.

⁴⁹³ É o nome de uma tribo da família lingüística Tukano do território colombiano, com a fama de belicosos, dos quais um grupo se transferiu para o território brasileiro nas cabeceiras do Umari-igarapé. É também o nome dos mosquitos que picam à noite, do gênero Stegomyia culex e outros. Carapanã em Tukano se diz **mõxteá**.

assim até o amanhecer. Os dois homens voltaram então para a própria casa e a mulher desceu da árvore e foi andando até que encontrou um Caranguejo⁴⁹⁴ recolhendo frutos para um **dabucuri**. O fruto chama-se **ñerê**⁴⁹⁵ mas ele só trazia da árvore um fruto por vez. "Que estás fazendo?" - perguntou ela ao Caranguejo. Respondeu-lhe este: "Estou tirando frutas para um **dabucuri**". E ofereceu uma fruta à mulher. Ela provou e disse: "É muito gostoso!". Disse-lhe o Caranguejo: "Devo acabar de colher todas essas frutas" - e mandou a mulher seguir o seu caminho.

Ela, porém, não foi e ficou perto da árvore pedindo mais frutas ao Caranguejo. Antes de subir, ele disse à mulher que não olhasse para ele quando estivesse subindo, caso contrário ele cairia no chão. Começou a subir mas a mulher não se conteve e olhou quando ele já estava no meio da árvore. O Caranguejo caiu e despedaçou-se. A mulher imediatamente pensou: "Fui eu que lhe fiz este mal, porque olhei para ele". Ela procurou reunir os pedaços do Caranguejo. É por isso que o caranguejo tem as pernas "feitas de pedaços".

Tendo ela ajuntado bem todos os pedaços, o Caranguejo voltou a viver. Disse à mulher: "Tu me fizestes mal! De hoje em diante eu não quero mais trepar em árvores". Depois ele convidou a mulher para ir fazer o **dabucuri**. A mulher foi na frente e o Caranguejo atrás, tocando **jurupari**⁴⁹⁶. O **jurupari** fazia este som: **ȳ e'ē-ré öarı ȳ e'ē-ré öarı** "Que quer? Que quer?".

O Caranguejo foi até a cabeceira de um igarapé e lá encontrou uma raiz grande. Antes de entrar no buraco indicou à mulher quatro frutas para o filho dela comer. Deste modo, pagava à mulher a vida que lhe dera.

Disse à mulher que fosse à procura da raiz porque lá é que iriam sair as mulheres. De fato, em vez de mulheres, saíram

⁴⁹⁴ **Axpã** em Tukano. Designação genérica dos crustáceos Decapodes brachyurus (N. do R.).

⁴⁹⁵ Semelhante ao fruto da sorva.

⁴⁹⁶ Em Tukano **mĩrĩ** ou **mĩnĩ**, instrumento de sopro misterioso cuja vista é proibida às mulheres sob pena de morte.

peixes de igarapé. Mas lá, dentro da raiz, se estava fazendo **dabucuri**. Ouviam-se os sons: **ȳe'ẽ-ré õarí ȳe'ẽe-ré õarí**. A mulher ficou observando e dizia para consigo: "Este Caranguejo está andando à toa!".

Ela foi embora e afastou-se tanto do caminho que encontrou uma árvore caída. Aí foi colher para o filho frutos que o Caranguejo lhe havia dado antes. "Estamos passando mal aqui" - dizia a mulher consigo mesmo. Enquanto assim pensava veio Curupira⁴⁹⁷. Perguntou à mulher: "O que você está comendo?". Ela respondeu: "Nada!". Disse-lhe então Curupira: "Eu vou te comer". Ouvindo isso a mulher disse prontamente: "Eu estou comendo o meu avô" e, ao falar assim, ofereceu-lhe aquelas frutas. Ele comeu, gostou, pediu mais, até que se acabaram as frutas. Ela disse então que não tinha mais e pediu (para comer) o avô de Curupira. Perguntou-lhe ele: "Com que meio posso eu partir o meu avô?". "Eu parti o meu com este pau", respondeu ela. Curupira pegou então um pedaço de pau e começou a bater no próprio avô. Bateu com tanta força que este acabou morrendo. E assim a mulher se salvou.

O Homem e o Curupira (sem ânus)⁴⁹⁸

Este homem tinha um só filho. Curupira pediu ao homem que lhe desse o filho para ser seu companheiro mas o homem não queria lhe dar. Na ausência do pai, Curupira roubou o menino e saiu correndo com ele. De volta, o homem procurou o seu filho e, não o encontrando mais, começou a perseguir o Curupira. Este fugiu para Carvoeiro, no baixo rio Negro. O homem foi atrás dele. Quando lá chegou, Curupira estava tomando **caxiri**⁴⁹⁹. Ele mora-

⁴⁹⁷ Sobre Curupira ver p. 85 e nota 139.

⁴⁹⁸ Ver nota 139.

⁴⁹⁹ Ver nota 56.

va no meio da tiririca⁵⁰⁰. O homem queria aproximar-se dele mas não o podia fazer porque a tiririca estava muito cerrada.

Então o homem fez aparecer as formigas-da-noite⁵⁰¹ para elas lhe abrirem o caminho. As formigas chegaram perto do Curupira e o homem foi pelo caminho das formigas até encontrar Curupira. Perguntou-lhe logo, à imitação dos encontros humanos: "Tu estás por aqui?". "Sim, estou mesmo!". O homem perguntou-lhe: "Por que saíste de lá?". Respondeu-lhe: "É isso mesmo! Saí de lá porque estou melhor aqui. Também estou tomando **caxiri**!". E ofereceu ao homem. Este tomou o **caxiri** e disse ao Curupira: "Eu vim te buscar! Vamos sair amanhã". E saíram.

Era um dia de verão e o homem disse ao Curupira: "Estás vendo como é bonito o dia? Onde nós moramos é vazante e apareceram muitos peixes. Por isso vim te buscar". Vieram subindo e comendo muitos peixes. O homem tinha uma cuia de soprar. Quando ele tomava banho virava a cuia e dentro da cuia soltava suas ventosidades. O Curupira queria imitar o homem, porém ele não tinha ânus. E pediu ao homem que lhe abrisse um orifício nas nádegas.

O homem disse que sim. Foi buscar o instrumento para isto. Trouxenn o caniço de **vobé-cucuba**⁵⁰². Antes, porém, o homem foi pescar para fazer festa quando furasse as nádegas de Curupira.

Trouxe bastante peixes e pô-los a cozinhar numa panela grande. Quando a panela começou a ferver o homem foi buscar dois paus, enterrou-os bem e amarrou fortemente as pernas de Curupira. Este perguntou-lhe: "Será que vai doer muito quando você furar?". Ele respondeu: "Não, só um pouco no começo, depois não dói mais!".

Começou a furar as nádegas de Curupira. Primeiro furou

⁵⁰⁰ Erva de folhas cortantes, da família Ciperáceas, Cyperus ritúndus L.

⁵⁰¹ Ver nota 487.

⁵⁰² Espécie de arumã, planta da família Marantáceas, Ischnosiphon ovatus Kcke. Em Tukano chama-se **wōhō**, de cujas fasquias tecem peneiras etc.

com arumã⁵⁰³ porque é mais liso. Curupira começou a gritar: "Solte-me! Dói muito! Não agüento!". O homem lhe dizia: "Agüente um pouco mais!". Depois começou a furar com **uãbe-curuba**⁵⁰⁴. Quando introduziu o caniço foi quando atingiu os intestinos de Curupira e os puxou para fora. Curupira gritava e o homem lhe dizia: "Agüente um pouco mais!". O homem introduziu um feixe de caniços e assim tirou fora todas as tripas de Curupira. Disse-lhe então: "Agora estou desferrado do que você fez com meu filho!". Curupira morreu. O homem o desamarrou da posição anterior e o amarrou com as pernas para cima. Trouxe depois a panela de peixe quente e a derramou no ânus de Curupira.

O homem se vingou assim da morte do filho. Curupira virou depois pedra. Esta pedra ainda existe no porto da missão de Iauaretê.

História de Wãxtĩákã⁵⁰⁵

Aconteceu no miritizal⁵⁰⁶. Um homem foi tirar palmitos. Tirou-os. Anoteceu e ele dormiu por lá. Quando já estava dormindo, veio Wãxtĩákã, de corpo todo pintado. Trazia quatro inambus⁵⁰⁷ que ele jogou perto do homem. Este acordou e perguntou a Wãxtĩákã: "Onde é que você mora? Donde você veio?". Wãxtĩákã indicou com um gesto de onde ele viera. O homem começou a limpar os inambus e, em troca, ofereceu peixes a Wãxtĩákã. Este recebeu os peixes e os enfiou na terra para comê-los quando o homem estivesse dormindo.

O homem estava com receio de Wãxtĩákã mas, mesmo assim, sempre caía no sono. Wãxtĩákã aproveitou-se do sono do

⁵⁰³ Ver nota 502 *supra*.

⁵⁰⁴ Cipó (não identificado) de folha pequena de beira rio.

⁵⁰⁵ Lenda narrada por Agostinho de Lima, índio Arapaço de Loiro. Outro nome de Wãxtĩákã é Wãxtĩ soãgõákã "Diabinho vermelho".

⁵⁰⁶ Mata de miriti, a palmeira Mauritia flexuosa.

⁵⁰⁷ Aves da família Tinamídeos, gênero *Crypturus*.

homem para moquear os inambus. Mais tarde ele também caiu no sono e dormiu. Acordou de madrugada e foi sacudir o homem que estava ainda dormindo. Fez-lhe um sinal resmungando e foi-se embora. Wāxtĩákā tinha um cabeçudo⁵⁰⁸ com o qual batia nas raízes das árvores, especialmente nas raízes largas das sapoemas⁵⁰⁹. Bateu nelas pouco adiante do homem e foi-se embora.

História da família do Diabo do pau-oco⁵¹⁰

Uma mulher estava na **maloca**⁵¹¹ com seus filhos. Nessa **maloca** entrou Wāxtĩ nō kārĩ pahigō⁵¹², "o Diabo de pernas grandes". Tinha um pênis tão grande que o trazia dentro de um cesto à frente. Tomou um ralo⁵¹³ e começou a cantar: Wāxtĩ nō'karĩ pahigō "esta cobra de virilha torta".

Depois, com a boca, fez um sinal apontando para a vulva, o órgão feminino da mulher. Durante a noite ele quis ter relação com ela, porém, seu pênis era tão grande que não pôde entrar. Surrou tanto a mulher que ela morreu. Os filhos estavam vendo tudo da cumeeira da **maloca**. Quando estavam chorando Wāxtĩ foi-se embora.

Os filhos desceram da cumeeira e foram atrás dele para verem onde ele morava. Ele entrou num pau-oco. Os seus filhos puseram-se a gritar de alegria pelo retorno do seu pai.

Os meninos voltaram para a **maloca** da sua mãe. O pai deles havia chegado ao meio dia. Os meninos contaram ao pai tudo o que acontecera. Este esquentou água, lavou a mulher (seu cadáver). Feito isso, perguntou aos meninos onde morava Wāxtĩ.

⁵⁰⁸ Espécie de tartaruga fluvial.

⁵⁰⁹ Grandes e chatas raízes aéreas da mata amazônica.

⁵¹⁰ Lenda narrada por José Moreira, índio Tariana de Iauaretê.

⁵¹¹ Ver nota 35.

⁵¹² Ver Wāxtĩ neste volume.

⁵¹³ Para ir ritmando com seu rumor.

Eles disseram e eles foram todos matar Wāxtĩ.

Levaram pimenta para enfumaçar (o pau-oco), fecharam-no com pau para diminuir o buraco. E enfumaçaram com pimenta. Os Wāxtĩ começaram a tossir. Os filhos se puseram a sair e foram todos mortos a pauladas. O pai perguntava cada vez aos filhos: "Quem é que fez mal à mãe de vocês?". Os meninos iam respondendo: "Este não!". "Também este não!". Por fim veio saindo Wāxtĩ com sua mulher. Esta tinha os seios muito grandes⁵¹⁴. Ele vinha logo atrás dela. Os filhos disseram: "Foi este que fez mal a nossa mãe!". O homem o matou e cortou-o em pedaços. Tornaram a enfumaçar o pau. Não havia mais ninguém.

Começaram a cortar o pau-oco. Dentro encontraram inambus, jacamins, pacas etc. Tiraram todas essas caças, levaram-nas para a sua casa e comeram-nas. Depois de ter lavado a mulher o pai soprou sobre ela e ela reviveu.

Boraró ou Curupira⁵¹⁵

Um homem viu Boraró mergulhar no igarapé à procura de tartaruga⁵¹⁶. Observou que todas as vezes antes de mergulhar Boraró deixava a própria roupa sobre uma árvore. O homem, com o auxílio de um pau de gancho, puxou então a roupa de Boraró, vestiu-se e, imediatamente, se transformou em Boraró.

Depois de transformado em Boraró, o homem foi para a casa deste. Porém, ao chegar lá, a roupa lhe saiu do corpo e ele se transformou outra vez em "gente". A mulher do Boraró serviu-lhe a comer e depois o convidou a deitar na rede com ela. Enquanto ele tinha relações sexuais com ela ele percebeu que do órgão lhe saía cheiro forte de pimenta e que o pênis lhe ardia muito. Correu para banhar-se no rio. "Vai fornicar com outro homem... você arde

⁵¹⁴ É a crença geral e a descrição que fazem todos da mulher do Curupira.

⁵¹⁵ Lenda narrada por Antônio, índio Desana de Turi igarapé (afluente do Papuri). Sobre Boraró ou Curupira ver nota 139.

⁵¹⁶ Provavelmente Podocnemis expansa.

muito porque come demasiada pimenta!", gritou ele. Pela manhã ela lhe serviu de novo a comer.

Boraró estava junto à boca do igarapé procurando a própria roupa. Apareceram algumas pessoas que o mataram, comeram-lhe as carnes, transformaram-se em Boraró e começaram a mergulhar como fazia o verdadeiro Boraró.

O homem, então, deixou a roupa de Boraró sobre uma árvore, tomou a própria canoa e fugiu para a sua casa. Quando lá chegou perguntaram-lhe os da sua casa: "Por que você demorou quatro dias na mata?". Mas ele não contou a essas pessoas o que lhe acontecera. Se o contasse, ele morreria depois de quatro dias!.

O homem que se extraviou e o Boraró⁵¹⁷

Certo dia um homem foi à mata a fim de matar **sei**⁵¹⁸. Perdeu, porém, o caminho e foi parar na casa de Boraró. Nesta casa encontrou só a mulher dele. Perguntou-lhe o homem: "Oh! Você está sozinha aqui em casa?". "Eu estou sozinha mas você pode esperar aqui o teu companheiro, ele foi passear na mata".

A casa era grande como uma **maloca**⁵¹⁹. Depois de uma hora chegou Boraró, assustando a todos, "**Yöö mērakō** ('Oh! Meu companheiro') - disse o caçador - você está aqui?". "Sim, cheguei agora!". Boraró viu a zarabatana com a qual o caçador tinha matado os macacos⁵²⁰ e lhe pediu que pusesse a zarabatana em cima do jirau. Ele tinha medo da zarabatana e por isso mandou deixá-la em cima do jirau.

Boraró disse ao caçador: "Pode sentar e descansar!". A mulher de Boraró trouxe comida para o homem⁵²¹. Depois

⁵¹⁷ Lenda narrada por Serafim, índio Pira-tapuya de Japim (rio Papuri). Sobre Curupira ver nota 139.

⁵¹⁸ É o macaco barrigudo, o macaco obeso do gênero *Lagóthrix*.

⁵¹⁹ Ver nota 63.

⁵²⁰ **Emoá**, em Tukano. Dos quais Boraró é amigo e protetor.

⁵²¹ É a praxe indígena ao receber os visitantes.

Boraró começou a dançar com sua mulher muito colado com ela. Após isso descansaram um pouco. Depois tomaram um canudo de madeira e nele começaram a soprar a fim de convocar os Macacos. Pois os Boraró são da gente Emoá. Depois dessa convocação eles dançaram outra vez. Em seguida, convocaram novamente os Macacos. Depois de convocados pela segunda vez vieram, então, os Macacos colhendo frutos da sorveira⁵²². Aproximaram-se da casa e sentaram-se todos juntos na travessa⁵²³. Por baixo (dos Macacos) havia dois grandes **baxpá**⁵²⁴ sobre os quais eles se puseram a evacuar. Quando estes **baxpá** estavam bem cheios a mulher de Boraró foi buscar água para nela dissolver o evacuado e assim preparar o **caxiri**⁵²⁵.

Nesse momento os Macacos deixaram suas peles e transformaram-se em gente e, como gente, foram-se assentando ao longo da **maloca**⁵²⁶ e tomaram **caxiri**. Pelas 5 horas da tarde começaram a dançar.

O homem que se extraviou ficou olhando com admiração Boraró distribuir **caxiri** para os Macacos. Dançaram eles até amanhecer e, depois, foram colher frutas da sorveira. O homem ficou sempre dentro da casa. Pelas 4 horas da manhã emprestaram-lhe uma rede e todos dormiram até 11 horas. Quando acordaram, foram todos ao banho e a mulher de Boraró preparou-lhes a comida.

Ao voltarem do banho, Boraró brincou com o homem pedindo que lhe mostrasse o tamanho do seu pênis. O homem disse que não o tinha grande, que era pequeno. Disse-lhe Boraró: "Se você o tem pequeno, só engana a mulher. Eu, teu companheiro, tenho o grande!". E ele lhe mostrou, assustando grandemente

⁵²² Família Apocináceas (*Couma guianensis*).

⁵²³ Liga inferior da porta da entrada.

⁵²⁴ Ver nota 456.

⁵²⁵ Ver nota 56.

⁵²⁶ Como os homens fazem nas grandes festas.

o homem.

Depois foram comer. O homem comeu pouco e disse a Boraró: "Eu costumo comer pouco". Disse-lhe Boraró: "Você come pouco por isso não engorda!". Acabaram de comer e Boraró disse: "Eu vou deixá-lo em sua casa que é perto daqui".

Ao chegarem a um igarapé ele lhe disse: "Vou bater **timbó**⁵²⁷ para você levar peixes para sua casa". Boraró começou a lavar o pênis e muitos peixes foram morrendo. Eles fizeram um cesto grande de talas para transportar os peixes. Boraró mostrou-lhe o caminho dizendo: "Segue direito por este caminho e você vai dar em sua casa! Ao chegar, não conta nada pra ninguém. Se você contar, você morrerá e voltará para a minha casa"⁵²⁸.

Os parentes perguntaram ao homem: "Onde você esteve todo esse tempo?". Mas ele não quis contar. Prepararam então um **caxiri** de cana a fim de lhe perguntarem quando estivesse embriagado. Ele contou tudo e morreu duas semanas depois.

Waí-maxsã ou história da "Gente-peixe"⁵²⁹

Alguém vai para a pescaria. Ali, há alguma coisa que atrai a gente. A quem tem pai aparece-lhe o pai. A quem tem mãe esta lhe aparece⁵³⁰. Quando uma pessoa deseja alguma coisa esta lhe aparece.

⁵²⁷ Ver nota 115.

⁵²⁸ Isto é, para o inferno pois todos os indígenas identificam Boraró com o demônio.

⁵²⁹ Lenda narrada por Agostinho de Lima, índio Arapaço de Loiro. Ver nota seguinte.

⁵³⁰ Pela descrição do narrador parece-nos que se trata de **Veari-maxsã** e não de **Waí-maxsã**. De acordo com os Tukano orientais, um pajé, com ajuda de paricá tem a capacidade de assumir a forma de parentes ou amigos da pessoa que ele quer atacar, de modo a enganá-la. É chamado **Weari-maxsã**. **Waí-maxsã** são "Gente-peixe" ou seja, animais e espíritos que moram na água. O P. Brüzzi, provavelmente, não entendeu corretamente essa palavra devido à proximidade sonora das duas. (N. do R.).

Perguntam-nos se queremos algum fruto, para dar-nos a comer, quando chegamos de longe. Dão-nos a comer **caruru**-de-pau que é o **beiju** deles ou **caruru**-da-cachoeira⁵³¹. Dão também para comer o "abacaxi-de-Boraró"⁵³². Preparam e dão a beber **urucu** com **timbó**⁵³³. Quem bebe fica louco ou mesmo cai morto. A este arrancam-lhe os cabelos do meio da cabeça e começam a chupar (os miolos). Mais tarde, sopram no local para preencher o espaço. Mandam o "espírito" isto é, a alma, do chupado para a casa dele. O "espírito" vai avisar então aos seus parentes que ele fora chupado (por Boraró) e desaparece.

Bóia-assu, o homem que desapareceu⁵³⁴

Em Mexkã-ñõá ("**Maniuará**"⁵³⁵ ponta") vivia um homem solteiro. Pouco abaixo havia uma praia, e ali chegavam mulheres. Encontrou uma primeira mulher que lhe apareceu alta demais e dela não gostou. Veio depois uma segunda mulher mas desta também ele não quis. Apareceu depois uma terceira. Desta ele gostou, mediu o corpo e a levou para casa para ser sua mulher.

Depois, em companhia dela, foi ele recolher **maniuaras**. Encheu logo no seu cesto e mandou a sua mulher buscar folhas para guardar o excesso de **maniuaras**. Enquanto ela fazia isso apareceu um Kumãdene⁵³⁶ trazendo peixes. Mandou-o entrar na canoa e o Kumãdene remou até Urubucuará⁵³⁷.

⁵³¹ Nome de várias plantas da família Podostomáceas, especialmente *Mourera fluviatilis* Aubl. com cujas raízes antigamente salgavam os alimentos.

⁵³² Abacaxi selvagem do tamanho de uma maçã. (N. do R.).

⁵³³ Ver respectivamente as notas 177 e 115.

⁵³⁴ Lenda narrada por Ambrósio, índio Tukano de Santa Luzia (rio Papuri).

⁵³⁵ Ver nota 243.

⁵³⁶ Ou Ipeka-tapuya, isto é, "Gente Pato da Água", da família lingüística Arwake.

⁵³⁷ Ver nota 458.

O marido ficou ainda procurando alguma coisa, porém nada encontrou e prosseguiu a viagem. Já em frente de Loiro ele viu sua mulher fornicando com outro homem; deixou-a aí e, sozinho subiu até Bacaba-cachoeira, bem acima de Iauaretê. De lá voltou para a casa do seu avô e com este ficou. O avô indagou onde tinha apanhado bacabas⁵³⁸. "Lá em cima", respondeu ele. O velho mandou que fosse apanhar ainda mais bacaba para fazer um **dabucuri**⁵³⁹. Depois do **dabucuri** o homem subiu para o alto (para as nuvens) e desapareceu. Sua mulher ficou sozinha e grávida. Mas o filho que ela trazia no seio não era gente, mas sim filho da Cobra-Grande⁵⁴⁰. Depois que o filho nasceu, ela o levou para Bóia-assu, localidade pouco acima de Manaus.

O homem que foi comer maniudara e pegou uma sapa⁵⁴¹

Um homem foi a mata. Um sapo⁵⁴² estava sentado junto ao buraco das **maniuaras**⁵⁴³. O homem o pegou e, verificando que era uma moça a deflorou. Ele quis levá-la para sua casa, porém o pai dela não o permitiu e o homem a deixou. Aos da sua casa ele diz que queria trazer uma moça que era Sapo mas que ela não quis vir; e assim ele continuou sozinho.

História da mulher transformada em pedra por ciúme⁵⁴⁴

Antigamente um homem tinha duas mulheres. Uma,

⁵³⁸ Ver nota 445.

⁵³⁹ Ver nota 21.

⁵⁴⁰ Ver nota 270.

⁵⁴¹ Lenda narrada por Ovídio, índio Pira-tapuya de Japim (rio Papuri).

⁵⁴² Batráquio desdentado das famílias Bufonídeos e Pipídeos (N. do R.)

⁵⁴³ Ver nota 243.

⁵⁴⁴ Lenda narrada por João Pereira.

porém, ficou com ciúme e raiva da outra e resolveu deixar de comer. O marido foi procurar para ela formigas e **maniuaras** saborosas⁵⁴⁵ mas ela não quis comê-las. Continuou assim até que veio a morrer de tristeza e desgosto. E se transformou naquela pedra que se vê em Iauaretê do lado da Colômbia.

História de Ñamá-kuru⁵⁴⁶

Lá no rio Tiquiê, em Mu'mĩ-ya (Ira igarapé)⁵⁴⁷, havia um homem que se chamava Ñamá-kurú "Veado"⁵⁴⁸. Ele vinha a sua casa só de noite. Havia também uma mulher que só tinha dois filhos.

Ñamá-kuru, lá do alto Ira-igarapé, foi até as cabeceiras do Cabari⁵⁴⁹. Ali ele fazia cercados pera pegar inambus que ele sempre apanhava. Depois que os dois filhos da mulher dormiam, Ñamá-kuru vinha visitá-la e, com ela, mantinha relações sexuais. Levantava-se sempre bem cedo para ver suas armadilhas de caça. Encontrava sempre inambus que ele trazia para a mulher. Para os filhos ficavam apenas os ossos, as pernas, o pescoço e as asas.

Os dois meninos foram crescendo e começaram a pensar: "Quem será que sempre traz comida para nossa mãe?". O primogênito, um dia, fingiu dormir e viu Ñamá-kuru chegando com vários inambus. Não mandou parti-los e limpá-los, mas sim cozinhar inteiros. Os meninos ficaram pensando: "Será este o nosso pai?". Pensaram depois que o seu pai verdadeiro tinha morrido e que sua mãe tinha relações com este homem, que não era o pai deles, e por isso, só lhes dava a comer ossos.

⁵⁴⁵ São petiscos para os índios desta região.

⁵⁴⁶ Lenda narrada por Manoel de Azevedo, índio Tariana de Buzina (rio Uaupés).

⁵⁴⁷ Ou igarapé de mel.

⁵⁴⁸ Ver nota 113.

⁵⁴⁹ No alto rio Tiquiê.

Os dois meninos foram buscar **timbó**⁵⁵⁰ para matarem Ñamá-kuru. Pela tarde, a mãe deles costumava mandá-los tomar banho. Mas a enganaram: em vez de irem para o porto, voltaram para casa e, quando a mãe se ausentou, prepararam **timbó** para Ñamá-kuru quando chegasse. Depois de fazerem isto, os meninos voltaram ao porto, tomaram banho e foram dormir.

Depois que Ñamá-kuru chegou, ele mandou cozinhar os inambus e comeu bem, deixando somente os ossos para os meninos. Ao homem a mulher deu a beber da cuia na qual os meninos haviam colocado o veneno. Tomou a cuia e logo percebeu que a **manicuera**⁵⁵¹ não era boa. Disse então à mulher que a **manicuera** não era boa mas ela respondeu que fora preparada como de costume. Assim mesmo ele bebeu todo o conteúdo da cuia. Não acordou mais.

De manhãzinha a mulher chamou-o, dizendo: "Está na hora de levantar!". Mas ele não respondeu. Ela percebeu então que ele estava morto e repreendeu os filhos. Eles ficaram muito sentidos e foram para a casa deles no Ira-igarapé onde começaram a cavar um buraco e de onde só à noite voltavam para a casa para dormir. Assim fizeram uma semana inteira. Quando o buraco ficou pronto eles fizeram também asas para si. Aprontaram tudo. Nesse mesmo tempo, a mãe deu à luz uma criança que ela escondia numa espécie de saco na cumeeira da casa. Os meninos não sabiam o que estava escondido naquele saco da cumeeira.

A mãe dava de mamar ao menino às escondidas. Sempre mandava os seus dois filhos tomar banho, como antes. Um dia eles fingiram ir ao banho e voltaram para ver o que a mãe estava fazendo. Esta trepou no jirau, tirou a criança do saco, deu-lhe de mamar depressa, repôs outra vez o menino no saco que ela dependurou no jirau e foi buscar lenhas. Os meninos observaram tudo o que a mãe fazia.

Na ausência dela tiraram o menino do saco e começaram a brincar com ele. Deram-lhe a comer folhas de batata. O menino

⁵⁵⁰ Ver nota 115.

⁵⁵¹ Ver nota 114.

pôs-se a comer, "virou" veado, ficou grande e foi-se embora.

Quando a mãe voltou, foi logo ver no saco para dar de mamar ao menino. Não o encontrou mais no saco. Tinha ido embora. Ela repreendeu novamente os filhos. Ficaram estes muito sentidos e foram-se embora, na mesma noite, para a cachoeira do Ira-igarapé onde se transformaram em **uru-mutum**⁵⁵².

A mãe ficou pensando na repreensão que passara nos filhos. Enquanto nisto estava pensando, o seu filho maior começou a cantar de longe **Wāxtĩ maxkõ mãigõ**, imitando a voz do **uru-mutum**, **tu'tibo** (isto é, "nossa mãe nos repreendeu, **tu'tibo**, amando o filho de **Wāxtĩ**"). A mãe ficou muito assustada ouvindo este canto. Levantou-se e foi à procura deles. Quando chegou à cachoeira, os **uru-mutuns** transformaram-se em meninos para que a mãe os visse uma última vez. Quando eles viram a própria mãe, entraram no buraco que haviam feito, saíram em outro buraco como **uru-mutum** e foram passando de um buraco para o outro. Por fim, treparam na árvore e fugiram da mãe.

Ela voltou para sua casa, foi até à roça e começou a lamentar o quanto havia feito aos próprios filhos. Ouvindo ela chorar, os filhos desceram da árvore como **uru-mutum**, transformaram-se em tocandiras⁵⁵³ e foram picar sua mãe no órgão maternal, para ver se ela os amava ainda.

Mas ela, com raiva, tomou as tocandiras, matou-as e as jogou no chão. Vendo que ela não gostava mais deles fugiram da mãe para sempre. A mãe continuou a chorar pelos seus filhos na roça e, de tanto chorar, ela se transformou em **Wāxtĩ paxkó**, "Mãe de **Wāxtĩ**"⁵⁵⁴.

Ñamá-kuru (o assobio após o banho)⁵⁵⁵

⁵⁵² Nothocrax urumutum Spix.

⁵⁵³ Ver nota 242.

⁵⁵⁴ Nome de um besouro pequeno (Ordem Coleópteros).

⁵⁵⁵ Lenda narrada por Mário Chaves, índio Tukano.

Uma viúva tinha três filhos: dois meninos e uma menina. Ela morava sozinha numa barraca com eles. Ñamá-kuru vinha todas as noites dormir com ela. Trazia caça e pesca que ela preparava, e ambos comiam enquanto os filhos estavam dormindo.

Dessas relações com ele ela teve um filho. Ela o mantinha escondido dos outros filhos, sobre o jirau, debaixo de um **aturá**⁵⁵⁶. Ela ia à roça, voltava trazendo mandioca e lenha, e mandava, então, os filhos tomar banho ordenando que assobiassem quando terminavam o banho, para informá-la disso⁵⁵⁷. Enquanto eles tomavam banho ela cuidava do filhinho e o escondia de novo sob o **aturá** quando ela ouvia os assobios.

"Por que nossa mãe nos manda assobiar depois do banho?", perguntavam-se os filhos. O mais velho, um dia, em vez de tomar banho, voltou às escondidas e ficou observando a própria mãe. Ela tirou o filhinho debaixo do **aturá** e dele cuidou. Então é que o mais velho desceu ao rio e tomou o seu banho. Ele contou aos outros dois: "Nossa mãe tem um filho e não o mostra para nós: está escondido sobre o jirau!". Depois do banho os três voltaram assobiando.

À noite vinha Ñamá-kuru. Os dois comiam da caça e, antes de clarear o dia, ela o acordava e mandava que ele saísse. O filho mais velho ficou com ciúme. Sua mãe fizera **manicuera**⁵⁵⁸ para Nama-kurú. As três crianças foram buscar **timbó**⁵⁵⁹, bateram-no e misturaram-no com a **manicuera**. Ñamá-kuru, depois de comer, bebeu a **manicuera** e foi dormir. Aí ele morreu.

Quando a mulher foi acordá-lo de madrugada, encontrou o morto. Ela o pôs num balaio e o enterrou. Repreendeu depois severamente os filhos por haverem morto a Ñamá-kuru.

⁵⁵⁶ Ver nota 109.

⁵⁵⁷ Esta é a origem de um assobio típico que os meninos e rapazes executam com os dedos de ambas as mãos, finalizando com a abertura da mão.

⁵⁵⁸ Ver nota 114.

⁵⁵⁹ Ver nota 115.

Ela tomou seu banho⁵⁶⁰ e foi para a roça. O filho mais velho subiu, então, ao jirau, virou o **aturá** e viu que seu irmão era um veadinho⁵⁶¹. Os irmãos foram então buscar folhas de **buxpú-wō**⁵⁶² e aplicaram-nas nas pernas do veadinho. Ele escapou e foi comer capim. Depois saiu correndo e fugiu. Os outros irmãos puseram-se a rir: "Nosso irmãozinho fugiu! Mamãe vai ficar com raiva".

Ao regressar da roça, ela mandou os filhos para o banho, revirou o **aturá** do jirau mais não encontrou o filhinho. Repreendeu-os muito, xingando-os. Eles cavaram um buraco para se esconderem. Começaram a aparecer-lhes asas. Regressaram à casa muito tarde. "Por que demoraram tanto? Onde estavam vocês?", perguntou a mãe. Eles ficaram em silêncio. As penas começaram a aparecer neles e eles transformaram-se em **uru-mutuns**⁵⁶³. Começaram a cantar e pousaram-se sobre a casa. Ela tentou pegá-los mas eles voaram para a mata.

A Piranha, filha da Cobra-Grande⁵⁶⁴

Um homem que sempre vivia sozinho morava em Acangatara⁵⁶⁵. Num povoado mais abaixo, denominado Loiro-

⁵⁶⁰ Por generalizado costume indígena as pessoas do sexo feminino tomam seu banho juntas bem mais cedo que as do sexo masculino, com o tempo ainda escuro.

⁵⁶¹ Ver nota 113.

⁵⁶² Planta que serve para fabricar os instrumentos de ritmo denominados em Tukano **aha-wō** ou tubo-pilão.

⁵⁶³ Ver nota 552.

⁵⁶⁴ Lenda narrada por Casimiro, índio Tariana de Iauaretê.

⁵⁶⁵ Povoado do meio rio Uaupés, pouco abaixo de Iauaretê. **Acangatara** é um enfeite de cabeça.

cumã⁵⁶⁶ havia uma árvore de ucuqui⁵⁶⁷. Em Acangatara, porém debaixo da água, viviam os **Waí maxsã**⁵⁶⁸. Estes vinham também comer ucuquis e retornavam para baixo da água. Certa vez o homem surpreendeu umas moças trepadas na árvore colhendo ucuquis. Mas antes que ele pudesse agarrá-las, elas desceram da árvore, correram para o rio e transformaram-se em peixes. Não tendo conseguido agarrá-las esta primeira vez ele voltou para a sua casa em Acangatara pensando como conseguiu-lo em outra ocasião. Contornou o pé de ucuquizeiro com uma sebe de tiririca⁵⁶⁹ e ali esse homem veio esperar as colhedoras.

Estas voltaram trazendo consigo uma mulher grávida. As moças conseguiram ainda fugir, não, porém, a grávida e o homem a levou para a sua casa. Ele desejou ter relações sexuais com ela mas esta não lhe permitiu porque estava engravidada pelo peixe piranha⁵⁷⁰. Mas ela desejou comer aracu, ituí e outros peixes permitidos durante a gravidez e o homem foi pescar tais peixes para a mulher.

Na ausência dele, veio um seu irmão que quis ter relação com ela. Esta no princípio recusou, mas ele insistiu tanto que a mulher findou consentindo. Mas enquanto ele fornicava com ela as piranhinhas, que estavam no ventre da mulher, lhe roeram a barriga. Quando ele percebeu que estava sem barriga ele se

⁵⁶⁶ Que, em língua Tukano, se denomina Kumākō-ñoá "Ponta da árvore do louro".

⁵⁶⁷ Fruta (*Ecclinusa balata*) do tamanho de um abacate que se come assada ou cozida. Crua é usada contra lombrigas segundo Stradelli (1929:699).

⁵⁶⁸ É geral em todas as tribos a crença na existência de gente-peixe com seus centros de população ou cidades debaixo da água, tanto no rio Uaupés como no rio Negro. Nas vizinhanças de Tapurucuara, por exemplo, contam episódios em que os **Waí-maxsã** aparecem sob forma humana aos indígenas. Outros episódios falam de índios que passaram a viver debaixo da água com os **Waí-maxsã** e vieram algumas vezes visitar os parentes humanos. Consta também de casamentos entre estas duas espécies de seres.

⁵⁶⁹ Ver nota 500.

⁵⁷⁰ Ver nota 143.

levantou e foi se esconder num canto da casa. "Foi você quem quis isto!", disse-lhe a mulher. Ele tomou então uma tampa de cerâmica e cobriu a sua barriga para as tripas não ficarem aparecendo.

Quando o homem voltou da pescaria perguntou à mulher: "Onde está meu o irmão?" Respondeu-lhe ela: "Deve estar por aí!". O homem foi procurá-lo na rede mas ele não estava; ele estava debaixo da rede e movia-se transformado em jacaré⁵⁷¹. O homem bateu com o pé no jacaré, perguntando-lhe: "O que está fazendo aqui?". O jacaré levantou-se, foi cair no rio e foi-se embora.

A mulher da piranha sentiu que estava para dar à luz. Pediu ao homem para pôr um cercado no igarapé da Piranha. O homem fez um cercado no igarapé. A mulher subiu mais para as cabeceiras deste igarapé e lá deu à luz. Seus filhos todos eram piranhas. Estes peixes, ao descenderem, entraram todos no **puçá**⁵⁷² do homem que os matou sem saber que eram os filhos da mulher. Voltando pela madrugada, ela lhe perguntou: "Por que você matou todos os peixes?". E pôs-se a chorar.

O homem e a mulher voltaram juntos para a casa e naquele mesmo dia ele teve relações sexuais com ela. Pouco tempo depois nasceu-lhes um menino. Quando a criança tinha três anos a mulher disse ao homem: "Eu quero ver meu pai, eu vou até a casa dele". "Vamos juntos", disse-lhe o homem. Indagou então: "Que é que seu pai come?" Ela respondeu que ele comia paca, **maniuara**, cupim, peixe etc. Ele providenciou todos estes alimentos e ambos seguiram de canoa. No meio do rio ela pôs um remédio no próprio olho, no do homem e no do filhinho.

Quando os três abriram os olhos foram bater na casa do pai dela. No porto estava uma piranha. Era o marido dela. Ela entregou as provisões que havia trazido para as piranhas: **maniuaras**, cupins etc. Enquanto eles comiam os três entraram na casa e sentaram-se nos banquinhos. Não havia ninguém na casa. Mas

⁵⁷¹ Ver nota 87.

⁵⁷² Ver nota 120.

pouco depois chegou o pai dela. Este era uma Cobra-Grande⁵⁷³. Cumprimentou a filha, depois, ainda como Cobra-Grande, foi para o interior da casa. Voltou pouco depois como gente e cumprimentou-a de novo. Ela lhe ofereceu carne de paca, veado etc.

Eles passaram aí muito tempo. Começou a época da pupunha⁵⁷⁴. Eles queriam roubar pupunhas numa roça, não o podiam porque em cada planta havia uma piranha de guarda. De noite o homem saiu para urinar. Não encontrando piranha alguma, bateu com um pau na pupunheira. Caiu uma pupunha. Partiu-a pelo meio, comeu e engoliu também o caroço, a fim de não perdê-lo. Quando sentiu a necessidade de evacuar, pôs outra vez o remédio no próprio olho e, para surpresa sua, verificou que estava na porta da sua casa. Evacuou, então, o caroço, plantou-o e voltou para a casa do sogro. Mas os encontrou todos transformados em sapos⁵⁷⁵, também a sua mulher e o filho.

Regressou, então, a sua casa e aí passou muito tempo. Resolveu mais tarde voltar à casa do sogro onde encontrou a sua mulher e o seu filho como gente. Naquele momento eles estavam fazendo um **caxiri**⁵⁷⁶. Disse-lhe a mulher que não ia deixá-lo com os **Waí-maxsã**. Mas ele ficou bebendo, foi dançar e acabou por ficar lá. Quando queria urinar ele não podia sair sozinho e a mulher devia acompanhá-lo. Assim ele se perdeu completamente.

⁵⁷³ Sê-pĩrõ em Tukano. Ver nota 270.

⁵⁷⁴ Guilielma speciosa.

⁵⁷⁵ Ver nota 542.

⁵⁷⁶ Ver nota 56.

História de Uānalí (as suas peripécias e a gratidão dos peixes)⁵⁷⁷

Uānalí morava abaixo de Iauaretê num lugar denominado Aracu-ponta⁵⁷⁸. De lá ele foi passear na boca do Miriti-igarapé onde encontrou macacos⁵⁷⁹ comendo frutas. Ele lhes pediu frutas e estes lhe jogaram. Porém estas, ao cair no chão, ficaram estragadas. Os macacos se aborreceram logo de atirar-lhe frutas e disseram a Uānalí que subisse para junto deles. Uanalí subiu, porém, quando chegou em cima, os macacos saltaram para baixo e ele ficou sozinho na árvore.

Quando ele estava lá em cima, veio um bando de garças⁵⁸⁰. Perguntaram-lhe o que ele estava fazendo lá em cima e convidaram-no a ir com elas. Mas ele respondeu: "Não posso ir, não tenho asas!". Aplicaram-lhe então algumas penas nos braços e mandaram-no experimentar voar. Porém, quando ia experimentar, caíram-lhe todas as penas. Disseram-lhe então: "Não pode mesmo ir conosco!". E acrescentaram: "Atrás de nós vem outro grupo de garças. Você vai com ele".

Chegou outro grupo e o levou consigo. Só voaram de noite e pousaram de dia. Chegaram até Siú-pweá "Cachoeira de Siú"⁵⁸¹. Em cima da cachoeira havia uma velha por nome "Guari-

⁵⁷⁷ Lenda narrada por Amália Lana, índia Tariana.

⁵⁷⁸ Em Tukano, Bo'téa-pextá, lit. "Porto de Aracu", nome de um peixe da família Caracídeos e nome também de tribos da família linguística Tukano oriental, tribos Karapanã, Desana e Juriti (ver Brüzzi 1977:101).

⁵⁷⁹ Seriam talvez indivíduos da tribo Emoá "Guariba"?

⁵⁸⁰ Tribo Uacará do Apaporis. Garça é denominação genérica de várias aves da família Ardeídeos.

⁵⁸¹ Siú é nome Tukano de um peixe comprido (não identificado).

ba⁵⁸²ⁿ que vivia sozinha.

Perto dessa mulher é que as garças comem. Ao chegarem aí as Garças cobriram a casa da mulher com suas penas. Quando acabaram de cobrir (a casa) ela lhes ofereceu um pedaço de **beiju**⁵⁸³. Comeram todas as Garças, porém o **beiju** não diminuía. Uānalí, observando que o **beiju** não diminuía, tirou também um pedaço para comer mas o **beiju** começou a diminuir. A mulher disse então: "No meio de vocês há uma pessoa que não deveria estar aqui!".

As Garças ainda ficaram aí um dia. Só no outro dia subiram à cumeeira da casa e começaram a arrepiar as próprias asas. Uānalí fez a mesma coisa. As Garças lhe diziam que não o fizesse, que não mexesse nas penas, mas ele não escutou e as penas caíram. Ele ficou pelado. As Garças fizeram crescer as próprias penas em uma só noite. Porém as de Uānalí não cresceram. As Garças voaram voltando para baixo e Uānalí ficou sozinho com a mulher. Fez para si uma rede de embira⁵⁸⁴ e a pôs num canto da casa. A mulher, varrendo a casa, o encontrou deitado num canto e perguntou-lhe: "Quem é você?". Este informou-lhe quem era. E, na mesma rede, foi deitar com ela. "Se você quer ter relações sexuais comigo - disse-lhe a mulher - vai buscar sabão de pau⁵⁸⁵ para lavar meu órgão porque nele há centopéia, escorpião, formiga-de-fogo⁵⁸⁶". Mas Uānalí não foi buscar o sabão de pau e assim mesmo teve relação com ela. A mulher deixou por conta dele o mal que lhe havia de vir.

Enquanto eles estavam fornicando a centopéia, o escorpi-

⁵⁸² Seria da tribo que no próprio idioma se denomina Emoá-maxsã, isto é, Guariba-tapuya, que mora entre as cabeceiras do Tiquiê e o Pira-paraná?

⁵⁸³ Ver nota 460.

⁵⁸⁴ Designação comum a várias espécies arbustivas da família Timeleáceas e que produzem boa fibra na entrecasca (N. do R.).

⁵⁸⁵ Antigamente os índios se limpavam com a casca raspada de certas árvores que lhes serviam como sabão (N. do R.).

⁵⁸⁶ Todos animais peçonhentos. Provavelmente se referia a doenças sexuais.

ão e a formiga-de-fogo ferroaram o membro dele que ficou muito inchado. A mulher disse-lhe então: "Você é quem quis assim!".

Ele passou um tempo na casa dela que se aborreceu dele e disse-lhe: "Vai apanhar os rãs⁵⁸⁷ que estão acima do miriti⁵⁸⁸". Ele foi até o porto onde encontrou uma Cobra-Grande⁵⁸⁹. Esta diz que era Miriti⁵⁹⁰, porém não o era.

Ele foi novamente apanhar rãs. Quando ia apanhar uma rã essa o segurou pela mão e com ele pulou até a Serra da Tocandira⁵⁹¹. Quando ele estava lá em cima veio subindo uma Tocandira grande que perguntou a Uānalí: "Você é Uānalí?". Respondeu ele que sim. "Como você vai descer?". Respondeu que o podia fazer. A Tocandira, então, carregou-o nas costas. Quando já estava no meio da Serra com o fedor que lhe saía da boca, ela começou a reclamar contra o peso de Uānalí. Se ele dissesse que estava insuportável o fedor dela, esta o atiraria pela serra abaixo. Assim que chegou até o pé da serra pediu à Tocandira que o largasse um pouquinho. Mas se ele não tivesse pulado das costas dela esta teria entrado com ele no buraco das tocandiras.

Uānalí de lá veio baixando acima de Jutica até um igarapé que se chama Cegonha-igarapé. Havia um **cacuri**⁵⁹² e ele ficou observando os peixes. Estes estavam chorando. Os peixes não se aproximavam porque tinham medo, apenas os pequenos peixes como o acari⁵⁹³. Perguntaram a Uānalí: "Que é que você está fazendo?". Respondeu-lhes: "Estou sentado olhando vocês!". Pediram-lhe que abrisse o **cacuri**. Respondeu-lhes que ia abrir, o

⁵⁸⁷ Não seria alusão à tribo Omawa?

⁵⁸⁸ Ver nota 506.

⁵⁸⁹ Ver nota 270.

⁵⁹⁰ Tratar-se-ia da tribo Miriti-tapuya?

⁵⁹¹ Em Tukano chama-se Pextá ã'rã. Está localizada no território colombiano, acima da cidade de Mitu situada às margens do rio Uaupés.

⁵⁹² Ver nota 122.

⁵⁹³ Peixe cascudo da família Loricarídeos (N. do R.).

que ele fez logo em seguida. Os peixinhos lhe perguntaram: "O que você tem no pênis?". "Eu sou assim mesmo", retrucou ele. Os peixinhos lhe disseram: "Nós vamos preparar um remédio para você". Dito isto, foram até a cabeceira do igarapé Cegonha e, em pouco tempo, estavam de volta trazendo o remédio que era uma folha. Disseram a Uânali: "Você ponha este remédio e comprima com a mão e ficará bom como antes!⁵⁹⁴ⁿ". Assim os peixinhos agradeceram com este remédio o favor que Uânali lhes fizera ao abrir o cercado.

Algumas proezas dos Diroá⁵⁹⁵

A gente de Iauaretê comeu o próprio avô, socando-o bem a fim de nada perder dele⁵⁹⁶. Um deles que se chamava Yee-tõ⁵⁹⁷ jogou fora um dedo mínimo dele. No momento em que o lançou fora, reboou o trovão. Depois do trovão apareceram três peixes **pirapucu**⁵⁹⁸. Uma velha, que era a avó dos **pirapucus**, perseguiu-os sem, no entanto, alcançá-los. Mais tarde ela os apanhou lá no lado da Colômbia, junto à foz do rio Papuri, e trouxe os três **pirapucus** até a ilha⁵⁹⁹. Esta velha era esposa do homem chamado Yeetõ. Deixou os três peixes dentro de um cesto com pimenta. Ali eles se transformaram em "bichinhos" de

⁵⁹⁴ Das relações com a mulher.

⁵⁹⁵ Lenda narrada em 1953 por Guilherme Alves.

⁵⁹⁶ É a referência ao costume que sobrevive ainda em nossos dias entre algumas tribos de cremar o cadáver dos seus mortos, especialmente dos seus chefes e dos guerreiros valentes, e depois de bem pulverizados seus ossos ingeri-los com mingau ou outra bebida, a fim de herdarem as qualidades de coragem, força etc. do morto.

⁵⁹⁷ Isto é, "Caba vermelha". Sobre a caba ver nota 409.

⁵⁹⁸ **Yoxsowi** em Tukano. Peixe de água doce da família dos Caracídeos.

⁵⁹⁹ Defronte da Missão salesiana.

pimenta. A pimenta os criou como gente pequena⁶⁰⁰. Estes três chamavam-se "Gente do sangue" ou Diroá.

Depois criaram-se na casa de Yeetõ, tornaram-se gordos e fortes. A avó deles foi até a roça do pessoal de Iauaretê e os três transformaram-se em pássaros. As crianças de Iauaretê perguntaram à velha: "De quem são estes pássaros?". "São meus!" - respondeu ela. As moças começaram a perseguir os pássaros mas eles voaram para o mato. As moças foram ao encalço deles. E eis que os pássaros se transformaram em gente e agarraram as três moças e delas se aproveitaram sexualmente. Mais tarde, os rapazes se transformaram de novo em pássaros e voltaram para a casa de Yeetõ. A velha verificou que eles eram amolantes, insuportáveis.

Indo ao mato para comer **maniuara**⁶⁰¹ em Mexkã-pweá "Cachoeira de Maniuara" ela levou também os três. Eles treparam então em uma árvore e jogaram frutas na roça onde estavam as moças. As frutas, ao caírem, gritavam como se fossem cutias⁶⁰². A velha verificou que aqueles três moleques não ficavam quietos. Ele fechou com breu a própria vagina⁶⁰³ como um saco contendo formigas e mandou que os Diroá descessem logo para não serem picados pelas tocandiras⁶⁰⁴. Mas enquanto desciam foram ferrodos por elas. Caíram no chão como mortos pelo espaço de uma meia hora. A velha viu que estavam quase mortos, soprou sobre eles para que voltassem a viver. Ela continuou recolhendo **maniuaras** e eles fizeram aparecer muitas **maniuaras** até encher o cesto dela. Ela os mandou então apanhar folhas para guardar as **maniuaras**. Porém eles não lhe obedeceram porque havia aranhas no meio das folhas. Eles queriam que a aranha picasse a velha

⁶⁰⁰ Isto é, anões.

⁶⁰¹ Ver nota 243.

⁶⁰² Ver nota 454.

⁶⁰³ Informou o narrador que isto é um dos atos da iniciação pubertária feminina.

⁶⁰⁴ Ver nota 242.

como as tocandiras haviam picado a eles. Uma aranha picou a velha e esta morreu. Eles sopraram sobre ela e ela reviveu.

Os três foram pescar com **matapi**⁶⁰⁵. A velha ordenou-lhes que pusessem na panela os peixes que matassem. A panela ficou logo cheia e a velha mandou que pusessem o restante no **baxpá**⁶⁰⁶. Trouxeram ainda mais peixes e a velha os lavou e doou ao dono da roça. Os habitantes de Iauaretê fizeram **caxiri**⁶⁰⁷ e mandaram os três moleques convidar o dono da roça. Este os pôs no lugar denso ou cerrado da mata e, logo, apareceram cobras e aranhas. Fizera isto aos Diroá por maldade. Todavia, indo eles a esse cerrado, sopraram e imediatamente o lugar ficou limpo das cobras e aranhas.

Os habitantes de Iauaretê pensaram em convidar os Diroá para uma derrubada de roça e dispuseram os paus uns em cima dos outros, desejando que caíssem todos sobre os Diroá. Estes, ao verem tantos paus atravessados, fizeram um sopro e os paus não caíram sobre eles.

Depois de muito tempo foram convidar os Diroá para queimar a roça. Foram muitas pessoas e cercaram os Diroá com fogo. Não conseguiram, porém, queimá-los e os Diroá escaparam de novo. Os habitantes de Iauaretê, cheios de surpresa ao verem os Diroá voltarem da roça e irem tomar seu banho, indagaram deles: "Como! Vocês estão de volta? Como escaparam do fogo?". "É isto mesmo, responderam eles, escapamos do fogo!".

Os três ficaram irritados porque verificaram que a população estava tramando contra eles. Baixaram até Paricatu-ba⁶⁰⁸ a fim de lá cheirar e trazer de volta o **paricá**⁶⁰⁹ usado na cerimônia de iniciação dos pajés. Em seguida voltaram até Ipanoré

⁶⁰⁵ Ver nota 421.

⁶⁰⁶ Ver nota 456.

⁶⁰⁷ Ver nota 56.

⁶⁰⁸ Pouco acima de Manaus.

⁶⁰⁹ Ver nota 263.

onde existe a **jacitara**⁶¹⁰. Aqui o avô começou a fabricar as peneiras largas⁶¹¹ para peneirar a farinha de mandioca. Por isso o lugar ficou denominado Tômpa-duri "Amontoado de peneiras". Quando acabaram de fazer as peneiras regressaram a Iauaretê levando consigo o **paricá**.

Os netos disseram ao avô que se sentasse e segurasse bem na canoa porque eles iam remar com força. De fato, com uma única remada, chegaram até o povoado de São José. Acima de São José encontraram algumas pessoas e os moços indagaram o que estavam fazendo. Aquelas pessoas responderam que estavam preparando cacetes para matarem os Diroá. Estes os mataram imediatamente. Mandaram novamente ao velho avô que segurasse bem a canoa e, com uma só remada, vieram para baixo de Japu. Começaram a perguntar do velho com que coisa iriam fazer o **dabucuri**⁶¹². "É preciso também peixes", disseram os Diroá. Em Japu mataram uma grande cobra⁶¹³ que estava em cima de uma árvore, picaram-na e moquearam-na.

Voltaram para Iauaretê. Ao chegarem aí encontraram um pouco de **caxiri**. Os três cozinharam os peixes e outras caças, inclusive macacos, socaram tudo no pilão e depois puseram no prato. Nesse momento ouviram diversos rumores como as vozes do macaco, japu, inambu⁶¹⁴.

Depois os habitantes de Iauaretê prepararam um **caxiri**. Os três se transformaram novamente em pássaros e foram até Mira-uçu, acima de Iauaretê, a fim de matar o gavião grande⁶¹⁵. Ao chegarem lá encontraram apenas a mãe do gavião que, naquele

⁶¹⁰ Nome comum a várias espécies de palmeiras do gênero *Desmoncus* (N.do R.).

⁶¹¹ Denominadas **Tômpa** em Tukano e **cumatá** em Nheengatu.

⁶¹² Ver nota 21.

⁶¹³ *Eunectes murinus* L.

⁶¹⁴ Os animais de cuja carne haviam cozinhado.

⁶¹⁵ Ver nota 253.

momento, estava cozendo uma panela de breu. Indagaram: "Para quê esta panela de breu?". Respondeu-lhes que era para matar a "Gente de sangue". Ordenaram que ela mexesse bem o breu. Ela indagou se eles haviam visto os Diroá. Responderam que não. Quando ela acabou de mexer, ficou todo endurecido na panela. Os três tiraram então o assobio de osso do gavião e o fizeram soar como costumava fazer o gavião. Os gaviões apareceram repentinamente e os três os mataram.

De lá voltaram para Iauaretê, voando como pássaros. Ao chegarem aí o avô indagou se haviam matado o gavião. Responderam que sim. O avô foi verificar e viu dois gaviões grandes mortos. Os três iriam transformar em gente todas as penas dos gaviões.

No dia seguinte, eles fizeram um **dabucuri** para os de Iauaretê. Os Diroá dançaram muito. Os de Iauaretê queriam comê-los e decidiram fazê-lo à meia noite. Não o fizeram, porém, porque nessa hora os Diroá lhes apareceram numerosíssimos. Os de Iauaretê puseram-se a ferver breu a fim de matar os Diroá, jogando breu quente em cima deles. E perguntaram, então, aos Diroá: "Que querem vocês de nós?". Responderam-lhes eles: "Nós só comemos breu!".

Ofereceram-lhes breu quente como alimento. Porém o breu se tornou duro repentinamente. "Que tal o alimento?" - indagaram os de Iauaretê. "Não é bom, não - responderam os Diroá - ele é amargo". Os Diroá mandaram que experimentassem. Os de Iauaretê experimentarem e ficaram todos com a boca amarga. Um dos Diroá apresentou então uma panela dizendo: "Aqui está o alimento para a gente de Iauaretê". Estes morderam precipitadamente o conteúdo e este lhes entalou a boca, por isso não puderam comer os Diroá.

Lenda do moço Baré⁶¹⁶

Uns homens fizeram uma grande festa com danças⁶¹⁷. Havia duas irmãs. Para a festa veio também um rapaz Baré muito bonito. Ele tocava muito bem a flauta de osso de onça. Ele dançou com as duas moças e também com elas teve relações sexuais. Ficou gostando tanto delas que as levou para sua casa. As outras moças com inveja fizeram-lhe um malefício. O "estragaram"⁶¹⁸. Ele ficou muito magro e acabou reduzido a um esqueleto. E, então, ele não quis mais aparecer.

As duas moças foram com a sogra para a roça. Mandou-lhes arrancar mandioca a fim de preparar **caxiri**⁶¹⁹, porém o seu filho não apareceu no **caxiri**. E as moças indagaram da sogra: "Por que nos manda fazer **caxiri** se seu filho não aparece?". A sogra mandou-lhes então preparar muito mingau mas ele não apareceu.

Passaram-se uns 15 dias. A irmã mais nova ficou grávida e deitou na rede esperando um filho. Antigamente, quando as mulheres estavam grávidas não iam à roça, ficavam na rede. Ela, sozinha em casa, ouviu um barulho na panela em cima do jirau⁶²⁰. Era ele. Tocou a flauta, como sabia fazer. "Que é isso?", perguntou ela. Olhou por cima da rede. Ele desceu então do jirau fazendo "**kaharí... kaharí..**".⁶²¹ Era só osso, isto é, um esqueleto; tomou o mingau, depois disse à moça: "Você pode ir embora! Eu

⁶¹⁶ Lenda narrada por Dorotéia Brito, filha do **tuxaua** de Ananás (baixo rio Negro).

⁶¹⁷ Esclareceu a narradora que eram da tribo Baré (família lingüística Arwake). Sobre a tribo Baré ver nota 60.

⁶¹⁸ É a expressão usual consagrada para indicar as conseqüências fisiológicas do malefício (Malefício, em Tukano se diz **dohasé**).

⁶¹⁹ Ver nota 56.

⁶²⁰ Nas **malocas** e casas constróem um ou mais jiraus sobre os quais conservam seus vários objetos.

⁶²¹ Barulho que fez para imitar o rumor dos ossos movendo-se.

não presto mais para você. Eu sou apenas osso!"⁶²².

Quando a irmã mais velha voltou da roça, a mais nova contou-lhe tudo: "Nosso 'noivo' não presta mais! Ficou só osso. Que vamos fazer?". "É mentira - disse a outra irmã - isto é impossível!". Ela raspou a mandioca e fez mingau. Depois foi para a rede, pois estava também para dar à luz.

Ele, lá de cima do jirau, tocou novamente a flauta de maneira muito bonita. Depois desceu " **kaharí... kaharí...**" Era o mesmo barulho dos ossos. Tomou mingau e disse às moças: "Vocês podem sair daqui. Eu não presto mais para ser marido de vocês". Elas disseram então: "Que vamos fazer? Para onde vamos embora? Que bicho vamos virar?". "Vamos virar (no pássaro) **we'ó**"⁶²³. Puseram pelo corpo leite de sorva⁶²⁴, pregaram por cima **pai-na**⁶²⁵ e transformaram-se em **we'ó**.

História de Kamāweni⁶²⁶

Kamāweni era irmão de Muhĩpũ ("Lua"). Sua mãe chamava-se Paxkó-mēná (lit. "Com mãe"). Fizeram o **a'mōyese**, o rito de iniciação pubertária de Kamāweni. Nessa ocasião o rapaz não deve comer⁶²⁷ e a mãe ficou vigiando para que ele respeitasse essa proibição. No iniciado pregaram-lhe na testa umas penas.

Muhĩpũ deixou o irmão para ir à mata a fim de tirar

⁶²² Não tinha pele, nem carne, nem vísceras, mas vivia ainda e se alimentava.

⁶²³ Isto é, curica, o papagaio grande (*Androglóssa amazônica*).

⁶²⁴ Ver nota 81.

⁶²⁵ Fibras sedosas parecidas às do algodão que envolve as sementes de várias plantas (N. do R.).

⁶²⁶ Lenda narrada por Gabriel Costa. Ver variante coletada por Biocca neste volume (pp. 134-141).

⁶²⁷ Em todas as festas e rituais os participantes são submetidos a uma dieta alimentar ver nota 94 (N. do R.).

casca de pau. Antes de partir ele disse ao irmão: "Você não sai daqui". Mas Kamāweni saiu e foi ao porto. Lá, encontrou um lugar onde tinha muitos peixes. Algumas pessoas estavam pescando assim como a mãe dele. Ele foi pelo pau atravessando o igarapé e chegou até onde estavam moqueando os peixes. Sua mãe lhe deu um cesto cheio de peixes e Kamāweni começou a comê-los.

Antes de voltar (para a casa) chegou seu irmão Muhĩpũ. Disse-lhe Kamāweni: "Guardei peixes para você". Muhĩpũ observou que a pena da testa de Kamāweni estava queimada e repreendeu-o: "Eu lhe disse que não saísse de casa. Você não quis obedecer. Eu não quero comer do seu peixe, coma-o você! Você será sempre guloso. É preciso preparar muito peixe para você".

Os dois resolveram subir até as cabeceiras do rio Tiquiê. Muhĩpũ preparou uma canoa e dentro colocou apenas um panelo de farinha. Ele tomou também **pucás** e **cacuris**⁶²⁸. Começaram pela foz do Tiquiê e foram subindo. Pescaram muitos peixes. Muhĩpũ fazia fogo, assava mal os peixes e os dava a Kamāweni que os comia meio crus. Para si bastava uma pequena panela de peixe cozido. Foi subindo dando assim comida a Kamāweni.

Em Pari-Cachoeira ele armou o primeiro **cacuri**. E continuou assim até a Colômbia. Chegando ao igarapé Mari, fechou-lhe a boca com um **pari**⁶²⁹ e mandou que Kamāweni viesse da parte de cima espantando os peixes enquanto ele próprio os apanhava com seu **puçá**. Quatro vezes Kamāweni o fez, chegando até perto de Muhĩpũ. Porém, na quinta vez não apareceu mais. Kamāweni trepou sobre uma árvore alta, as suas carnes lhe iam caindo e, ao chegarem à água, transformavam-se em peixes. Kamāweni ficou só osso.

Muhĩpũ já sabia o que ia acontecer e, afastando-se rapidamente, vinha descendo pelo igarapé mas, em dado momento, ao virar o remo, o reflexo do remo molhado, como o de um espelho, bateu no rosto de Kamāweni. Este gritou e começou a vir no encalço de Muhĩpũ. Entrou-lhe pelo corpo adentro, de sorte

⁶²⁸ Armadilhas de pesca, ver respectivamente notas 120 e 122.

⁶²⁹ Ver nota 121.

que sobre o ombro ficaram duas cabeças, a de Muhĩpũ e a de Kamāweni.

Muhĩpũ não conseguia comer porque, quando lhe chegava a comida, Kamāweni devorava tudo. Muhĩpũ pedia que o levasse onde havia frutas. Ofereciam-lhe frutas, porém Kamāweni comia tudo. Muhĩpũ soube que era tempo do ucuqui⁶³⁰. As palmeiras estavam carregadas de frutas e os ucuquis já começavam a cair. Muhĩpũ não podia ir porque estava muito fraco. Esperou, porém, que ainda caíam muitos ucuquis.

Ajuntaram muitos ucuquis. Socaram também pimenta e, com estes, encheram uma cesta. Fizeram um lugar limpo perto que forraram com folhas de sororoca⁶³¹ e aí deitaram Muhĩpũ. Homens e mulheres puseram-se a quebrar ucuqui, misturavam-no com pimenta e o traziam a Kamāweni. Este comia tudo. Já estavam acabando os ucuquis. Eles quebravam-nos com maior rapidez, misturavam com mais pimenta e traziam-nos a Kamāweni que tudo devorava. Kamāweni já estava com a boca aberta e sangrando muito por causa da pimenta.

Ouvia-se perto: "sã... sã... sã...". Era o coaxar do sapo *cohoã*⁶³². Kamāweni pensou que ali perto havia um igarapé e mandou que todos fossem com seus potes e cuias buscar água para ele beber. Responderam-lhe que ele mesmo fosse buscá-la, que eles não queriam ir. Quebraram todos os potes e as cuias e não lhe trouxeram água. Kamāweni estava ardendo de sede. Eram três horas da tarde. Ninguém trazia água e Kamāweni continuava a comer, com a boca ardendo de pimenta. "Eu também sou homem - disse Kamāweni - e em qualquer canto eu encontro o que comer. Vou sair"⁶³³. Saiu! E Muhĩpũ morreu.

⁶³⁰ Ver nota 567.

⁶³¹ *Phenakospermum guianensis* (N. do R.).

⁶³² Não identificado.

⁶³³ Com um gesto da mão e um rumor da boca como de quem aspira o ar, o narrador indicou a saída de Kamāweni desde os intestinos ao peito e ao ombro esquerdo.

Kamāweni foi bater lá onde estava cantando o sapo: "sã... sã... sã...". Aí não havia água! O sapo cantava sempre mais na frente e Kamāweni nunca o podia alcançar. Era apenas o sinal do igarapé porém ele nunca encontrava o igarapé.

Os outros levaram Muhĩpũ para enterrá-lo⁶³⁴. Fecharam bem as portas⁶³⁵. Kamāweni vinha retornando... E " **pu!**"⁶³⁶. Ele caiu sobre a cumeeira da casa. Pôs-se a chamar Muhĩpũ, o xingava muito e foi assim até a madrugada.

Às quatro horas da madrugada Kamāweni começou a falar: "E agora que irei eu fazer? Já sei o que eu vou fazer: vou transformar-me em passarinho". Transformou-se em bacurau⁶³⁷. E o corpo de Kamāweni transformou-se em casa de cupim⁶³⁸ lá no alto da árvore.

O'â-kõ e Mahã-wí (ou Pirarara)⁶³⁹

Mahã-wí era moça, mulher de O'â-kõ. Este punha pedaços de **beiju**⁶⁴⁰ no braço, no pescoço, na pele e assim parecia estar ferido e ficava fedendo. Por isso Mahã-wí não gostava dele e o largou. Para atrair ela, usava **puçanga**⁶⁴¹ e também pintava o

⁶³⁴ Antigamente os mortos eram sepultados no chão da **maloca** em que viviam, na parte central, debaixo dos pés dos transeuntes.

⁶³⁵ As **malocas** tinham duas portas: a da entrada e a dos fundos.

⁶³⁶ Barulho da queda.

⁶³⁷ **Tuĩyo**, em Tukano. Ave noturna da família Caprimulgídeos.

⁶³⁸ **Buxtúbúa**, em Tukano. Cupins são insetos da ordem dos isópteros que constroem seus ninhos na madeira ou no solo.

⁶³⁹ Lenda narrada em 1948 por Maria da Conceição Gama, índia Kumãdene (família lingüística Arwake). Sobre O'â-kõ ver nota 12.

⁶⁴⁰ Ver nota 460.

⁶⁴¹ Termo Nheengatu que significa "talismã", "feitiço".

seu rosto como no **caxiri**⁶⁴². Ela não dava mingau a O'ã-kõ. Ele ficava sozinho e ia armar jirau no rio.

Mahã-wí, ao voltar da roça, tomava seu pote (de guardar água). Sê-Pĩrõ, a Cobra-Grande⁶⁴³, quando queria virava gente. Mahã-wí vinha fazendo barulho com a cuia: "**coró... coró... coró...**" Sê-Pĩrõ escutava, vinha perto dela e com ela fornicava. Ela não gostava de O'ã-kõ, só gostava de Sê-Pĩrõ e vinha muitas vezes ao porto só para se encontrar com ele.

O'ã-kõ viu o que Mahã-wí fazia com Sê-Pĩrõ. Ele foi buscar a sua zarabatana com flecha e soprou contra Sê-Pĩrõ. Este, porém, não se importou e bateu em cima como sobre uma mutuca⁶⁴⁴. Soprou uma segunda flecha. Ele bateu ainda nela como sobre uma mutuca. Soprou a terceira flecha e Sê-Pĩrõ morreu.

Mahã-wí foi ao porto, bateu com a cuia: "**coró... coró... coró**". Ela ficou triste, dizendo consigo: "O'ã-kõ matou meu companheiro". Três dias depois ela foi à roça, trouxe mandioca e preparou **manicuera**⁶⁴⁵.

O'ã-kõ tinha um irmão. Convidou-o a ir pescar e foi procurar Sê-Pĩrõ onde este teria encostado. Esse lugar chama-se Pĩrõ-ta:karo. Tiraram-no fora da água e arrancaram-lhe as escamas. Jogaram as escamas grandes no rio Uaupés, por isso ali há peixes grandes. E as escamas pequenas jogaram-nas para cima, para fora da cachoeira, por isso aí só há piramirins.

Da carne de Sê-Pĩrõ fizeram dois embrulhos, amarrando-os com folhas e cipós. O'ã-kõ sabia que Mahã-wí iria pedir comida não a ele mas a seu irmão. E assaram a carne de Sê-Pĩrõ. Ela estava fazendo **beiju** e **curadá**⁶⁴⁶. Eles assaram para si os peixes

⁶⁴² Isto é, como nas festas. Sobre o caxiri ver nota 56.

⁶⁴³ Ver nota 270.

⁶⁴⁴ Ver nota 235.

⁶⁴⁵ Ver nota 114.

⁶⁴⁶ É um **beiju** "mais espesso e mais rico de povilho. Alimento obrigatório no rito de iniciação da moça", de acordo com Brüzzi (1973) (N. do R.).

que eram as escamas transformadas e, para ela, a carne de Sē-Pĩrõ. Ela lhes deu **curadá** e pediu carne ao irmão de O'ã-kõ. Este lhe deu. Ela comeu com prazer.

Os dois foram deitar-se na rede, tomaram a flauta e puseram-se a tocar assim: **nõá mārāpõ añugõ kō di'i baá-tohapõ** "aquela que tem marido bonito comeu a carne dele". Ela entendeu, tomou uma cuia grande, foi ao porto e procurou vomitar. Só saiu jandiá⁶⁴⁷.

Ela ficou triste. Já estava grávida de Sē-Pĩrõ. Foi pegar camarão⁶⁴⁸ no igarapé. Viu uma árvore muito alta de **uacu**⁶⁴⁹. Falou sozinha: "Quantos **uacu**! Mas ninguém vai subir e apanhar para mim". Ela era da tribo Arapaço. Respondeu-lhe o filho de dentro do ventre: **Yõ enitĩ?** ("Que é Mãe?"). Sē-Pĩrõ era Pira-tapuya⁶⁵⁰. Ela respondeu: "Cala a boca, você não é gente. Se você fosse gente, você treparia na árvore e apanharia **uacu** para mim". "Eu vou apanhar". "Cala a boca, você não é gente". Ele (o filho da Cobra) saiu do ventre de Mahã-wí e foi trepando. A árvore era muito alta, ele subiu... subiu... apanhou muito **uacu**.

Ela fez um canudo de folhas e cuspiu dentro. Ouviu que ele respondia: "**Ãh! Ãh!**"⁶⁵¹. Ela saiu, fugindo rapidamente. Entrou na canoa, remou depressa. E a Cobra sempre ouvindo o canudo: "**Ãh! Ãh!**" Em Wi'i-turiro⁶⁵² estava a sua casa. Ela virou o remo para remar com a outra mão e viu no remo (molhado) como num espelho o seu filho que era Cobra. E queixava-se o filho: "Porque me abandonou, eu não lhe quero fazer mal algum".

Ela fugia, fugia sempre. Disse-lhe ele: "Eu vou também com você". E foi voando sobre a copa das árvores "**zu... zu... zu...**"

⁶⁴⁷ Em Tukano **a'mã**. É um peixe de couro da família Pimelodídeos.

⁶⁴⁸ **Daxsyã**, em Tukano. São cristáceos decapodes macruros.

⁶⁴⁹ Ver nota 202.

⁶⁵⁰ Arapaço e Pira-tapuya são grupos da família lingüística Tukano oriental.

⁶⁵¹ Ouve-se este rumor no igarapé.

⁶⁵² Localidade acima de Loiro.

Ela remou, remou, chegou ao porto e subiu a sua casa. Sua mãe a escondeu debaixo do **baxpá**⁶⁵³. E a Cobra caiu sobre sua casa: "Du!" Queixando-se: "Por que me abandonou? Venha para fora! Não lhe quero fazer mal!".

A velha avó, cansada dessas queixas, disse-lhe: "Minha filha, não te quero mais". E a expulsou. Três dias depois a Cobra descobriu a mãe que fugia. Esta caiu no rio grande (Uaupés) e virou **pirarara**⁶⁵⁴. Os índios não o comem porque sabem que é mãe da Cobra. Ela se pintava com **genipapo**⁶⁵⁵ assim, assim⁶⁵⁶, por isso a **pirarara** é pintada.

Desaparecimento de O'ã-kõ⁶⁵⁷

Uma vez O'ã-kõ mandou sua mulher Mãhã-wí na roça, porque ia chegar o dia de preparar **caxiri**⁶⁵⁸. Ele foi à derrubada. Ele trazia sempre duas espadas⁶⁵⁹ ao lado das pernas⁶⁶⁰. Ela se juntou com Sê-Pĩrõ. O'ã-kõ foi atrás de ambos, parecido porém, como uma velha corcunda. Parecia-se como a mãe de Mahã-wí, com roupa velha, cabelo semelhante ao do milho, um balaio nas

⁶⁵³ Ver nota 456.

⁶⁵⁴ É um peixe de couro da família Pimelodídeos, Phractocephalus hemilpterus Von Ihering (1966:556), que o compara com a **arara** vermelha, o descreve da maneira seguinte: "a cabeça em cima é profundamente alveolada, imitando favos de mel. A cor é chocolate no lado superior, amarela no lado inferior; o ventre é branco; a cabeça e a nuca são pretas, os lábios, os barbilhões e em boa parte as nadadeiras de viva cor rubra, com raios denegridos" (N. do R.).

⁶⁵⁵ **We'é** em Tukano; ver nota 178.

⁶⁵⁶ A narradora indicava diversos lugares no rosto.

⁶⁵⁷ Ver nota 12.

⁶⁵⁸ Ver nota 56.

⁶⁵⁹ Em Tukano **axpoa-pũĩrĩ** "brincos".

⁶⁶⁰ Uma de cada lado das pernas.

costas e apoiada em um pau, que era cobra.

Mahã-wí estava cavando. A velha perguntou: "O minha filha, você está trabalhando?". "Sim, minha mãe. Por que a Senhora veio?". "Vim buscar lenha". No seu **aturá**⁶⁶¹ havia cascas e pedaços de pau podre. "Minha filha, tira meu bicho de pé". Ela o tirou. "Minha filha, você tem dois pendentes (de orelha)?" Ela mentiu: "Não tenho, minha mãe!". "Minha filha, você tem dois pendentes (de orelha)". Ela negou uma segunda vez: "Não tenho!" A velha (que era O'ã-kõ) disse-lhe: "Pois eu vou tirá-los" - e lhes tirou.

Um pica-pau batia no pau e Mahã-wí pensava que era O'ã-kõ que estava preparando a nova roça. Na derrubada, além do pica-pau, havia tucanos⁶⁶² e outros pássaros. Os pássaros riam, falavam como se fossem muitas pessoas. A velha disse: "Eu vou antes". Mahã-wí acrescentou. "Eu vou daqui a pouco". Ao passar pela derrubada ela viu O'ã-kõ com os dois pendentes nas orelhas como brincos brilhantes. Ela o notou e ficou triste pensando: "Foi O'ã-kõ que me enganou". Foi depressa para a sua casa e lá encontrou sua mãe junto ao fogo. "Minha mãe, você não foi à roça?". "Não, minha filha. Não costumo ir. Não tenho mais forças. Pois lá apareceu uma velha que se parecia muito com você".

Chegaram da roça os homens que ajudaram O'ã-kõ. Eles eram pássaros: inambu⁶⁶³, tukano, pica-pau, juriti⁶⁶⁴, pato d'água⁶⁶⁵. Foram tomar banho e, ao regressarem do banho, os companheiros de O'ã-kõ sentaram-se nos banquinhos das danças. Todos tinham o rosto de O'ã-kõ. Ela ficou admirada, não sabia qual era o seu marido. Pensou que ele era o primeiro sentado. Ela lhe ofereceu a cuia de **caxiri** mas ele não a quis. Foi oferecendo a um por um. Ninguém aceitou a cuia da sua mão. Ela ficou

⁶⁶¹ Ver nota 109.

⁶⁶² São aves respectivamente, das famílias Picídeos e Ranfastídeos.

⁶⁶³ Ave da família Tinamídeos, gênero *Crypturus*.

⁶⁶⁴ Ou juruti, ave da família Peristerídeos, gênero *Peptotila*.

⁶⁶⁵ Ave da família Helionitídeos.

envergonhada. A irmã dela tomou-lhe a cuia da mão e a ofereceu a O'ã-kõ. Ele aceitou porque ela era boa para com ele.

Dançaram a dança do inajá⁶⁶⁶. O'ã-kõ não quis dançar com a sua mulher. Dançou com sua cunhada. Saíram do pátio e fizeram uma volta. O'ã-kõ estava no meio da roda com a cunhada. Subiu levando-a consigo para o ar. Subiu... Depois desceu e deixou-a. Deu volta só com os homens e desapareceu. Os homens transformaram-se em pássaros e se foram. O'ã-kõ, do alto, deixou cair o pau-de-ritmo. Ele deve estar por aí.

Curupira e o beiju⁶⁶⁷

No Querari⁶⁶⁸, pouco acima da Serra de Arara⁶⁶⁹, apareceu um homem, que iria dar início às plantas, mandioca, pupunha e outras. Sua roupa era toda de tapioca. Depois ele veio até abaixo de Yu'mú-pweá, "Bacaba-cachoeira".

Em U'ãa'rã, "Serra do Cabeçudo", ele se amigou com a filha do Cabeçudo⁶⁷⁰. Verificando, porém, que este não era gente boa, saiu de lá, passou em Wãxtĩ-ã'rã, "Serra de Jurupari", e daí foi até Wextá-ã'rã, "Serra da Tapioca". De lá foi procurar para si uma mulher em Boraró-ã'rã, "Serra do Curupira". Lá encontrou uma moça. Era filha do Curupira. Deu-lhe então um pedaço de beiju⁶⁷¹ que levava consigo. A moça entregou o beiju ao seu pai para experimentar. Comeram ambos, o pai e a filha gostaram dele. O beiju não diminuía, estava sempre do mesmo tamanho. Disse

⁶⁶⁶ *Ixki baxsá* em Tukano.

⁶⁶⁷ Sobre curupira ver nota 139.

⁶⁶⁸ *Sõã-ya* lit. "rio vermelho", em Tukano.

⁶⁶⁹ *Mahã-ã'rã* em Tukano.

⁶⁷⁰ Tartaruga de água doce, *Podocnemis dumeriliana* (N. do R.).

⁶⁷¹ Ver nota 460.

então o velho Curupira a sua filha: "Este homem é bom, minha filha, você encontrou um bom marido; é assim que eu queria!". Três dias depois ele veio com uma cuia de **caxiri**⁶⁷². O pai da moça perguntou: "É você o homem de quem falou minha filha que traz as coisas?". O homem entregou ao Curupira todas as coisas que tinha trazido e mandou-o morar na Serra da Tapioca.

Origem da mandioca⁶⁷³

Foi Kári⁶⁷⁴ quem deu tudo, tanto a mandioca como a farinha. Kári tirou o próprio dedo, o pôs na água onde amoleceu. Ele fez também balaio, tipiti, peneiras e ralos⁶⁷⁵. As tribos do Içana são fabricantes especializados de ralos incrustando as pedrinhas sobre a madeira Maruja-Simaruba amara, figurando desenhos e fixando-os com látex. Kári tirou também a barriga da própria perna⁶⁷⁶, a ralou, a pôs no **tipiti** e expremeu. Tirou depois a unha e foi esfregando com a mão. Daí resultou a farinha. Da unha de Kári resultaram quatro **cumatás**⁶⁷⁷ grandes cheios de farinha e também de **beiju**⁶⁷⁸.

Kári também plantou bananas, abacaxis e tudo. Tirou o próprio dedo, o pôs na terra onde transformou-se em maniva. Depois de fazer farinha ele preparou um grande **caxiri**⁶⁷⁹. Fez

⁶⁷² Ver nota 56.

⁶⁷³ Lenda narrada em 18 de agosto de 1957 por Sebastião Moreira ou Zito (lit. "Peixe acará"), índio Baniwa de Carara-poço.

⁶⁷⁴ Sobre Kári ver nota 349.

⁶⁷⁵ São todos utensílios utilizados no processamento da mandioca (N. do R.).

⁶⁷⁶ Essa é a origem da mandioca (Manihot esculenta Cranz).

⁶⁷⁷ Ver nota 611.

⁶⁷⁸ Ver nota 460.

⁶⁷⁹ Ver nota 56.

também **japurutu**⁶⁸⁰, **cariço**⁶⁸¹, **membí**⁶⁸², **maracá**⁶⁸³, **acangatara**⁶⁸⁴.

Depois mandou seu sobrinho Dwími dançar: "Dança!" - disse-lhe Kári. "Canta!", ordenou-lhe ainda Kári. "Não sei!", respondeu Dwími. Kári, então lhe ensinou. Dançou primeiramente com o maracá cantando: "É... **kuyé... kurya... ayé... kurikai... kayá...**" Quando ficou cansado, sentou-se e bebeu **caxiri**.

Dançou a dança da imbaubá, cantando: "**anayú... mariyê... panakú... panakúyu... mariyê...**". Quando ficou cansado, sentou-se e bebeu **caxiri**.

"Agora o que fazer?", perguntou-se. Dançou então a dança do maracá: "**hyá... hyá... kwá... kariyú... ku... kariyú-ku**".

Dançou depois com **japurutu**: "**ê... tayu... mē...**" e, em seguida, com o cariço: "**yukabá**", etc.

Chamou depois Yapirikuri⁶⁸⁵. Este mandou-o fazer uma casa. Ele era da altura de um homem com um braço por cima⁶⁸⁶. Eles eram quatro pessoas: Kári, Parazita, Múymi que era a mulher e (...) ⁶⁸⁷.

⁶⁸⁰ Grandes flautas de paxiúba.

⁶⁸¹ Ou flauta de pã.

⁶⁸² Flauta de osso da tibia.

⁶⁸³ Ver nota 340.

⁶⁸⁴ Ver nota 93.

⁶⁸⁵ Ver nota 104.

⁶⁸⁶ O Sebastião levantou-se e alçou o braço.

⁶⁸⁷ Não lembrando mais do nome da quarta pessoa, não pôde prosseguir a história.

Origem das pupunhas⁶⁸⁸ no mundo

Foi antigamente em Urânia⁶⁸⁹. Um homem estava amigado com uma mulher e morava lá com o pai dela. Ali mesmo, numa casa, ela estava cozinhando pupunhas. Depois quis ela tirar o caroço da pupunha da boca, porém não conseguiu e findou engolindo o caroço. Mais tarde evacuou o caroço, e naquele lugar, nasceu no mesmo dia uma pupunheira que foi crescendo rapidamente. No outro dia, já estava muito alta, porém no tronco não havia espinhos. Mas o homem provou-a então de espinhos por causa dos capivaras⁶⁹⁰. Depois de um dia ele derrubou a pupunheira e os seus frutos caíram e se espalharam por todas as partes do mundo. Os homens não puderam recolher as sementes porque estavam muito espalhadas. E é por isso que há pupunheiras por toda parte.

Origem do fogo

Yapirikuri⁶⁹¹ tinha dois irmãos: Wiméri e Duími⁶⁹². Ele mandou seu irmão Duími às cabeceiras do rio Içana para tirar fogo do jacaré⁶⁹³. Duími deu ao jacaré a fruta da tiririca⁶⁹⁴. O jacaré quebrou-a e comeu. Depois perguntou-lhe: "O que você quer?". "Quero fogo", respondeu Duími. O jacaré abriu a boca, o fogo saiu. O jacaré disse: "Toma, aqui está o fogo, pode levá-lo". Duími, ao

⁶⁸⁸ Ver nota 97.

⁶⁸⁹ Povoado situado à margem do rio Uaupés, abaixo de Mitu, na Colômbia.

⁶⁹⁰ O maior de todos os roedores, *Hydrochoerus hydrochoerus* (N. do R.).

⁶⁹¹ Ver a nota 104.

⁶⁹² Os dois eram da mesma idade.

⁶⁹³ Ver nota 87.

⁶⁹⁴ Ver nota 500.

chegar de volta, fez fogo e cozinhou a pupunha⁶⁹⁵. Antes só a comiam crua. Hoje só o bacurau⁶⁹⁶ a come crua.

Origem da chuva

Eram dois meninos de barriga muito grande, cheia de água. Eles se pintam pelo corpo todo, mas deixam meia cara pintada. Quando querem escurecer o tempo pintam, então, a cara inteira. Vão brincando e correndo de um lado para outro. Por isso a chuva ora vem de cá ora vem de lá. A água da chuva limpa os corpos deles: por isso, depois da chuva, o tempo fica claro.

Outra gente não queria a chuva e disse: "Vou ver onde estão os meninos pulando, os donos da chuva e vou matá-los". Levou um facão e, quando viu os meninos pulando, esperou-os atrás de um toco de pau. Furou a barriga do dono da chuva, mas só de um deles. Saiu toda a água e não choveu mais durante 30 dias.

Secaram-se os rios e os igarapés e morreram muitos peixes. Depois de 30 dias começaram as chuvas e ficou um pouquinho de água no leito do rio. Veio depois outra chuva e continuou assim até hoje.

O relâmpago⁶⁹⁷

Böxpó usa brincos brilhantes. Quando está alegre ele fuma e sacode as orelhas. Os brincos se agitam e rebrilham, são os relâmpagos. Os raios é quando ele está com raiva.

⁶⁹⁵ Ver nota 97.

⁶⁹⁶ Ver nota 290.

⁶⁹⁷ Lenda narrada por Gabriel Costa, índio Tukano. Traduzida para o Português por Antônio Barreto. Relâmpago em Tukano se diz **böxpó a'basé** e raio **böxpó-da** "fio (corda) do trovão" ou, ainda **ã'hôari-da** (lit. "fio ou traço de queimar").

O arco-íris⁶⁹⁸

Foi muito tempo depois do aparecimento das criaturas. Os homens tiveram grande briga. Correu muito sangue que se juntou e ficou lá no céu. Quando aparece o arco-íris é indício de brigas e doenças e de outras desgraças que hão de vir.

Origem da Lua

O sol já havia. A noite, porém, estava sem luz. Então Yepá fez a Lua.

Origem do rio Içana e dos rios⁶⁹⁹

Foi em Uapui⁷⁰⁰ que é o "bico do céu" (boca do céu), que Yapirikuri⁷⁰¹ trouxe água do céu (da atmosfera) em três tabocas. Os Macacos⁷⁰², que eram também gente, mataram e comeram a tia de Yapirikuri (Amáru). Este ficou com raiva e queria matar a todos os Macacos. "Vamos apanhar abio⁷⁰³", disse-lhes ele, caminharemos hoje o dia inteiro". Kuiniri, sobrinho de Yapirikuri, fez o sol andar depressa e logo veio a noite. Ele trepou no abieiro e os Macacos com ele. Atrás, vinha Yapirikuri trazendo água com as tabocas. Já era meia noite, fazia muito escuro e Kuiniri quis fugir. Mas a Mãe-dos-Macacos estava abraçada ao tronco com os dois braços para não deixar ele descer. Este

⁶⁹⁸ Lenda narrada por Gabriel Costa, índio Tukano. Traduzida para o Português por Antônio Barreto. Arco-íris em Tukano se diz **bwé-da** ou **bwé-kô-da**.

⁶⁹⁹ Lenda narrada por Ernesto Wenceslau, índio Tariana do povoado de Santa Ana (rio Içana).

⁷⁰⁰ No rio Aiari.

⁷⁰¹ Ver nota 104.

⁷⁰² Da família Cebídeos.

⁷⁰³ Pouteria caimito L.

transformou-se em formiga e desceu entre os dedos da Mãe-dos-Macacos. Ele chamou Yapirikuri e disse: "Agora que todos estão trepados na árvore, vamos matar a todos".

O neto dos Macacos acordou: "Vovó, quero uma fruta!", disse-lhe. Ela tirou uma fruta do paneiro que trazia às costas e lhe deu. Porém a fruta caiu e fez barulho na água. Todos perceberam que tinha se formado um rio. O Macaco da noite⁷⁰⁴ deixou também cair uma fruta para baixo. Esta caiu e não fez barulho na água porque caiu na margem. Então, o Macaco da noite pulou para a margem e conseguiu fugir por aí. Também o Acari⁷⁰⁵ jogou para baixo uma fruta que caiu perto da margem. O Acari pulou mas o seu rabo tocou na água e as piranhas⁷⁰⁶ comeram-lhe um pedaço da cauda. Eis porque o acari é suru.

Disse, então, Yapirikuri: "Vocês todos vão morrer aqui no abieiro". Tomou sua zarabatana e, com as flechas, se pôs a matar um por um os Macacos. Porém assim é muito trabalhoso e ele não havia bastante flechas para matar a todos. Soltou, então, com força uma flecha para o alto. A flecha chegou até o céu, fez zoadá, depois veio cair sobre o abieiro que ela partiu pelo meio. Quebrou o abieiro. Os Macacos caíram na água e foram devorados pelos jacarés⁷⁰⁷ e piranhas. Só escaparam no toco a Mãe-dos-Macacos com seu netinho. Disse-lhe Yapirikuri: "Você vai morrer aí". E ele foi embora.

O Jacaré estava nadando por aí, porque antigamente ele não mergulhava. Disse-lhe a Mãe-dos-Macacos: "Vovô Jacaré, vem me buscar e levar para a margem". "Está bem", disse ele. E foi-se aproximando até se encontrar na beirada do pau. Então a Mãe-dos-Macacos e seu netinho treparam sobre o Jacaré. Porém, quando ela lhe dizia: "Mais para a margem!", ele nadava para o

⁷⁰⁴ Aoatus trivirgatus Humboldt (N. do R.).

⁷⁰⁵ Tratar-se-ia do Uacari-vermelho (Cacajao rubicundus) da família Cebídeos? (N. do R.).

⁷⁰⁶ Ver nota 143.

⁷⁰⁷ Ver nota 87.

largo. Ela lhe disse então: "Mais para o largo!" e ele se aproximou (da margem). A velha mandou o netinho segurar bem o pescoço do Jacaré e pulou sobre um pau. O Jacaré quis mordê-la mas errou o bote. A Mãe-dos-Macacos criou o netinho que se tornou depois seu marido e com ele teve muitos filhos. Por isso, hoje são muitos os macacos barrigudos⁷⁰⁸.

Origem de alguns nomes⁷⁰⁹

Antigamente havia um homem que tinha uma filha moça e outra menor. Iam fazer um **dabucuri**⁷¹⁰ porém não o puderam porque a "serra cresceu muito alta" e não conseguiram descer⁷¹¹. Foi o Sapo⁷¹² que os avisou que a serra tinha crescido. Nesta época as mulheres dormiam em lugares separados de onde dormiam os homens. Na serra, havia um poço onde havia peixes. Foram os homens que se transformaram em peixes e estes pulavam como tucunará⁷¹³. Por isso, a serra chama-se Tucunará⁷¹⁴.

Um peixe, que se chama **arari-pirá**⁷¹⁵, pulou da Serra do Tucunará até a Cachoeira Arari-pirá⁷¹⁶.

Pulou também outro peixe chamado **pirapucu**⁷¹⁷. Da

⁷⁰⁸ Ver nota 125.

⁷⁰⁹ Lenda narrada por um índio Tukano de Mira-pirera (acima de Iauaretê).

⁷¹⁰ Ver nota 21.

⁷¹¹ Alusão à Serra da Urânia. Ver nota 689.

⁷¹² Ver nota 542.

⁷¹³ **Bu'u** em Tukano. É um peixe da família ciclídeos (*Cichla ocellaris* Humb.).

⁷¹⁴ **Bu'u à'rà**, em Tukano.

⁷¹⁵ **Bixpari**, em Tukano. É um peixe calciforme da família caracídeos.

⁷¹⁶ No rio Aiari.

⁷¹⁷ Ver nota 598.

Serra de Tucunaré pulou até o Papuri, num igarapé que ficou com o nome de igarapé do Pirapucu⁷¹⁸.

História dos enfeites das danças

Nerẽnõ (a grande lontra⁷¹⁹) comia as gentes que havia feito. Para evitar isso, Büxpó deu os enfeites que tinham uma força mágica para cada um defender-se de Nerẽnõ.

História dos instrumentos

Em Dyákoka wi'i apareceu⁷²⁰ Rãbu-yêi que foi o inventor dos instrumentos musicais. Não chegou a ver sua mãe. Apenas nascido puseram-no dentro de uma cuia bem fechada e escondido de sua mãe. Mandaram-no para o alto⁷²¹. Ficou lá em cima quatro meses. Já estava com um metro de altura, quando voltou. Fez então seu a'mõyese⁷²². Depois ele fez o a'mõyese dos outros rapazes, mas, então, ele os comeu todos.

Foi outra vez para o alto e lá ficou três meses. Vonltou para entregar os ossos⁷²³ e chegou rodeado dos juruparis⁷²⁴. Disse então para os pais: "Eu comi vossos filhos porque não me obedeceram. Agora vim entregar os ossos dos vossos filhos".

⁷¹⁸ Yoxsowi-ya em Tukano.

⁷¹⁹ Carnívoro da família Mustelídeos (*Lutra paranensis*) (N. do R.).

⁷²⁰ Nasceu, explicou depois.

⁷²¹ Para as nuvens, esclareceu.

⁷²² O rito de iniciação pubertária masculina.

⁷²³ Dos que havia devorado.

⁷²⁴ Ver nota 496.

Kári... kári... kári⁷²⁵ⁿ, e da sua boca começaram a sair os ossos, um monte de ossos.

Depois começaram a dançar um dia e uma noite. Às 9 horas do outro dia iam terminar a dança. Começaram (os pais) a fazer um grande fogo e dentro jogaram Rābu-yêi. Isso aconteceu no Caiari (Uaupés). O espírito dele subiu para o céu.

Simeō⁷²⁶

O chefe dos inambus⁷²⁷ estava na copa de uma árvore colhendo **uacu**⁷²⁸. Rābu-yêi já havia aceso um fogo. Os frutos caíam e logo iam ficando assados. Rābu-yêi, que estava fazendo o **a'mōyese** dos rapazes, proibiu-lhes de comê-los. Eles comeram dos **uacus** e mentiram dizendo que Rābu-yêi o mandara. Então Rābu-yêi os devorou.

Dabucuri da Lua⁷²⁹

A Lua começou a fazer **dabucuri**⁷³⁰, esta Lua era mesmo **Wāxtĩ**⁷³¹. Ele fez soar o **jurupari**⁷³². Ele tinha açoite para o **Curupira**⁷³³. Tinha também açoites para o **Wāxtĩ** que trepa na

⁷²⁵ Rumor que fez o narrador para indicar o barulho dos ossos uns sobre os outros.

⁷²⁶ Lenda narrada por Gabriel Costa, índio Tukano.

⁷²⁷ Ver nota 252.

⁷²⁸ Ver nota 202.

⁷²⁹ Lenda narrada por José Moreira, índio Tariana de Iauaretê.

⁷³⁰ Ver nota 21.

⁷³¹ Ver pp. 54-56.

⁷³² Ver nota 496.

⁷³³ Ver nota 139.

árvore denominado Ō'mōaro Wāxtĩ. E ele surrava também o Wāxtĩákā, "Diabo pequeno", que se chama ainda Boraró.

Esta Lua foi até Mu'mi-pweá⁷³⁴. Lá era a sua casa. Apenas chegara aí foi fazer um **dabucuri** com **juruparis**. Fora da casa da Lua havia um buraco do pássaro tucano⁷³⁵. Até agora existe aí. A Lua descobriu lá a pedra-de-pajé para pôr dentro do maracá⁷³⁶. E é por isso que os habitantes do Uaupés usam ainda todas essas coisas. Fizeram depois **caxiri**⁷³⁷. Foi a Lua que mandou preparar, e os cochos ficaram cheios. Começaram em seguida a fazer **dabucuri** até de manhã. De madrugada tomaram banho e mascaram casca de pau para vomitar e depois começaram a beber. Quando amanheceu, neste mesmo dia, a Lua desapareceu. Os homens antigos não sabiam para onde foi a Lua.

As mulheres, Wāxtĩ e a pedra de Uaracapá (origem das itacoatiaras ou inscrições rupestres)

Um homem chamado Yuxkō-tuxturí, "Tocos de pau", tinha um filho e quatro filhas denominadas Parámēra⁷³⁸.

Esse homem foi o primeiro Desana do mundo. Ordenou ao filho: "Você vai tomar banho no rio de noite". No porto havia um **jurupari**⁷³⁹. Falou-lhe assim o pai para que seu filho, mais tarde, pudesse fazer soar o **jurupari**. E disse em segredo ao moço: "Você vai ao porto e lá encontrará os **juruparis**". Enquanto ele revelava esse segredo ao filho moço, as suas filhas, escondidas atrás, o estavam ouvindo. O filho não fez o que o pai lhe dissera,

⁷³⁴ Isto é, Cachoeira de Ira.

⁷³⁵ Mas petrificado, ou pedra na qual a fantasia lhe faz ver um tucano.

⁷³⁶ Ver nota 340.

⁷³⁷ Ver nota 56.

⁷³⁸ Lit. "Mulheres netas".

⁷³⁹ Ver nota 496. De ordinário, é sob as águas que os ocultam aos olhos das mulheres.

porque continuou dormindo. Mas as filhas tomaram uma lasca de **turi**⁷⁴⁰, acenderam-na e foram banhar-se à meia noite. Chegaram ao porto e lá encontraram não apenas os **juruparis** mas também as **acangataras**⁷⁴¹, colares de dentes de onça e **carajuru**⁷⁴². As moças tomaram os **juruparis**, porém não sabiam como fazê-los soar. Apertaram-nos contra o ouvido mas eles não soaram. Apertaram-nos também contra as nádegas, e nem assim soaram.

Nesse momento apareceu o peixe **vatuapá**⁷⁴³. As mulheres o viram e lhe pediram: "Toque estes instrumentos pois você deve saber tocá-los". O **vatuapá** nada respondeu porque não queria fazê-los soarem. As moças jogaram-lhe então duas pedras nas costas. É por isso que este peixe tem duas pedras ao lado da cabeça. Vieram depois outros peixes, entre estes o **jacundá**, o **uaracu** e o **uacará**⁷⁴⁴. Esses três peixes ensinaram às moças a fazer soar os **juruparis**. E é por isso que tais peixes ficaram com uma boca enorme. As moças ficaram muito **alegres** e começaram a tocar os **juruparis** como o fizeram os peixes. **Bisiu** (ou **Wāxtĩ**⁷⁴⁵), desde a cachoeira de Uapui, ouviu os instrumentos de música tocados pelas moças e saiu em perseguição delas até o **igarapé Cuiú-Cuiú**. Quando lá chegou espantou as moças que fugiram para **Patu**⁷⁴⁶ e esconderam os **juruparis** na Serra do Beiju. Em Patu as moças se espalharam e é por isso que lá há tantas ilhas. **Bisiu** foi no encalço delas até a Serra do Beiju. Porém elas fugiram até

⁷⁴⁰ Ver nota 140.

⁷⁴¹ Ver nota 93.

⁷⁴² Ver nota 178.

⁷⁴³ Peixe não identificado.

⁷⁴⁴ **Jacundá** e **uacará** (acará) são peixes da família **Ciclídeos** e o **uaracu** (aracu) é da família **Caracídeos** (gênero **Leporinus**).

⁷⁴⁵ Ver pp. 54-56.

⁷⁴⁶ Povoado localizado no alto rio Papuri.

Uaracapá⁷⁴⁷ à procura de uma casa onde esconder os instrumentos. Bisiu foi até lá para tomar os instrumentos. Elas se espalharam novamente para se juntarem mais uma vez na cachoeira do Uaracapá e puseram entre elas os **juruparis**. Bisiu foi às escondidas.

Uma moça, percebendo que Bisiu ia lhe tirar o **jurupari** de que ela ficara gostando muito, escondeu-o dentro da própria vagina. Bisiu, ao se aproximar das moças, deu um sopro tão forte que elas se assustaram e fugiram deixando aí, em Uaracapá, os instrumentos de música. Bisiu tirou-lhes os **juruparis** e também o **yaigö**⁷⁴⁸ e o cigarro grande com a forquilha⁷⁴⁹.

Bisiu, com raiva, foi em perseguição da primeira moça que escondera o **jurupari** na vagina disposto a matá-la. Porém, depois se abrandou e se contentou de fornicar com ela.

Enquanto isto as outras fugiram para Ipanoré. Bisiu foi-lhes no encalço, chegou até o local de uma pedra que se denomina Jabuti, e sentou-se debaixo dessa pedra. Uma das moças que vinha subindo o viu e quis tirar-lhe o **jurupari**. Bisiu o percebeu, e aproveitou para fornicar com ela.

As moças não podiam reconquistar os **juruparis**. Então elas baixaram até Ohoririri-pa⁷⁵⁰ e ficaram pensando como deveriam fazer aqueles desenhos⁷⁵¹ que, em nossos dias, se vêem nessas pedras.

Resolveram então as moças subir o rio Negro e chegaram até a boca do rio Xiê. Aí se separaram e duas delas foram para o

⁷⁴⁷ Perto da foz do rio Papuri.

⁷⁴⁸ Lit. "Pau de onça" usado em certos números de dança.

⁷⁴⁹ Ver nota 166.

⁷⁵⁰ Itapinima, em Nheengatu. É um povoado localizado no rio Uaupés.

⁷⁵¹ São as itacoatiaras ou inscrições rupestres existentes em numerosas pedras do rio Uaupés e outros rios da Amazônia, como os rios Negro e Solimões.

Rio Grande do Sul⁷⁵². As outras duas subiram o rio Içana até Tunui-cachoeira. Daí subiram de novo até Tucumã-rupita. Daí, porém, resolveram baixar e entraram no rio Aiari.

Elas estavam sempre andando porque estavam perseguidas por Bisiu. Chegaram em Araripirã onde fizeram um **dabucuri** de **cumã**⁷⁵³ e se puseram a fabricar novos **juruparis**. Vendo isto Bisiu ficou muito irritado. Continuaram elas a subir até o igarapé Guaraná, acima de Uapui-cachoeira, donde passaram a Acaricuara-cachoeira, no rio Aiari. O local ficou chamado assim porque as duas moças tiraram aí esteiras de **acaricuara**⁷⁵⁴. Elas cozinham também **carajuru**⁷⁵⁵ a fim de se pintarem de vermelho.

Bisiu continuou no encalço delas disposto a dar-lhes uma boa surra. Elas fugiram para Seringa-cachoeira e aí colheram **cumã** para fazerem um **dabucuri**. Bisiu ficou ainda mais irritado porque uma das moças se pôs a fumar um cigarro grande que só os homens fumam durante as danças cerimoniais. Aproximou-se sorrateiramente e flechou-a debaixo do peito e nas costas. A sua companheira desapareceu, não se sabe para onde. A que foi flechada morreu e seu cadáver foi posto na cachoeira Iacuali entre duas pedras. O seu corpo tornou-se também pedra, na qual aparece bem nítido o olho.

História do tipiti, do buraco de pedra e da pedra

Dizem os velhos que foi O'ã-kõ que fez o Bisiu⁷⁵⁶. Bisiu tinha filhos e filhas. Certo dia ele raspou a casca de um paú que produz espumas como as do sabão e mandou que seus filhos

⁷⁵² Foi expressão do narrador. Isto é, propriamente desceram para o rio Amazonas.

⁷⁵³ Ver nota 182.

⁷⁵⁴ Designação comum à duas árvores da família Olacáceas: Minquartia guianensis e M. pualtata (N. do R.).

⁷⁵⁵ Ver nota 178.

⁷⁵⁶ Ver pp. 54-56.

fossem tomar banho de madrugada e que se esfregassem com aquelas cascas e após o banho tocassem os **juruparis**⁷⁵⁷.

Mas os filhos dormiam demais. E as filhas, que tinham ouvido as recomendações do pai, tomaram o banho de madrugada, esfregaram-se com as cascas mas não sabiam tocar os **juruparis**. Esforçaram-se por todos os meios para introduzirem também os braços dentro dos **juruparis**. É por este motivo que as mulheres têm os braços redondos e os dos homens são quase "quadrados". As moças perguntaram a todos os animais como poderiam tocar os **juruparis**, porém eles não quiseram dizer. Só o fez o peixe jacundá⁷⁵⁸. Por isso é que ele ficou com o beijo achatado.

Mas Bisiu não gostou que as mulheres se apossassem dos **juruparis** e decidiu retomá-los, porque eles foram feitos para os homens tocarem. As moças fugiram então do rio Aiari até o rio Querari⁷⁵⁹, desceram até o igarapé Cuiú-Cuiú, passaram para o igarapé Urucu e, fugindo sempre de Bisiu que as perseguia, chegaram à cachoeira do Beiju e finalmente em Uaracapá⁷⁶⁰. Aí, onde se vê um buraco na pedra era a porta da **malocna**⁷⁶¹. Nesse lugar fizeram elas uma grande festa e tocaram os **juruparis**. Como estavam distraídas com a festa, Bisiu resolveu tomá-los nesse lugar. Fez então aparecer muitas e pessoas diferentes. Nesse lugar se vê ainda hoje as marcas nas pedras onde estas arrastaram as suas canoas. Fez aparecer também um outro **jurupari** que ele chamou **porêrô**⁷⁶² de som muito forte e estridente a fim de assustar as moças e mandou um companheiro seu espionar as mulheres. Nessa pedra se vê ainda hoje a marca onde ele apoiou

⁷⁵⁷ Ver nota 496.

⁷⁵⁸ Ver nota 367.

⁷⁵⁹ Um afluente do Uaupés.

⁷⁶⁰ Ver nota 747.

⁷⁶¹ Ver nota 63.

⁷⁶² **Porêrô** é uma flauta feita da raiz de **apui** (família Moráceas), o maior de um metro e o menor de uns 40 cm que tem um som muito forte.

o peito. Bisiu soprou no **porêrô** tão fortemente que furou um buraco na rocha. Se ele tivesse assoprado sobre as moças teria furado "as coisas"⁷⁶³ delas e a humanidade não se multiplicaria mais. Então ele desviou o sopro e fez um buraco na pedra.

Espavorecidas com esse sopro tão forte as mulheres fugiram rio abaixo e nunca mais apareceram, abandonando os **juruparis**. Os companheiros de Bisiu avançaram e então se apossaram deles que assim voltaram ao domínio dos homens. Entretanto na **maloca** das mulheres, aí encontraram um **tipiti** e o jogaram em cima de uma bananeira e ambos se transformaram em pedras que, hoje em dia, ainda se vêem aí.

Bisiu e O'ã-kô⁷⁶⁴

Bisiu era irmão de O'ã-kô porém este era bom e aquele era mau. Bisiu era o único que sabia fazer os **dabucuris**⁷⁶⁵ e ia ensinando de **maloca** em **maloca**⁷⁶⁶. Preparava para estas festas **caxiri** de **uacu**⁷⁶⁷.

Bisiu havia preparado para as danças os instrumentos ocultos denominados **mĩrĩá**⁷⁶⁸ que as mulheres não podiam ver. São muitos e denominam-se em Tariana: **dopínari**, **isêni**, **muritei**; e em Tukano **pocué-sardo**, **muricineri**, **uáriaro** e **dapá**⁷⁶⁹.

Ele tinha consigo vários meninos aprendizes⁷⁷⁰. Levou

⁷⁶³ Isto é, o útero das moças.

⁷⁶⁴ Lenda narrada por Vicente Joaquim Rodrigues, índio da tribo Tariana. Sobre O'ã-kô ver nota 12.

⁷⁶⁵ Ver nota 21.

⁷⁶⁶ Ver nota 63.

⁷⁶⁷ Ver respectivamente as notas 56 e 202.

⁷⁶⁸ Ou **juruparis**. Ver nota 496.

⁷⁶⁹ Ver nomes dos instrumentos de **jurupari** neste volume.

⁷⁷⁰ Mais de trinta, diz o narrador.

o inambu⁷⁷¹ para derrubar as castanhas de **uacu** porque a árvore é muito alta. Bisiu fez fogo em baixo da árvore e o inambu jogava-lhe as castanhas. A primeira caiu no fogo, ficou logo assada, rompeu-se e um dos meninos experimentou comer. Ele gostou e a passou para os outros que também comeram.

Bisiu repreendeu os meninos porque eles lhe haviam desobedecido, comendo sem licença daquelas castanhas. Veio um grande temporal e ele chamou os meninos para se abrigarem num buraco que ele preparara. Eles vieram prontamente: aquele buraco era a boca de Bisiu que os engoliu a todos.

Só um menino não havia comido **uacu**. Era Mērētŵĩrō⁷⁷². Somente ele não foi engolido por Bisiu porque não comeu das castanhas. Os velhos⁷⁷³ queixaram-se com Bisiu porque havia comido os seus filhos. Respondeu-lhes que os engolira porque lhe haviam desobedecido.

Bisiu conservou consigo Mērētŵĩrō. Mas o retinha sempre fechado na sua casa que era dentro da rocha. Não lhe dava comida e o menino emagrecia sempre mais. Bisiu passava muito tempo de **maloca** em **maloca** fazendo **dabucuri** e, por isso, estava com muito sono. Pôs-se a dormir. Mērētŵĩrō aproveitou-se do sono de Bisiu, tirou fogo, soprou, fez um facho e abriu um buraco na rocha, tampando-o depois com lenha. Quando Bisiu acordou, o menino já havia fugido e saía cantando: "cã... cã..."⁷⁷⁴. Bisiu o convidou para tomar seu **caxiri** de **uacu** porém Mērētŵĩrō não quis.

O'ã-kō fez **caxiri** de banana e mandou o menino convidar Bisiu. Este havia dito que não conseguiria matá-lo com veneno porque sua carne já era veneno. Só o conseguiriam com fogo. O'ã-kō mandou então buscar muita lenha, um monte de lenhas. E mandou que os homens cavassem um buraco para se esconderem.

⁷⁷¹ Ver nota 252.

⁷⁷² Um pássaro (não identificado) que gosta muito de pupunha.

⁷⁷³ Isto é, os pais.

⁷⁷⁴ É o grito da ave cançã, *Ibycter americanus* (N. do R.).

Dançaram durante três dias. No fim dos três dias O'ã-kõ mandou acender fogo e atiraram dentro Bisiu. O fogo era muito grande e abrasou o mundo inteiro. Morreram muitos, escaparam apenas aqueles que se haviam escondido no buraco.

Bisiu queimou de um lado. Virou o peito para cima para queimar do outro lado. Explodiu então e sua alma voou para o alto. Isso aconteceu lá no rio Aiari no lugar que, em Tukano, chama-se Bisiu â'hôãkaro, "Queimação de Bisiu".

Muita gente estava escondida no buraco. O'ã-kõ mandou sair o seu irmão menor. Porém, quando ele estava pondo a cabeça para fora, queimou-a e ele a introduziu logo no buraco. O mundo estava ainda queimando.

Depois de quatro semanas tudo estava queimado. Parecia uma grande roçada. Todos saíram do buraco. O mato cresceu de repente, numa noite. Só ficou sem mato o lugar de uma roça.

Antes de ser queimado Bisiu havia dito: "Dos meus ossos sairá uma paxiúba⁷⁷⁵ e todos os instrumentos serão dos meus ossos". No lugar onde ele explodiu cresceu uma paxiúba muito fina e alta até o céu. O'ã-kõ mandou o esquilo⁷⁷⁶ subir nela. Era, porém, tão alta que, ao chegar na metade, ele caiu e se espatifou no chão. O'ã-kõ ajuntou-lhe os ossos, soprou e ele voltou a viver. Cada tribo tirou um pedaço dessa paxiúba e, com ela, preparou os seus **juruparis**. Antigamente nem era necessário soprá-los. Bastava diante deles agitar uma folha e o som saía. As mulheres não podiam vê-los.

As mulheres Desana roubaram os **juruparis** dos homens e fugiram para o Papuri. O'ã-kõ queria tirar-lhes. A jararaca⁷⁷⁷ ia atrás delas e na pedra chamada **ohoá** fez desenho de **jurupari**, de **tipiti**. Elas, vendo os desenhos, disseram: "Eles já perceberam e vão tomar de nós os **juruparis**". O'ã-kõ havia inventado o

⁷⁷⁵ Ver nota 155.

⁷⁷⁶ Roedor da família Ciurídeos, do gênero *Sciurus*.

⁷⁷⁷ *Bothrops* sp.

instrumento **porērō**⁷⁷⁸. Tocou-o e as mulheres ficaram adormecidas. O'ã-kō lhes tirou então os **juruparis**.

Lendas das origens⁷⁷⁹

O mundo estava sem gente⁷⁸⁰. A pedido de Yepá-Büxkōó, Yepá-O'ã-kō tinha feito muita gente. Foram, porém, todos comidos por Nerērō⁷⁸¹. Fez mais gente ainda, mas veio uma alagação que matou a todos⁷⁸². Yepá-O'ã-kō disse então a sua mãe: "Fiz muita gente, mas não deu certo. Que fazer? Não posso evitar que isto suceda outra vez". Respondeu-lhes Yepá-Büxkōó: "Vamos ao que está no alto"⁷⁸³. Yepá foi ao Céu⁷⁸⁴ perguntar como povoar o mundo. Há quatro portas no Céu: "Vim pedir auxílio e poder para povoar o mundo". Recebeu, então, o

⁷⁷⁸ Ver nota 762.

⁷⁷⁹ Lenda narrada em 1953 por Gabriel Costa, índio Tukano e traduzida para o Português por Antônio Barreto.

⁷⁸⁰ Na concepção destas tribos do Uaupés há uma personagem de sexo feminino, Yepá-büxkōó, anterior a outro masculino que às vezes denominam de Deus, mas que Antônio Barreto, o nosso intérprete, completou "mãe de Yepá-O'ã-kō", isto é, "mãe de seu filho". Ver a versão Desana da lenda das origens pp. 343-361.

⁷⁸¹ Ou **Nenērō**, ver nota 719.

⁷⁸² Alusão ao dilúvio.

⁷⁸³ Na parte mais elevada da atmosfera habita uma personagem mais importante que Yepá-O'ã-kō, isto é, Büxpó, o Trovão, e Antônio Barreto acrescentou: "O que está no alto é Büxpó, o Trovão, é o pai de Yepá-O'ã-kō". Espontaneamente esclareceu: "Não se trata, porém, de um casal primeiro, ele não é o esposo de Yepá-Büxkōó".

⁷⁸⁴ Mais elevado, o de Büxpó.

poder para vencer todas as feras e, chegando à terra, para povoá-la⁷⁸⁵.

Yepá criou desde o Céu as tribos Tukano, Tariana. Transfigurou-se em Pixkō-Sē⁷⁸⁶ e veio descendo no meio das tribos e disse: "O meu trabalho resultou bem". Chegou a Terra lá no Oriente, muito longe. Receberam-no bem e ele ficou muito satisfeito.

Daquele lugar onde descera veio avançando mas sempre debaixo da terra. O Primeiro lugar ao qual chegou denomina-se Bōrōrá-wi'i ("Casa Dos que Descem"). Depois chegou em Mahāmī-ya-wi'i ("Casa do Igarapé da Vólvida"⁷⁸⁷). Em Dyá-tua-wi'i ("Casa da Aproximação do Rio") reuniu as tribos. Passando por Oxpēkō dixtara⁷⁸⁸ ("Lago de Leite") dele tirou todos os instrumentos que usam nas festas e nas danças. Veio, em seguida, a Dyá Kumūnō wi'i ("Casa dos Bancos do Rio"). Passou depois por Dyá wahátō wi'i ("Casa das Cuias Cuieiras do Rio") onde recolheu todas as cuias. Depois veio a Wé'e wi'i ("Casa do **Genipapo**"⁷⁸⁹). Falou, então, às tribos para saber suas vontades.

Ainda não existiam as mulheres. Yepá foi, então, ao Céu a fim de procurar as mulheres e falou a Būxpó: "Eu criei os homens, porém não basta, eles precisam de companheiras". "Você veio pedir isto? Não vai dar certo. Seria melhor (os homens) ficarem sozinhos!". Então Būxpó soprou sobre duas pimentas e lhes deu: "Você as mergulha no rio. Depois tira água com a cuia e

⁷⁸⁵ Gabriel Costa acrescentou que "havia outro (de nome Bo'téa) que recebia os povos e dividindo a tribo Tukano nos vários lugares. Eis a origem das divisões". Ver outra lenda das origens pp. 343-361.

⁷⁸⁶ Em Português tesoura. É uma ave da família Tiranídeos, musceivora tyrannus L..

⁷⁸⁷ De **mahāmī** "volver", "voltar-se"; **ya** "igarapé" e **wi'i** (casa).

⁷⁸⁸ Conforme a tradição geral seria o Oceano Atlântico.

⁷⁸⁹ Wé'e ou **genipapo**, ver nota 178.

bebe". Yepá se pôs diante de Bo'téa⁷⁹⁰. Pôs as pimentas na água, dela tirou uma cuia e bebeu. Porém logo vomitou e saiu uma mulher (do seu vômito). Bo'téa a recebeu como uma filha.

Yepá veio em seguida a Yaxkē-waxsó wi'i ("Casa do Puericuêio⁷⁹¹") e aí recebeu uma tanga. Depois veio a Daxsuke wi'i⁷⁹² e aí recebeu colares e pulseiras. Veio em seguida a Baxsá-pá wi'i ("Casa da Pedra-do-mando⁷⁹³") onde recebeu outro enfeite e o gancho⁷⁹⁴ para colher frutas. Daí veio a Baxti-tu wi'i ("Casa do Cestinho do Chefe") onde recebeu cestinho e o cuêio grande⁷⁹⁵. Depois veio a Karē-ko wi'i ("Casa da Puçangá⁷⁹⁶") onde havia ido para distribuir o remédio dito **caapi**⁷⁹⁷. Aí está Wi'o wi'i⁷⁹⁸ ("Casa dos Ventos"). Veio em seguida a A-kāra⁷⁹⁹ wi'i

⁷⁹⁰ Bo'téa é o nome do peixe aracu ou piaba (família Caracídeos). O narrador esclareceu que esta terceira personagem era também Deus.

⁷⁹¹ **Yaxkē-waxsó** é nome em Tukano do puericuêio ou tanga que cobre o órgão genital masculino.

⁷⁹² **Daxsu** é nome Tukano de um pássaro (não identificado) cujas penas enfeitam o **yai-gö** ou bastão cerimonial.

⁷⁹³ Stradelli (1929:595) chama a pedra-do-mando "pedra-tuxaua (itá-tuxaua: de **itá** "pedra" e **tuxaua** "cacique"). É um distintivo dos **tuxauas** que a trazem pendente ao pescoço nas ocasiões solenes. Trata-se de "um pedaço de quartzo amorfo, bem liso, de forma cilíndrica e de uns 15 cm de comprimento e 2 a 3 cm de diâmetro" (Brüzzi 1977:277-278).

⁷⁹⁴ **Noó-phĩ** em Tukano.

⁷⁹⁵ **Axsó-ro** em tukano.

⁷⁹⁶ Ver nota 641.

⁷⁹⁷ Em Tukano **Kaxpi**. Não se trata propriamente de remédio mas da planta da família Malpighiácea (*Banisteriopsis caapi*) com que se prepara uma bebida excitante e entorpecente que se bebe nos **caxiri** e fora deles. Ver nota 188.

⁷⁹⁸ É a atual Tapurucuara ("Buraco dos Tapurus") ainda conhecida sob o nome de Santa Isabel do Rio Negro. Sobre a origem do nome Tapurucuara ver p. 38.

⁷⁹⁹ **A-kāra** é contração de **A-paxkāra**.

("Casa dos Gaviões"). Voltou a Karē-ko wi'i, depois a Baxsá-pá wi'i onde recebeu colares e a pedra-do-mando. Depois chegou a Mĩrĩá-pōrã wi'i ("Casa dos Filhos de Mĩrĩá⁸⁰⁰ⁿ) onde recebeu os instrumentos misteriosos. Veio a Kaitára, perto de Mĩrĩá-pōrã wi'i. Daí passou a Yoxsasé-phĩri wi'i ("Casa dos Brincos") onde recebeu os brincos. Veio em seguida a So'rá wi'i ("Casa do Caju") onde recolheu caju⁸⁰¹. Chegou depois a Yaxsã-pa wi'i ("Casa do Maracá") e aí recebe um maracá⁸⁰². Daí passou a Wa'bu-su'ti wi'i ("Casa das Vestes da Dança Wa'bu") onde obteve as vestes para as danças. E assim chegou em Camanaus⁸⁰³. Passou novamente a Baxsá-pa wi'i (10ª casa) e daí a Oma-kō wi'i ("Casa do Pau que Cobre") onde recebeu os enfeites das costas. Passou a Bixpiá wi'i ("Casa do (pássaro) Bixpiá⁸⁰⁴ⁿ) onde recebeu o tridente de paxiúba⁸⁰⁵. Veio ainda a Axtáro ĩhoá wi'i ("Casa do Forno") e voltou a Karē-ko wi'i (12ª casa) onde dançou. Passou a Burukũyã ĩhoá wi'i ("Casa do sopro") onde fez o primeiro sopro. Em Cabari nada recebeu. Em cima de Mĩrĩá-pōrã wi'i (16ª casa) triunfou dos mĩrĩá⁸⁰⁶. Passou novamente a Yaxkē waxsó wi'i (8ª casa) e de lá a Axpōáphĩrĩ wi'i ("Casa das Peças Metálicas") onde recolheu objetos de metal. Voltou ainda a Karē-ko wi'i (12ª casa) e passou a Axpã-soxpé ("Porta do Caranguejo⁸⁰⁷ⁿ"). Passou de novo por Mĩrĩá-pōrã wi'i (16ª casa), depois por Pi'i-kamō wi'i ("Casa do

⁸⁰⁰ De mĩrĩá "juruparis", pōrã "filhos" ou "descendentes" e wi'i "casa". Sobre os juruparis ver nota 496.

⁸⁰¹ Família Anacardiáceas.

⁸⁰² Ver nota 340.

⁸⁰³ No rio Negro, perto de São Gabriel da Cachoeira.

⁸⁰⁴ Nome de um pássaro azul (não identificado).

⁸⁰⁵ Wi'māra-pesasé ou pexasé em Tukano, isto é, as grinaldas dos jovens com as quais estes dançam.

⁸⁰⁶ Isto é, fê-los soar muito bem.

⁸⁰⁷ Ver nota 494.

Cestinho⁸⁰⁸) e por Ihasá-pe wi'i ("Casa do Buraco de Ihasá"). Passou novamente por Yoxsasé-phĩrĩ wi'i (18ª casa) e chegou em Öxta-ohóri tiro ("Onde há Flores⁸⁰⁹"). Passou novamente por Mĩrĩá-põrã wi'i (33ª casa) e regressou a Baxsá-pá wi'i (10ª casa). Passou por Yuxkö-dõxka wi'i ("Casa dos Paus de Danças") onde recebeu os paus-de-dança para marcar o ritmo. Passando por Poxtá wi'i ("Casa dos Espinhos") tirou os espinhos para fazer os desenhos nos instrumentos. Em Pĩrõ wi'i ("Casa da Cobra") tirou a zarabata-na. E chegou Muhĩpũ wi'i ("Casa do Sol") onde há luz. Em Poxsa⁸¹⁰ wi'i ("Casa dos Maku") recebeu o mĩrĩ denominado Dêtõ "Esquilo". Chegou por fim em Di-ya wi'i ("Casa do Igarapé do Sangue") onde nasceu o dono do **caapi**.

Até então todos falavam a mesma língua. Ao tomarem o **caapi** pela primeira vez cada qual começou a falar uma língua própria. O último a beber foi o chefe dos Brancos⁸¹¹ e falou Português.

Bo'téa recebeu de Yepá um guarda-chuva, toalha, espingarda. E Yepá foi tomar **caapi**. Zangado por causa disso, Bo'téa atirou com a espingarda e ficou com aqueles objetos. Quis entregá-los, porém Yepá lhe disse: "Você não obedeceu, agora deve ficar com esses objetos. Eu recebi o poder e fiz como devia. Você vai para o Oriente⁸¹² para fazer anzol, espingarda, sal. É isso que você vai fazer". Yepá lhe deu cana⁸¹³ para plantar e lhe disse: "Faça bebida aguardente. Vai trabalhar para todo mundo".

⁸⁰⁸ Pi'i-kamõ é o cestinho onde as moças guardam seus objetos e adereços.

⁸⁰⁹ Isto é, os desenhos na pedra, os petróglifos ou itacoatiaras.

⁸¹⁰ Sobre os Maku ver nota 107 e 108. Poxsá em Tukano tem o sentido de algo não acabado, incompleto (N. do R.).

⁸¹¹ Isto é, o progenitor dos Brancos.

⁸¹² Donde partiram conforme a Lenda das origens para subir os rios Amazonas, Negro e Uaupés.

⁸¹³ Planta da família Gramíneas (*Saccharum officinarum*).

Bo'téa voltou para trás⁸¹⁴.

Yepá veio a Töröro wi'i ("Casa da Barreira"), passou a O'tá-ñĩmĩ-ga wi'i ("Casa da Sorva⁸¹⁵ⁿ"). Foi depois a Kôneá wi'i ("Casa das Danças dos Pica-paus⁸¹⁶ⁿ"). Passou de novo a Muhĩpũ wi'i (40ª casa) e a Poxotá wi'i (38ª casa). Chegou depois a Toxtó-ori wi'i ("Casa das Flores de Pau d'Arco⁸¹⁷ⁿ"). Passou em seguida a Ewö yuxtá-seri wi'i ("Casa das Ligas Amarelas") onde recebeu as ligas para os joelhos. Passou novamente a Yuxkö-döxka wi'i (17ª casa), Waxkarí-pa wi'i ("Casa do Pau de Peixe⁸¹⁸ⁿ"), a Ixsa-pá wi'i e, de novo, a Ewö yuxtá-seri wi'i (47ª casa). Chegou a Mahã pixkorō wi'i ("Casa da Cauda da Arara⁸¹⁹ⁿ") onde recebeu penas de arara. Daí alcançou Yaxke waxsó wi'i⁸²⁰, Mĩrĩã-pōrã wi'i⁸²¹ e Namá wi'i ("Casa do Veado⁸²²ⁿ"). Chegou por fim a Ĩha wi'i "Casa das Plumas Finíssimas". Até aqui viajou sempre debaixo da terra. E deste modo alcançou Ipanoré donde saíram todos e se foram espalhando.

⁸¹⁴ Isto é, baixando os rios Uaupés, Negro e Amazonas.

⁸¹⁵ Ver nota 522.

⁸¹⁶ Ou Arapaços (família Dendrocalaptídeos).

⁸¹⁷ De **toxtó** "pau d'arco" (trepadeira de frutas comestíveis da família Bignoniaceas), **ori** "flores" e **wi'i** "casa".

⁸¹⁸ "Casa do Pau de Peixe" foi a tradução do intérprete, isto é, pau de enfiada ou fileira de peixes mortos seguros pela guelras.

⁸¹⁹ De **Mahã** "arara" (ave da família dos Psitacídeos), **pixkōrō** "cauda" e **wi'i** "casa". É localizada na boca do rio Tiquiê.

⁸²⁰ Esta casa não seria a 8ª ou 29ª pois, segundo o intérprete, corresponde a Taracuá.

⁸²¹ Esta casa não é a 16ª casa.

⁸²² Esta casa corresponde a Sussuaca.

Döxporokhásé kixtí ("Notícias de outrora")⁸²³

Os primeiros homens⁸²⁴ vieram de Oxpēkō wi'i⁸²⁵ ("Casa do Lago de Leite") e chegaram a Seãka wi'ika, atual Manaus. Aí, em Manaus wi'i ("Casa de Manaus") ficaram os Baré⁸²⁶. Os Manao⁸²⁷ ficaram em Dyá-kaxtároa. Os demais foram subindo até a boca do rio Uaracá. Subiram em seguida até Maçarabi. Depois até Ña'pā-pweá ("Cachoeira do rã ña'pā"⁸²⁸), a atual cidade de São Gabriel da Cachoeira onde ficaram os outros Baré. Continuaram subindo com os Tukano, os Kueuana⁸²⁹ e ficaram na boca do rio Uaupés. Um dos Kueuanas subiu até Taracua e até aí ficou o limite da sua terra. Depois chegaram em Ipanoré. Continuaram subindo e, na praia de São Francisco, ficaram os Kôneá⁸³⁰. Subiram ainda mais e, em Juquirá ficaram os Juruá. Vieram subindo e em Iauaretê ficou a "cabeça dos Tukano" Waúro onde aí este fez a sua maloca⁸³¹. Dos primeiros que saíram em Ipanoré, o bayá⁸³², donde provieram os Bayá-põrã⁸³³ ("Filhos do Ba-

⁸²³ Lenda narrada em 1953 por João, índio Tukano de Umari.

⁸²⁴ Isto é, os seres humanos destas tribos ou nações do Uaupés.

⁸²⁵ Ver nota 788.

⁸²⁶ Ver nota 60.

⁸²⁷ Grupo indígena de origem Arwake que dominou o baixo rio Negro no fim do século 18, atualmente extinto (N. do R.).

⁸²⁸ Não identificado.

⁸²⁹ Koeana ou Koianá donde o nome da localidade Coané. São denominados Pe'tãna em Tukano.

⁸³⁰ Isto é, os Arapaços, grupo da família lingüística Tukano oriental.

⁸³¹ São estes que atualmente se encontram em Piracuará, cabeceira do rio Papuri e em Ananás (no baixo rio Uaupés).

⁸³² É o nome do dirigente das danças solenes.

yá"), ficou em Sibyá-wixtõ ("Penugem do Peixe sibyá⁸³⁴ⁿ) na Wamã-pweá ("Cachoeira do Umari⁸³⁵ⁿ) onde aí fez a sua maloca e seus filhos foram ocupando o igarapé do Umari. O seu primeiro filho foi Diuxtã, o segundo Yupörí, o terceiro Seú, o quarto Kômã-rõ⁸³⁶, o quinto Ahūsino⁸³⁷, o sexto Â'reêmiri⁸³⁸, o sétimo Ye-pásonya e o oitavo, Ahütoa. Do igarapé Umari passaram mais tarde para as cabeceiras do Papuri.

Lenda Arwake das suas origens⁸³⁹

O começo da "gente⁸⁴⁰ⁿ foi em Uapui-cachoeira⁸⁴¹ cavando a terra. Isso foi feito por Yapirikuri⁸⁴². Seus companheiros eram Dzúri e Meríri. A tia de Yapirikuri chamava-se Amáru.

⁸³³ Cada grupo da família lingüística Tukano (por exemplo o grupo Tukano, Desana, Tuyuka etc.) está subdividido em sibs nomeados, hierarquizados de acordo com a ordem de nascimento dos ancestrais dos sibs (distinção dos sibs em primogênito/caçula) e uma especialização ritual: existiam assim sibs de chefes, de bayá, de guerreiros, de pajés e de servidores. Nos rituais, os membros de um certo sib deviam desempenhar para os membros dos outros sibs o papel ritual que lhe era ligado (ver uma descrição deste sistema em C. Hugh-Jones 1979). Hoje em dia este sistema de organização ritual dos sibs não é mais posto em prática no Uaupés brasileiro (N. do R.).

⁸³⁴ Peixe não identificado.

⁸³⁵ Do nome da fruta Poraqueiba sericea Tul.

⁸³⁶ Isto é, "Verão", "Estiagem".

⁸³⁷ Isto é, "Beiju raso".

⁸³⁸ Nome do pássaro cipa, tentém ou rouxinol (família Icterídeos).

⁸³⁹ Lenda narrada por Ernesto Wenceslau do povoado de Santa Ana (rio Içana).

⁸⁴⁰ Isto é, dos componentes das tribos Arwakes.

⁸⁴¹ No rio Aiari.

⁸⁴² Sobre Yapirikuri ver nota 104.

Yapirikuri estava procurando⁸⁴³ "gente" mas não encontrava. Em Uapui-cachoeira ele tomou um espelho, volveu-o para o chão e no espelho viu criaturas humanas. Mandou seus companheiros cavarem o solo. Eles cavaram três buracos⁸⁴⁴ e viram que havia pessoas no fundo. Puxaram-nas para fora: primeiro foram os Siusi, depois os Ipeka⁸⁴⁵, depois os Janara⁸⁴⁶, depois os Pixunatapuya⁸⁴⁷, depois os Arara⁸⁴⁸, depois, os Coati⁸⁴⁹, depois os Sucurijú⁸⁵⁰, depois os Jurupari e muitos outros.

Pôs as pessoas de pé e foi-lhes impondo o nome, dizendo assim: "Você fala Siusi", "você fala Ipeka"...

Há um poço na cachoeira. Ordenou-lhes Yapirikuri que pulassem e fossem sair na outra margem. Como nesse poço havia jacaré, piranha, sucuriju, boto eles tiveram medo. "Não tenham medo! - disse-lhes Yapirikuri - Vocês vão sair brancos e muito bonitos". Mas eles tiveram medo e só o "cozinheiro" de Yapirikuri teve coragem: pulou na água, mergulhou e saiu do outro lado branco e bonito. Outro pulou depois e saiu só meio branco.

Yapirikuri mandou o "branco" para baixo e ordenou-lhe que fosse ferreiro, que aprendesse e estudasse. As outras "gentes" Yapirikuri deixou por aqui e deu-lhes o **japurutu**⁸⁵¹.

Dzúri era o marido de Amáru. Yapirikuri, para limpar o rosto, usava a folha que em língua geral chama-se **matsitsi** ou

⁸⁴³ Não estava criando.

⁸⁴⁴ Nas pedras das cachoeiras.

⁸⁴⁵ "Pato d'água".

⁸⁴⁶ "Onça" (*Felis onça*).

⁸⁴⁷ "Gente preta".

⁸⁴⁸ Nome do Psitacídeo.

⁸⁴⁹ Do nome do animal coati (*Nasua narica*).

⁸⁵⁰ O grande ofídio (*Eunectes murinus*).

⁸⁵¹ Ver nota 680.

maxixe⁸⁵². Amáru limpou-se também com esta folha e ficou grávida. Pouco depois nasceu um menino. Yapiirikuri mandou esconder o menino no interior do igarapé. A mãe foi procurá-lo mas não o encontrou. Ela foi lavar-se das paréas ou secundinas. Como o menino nascera sem boca, Yapiirikuri deu-lhe um talho no sentido vertical, mas só apareceram os dentes de cima. Foi um erro e é por isso que hoje em dia temos um sulco no lábio superior. Depois Yapiirikuri abriu direito, isto é, no sentido horizontal. Assim é que está certo.

Yapiirikuri perguntou ao menino: "Você é gente?". Ele sacudiu a cabeça que não. "Você é Jurupari⁸⁵³?". A criança abanou a cabeça que sim. Yapiirikuri abriu-lhe então a boca. Jurupari, com a boca, fazia "i-i-i" e o mundo ia se alargando⁸⁵⁴.

Yapiirikuri mandou Jurupari fazer **dabucuri**⁸⁵⁵ e deu-lhe três companheiros: dois filhos de Meríri e um de Dzúri. Jurupari foi com eles na mata e trepou num pé de **uacu**⁸⁵⁶. Um dos companheiros começou a assar e comer peixinhos do igarapé. Jurupari julgou isso mal e fez com que ele ficasse com ferida nas mãos e nos joelhos. Ele fez também chuva para aquele que tinha comido peixe: "Para quem comeu do peixe, eu faço chover contra ele", disse ele.

Havia um buraco no chão. Um dos meninos entrou nele. Um outro entrou num buraco de pau. "Entrem no buraco porque já vem chuva!", diz Jurupari que estava no alto do pé de **uacu**. Dois meninos entraram no buraco. O terceiro ficou de pé e então Jurupari disse então: "Lá vem sapo!". O sapo caiu na cabeça do terceiro, saiu-lhe pelo ânus e o menino morreu.

⁸⁵² Planta sarmentosa que produz cápsula verde com muitas sementes e come-se crua ou cozida.

⁸⁵³ Ver pp. 54-58.

⁸⁵⁴ O narrador diz que o mundo naquela época era pequeno, da largura do rio Içana (uns 200 metros).

⁸⁵⁵ Ver nota 21.

⁸⁵⁶ Ver nota 202.

Jurupari fechou os dois outros no buraco do pau, que era a sua barriga. Apanhou também um pouco de chuva na mão e ela se transformou em sangue.

Ele voltou para a casa de Yapirikuri. Ele estava comendo **uacu**, vomitou e assim encheu três balaios de **uacu**. Depois ele foi tomar banho. Já eram 6 horas da noite. Às 7 da noite Jurupari fugiu para o céu com medo de Yapirikuri. Às 7 horas da manhã seguinte, ele estava "zoando" no céu. Yapirikuri sabia que ele havia fugido para o céu.

Depois de duas semanas Yapirikuri mandou o **acutipuru**⁸⁵⁷ chamar o Jurupari. Deu-lhe pacu moqueado e saúva torrada e o mandou convidar Jurupari para "vir dar nome aos meninos". Mandou dizer isso a Jurupari. Ele sabia que Jurupari havia matado os meninos, porém fingia não saber. O **acutipuru** foi subindo pela **jacitara**⁸⁵⁸ e chegou ao céu. Furou o céu para poder passar mas o buraco era pequeno e o **acutipuru** ficou preso pela cintura e quase morreu. Foi subindo ainda e furou mais duas vezes. Na quarta vez chegou onde Jurupari morava, entregou-lhe o moqueado e transmitiu-lhe o recado de Yapirikuri.

Jurupari respondeu: "Não vou porque Yapirikuri quer me matar!". Depois disse: "Vou deixar que me matem, e depois eu volto para o céu outra vez. Diga a Yapirikuri que amanhã de manhã eu estarei lá!". De fato, às 7 horas da manhã Jurupari zoava no céu; às 8 horas estava no chão perto de Yapirikuri.

Yapirikuri fizera "mais gente" isto é, fez três meninos ou bonecos que pareciam gente, com olhos, cabelos e pintou-os com **carajuru**⁸⁵⁹. Tinha também mandado tirar lenha.

Jurupari pensou que aqueles bonecos eram gente e veio, ao anoitecer, para lhes impor um nome. Foi até às 2 horas da madrugada com o "**mutá-wari**"⁸⁶⁰ dando um nome. Yapirikuri

⁸⁵⁷ Ver nota 374.

⁸⁵⁸ Ver nota 610.

⁸⁵⁹ Ver nota 178.

⁸⁶⁰ O significado deste nome nos é desconhecido.

mandou Dzúri e Meríri fazer uma fogueira. Como fazia muito frio Jurupari pediu uma fogueira. Ele estava dançando e falando simultaneamente a língua das tribos Jurupari, Tukano, Cutia, Inambu⁸⁶¹, enfim, as línguas de todas as partes. Ele falou: "Eu fui água, eu fui pedra, eu fui **pari**⁸⁶², eu fui facão. Vocês não podem me matar com água, nem com pedra, nem com facão porque eu sou água, eu sou pedra, eu sou facão". Mas ele não pensou no fogo. Jurupari era peludo como um macaco embora com cabeça de gente. Dançou até as 5 horas da manhã. Yapirikuri mandou então jogá-lo no fogo. Dançando Jurupari foi até uma outra casa e lá eles o jogaram no fogo. Ouviu-se um grande estrondo: foi a barriga de Jurupari que explodia. Ele foi para o céu.

Disse então Yapirikuri: "Agora Jurupari não volta mais". No lugar da fogueira cresceram a paxiúba⁸⁶³, **chibaru**⁸⁶⁴, cipó titica⁸⁶⁵ e breu. Com isto é que se prepara o **jurupari**. Yapirikuri foi atrás para ver onde morava Jurupari. Lá estava ele bonito e branco. Yapirikuri pensou: "Eu também vou-me deixar matar para ficar como Jurupari, bonito e branco. Todos vão morrer como eu".

Na cachoeira de Uapui está o desenho de Jurupari com o rabo e os braços abertos⁸⁶⁶. Lá, na pedra, a gente vê também **chibaru** e paxiúba com cipó titica.

Ficou ainda muita gente dentro da terra. Todos os companheiros de Jurupari e de Yapirikuri foram para junto deles

⁸⁶¹ Isto é, os Hohodeni que têm também representantes no rio Uaupés, embora já desconhecidos do idioma dos seus avós.

⁸⁶² Ver nota 121.

⁸⁶³ Com que fabricam o instrumento musical **jurupari**. Ver nota 155.

⁸⁶⁴ Nome de uma madeira.

⁸⁶⁵ Philodendron imbé (N. do R.).

⁸⁶⁶ Na realidade, não é o rabo mas sim o desenho de um grande pênis. Podemos ver itacoatias semelhantes, representando Wãxti ou Jurupari, Koai em língua Arwake, com pênis descomunal, em Caruru-cachoeira, no rio Tiquiê e no rio Pira-paraná (na Colômbia).

no céu. Não se sabe se lá eles são felizes ou infelizes⁸⁶⁷.

História de Yapurikuri⁸⁶⁸

O'ã-kõ, quer dizer "feito de osso". Os Tariana disseram que iam formar Deus, mas isso não foi possível porque o rio tinha alagado e aquele que ia ser formado Deus morreu afogado. Ele deixou seus ossos para formar gente. Depois da alagação⁸⁶⁹ apareceu outra gente que se chamava Öxtã-maxsã, quer dizer "Gente de pedra". Deus os castigou e eles viraram pedra⁸⁷⁰. Outra vez não foi possível renovar ou formar gente. Depois do castigo (isto é do dilúvio) Noé⁸⁷¹ fez um barco de madeira. Nesta época um pássaro chamado "inambu-relógio"⁸⁷² tinha escapado

⁸⁶⁷ É evidente nesta lenda das origens narrada por Ernesto Wenceslau, do grupo de tribos Arwakes do rio Içana, notável analogia, ou mais exatamente interdependência com as narrações que nos fazem as tribos do grupo Tukano do Uaupés. Como, quando e onde se teriam dado as relações que deram origem à intercomunicação de lendas? É verdade que no Uaupés há, presentemente, representantes de duas tribos Arwakes: a grande tribo Tariana e um pequeno grupo Kumãdene (Ipeka-tapuya) em Urubucuará, as quais, em nossos dias, falam exclusivamente o idioma Tukano. Mas não parece que sejam eles os vinculadores de elementos culturais, no caso presente, das lendas de um grupo para outro. Isto ter-se-ia dado em período pré-histórico. Em nossos dias tais relações sociais são bem escassas ou inexistentes. Indisfarçavelmente, porém, é o antagonismo entre Tukano e Arwake.

⁸⁶⁸ Lenda narrada em 1947 em Português por Domingos Muniz, índio Tariana de Periquito (alto rio Uaupés) e transcrita pelo Sr. Ladislau Auer.

⁸⁶⁹ Provável alusão ao dilúvio bíblico.

⁸⁷⁰ Uma alusão talvez ao castigo da petrificação sofrida pela mulher de Lot (ver Gênesis 19,26).

⁸⁷¹ O conhecido patriarca hebreu.

⁸⁷² O narrador, embora como todos os Tariana do Uaupés fale atualmente a língua Tukana, não soube nos dizer o nome dos pássaros na língua Tukano e citou na língua Tariana vários nomes de pássaros: **boaró**, **yö'tökha**, **puxtu**, **döxpõ-a-sõ**. O inambu-relógio é o *Crypturus strigulosus*.

da morte. Ele sentia (o pássaro) muito calor. Ele sabia onde tinha mato⁸⁷³. No meio do mato havia um pau bonito e, neste pau, apareceu um rapaz bonito. Havia também outro pau mais feio⁸⁷⁴ e nele apareceu um rapaz muito feio. No meio da mata havia uma mulher que se tinha salvado da alagação. Ela namorava aquele rapaz do pau bonito e depois ficou grávida. Foi andando procurando **maniuaras**⁸⁷⁵ mas não sabia por onde voltar. Encontrou um **uru-mutum**⁸⁷⁶ que também procurava **maniuaras**. A mulher estava desesperada porque estava anoitecendo. Ela perguntou ao **uru-mutum** onde era a direção da casa dela, e ele respondeu: "A sua casa será onde eu virar o bico". O **uru-mutum** virou o bico e ela foi para aquela direção. O **uru-mutum** avisou a mulher que dentro de poucos dias ela teria uma menina. A filha nasceu. Perto dela uma preguiça⁸⁷⁷ ia cantando para fazer a menina dormir, dizendo que se ela fosse para baixo ia ser trocada com ferro e que se ela fosse para cima seria trocada com **acangatará** e **carajuru**⁸⁷⁸.

Depois que o rio secou apareceram os pais que tinham escapado de debaixo da terra. Foram para fora e formaram uma casa para eles morarem. Neste tempo O'ã-kõ mandou outra gente nova que chamou Pa'mãrĩ-maxsã⁸⁷⁹, que saíram da cova de Urubucuara. Apareceram como numa canoa, mas não era canoa, era uma cobra que veio do mar. Dentro da cobra havia gente de todas as tribos, havia notadamente os Tariana chamados Oáparo-

⁸⁷³ No seio daquela inundação geral.

⁸⁷⁴ Isto é, não reto e bonito.

⁸⁷⁵ Ver nota 243.

⁸⁷⁶ Ver nota 552.

⁸⁷⁷ Da família Bradipodídeos.

⁸⁷⁸ Respectivamente ver notas 93 e 178.

⁸⁷⁹ O P. Brüzzi acrescentou: "Isto é 'Gente de fermentação'. São aqueles que saíram da cova de Urubucuara". Firmiano e Luís Lana (1980) traduzem Pa'mãrĩ-maxsã em Português por "Gente de transformação". (N. do R.).

põrã "Mucura"⁸⁸⁰. Um Tariana dizia para a mulher dele que ela fedia como mucura e por isso o chamaram assim⁸⁸¹. No barco veio um só homem da tribo Tariana que se chamava Kapari-põrã. Outras tribos tinham também onde descarregar o barco... Tinha também Brancos na cachoeira de Urubucuará, os Brancos tudo de que necessitavam traziam. O'ã-kõ não quis que os Brancos fossem para cima e ele os mandou para baixo⁸⁸².

Aos indígenas ele ofereceu uma espingarda mas eles não souberam atirar. Assim, novamente, O'ã-kõ a ofereceu aos Brancos. Ele formou um porco e mandou o Branco atirar. Este deu um tiro, acertou o porco que caiu. O'ã-kõ disse aos indígenas: "Como o Branco acertou no atirar a espingarda fica com ele". No meio deles vinha Wãxtĩ⁸⁸³. O'ã-kõ perguntou: "Com que você vai mandar os indígenas atirar no porco?". Wãxtĩ respondeu dizendo que tinha arma para os indígenas poderem matar os porcos e que estas eram arcos, flechas e zarabatanas. O'ã-kõ formou outra vez um porco e mandou o indígena flechar. Ele apontou, experimentou a flecha, acertou e matou o porco. Depois pegou a zarabatana e também matou os pássaros.

Como os indígenas não tinham arma eles pediram a Wãxtĩ todas estas armas. Wãxtĩ disse para O'ã-kõ: "Os indígenas não querem a você, só querem a mim". Depois ele abriu a caixa

⁸⁸⁰ Registramos (1977:101) uma décima quinta subdivisão Tariana sob o nome de Wáparo-põrã que significa "Filhos de wáparo" que seria o nome de um peixe. Neste ponto o narrador Domingos Muniz serviu-se do idioma Tukano e acontece que nessa língua Oá significa gambá ou mucura, o marsupial Didélphis, popularmente famoso pelo seu desagradável odor; e à mente do narrador veio logo um episódio como explicação do apelido, prova sem dúvida de certa capacidade intelectual.

⁸⁸¹ Não nos esqueçamos, porém, que, pela inderrogável lei da exogamia, a esposa é sempre de tribo diversa da do seu marido e, no entanto aqui, nesse episódio, o depreciativo nome de gambá Oáparo ou Oá teria passado da mulher para o grupo de seu marido, isto é, para uma subdivisão Tariana.

⁸⁸² Isto é, para a zona marítima.

⁸⁸³ Ver pp. 54-56.

dele e perguntou aos indígenas se eles queriam o que estava na mala. Responderam que queriam tudo, **acangatara**, japurá, caniços entre outros. Wãxtĩ deixou tudo isso para os indígenas. Depois disso o barco continuou a subir com eles. Os Brancos partiram para baixo de Urubucuará. O barco subiu até Taina-cachoeira ("Cachoeira da Criança"⁸⁸⁴) e todos ficaram lá. Só o barco voltou porque era uma cobra do mar. Esta gente tinha escamas de peixes. Eles tomaram banho e assim limparam tudo. Começaram a se espalhar uns para cima, outros para baixo, e nos outros rios. O'ã-kõ formou os Tariana chamados Dyá-kaxta-põrã ("Filhos do Pato da Água") porque desceram no meio dos relâmpagos como patos. Os outros Tariana que foram para o poente estavam esperando em Taina-cachoeira os seus irmãos mais velhos que são da tribo dos Patos.

O'ã-kõ tornou a mandar outro relâmpago e, neste relâmpago apareceram lá, em Taina-cachoeira, como patos. Tinha dois casais. Vieram nadando até o porto. Lá tornaram-se gente e saltaram para a terra onde passaram algum tempo.

Começaram a aparecer os Brancos. Os dois casais de Tariana vieram baixando junto com os Brancos até Iauaretê. Aí mesmo tinha outra tribo de gente que se chamava Coivana⁸⁸⁵.

Os dois casais se multiplicaram e depois atacaram os Coivana que eles mataram. Tomaram a terra deles. Alguns Coivana conseguiram fugir para o rio Negro. Ainda aí existem alguns deles. Os dois casais tomaram Iauaretê, entraram no rio Papuri até Uaracapá e ficaram lá mesmo. Depois de alguns anos começaram a brigar entre si e se separaram. Uns foram para Urubucuará, outros ficaram em Arari-pirá⁸⁸⁶.

⁸⁸⁴ A palavra **taina** indica a criança antes da cerimônia de imposição do nome.

⁸⁸⁵ Coivana é provável adulteração de Kubewana ou Kubewa, tribo da família linguística Tukano que, antes da colonização do Estado do Amazonas pelos Portugueses, se localizava no alto Uaupés brasileiro e nos rios Querari e Cuduiari. Os Kobewa, no próprio idioma chamam-se Hipômua.

⁸⁸⁶ No rio Aiari.

Manuel Fernandes⁸⁸⁷ veio continuar a viagem até Buzina. Vinha atrás dele seu inimigo. Manuel Fernandes dizia para o inimigo dele: "Você anda atrás de mim como uma mulher". Manuel não fez caso e continuou a baixar até Pinu-Pinu.

Chegaram de novo os inimigos dele. Ele tornou a renovar a sua casa numa ilha, mas os próprios filhos, por descuido a queimaram. Zangado com a desgraça ele veio para Urubucuará. Queria ser **tuxaua**⁸⁸⁸ neste lugar. Avisou aos seus irmãos que iria até Belém do Pará para buscar nomeação dele para poder mandar nestes lugares. Foi, arrumou a nomeação e voltou mas os outros, por inveja, o envenenaram no barco no rio Uaupés. Chegou doente em Ipanoré onde, poucos dias depois, morreu. Os filhos dele continuaram a mandar com esta mesma nomeação.

No mesmo tempo chegaram os Padres Franciscanos⁸⁸⁹ e lhes deram outra nomeação. Vendo que iriam fazer inveja porque tinham duas nomeações eles passaram uma das duas para o Casimiro de Iauaretê. Casimiro chegou em Ipanoré com dois Tukano. Em Ipanoré um mandava uma turma, o outro mandava os outros. Nesse tempo, os Padres Franciscanos foram dar uma volta até Iauaretê onde foram pedir **acangataras**⁸⁹⁰. Como não souberam dizer **acangataras** pediram **jurupari**⁸⁹¹. Os índios de Iauaretê

⁸⁸⁷ O P. Brüzzi não especifica de qual tribo é Manuel Fernandes (N. do R.).

⁸⁸⁸ Ver nota 23.

⁸⁸⁹ Em 1880 chegou o Padre Franciscano Venâncio Zilocchi que se instalou na antiga missão de Taracua. Em 1881 o P. Mathieu Camioni se juntou a ele. Por fim, em 1882, chegou o P. Iluminato Coppi que se instalou em Ipanoré (N. do R.).

⁸⁹⁰ Ver nota 93.

⁸⁹¹ Não se sabe ao certo o que quis dizer com isso o narrador Domingos: ele se referia à dificuldade dos padres em pronunciarem a palavra **acangatará**? Ou quis dizer outra coisa? O fato é que os Padres Franciscanos, e sobretudo o P. Coppi, tentaram por todos os meios (persuasão, ameaças, ver nota 892 *infra*), assim que o testemunham os textos históricos, se apropriarem das caixas de enfeites cerimoniais, das máscaras e dos instrumentos de **jurupari**, todos objetos considerados sagrados pelos índios (N. do R.).

disseram que iriam entregá-los em Ipanoré. Os Padres voltaram. Pouco tempo depois os índios chegaram e entregaram os **juruparis**⁸⁹². Ficaram guardados um tempo. Um mês depois, num dia de festa, os Padres mostraram os **juruparis** no fim da Missa, dentro da Capela. Os alunos dos Padres fizeram sinal para as mulheres saírem, para não verem os **juruparis**⁸⁹³. O pessoal começou a gritar de medo. Os Padres já tinham tomado as espingardas para matar os velhos e as velhas que saíssem da capela. Um aluno, que se chamava Francisco urinou na boca da espingarda para molhar a pólvora. Quando os Padres quiseram dar os tiros as mulheres correram de medo e conseguiram fugir. Enquanto isso os homens pegaram os Padres e deram-lhes uma surra. Foram aqueles soldados⁸⁹⁴ dos Padres que levaram cada Padre num batelão empurrando a embarcação para baixo⁸⁹⁵.

Um tempo depois os brancos vieram buscar os índios para fazer o serviço militar e participar da guerra do Paraguai.

⁸⁹² De fato, Coppi teria conseguido as máscaras e os instrumentos de música sagrados, ameaçando de cadeia o índio Ambrósio, suspeito de ter matado o **tuxaua** de Iauaretê, se este não lhes entregasse. Ambrósio, receoso de ir para a cadeia, acabou por fazê-lo. (N. do R.).

⁸⁹³ As crianças e as mulheres estão proibidas de ver os instrumentos de **jurupari**, sob pena de morte. Ver nota 496. (N. do R.).

⁸⁹⁴ Trata-se, provavelmente, dos índios formados pelo P. Coppi para vigiar o povoado (N. do R.).

⁸⁹⁵ É a celebre "revolta dos **juruparis**" que teria acontecido no dia 6 de novembro de 1883 em Ipanoré e que foi retratada por numerosos autores (Coudreau, 1887/89, por exemplo) inclusive o próprio P. Coppi. Coudreau (*op. cit.*) disse que Coppi, para não ser morto pelos índios, livrou-se deles com golpe de crucifixo. Os Missionários franciscanos saíram da região e nunca mais voltaram. As atividades missionárias na região somente recomeçaram em 1915 com a chegada dos primeiros Padres salesianos (N. do R.).

Luta dos Tariana contra os Wanana⁸⁹⁶

No princípio havia inimizade entre os Tariana e os Wanana. Os Tariana vieram de Bacaba, no médio Uaupés, até Wãxtĩ ã'rã, "Serra do Jurupari", onde morava Koiwáte⁸⁹⁷, um importante **tuxaua**⁸⁹⁸ Tariana.

Koiwáte preparou uma grande trincheira⁸⁹⁹ para mais facilmente dar combate. Vieram os Wanana atravessando o Papuri no local que se denomina Wexkö-pa ("Pedra da Tapira ou Anta"), e aí verificaram que a pedra estava vermelha e que havia uma cavidade cheia de sangue. Ao verem isto ficaram admirados, supondo que fosse um arco-íris. Outros afirmavam que, antes de matar os Wanana, Koiwáte havia derrubado duas grandes árvores e, com elas, tinha feito armadilhas de cipó para que os Wanana ficassem esmagados ao passarem por baixo. Todo este trabalho ele o fizera com o auxílio dos Maku⁹⁰⁰.

Alguns dias depois os habitantes de Bacaba soltaram uma anta⁹⁰¹ criada em casa, amarrando-lhes nas costas **beiju** e peixe moqueado. A anta atravessou no pira-mirim e foi até a Serra do Jurupari.

Um dos Wanana conseguiu escapar trepando numa árvore. Vendo que todos estavam mortos a anta pôs-se a assobiar. O Wanana que estava em cima da árvore respondeu com um assobio. A anta veio até debaixo da árvore. O Wanana compreendeu que o peixe e o **beiju** eram para ele comer. Comeu e, em

⁸⁹⁶ Lenda narrada por Guilherme Alves, índio Tariana.

⁸⁹⁷ Ou Kwivate.

⁸⁹⁸ Ver nota 23.

⁸⁹⁹ Perto de Arara-cachoeira vê-se uma lombada com duas depressões. Asseveram os antigos que originariamente eram trincheiras escavadas pelos Tariana do Aiari para atacar a flechadas os Wanana de Arara.

⁹⁰⁰ Ver notas 107 e 108.

⁹⁰¹ Tapirus terrestris.

seguida, foi beber água no igarapé. A anta voltou pelo mesmo caminho trazendo o homem nas costas, e chegou em Bacaba. Durante o trajeto o Wanana ia observando onde haviam **caxiri**⁹⁰². Ele tinha sido preparado para os guerreiros que havia morrido. A anta deixou o homem a quem estava carregando na mata e, entrando na casa, quebrou todos os potes que estavam dentro, indicando, com isto, que todos haviam morrido. Os outros ficaram sem **caxiri**. A anta foi buscar no mato o Wanana sobrevivente para ele contar a história.

Koiwáte não era muito forte. Sua confiança firmava-se no osso de papagaio que ele possuía. Com este osso soprou⁹⁰³ e jogou todos os cadáveres num igarapé que se chama igarapé de Tapuru. Os que lutaram contra Koiwáte chamavam-se Canotim-tapira⁹⁰⁴. Ele teve inimizades também com os Tariana e lutou notadamente contra o grupo denominado Adaru-minaney⁹⁰⁵.

Ele morava em Wāxtĩ-ã'rã, "Serra do Jurupari". Tinha um filho de 4 anos de idade. Certa vez foi com algum Maku procurar camarão no rio Javiari. Deixou o menino dentro da canoa no igarapé Taracuá. Enquanto estava apanhando camarão, chegaram os Arara-tapuya que mataram o menino, levaram seu cadáver e o puseram sobre Pamõ-pa ("Pedra de Tatu"), no Papuri.

O pai, que deixara o menino na canoa, não o encontrando mais pôs-se a procurá-lo. Encontrou o seu cadáver sobre a Pedra de Tatu. Os habitantes de Arara são os cunhados⁹⁰⁶ de Koiwáte e foram eles que mataram o menino com flechas envenenadas pelo curare⁹⁰⁷. Por isso é que Koiwáte tornou-se inimigo dos seus

⁹⁰² Ver nota 56.

⁹⁰³ Refere-se à prática mágica que se diz em Tukano **baxsesé** "sopro" porque deriva do verbo **baxsé** "soprar".

⁹⁰⁴ Eram os Stupo-põrã, como se denominam na língua Wanana.

⁹⁰⁵ Isto é, Arara-tapuya.

⁹⁰⁶ Pelo regime de troca das mulheres como esposas.

⁹⁰⁷ Ver nota 89.

cunhados! Residiam esses na ilha do Uacari, acima de Iauaretê. Koiwáte, morava, então, em Iauaretê. O cadáver do menino foi transportado para Wãxtĩ-ã'rã. Koiwáte pensou em matar o Maku (quem o acompanhava) porém sua mulher lhe pediu: "Não o mate, vamos esperar um pouco!". Koiwáte acalmou-se e atendeu o seu pedido. E o Maku lhe informou que os assassinos do menino eram parentes dele: eram os Adaru-minaney ou Arara-Tapuya.

Koiwáte começou a ter ódio deles e pôs-se a preparar flechas para a guerra. Mandou os Adaru-minaney preparar grande quantidade de **caxiri**. Um seu Maku atravessou o rio até a ilha. Os habitantes da ilha perguntaram ao Maku: "Que **dabucuri**⁹⁰⁸ vamos oferecer?" Responderam-lhes ele: "Koiwáte quer **dabucuri** de japurá⁹⁰⁹". Os Adaru-minaney foram colher essa fruta na Ilha do Castanho onde dele há grande abundância. Trepam em todas as árvores e, quando se achavam lá em cima, Koiwáte e os seus os atacaram e mataram a todos. Voltaram com as suas armas e **acangataras**⁹¹⁰. Foram depois à **maloca** dos Adaru-minaney a fim de matar os demais. Um Adaru-minaney conseguiu fugir. A cunhada de Koiwáte pediu-lhe que não o matasse. Mas Koiwáte lhe respondeu: "Não foi você mesma que aconselhou ao seu filho que não poupasse ninguém?". E matou também a sua cunhada. Ele cortou-lhe o órgão feminino e o dependurou ao pescoço como colar. O Adaru-minaney que conseguira fugir informaram-me que, em 1953, ele sobrevivia no rio Papunaua.

Lutas dos antigos Tukano⁹¹¹

Os Tukano brigaram antigamente com os Baniwa. Depois outros grupos Tukano brigaram com os Desana, dos quais um

⁹⁰⁸ Ver nota 56.

⁹⁰⁹ Erisma japura.

⁹¹⁰ Ver nota 93.

⁹¹¹ Lenda narrada por Agostinho de Lima de Santa Luzia.

grupo foi-se embora. Outro grupo ficou e está ainda aqui⁹¹². Mais tarde todos ficaram amigos.

Lenda de Wexköá⁹¹³

Wexköá era o apelido de um homem. É nome da Anta⁹¹⁴. Ele era um dos antigos⁹¹⁵ e morava sozinho lá em cima, em Wehkö-pweá⁹¹⁶ "Cachoeira da Anta".

Os Wanana e os Pira-tapuya foram subindo o rio e lá, em Wexkö-pweá, encontraram Wexköá com que brigaram porque este dizia que ele fora o primeiro a chegar aqui e era o dono daquelas terras. Os Wanana e Pira-tapuya venceram-no, cortaram a sua cabeça e nela deram um ponta-pé tão forte que ela foi parar em cima do "travessão"⁹¹⁷. O tronco ou corpo veio descendo rio abaixo até se encontrar na mesma pedra onde parou. Era a época de grande enchente. O corpo apodreceu e o rego é⁹¹⁸ pus dele.

⁹¹² Não em Santa Luzia onde mora o relator, mas sim no rio Tiquiê.

⁹¹³ Lenda narrada em 1958 por João Pereira, índio Tariana.

⁹¹⁴ Dos nomes primitivos que traziam e ainda trazem em nossos dias os indígenas do Uaupés, vários eram nomes de animais.

⁹¹⁵ Döxpókā-khõ, em Tukano.

⁹¹⁶ No alto Uaupés, acima de Caruru, perto da fronteira colombiana.

⁹¹⁷ É nome de uma pedra no meio do rio.

⁹¹⁸ Foi causado pelo pus dele.

ERMANNIO STRADELLI E A PRECIOSA LENDA DE JURUPARI⁹¹⁹

⁹¹⁹ Obtivemos do Prof^o Ernesto Massi, Presidente da Società Geográfica Italiana de Roma, a autorização de reproduzir aqui a tradução portuguesa do original italiano da "Leggenda dell'Jurupari" publicada no Bolletino della Società Geographica Italiana em 1890 pelo Conde Ermanno Stradelli. O Conde Ermanno Stradelli nasceu em Borgotaro, Piacenza (Itália) no dia 8 de dezembro de 1852 e estudou Direito na Universidade de Pisa. Ainda acadêmico, Stradelli transferiu-se em 1879 para o Brasil, que ele amou como sua segunda Pátria, e onde passou a maior parte de sua existência. Dedicou-se ao estudo geográfico da Amazônia. Realizou uma primeira expedição no alto rio Negro e acompanhou em seguida a Comissão encarregada da demarcação da fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Preparou, ademais, um útil e encomiado Mapa do Amazonas. E, melhor ainda, apaixonou-se pelas nossas tribos indígenas das quais coletou várias lendas. Estava navegando com Barbosa Rodrigues ao longo do rio Jauaperi quando deflagrou a revolta índia de 1883 no alto rio Negro como consequência do roubo e da profanação das máscaras de Jurupari em Ipanoré (no baixo Uaupés) pelo então Missionário franciscano Iluminato Coppi, revolta esta que colocou um termo às atividades dos missionários nesta região até o início deste século. Voltou para a Itália em 1885 onde diplomou-se em Direito pela Universidade de Pisa e pouco depois regressou ao Brasil onde, em 1893, adotou a nacionalidade brasileira. Exerceu por algum tempo a advocacia e obteve também o cargo de Promotor Público em Tefé (Amazonas), onde teve a oportunidade de redigir alguns estudos e monografias jurídicas. Passou seu tempo também recolhendo lendas amazônicas, publicadas na sua maioria no Bolletino della Società Geographica Italiana. Entre as costeiras do Centro e Sul do Brasil já se havia generalizada a língua Tupi (ou Tupi-Guarani) e entre as tribos do Maranhão à Amazônia, para o intercâmbio entre elas, adotou-se a "Língua Geral", melhor dita Nheengatu, isto é, "Língua Bela", como lhe inculca o étimo **nheenga** "língua" e **catu** "bela", "bonita", "boa". Stradelli aplicou-se ao estudo do Tupi e, com mais afinco e melhores oportunidades, especializou-se na "língua bela", ou Nheengatu, na qual mimoseou o Brasil e os brasileiros com o seu monumental Dicionário Português-Nheengatu e Nheengatu-Português (1929). Ele morreu no dia 24 de março de 1926. Podemos assegurar aos nossos leitores que, da Lenda de Jurupari, fizemos uma tradução literal rigorosa. Quando nos pareceu conveniente acrescentar algum pequeno esclarecimento, fizemo-lo numa nota no pé da página, destacando as nossas daquelas de Stradelli. Pela leitura dessa lenda, tem-se a impressão que Stradelli lhe haja intercalado histórias e informações hauridas de outras fontes, que não o principal relator, o índio Tariana Massimiliano José Roberto, bem como por oportunidade para acenar a outras praxes indígenas que a ele, estudioso europeu,

No princípio do mundo uma terrível epidemia grassou entre os habitantes da Serra do Tunui⁹²⁰, atacando exclusivamente as pessoas do sexo masculino. Dela escaparam uns poucos velhos já esgotados e carregados de anos e também um antigo pajé.

Preocupadas com isto, as mulheres, prevendo em futuro não distante a extinção da sua raça visto que não havia nas proximidades nenhum povoado ao qual recorrer para suprir ao que lhes faltava, resolveram reunir-se em assembléia para ver se achavam uma saída para o estado presente das coisas.

E todas as fisionomias retratavam a consternação exceto a de um velho pajé que continuava calmo e impenetrável. Violando os costumes, não fora consultada a sua ciência, julgada importante em tal assunto.

Foi sobre as margens de Muypa, onde Seucy⁹²¹ costumava banhar-se, que se deu o Congresso das Mulheres. As opiniões mais diversas e estranhas aí foram debatidas. Alguém propôs que se tentasse revigorar aquelas velhas carcaças, que seriam atiradas aos peixes se fracassasse a tentativa. Houve até quem propusesse tentar se uma mulher seria capaz de fecundar outra. E a discussão, animando-se cada vez mais, estendeu-se até que as surpreendeu Seucy que, como de costume, vinha banhar-se.

Somente neste momento é que se deram conta da presença do pajé, sentado tranqüilamente no meio delas, sem que

lhe pareciam raras e curiosas. Nada a estranhar que nos manuscritos de Stradelli os oficiais da tipografia que imprimiu esta preciosa lenda tinham cometido alguns gatos dos quais, poucos felizmente, não nos julgamos capacitados para corrigir. Pois Stradelli nesta sua famosa lenda se compraz de intercalar termos ou vocábulos de outras línguas indígenas sobre as quais não estamos em condição de opinar. Transcrevemos esta lenda porque através desse nosso amplo volume há episódios que lembram os de Stradelli e é, por certo, interessante o confronto. E para a totalidade dos nossos leitores seria difícil consultá-lo no original italiano. Fazemo-lo como homenagem a Stradelli pelo seu amor aos nossos indígenas e ao Brasil. E, como homenagem que é, nos dispensamos de assinalar possíveis defeitos e os desacordos com a praxe e a mentalidade dos indígenas do Brasil.

⁹²⁰ No rio Aiari.

⁹²¹ Nome dado à Constelação das Plêiades, acrescenta Stradelli.

ninguém soubesse dizer nem como nem quando ali chegou. Envergonhadas de terem sido apanhadas em flagrante quiseram fugir, porém não o conseguiram. Seus pés lhes pareciam pedras fincadas no solo.

E assim falou o pajé: "Vejo que, infelizmente, jamais se encontrará uma mulher paciente, discreta e capaz de guardar um segredo. Não faz muito tempo que o Sol me avisou em sonho que eu não permitisse a nenhuma mulher de aproximar-se de noite das margens deste lago. Eu vos avisei destas proibições. E agora não só vos encontro todas aqui, pior ainda, tramando coisas vergonhosas contra nós, os velhos, e assim desobedecendo às ordens daquele que governa o mundo. Seucy, a dona deste lago, cujas águas se tornaram impuras pelas vossas impurezas, de ora em diante não virá mais banhar-se aqui. A geração que nascerá amanhã excluirá para sempre as mulheres de todos os assuntos de alguma importância". A estas palavras as conspiradoras, como enlouquecidas, o interrogaram: "Se não está mentindo, digei-nos como e quando isto poderá acontecer". "Ei-vos ainda tão impacientes que até tomais a ousadia de interrogar-me. Credes que eu sou um mentiroso, mesmo sabendo que eu sou um pajé e que eu vejo através da minha imaginação?"

E ele, em companhia de todas as mulheres foi banhar-se nas águas do lago, donde cada uma delas regressou com um sorriso nos lábios e uma esperança no coração. "Agora, disse o pajé, cada uma tem nas suas vísceras o germe da vida". Na realidade todas elas estavam grávidas, ele fecundara a todas, sem que elas o suspeitassem.

Feito isso, o velho pajé, com uma agilidade imprópria da sua idade, grimpou na Serra de Dubá. Tendo chegado lá deu um grito prolongado: "é é é é..." e precipitou-se no lago, cuja superfície ficou coberta de um pó branco. Era o pó com o qual o pajé, que não era tão velho como parecia, tinha ocultado a sua juventude.

Também Seucy atirava-se no lago, deixando o azul do céu como sinal de sua passagem, algo semelhante a uma estrada branca semeada de pequenas estrelas.

As mulheres, como que esquecidas que todas elas tinham

sido espectadoras desses acontecimentos, transbordando de alegria os contavam entre si. E tomadas, por vezes, de estranhas suspeitas que se desfaziam ante a realidade dos fatos, se examinavam atentamente a fim de se certificarem que isso tudo não era um sonho.

Dez luas mais tarde, no mesmo dia e hora, todas as mulheres deram à luz. Estavam assim assegurado o futuro para a gente de Tunui. Entre os recém-nascidos, uma graciosa menina à qual chamaram Seucy pela sua singular beleza. Seucy da Terra era o retrato da Seucy do Céu. E foi crescendo até a idade dos primeiros amores, tão pura como as estrelas da manhã.

Desejou, um dia, comer o fruto da cucura⁹²² e internou-se na floresta. Foi-lhe fácil encontrar as frutas desejadas. Nem teve trabalho algum para colhê-las, pois alguns macacos, poucos momentos antes, as haviam derrubadas por terra em grande quantidade, frescas e apetitosas. A bela menina recolheu as mais belas e maduras diante de si e pôs-se a comê-las. Eram elas tão suculentas, que parte do suco, sem que ela a isto prestasse atenção, lhe escorria pelos seios e vinha banhar-lhe as partes mais íntimas. Comeu até saciar-se e só regressou a casa pela tarde, pelas "horas da saudade", feliz por haver satisfeito um desejo acalentado há muito tempo.

Parecia-lhe, porém, ter os membros entorpecidos por uma estranha sensação, jamais experimentada. Excitada como por instinto maternal, examinou-se abertamente e se deu conta que não existia mais a sua virgindade. E nas suas vísceras havia algo ocultado. Envergonhada, nada disse a sua mãe. E foi ciosamente guardando o seu segredo, até que o tempo se encarregasse de divulgá-lo.

Interrogada, então, pelos da sua tribo que desejavam

⁹²² No original desta lenda o fruto é denominado **pihycán** ou **pihyeán** que se poderia supor um erro tipográfico por pequiá ou pequi mas, no seu Dicionário Nheengatu-Português (1929:424), Stradelli, na palavra "cucura", informa que o suco desta fruta é que teria fecundado Seucy. É uma árvore da família das Moraceae, Pourouma cecropiaefolia Mart., cujo fruto, segundo Stradelli (:424), é proibido às donzelas antes da puberdade a fim de não lhes despertarem apetites latentes.

punir o violador, com toda a sua simplicidade ela lhes contou a história da cucura. E dez luas depois, ela teve uma criança robusta, que superava a beleza de sua mãe e se assemelhava ao Sol.

Os habitantes de Tunui, apenas souberam do nascimento da criança, proclamaram-na **tuxaua**⁹²³ e deram-lhe o pomposo nome de Jurupari ou "gerado da fruta"⁹²⁴.

Tinha Jurupari apenas uma lua (de idade) quando os seus resolveram preparar-lhe e entregar-lhe as insígnias de chefe. Faltava, porém, a pedra-do-mando⁹²⁵ que se deveria procurar na Serra do Gancho da Lua e uma parte da tribo já se preparava para essa viagem.

A direção, porém, das coisas estava em grande parte em poder das mulheres. Surgiram por isso diferenças de opiniões que, a seguir, dividiram a tribo em dois partidos. Queriam uns que a tribo em peso fosse à procura da pedra-do-mando. Outros, que a procurassem apenas os homens porque as mulheres não podiam tocá-la. Consumiram outra lua com tal discussão, até que o desaparecimento de Jurupari pôs um termo ao assunto.

O que acontecera a Jurupari? Sua mãe não o sabia. Desaparecera e ninguém sabia como. As mulheres atribuíram aos velhos o rapto de Jurupari. E depois de interrogá-los inutilmente, intimaram-nos a restituir a criança no prazo de um dia. Se não o fizessem, seriam submetidos ao "suplício dos peixes", isto é, seriam amarrados dentro da água, com a cabeça de fora, e feridos a fim de serem devorados pelos peixes atraídos pelo sabor do sangue. E por temor que, pela fuga, se subtraíssem ao suplício, foram imediatamente amarrados, e assim aos pobrezinhos se tirava toda esperança de salvação.

⁹²³ "Chefe", "cacique" em Nheengatu.

⁹²⁴ O próprio Stradelli, posteriormente, trouxe outro significado da palavra **Jurupari**, isto é, "fecho da boca" (de **iurú** "boca" e **pari** "cercado para pesca") (1929:498).

⁹²⁵ Que Stradelli denomina **itá-tuxaua** (de **itá** "pedra" e **tuxaua** "chefe", "cacique"). É um distintivo dos **tuxauas** que a trazem pendente ao pescoço nas ocasiões solenes.

Preocupados por esses acontecimentos, a noite se alongava extraordinariamente para todos, e ninguém do povoado conseguira ainda dormir, quando se ouviram distintamente na floresta os vagidos de Jurupari, precisamente na direção da árvore da cucura. Encaminharam-se para aquela direção e já ouviam distintamente a respiração fatigosa da criança quando tudo retornou ao silêncio.

Passaram um dia examinando a árvore, ramo por ramo, depois as plantas e as moitas vizinhas. Nada encontraram que os pudesse orientar no encalço do menino. E só pela tarde abandonaram a floresta.

De noite, porém, na mesma hora e na mesma direção, ouviram-se novamente os vagidos de Jurupari. Procuraram-no, persistiram na pesquisa dispostos, se necessário fosse, a não fazer outra coisa pelo restante da vida. Porém, não obtiveram melhor resultado.

Na terceira noite, assediaram a árvore da cucura. Qual não foi o susto dos assediadores quando ouviram soar os vagidos no meio deles, sem no entanto localizar o lugar donde partiam. Eram tão lastimosos os vagidos que causavam mal-estar. Assustados por fato tão estranho, abandonaram precipitadamente a floresta, jurando aí não retornar mais para procurar Jurupari. Nem por isso cessaram os vagidos. E se os habitantes do povoado não se preocupavam mais com isso, a infeliz (mãe) Seucy, retirando-se sobre o mais alto cimo da montanha, continuava a chorar, chorava a sua criatura e adormecia ouvindo os vagidos do filho para só acordar aos primeiros albos do dia. Assim se passaram três noites.

Certa manhã, ao acordar, notou que os seus seios não continham mais o leite que os intumescia ao adormecer. Desejou esclarecer esse mistério e tomou o propósito de ficar alerta. Mas, quando começaram os vagidos de Jurupari, um torpor invencível dela se apossava, e ela adormecia profundamente. Quando acordava, tinha os seios desprovidos de leite. Nunca soube quem, durante o seu profundo sono, se alimentava do leite do seu peito.

Assim passaram-se dois anos. Porém, ao iniciar-se o terceiro ano, em vez dos vagidos ouviram-se cantos; eram gritos,

eram as risadas de um alegre menino que a pobrezinha ouvia ressoar pela montanha. Eram corridas, eram lutas com seres desconhecidos, que ela freqüentemente ouvia ao seu redor.

Enquanto ele crescia entre as montanhas de Tunui, invisível, porém forte e robusto, a pobrezinha envelhecia. E, quando 15 anos mais tarde Jurupari dela veio cuidar, ela estava indiferente a tudo sentada no mesmo lugar onde, sem o saber, tantas noites dava-lhe seu leite.

Foi no tempo em que as bacabas⁹²⁶ amadurecem, numa noite de lua, noite em que Seucy Celeste tornou a banhar-se no lago, que Jurupari reapareceu no povoado em companhia de sua mãe, a Seucy da Terra. Era um belo jovem, belo como o Sol.

Os Tunientes, mal souberam do retorno de Jurupari, lembrados de que ele era o **tuxaua** escolhido, pensaram em entregar-lhe os adornos de chefe, embora faltasse ainda a pedrado-mando.

Jurupari já recebera das mãos do Sol, na véspera do seu aparecimento, um **matiri**⁹²⁷ no qual estavam reunidos os meios necessários para realizar a reforma dos costumes.

Jurupari sorriu ante os enganos tão ambiciosos das mulheres pois embora a população fosse composta de certa quantidade de homens, irmãos de Seucy da Terra, estes não tinham voto deliberativo, mas dobravam-se à vontade materna.

Nas noites após a sua chegada, ao som do **membí**, do maracá e do jabuti⁹²⁸, os de Tunui foram a casa de Jurupari e lhe apresentaram as insígnias de chefe, embora faltasse ainda a pedrado-mando. Jurupari não os aceitou porque não estavam completos, e ordenou, na noite seguinte, que os homens comparecessem na Serra de Canuké onde se tratariam interesses comuns a todos.

As mulheres, que até esse momento dirigiam com

⁹²⁶ Ver nota 130.

⁹²⁷ Stradelli define o **matiri** como "uma pequena sacola de couro ou pano em que os indígenas guardam os pequenos objetos de uso comum".

⁹²⁸ Ver, respectivamente, notas 682 e 340. O jabuti é um aerófono.

exclusividade todos os negócios do povoado, ficaram descontentes por se verem excluídas da futura reunião e resolveram depor que em tão má ocasião o haviam escolhido como **tuxaua**, apoiando esta sua decisão no fato de ele não ter ainda os ornamentos de chefe.

Jurupari, naquela mesma noite, tirou do seu **matiri** uma pequena panela e um pedaço de **xicantá**, espécie de resina⁹²⁹, que expôs ao fogo dentro da panela. A primeira fervura gerou enorme quantidade de morcegos, corujas e outras aves noturnas que se espalharam no espaço. Da segunda fervura nasceram **araras**, papagaios, periquitos e aves semelhantes que se espalharam pelo ar. Da terceira fervura surgiram uma quantidade de pequenos falcões e, por último o **uira-uacu**⁹³⁰, que o transportou até a Serra do Gancho da Lua. Com a rapidez de uma flecha chegaram sobre a montanha na qual estava sentada a bela Renstalro⁹³¹ tendo na mão do coração (à esquerda) os enfeites de pena, e na outra, a pedra-do-mando. Renstalro, com suas próprias mãos, revestiu Jurupari com seus adornos de chefe sem proferir uma só palavra. Executada esta cerimônia, Jurupari regressou ao povoado com os primeiros sorrisos (albores) do dia e assim ninguém teve notícia do grande acontecimento.

Durante o dia, as mulheres de Tunui procuraram saber a qualquer custo, por meio de espiãs, quanto ocorresse na reunião convidada por Jurupari. Para tal finalidade foram escolhidas as mulheres que não tinham crianças pequenas.

Já estavam reunidos na Serra de Canuké quando apareceu Jurupari vestido de **tuxaua**. Era ele fulgurante com seus ricos adornos⁹³². Falou-lhes Jurupari dos seus interesses comuns,

⁹²⁹ Não identificada.

⁹³⁰ Águia. Ave de rapina da família Falconídeos.

⁹³¹ Nome da Lua em língua Tariana, de acordo com Stradelli.

⁹³² Naturalmente não só de pedras mas também de **axpoá** que os velhos indígenas traduzem por "ouro", e que, na realidade, quando se trata dos adornos que os **tuxauas** locais usam para as suas danças, são apenas carapaças douradas de besouro.

determinando, antes de tudo, que cultivassem a terra e revelou as leis que deveriam ser conservadas secretas e deveriam regular o procedimento deles dali em diante.

Começou declarando que a Constituição que ele dava, com o nome de Jurupari, deveria ser duradoura até que o sol iluminasse a terra, proibindo de modo absoluto às mulheres de participar das festas dos homens, quando estivessem presentes aqueles instrumentos especiais que deveriam ser distribuídos na próxima reunião inaugural.

A violadora desta proibição ficava, por isso, condenada à morte, condenação que deveria ser executada pelo primeiro que tiver conhecimento do delito, seja ele o pai, o irmão ou marido (da violadora).

Igualmente, o homem que mostrar tais instrumentos ou revelar as leis secretas em vigor a uma mulher, será obrigado a envenenar-se, e se não quiser fazê-lo, o primeiro que encontrar devia dar-lhe a morte, sob a ameaça de incorrer na mesma pena.

Todos os jovens, quando alcançarem a idade da puberdade, deviam conhecer as Leis de Jurupari e tomar parte nas festas dos homens.

As festas realizarão-se:

- 1) Quando a **kuñã-kira**⁹³³ for deflorada pela Lua⁹³⁴.
- 2) Quando deverá comer a fruta da cucura.
- 3) Quando deverá comer da caça da floresta.
- 4) Quando deverá comer da carne de peixe grande.
- 5) Quando deverá comer pássaros. Tudo isso, porém, depois que a **kuñã-kira** tiver passado uma inteira Lua, esperando a sua hora e alimentando-se com caranguejo, saúva e **beiju**, sem ver nem ter contato com nenhum homem.
- 6) Quando se der **dabucuri**⁹³⁵ de fruta, de peixe, de caça ou de outra coisa como sinal de amizade.

⁹³³ Isto é, a "Virgem", literalmente "mulher que ainda dorme".

⁹³⁴ Isto é, tiver os primeiros mênstruos.

⁹³⁵ Ver nota 21.

7) Quando terminar qualquer trabalho fatigoso, como abater árvores, construir casa, plantar roça ou qualquer outro trabalho semelhante.

8) Todos os que fazem soar o **jurupari**⁹³⁶ devem trazer na mão um açoite para se açoitarem reciprocamente, para recordação do segredo que todos devem manter.

9) Todos aqueles aos quais for dado algum dos instrumentos **jurupari**⁹³⁷ serão obrigados não só a ir ensinar a todos os da Terra do Sol as coisas ditas agora, mas também aquelas que serão ensinadas no dia inaugural.

Ao terminar a reunião final, o **tuxaua** Jurupari estava chorando mas ninguém ousou interrogá-lo.

Quando desceram da montanha, ao longo do caminho, foram encontrando as mulheres, que tinham ido como espiãs, transformadas em pedras, conservando todas elas a fisionomia que tinham quando vivas. Qual coisa (ou quem) assim as transformara? Ninguém jamais o soube exatamente. O certo é que também a mãe de Jurupari ficou assim. Tinha a face voltada para o oriente, indicando com a mão no coração a direção do lago Muypa e com a outra, a árvore da cucura. Parecia rejuvenescida e com um sorriso malicioso entre os lábios.

Depois de tão tremendo castigo, porém, as mulheres de Tunui em vez de, assustadas, se arrependem, exasperadas ainda mais contra Jurupari ao qual agora chamavam de "coração duro", juraram dar fim a ele a fim de poderem continuar mandando conforme seu capricho.

Por sua vez Jurupari, a fim de evitar novos castigos, resolveu mandar construir uma casa bem distante do lugar onde vivia, a fim de aí realizar suas reuniões. Para isso chamou os cinco velhos da tribo, deu-lhes as ordens e instruções necessárias para que fossem até as margens do rio Aiari e lá construíssem uma casa com todas as comodidades requeridas. Disse-lhes, porém, Jurupari, para partirem durante a noite a fim de que ninguém do povoado

⁹³⁶ Ver nota 496.

⁹³⁷ Fato que se realizará na futura lua cheia.

o perceba, e, quando estiverem bem longe daqui, de aproximar do nariz uma **puçanga**⁹³⁸ e que, em um instante, eles serão levados pelas nuvens ao rio Aiari.

Quando a noite atingiu a metade do seu curso, os velhos deixaram o povoado e, quando dele já se achavam bem distantes, cada um aproximou do próprio nariz as unhas do tardígrado⁹³⁹. E, mais rapidamente do que o pensamento, se encontraram sobre uma rocha nas margens do rio Aiari.

Como nada os distraía, nesse mesmo dia escolheram o local onde erguer a casa. E a maioria dos velhos determinaram que fosse edificada sobre aquela pedra. Quando apareceu o sol do dia seguinte, deram eles início aos trabalhos e começaram pelas portas que ficaram prontas neste mesmo dia. No dia seguinte, cavaram os quartos e esse trabalho ficou concluído antes que viessem as sombras da noite. No terceiro dia, fizeram os assentos (banquinhos) e os outros acessórios, que ficaram prontos antes das sombras da noite. E assim em três dias ficou pronta a casa de Jurupari. Isto se dera porque a pedra era ainda **yaonira**⁹⁴⁰. Faltavam ainda quinze dias para o fixado para a vinda de Jurupari e os velhos resolveram aproveitar o tempo para explorar os arredores. Ao primeiro canto do sapo **buá-buá**⁹⁴¹ entraram na mata em direção ao Oriente. Caminharam à distância de um grito e encontraram um caminho largo e, por ele, seguiram. Em dado momento ouviram músicas, cantos, risadas. "Companheiros - disse um dos velhos - que devemos fazer?". "Vamos até lá - disseram os outros - temos certeza que não nos tomarão como inimigos, e chegaremos em boa ocasião: a música nos diz que estão em festa".

⁹³⁸ Ver nota 641.

⁹³⁹ "A **puçanga** que haviam recebido", acrescenta Brüzzi. O tardígrado é um artrópodo da classe Tardígrado, de corpo cilíndrico, com quatro pares de patas não articuladas, cada uma com duas ou quatro unhas no ápice (N. do R.). De acordo com o Novo Dicionário Aurélio(1972:1355).

⁹⁴⁰ Termo Nheengatu que significa "verde", "imatura", ou seja, "não dura".

⁹⁴¹ Não identificado.

"Vamos até lá então!".

Apenas os velhos foram vistos pelos Nunuibas, imediatamente lhes foi ao encontro uma fileira de donzelas bonitas que os convidaram a participar das festas pelas núpcias da filha do **tuxaua**.

Nunuiba veio pessoalmente receber os recém-chegados e os conduziu à sala das danças, entregando a cada um um maracá como símbolo de amizade e de paz quando procede das mãos de um chefe.

Os velhos, depois de beberem algumas cuias de **caxiri** e **caapi-pinima**⁹⁴² entraram também na roda dos dançantes, cada qual acompanhado por uma bonita jovem. E estas, durante as danças, revelaram suas sedução e, com movimento e palavra, procuravam excitar seus envelhecidos companheiros. No país do Sol exigem os costumes que nada se recuse do que é ofertado e os velhos beberam sem medida e terminaram embriagando-se. Um deles deixou então escapar estas imprudentes palavras: "Quanto é boa esta terra em que as jovens são tão belas como a nossa Seucy! Mas quem saberia dizer se amanhã não amaldiçoarão a nossa chegada entre eles, por causa da Lei do Jurupari?". E, depois de dizer isto, ele adormeceu.

Imediatamente as palavras imprudentes correram de boca em boca com o efeito do redemoinho numa cascata. "É uma traição tramada contra nós", disse uma das Nunuibas. "Devemos procurar descobri-lo quanto antes para a tranqüilidade do nosso coração. Amanhã cada uma de nós aqui ou na casa deles, por sedução ou surpresa deve obrigá-los a dizer-nos o que há contra nós!".

Aprovada a resolução, decidiram que algumas delas deveriam dirigir-se à casa dos velhos no dia seguinte. E assim se fez.

Quando os velhos regressaram à casa, ali já chegavam as moças mais bonitas do povoado, recém-saídas do banho. Apressaram-se elas a conduzi-los dentro da casa, abraçando-os afetuosamente, onde já haviam preparado as redes e a tapioca com a mais

⁹⁴² Ver respectivamente as notas 56 e 188.

branca e saudável mandioca por elas mesmas cultivada e apanhada.

Terminada a breve refeição os velhos procuraram descansar nas suas redes. Não eram isto, porém, o que desejavam as astutas moças. Mas em vão e com variadas seduções e artes, procuraram elas despertar os sentidos entorpecidos daqueles pobres velhos. Ficaram frustradas todas as suas artes e seduções. E ao cair da tarde as moças se retiraram sem nada haver conseguido, prometendo que voltariam à carga no dia seguinte.

Os velhos ficaram olhando um para o outro, desconfortados e sem trocar uma palavra. Até que, por fim, a Mãe-do-sono veio transportá-los ao mundo dos sonhos, ela que, embora velha e feia, é amada por todos os viventes.

Mas se os velhos, durante o dia, fizeram figura tão feia, durante o sono as coisas se transformaram. Os papéis se invertiram. Eram eles cheios de ardor e iniciativa, e elas, frias e fracas, foram vencidas no segundo assalto.

Ao surgir do sol, no dia seguinte, chegaram as jovens à casa de Jurupari e, encontrando os velhos ainda imersos no sono, aproveitaram da ocasião e se introduziram em suas redes. Aconteceu, portanto, que os velhos, quando acordaram com o sol no alto, encontraram entre seus braços justamente aquelas com as quais durante a noite dividiram seus imaginários prazeres. E facilmente se convenceram de que não foram apenas sonhos mas realidade.

E as astutas moças perceberam o engano dos velhos, mas não o fizeram ver. Ao invés, aumentaram neles a convicção, dizendo-lhes: "Por que não satisfez ontem meus desejos, em vez de cansar-me assim esta noite?". E as palavras delas eram apoiadas por beijos e carinhos.

"Amigos, o dia passa sem disso nos darmos conta. Vamos comer". E momentos depois todos estavam comendo, tendo cada um ao seu lado o fruto de sua má dormida noite. Mais do que suas carícias e beijos, as moças Nunuibas esperavam do **caapi** e do **caxiri** chegar onde queriam e forçavam seus velhos amantes a beber freqüentemente o vaso de **caapi** e, a isso, os velhos alegres e contentes não tentavam subtrair-se.

O sol já atingira o meio-dia quando os velhos acabaram com a orgia e foram imediatamente para as redes, seguidos pelas

moças. A embriaguez dá certa audácia e excita os mais frígidos. Eram agora os velhos que procuravam excitar as (moças) jovens e, não podendo fazer de outro modo, lhes excitavam delicadamente o membro com os dedos, de sorte que cada uma delas já era uma fonte úmida.

E com tal divertimento também os velhos se esquentavam. Até que um deles, Ualrí⁹⁴³, no qual o prazer era mais intenso, se pôs a lamentar da rigorosa Lei do Jurupari, e pouco a pouco contou todos os segredos desta.

E assim, pela narrativa involuntária de Ualrí, as moças de Nunuiba alcançaram seu escopo. E quando os velhos adormeceram, elas se retiraram ao seu povoado. E repetiram lá o que haviam ouvido.

Desde aquele dia, as moças de Nunuiba não voltaram mais a casa de Jurupari. Os velhos, habituados já àquela companhia, passavam o dia lamentando-se de tanta ingratidão. A recordação era viva e todos os dias obtinham notícias das belas Nunuibas por parte de alguns rapazes robustos que vinham banhar-se no rio.

Certa manhã Ualrí, encontrando-se com um grupo desses, indagou aonde iam. Responderam: "Vamos colher **uacu**⁹⁴⁴". "Eu vou com vocês - disse Ualrí - quero enviar um paneiro deles à ingrata Diádue". "Venha - disseram-lhe os jovens - bem perto daqui há um pé de **uacu** sobrecarregado de frutas, que dará para todos nós".

Como o uacuzeiro era muito grande e os meninos não conseguiam subir, pediram ao velho que subisse e, de lá de cima, lhes atirassem as frutas. O velho satisfez-lhes a vontade recomendando que não acendessem um fogo debaixo da árvore.

Quando Ualrí colhia os frutos, os meninos acenderam grande fogaréu para assá-los. O fruto é muito oleoso e, em um instante, densa fumaça envolveu a árvore. Sentindo-se sufocar e

⁹⁴³ Nome Baniwa que significa "Tamanduá" (o mamífero da família Mirmecofagídeos), acrescenta Stradelli.

n ⁹⁴⁴ Ver nota 202.

com pouca esperança de salvar-se, Ualrí teve apenas tempo de segurar-se entre dois ramos para não cair, sem se recordar naquele momento do amuleto que trazia no pescoço.

Os meninos comiam as frutas assadas sem se darem conta do tormento por que passava o velho. Somente depois de saciados é que apagaram o fogo. Quando se dissipou a fumaça, perceberam que dos ramos da árvore descia uma grossa liana até o chão, a qual antes não existia. E, por ela é que desceu Ualrí.

"Vovô, que liana é essa que lhe serviu de caminho?". Ualrí (lit. "Baba de Tamandúá") respondeu furioso: "Já esqueceram que vocês me iam sufocando com a fumaça. Ficaré isto como lembrança que alguns péssimos moleques quiseram aqui matar um velho!". Aproximou do nariz o próprio amuleto e pediu chuva, raios e trovões, e foi atendido imediatamente. Os meninos corriam de um lado para outro procurando um abrigo.

Ualrí de dentro da mata, chamou-os dizendo-lhes que havia uma casa para abrigá-los. Aproximou do nariz o amuleto e pediu para ser transformado em casa, e o foi. Os meninos ali entraram e depois que o último entrou, fecharam-se as portas e assim os meninos ficaram presos na barriga de Ualrí quando este voltou a ser homem. Esta foi a punição que Ualrí deu aos meninos malvados.

Quando baixou a noite, e os Nunuibas não viram retornar seus filhos que tinham ido colher **uacu**, eles foram, com as mães das crianças, dar conhecimento deste fato ao **tuxaua**. Este fez vir o pajé a fim de interrogá-lo.

O pajé, depois de haver tomado um pouco de **carajuru-da-lua**⁹⁴⁵ e acendido o cigarro de **tauari**⁹⁴⁶ foi ao porto a fim de fazer os necessários encantos. Ao retornar, disse: "Os meninos estão na barriga de um daqueles velhos que vivem na pedra. Foram engolidos durante o temporal que sobreveio hoje. Para salvá-los é necessário preparar muito **caapi** e muito **caxiri** a fim de embriagá-los amanhã, e procurar que quem engoliu os meninos vomite".

⁹⁴⁵ Ver nota 178.

⁹⁴⁶ É a entrecasca de **curatári** usada à guisa de mortalha para o fumo.

Imediatamente, o inteiro povoado se pôs em atividade a fim de preparar aquelas bebidas. E o pajé subiu sobre o teto da casa onde soprava em direção do local onde se achavam os velhos, enviando para lá grossas nuvens do seu **tauari** ao mesmo tempo em que aspirava profundamente o seu **carajuru-da-lua**.

Entretanto Ualrí, depois daquela terrível vingança, não tirava do nariz o seu talismã. Quando a noite se encaminhava para a alvorada os seus ossos pareciam transformar-se em instrumentos musicais e ouviam-se distintamente os sons que emitiam.

Os seus companheiros verificaram que em Ualrí sucedia algo extraordinário. E antes do sol nascer, Ualrí saiu de casa e voou. O pajé, que estava ainda sobre o telhado da casa do **tuxaua**, o viu e ouviu quando Ualrí passou sobre o povoado.

Apenas cantava o sapo **buá-buá** que as moças partiram para a casa de Jurupari e, ao chegarem ali, encontraram Ualrí de regresso e Diádúe, previamente avisada pelo pajé, abraçou-o com sinais de grande afeto.

"Bons amigos, viemos convidá-los para virem ao nosso povoado. Tudo está pronto! Só se espera a vossa chegada para iniciar a dança. Não deixemos passar o tempo". "Vamos!", responderam eles.

Quando se aproximavam do povoado, Ualrí deixou o braço de Diádúe e voou sobre uma palmeira e os seus ossos começaram uma música festiva desconhecida a todos. "Agora - disse Diádúe - bebamos, dancemos e alegremos os nossos corações até o dia de amanhã".

O **caxiri** e o **caapi** eram oferecidos com freqüência. Mas, até a tarde, Ualrí estava em pleno uso dos seus sentidos, enquanto seus companheiros estavam embriagados desde muito tempo. O pajé, que com o auxílio de seus sopros⁹⁴⁷, tornara as bebidas mais fortes que de costume, estava maravilhado da resistência de Ualrí.

E Ualrí bebia abundantemente e disso não se ressentia. Quando sobreveio a noite ele voou e retornou à casa de Jurupari.

⁹⁴⁷ É de crença geral que o pajé com seu sopro torne as bebidas mais fortemente inebriantes.

"Agora - gritou o pajé - é o momento de arrebatá-lhe o amuleto que o protege, agora que ele vai passar um instante entorpecido. É necessário pôr-nos a caminho já!". Imediatamente Diádúe se encaminhou com alguns companheiros mas, ao chegarem, já encontraram Ualrí de pé e dos seus ossos saía aquela música festiva já ouvida, porém desconhecida de todos.

E o **urutaúy**⁹⁴⁸ começou a piar ao longo do caminho e depois voou para o povoado. Quando Diádúe chegou à sala de festa, Ualrí estava sentado a um canto, e dos seus ossos partia ainda aquela música festiva, porém muito fraca. Disse então o pajé ao **tuxaua** que, naquele momento, morriam os meninos (engolidos). "Acabamos com ele agora, como um exemplo para os companheiros, antes que ele fuja e não o alcancemos mais".

E ungiu com **manufá**⁹⁴⁹ os homens que deveriam se apoderar de Ualrí, pois era a única **puçanga** que poderia vencer o feitiço que defendia a Ualrí. Ordenou ele a Diádúe que, no momento da luta, aproveitando de algum momento favorável, procurasse tirar o talismã que Ualrí escondia dentro do nariz.

Tudo se fez como mandara o pajé. Quando o sol chegou ao meio do céu, o pajé entrou na sala e precipitou-se sobre Ualrí, e os dois se engalinharam rolando pelo chão. Os homens, que já estavam prontos e escondidos na sala do jejum das donzelas, correram ao local da luta, munidos de cordas para amarrarem a Ualrí.

Diádúe lançou-se na frente para tirar-lhe o amuleto. Ele, porém, sabendo da sua intenção, com um supremo esforço tirou com uma mão o talismã do nariz e o engoliu. Dos ossos de Ualrí, no ardor da luta, saiu uma música assustadora.

Os seus companheiros apenas acordados do sono e com a mente pesada pela embriaguez assistiram a esta cena com os braços sobre o peito. Depois de breve luta em dois tempos, Ualrí saiu vencido, porque o pajé lhe jogou em cima uma cuia de

⁹⁴⁸ Ave noturna da família Caprimulgídeos, gênero *Nyctibius* (N. do R.).

⁹⁴⁹ Segundo Stradelli, é uma planta usada pelos indígenas como perfume e como remédio contra as hemorragias.

manufá raspada, que lhe fez perder as forças. Imediatamente, ele foi amarrado e arrastado ao meio da sala, e então ele indagou aos seus inimigos: "Por que fazeis isto?". "Não sabes o porquê? Que fizeste aos meninos que foram colher **uacu**?". "É por isso? Eles quiseram fazer-me morrer. E eu me vinguei!". "Se eles atentaram contra a tua vida não foi propositadamente. Eram crianças inocentes que da vida só conheciam duas coisas: a doçura das frutas que no bosque procuravam para comer e a suavidade do seio materno onde adormecem à noite, cansados pelas atividades do dia. Tu quiseste ignorar isto e, por isso, morrerá, pagando com a vida as maldades do teu coração. Quando os bacuraus começarem a voar sobre as nossas cabeças tu morrerás".

"Visto que eu vou morrer - retrucou Ualrí - ponham-me sobre uma fogueira com o peito voltado para o céu. E quando meu corpo estiver ardendo, peço-lhes venham observar o meu ventre porque daqui é que deve sair a minha **puçanga** e a dê a Diádue como recompensa pela traição que me fez".

Quando o sol desapareceu e os bacuraus começaram a voar, eles conduziram o condenado ao local do suplício. Ao longo do caminho seus ossos cantavam uma música nova, e o pajé disse ao **tuxaua**: "É a música de Jurupari!".

Quando Ualrí viu a fogueira sobre a qual devia morrer, exclamou: "Ingrata Diádue! Não sabia eu que a tua beleza me devia custar tão caro mas fica certa disso e fixa-o em sua mente: 'amanhã serei vingado!'".

O sol havia desaparecido e os inúmeros bacuraus voavam sobre as cabeças dos Nunuibas, então o pajé mandou atirar o condenado sobre a fogueira. Da boca de Ualrí não saiu nem um gemido.

Quando o seu corpo começou a arder, o pajé se aproximou para ver se de fato sairia o talismã. Ouviu-se nesse momento um rumor assustador que abalou a terra e, do ventre de Ualrí, saiu e se elevou uma paxiúba⁹⁵⁰ que se alçou até tocar o céu. Ao mesmo tempo, um vento impetuoso espalhou parte das cinzas de

⁹⁵⁰ Ver nota 155.

Ualrí e as depositou sobre a floresta próxima. E desta, quando retornou a calma, ouviram-se gritos e cantos como de gente.

Os que assistiram (esta cena) fugiram assustados ao presenciar tais coisas estranhas em tão pouco tempo. O pajé foi o único que continuou próximo da fogueira fumando o seu **tauari** e perscrutando o futuro através de sua imaginação.

No povoado Nunuiba ninguém conseguiu dormir naquela noite, esperando o retorno do pajé. Mas raiou o dia inteiro e o pajé não apareceu. O **tuxaua** Nunuiba resolveu, então, ir com os guerreiros à procura do pajé. Mas, ao se aproximarem da gigantesca paxiúba, ouviram distintamente a voz do pajé que lhes dizia: "Nem um passo adiante, se não quereis experimentar as dores que eu sofro. Das cinzas deste **mira-usara**⁹⁵¹ não só saiu uma nova espécie de gente, mas também uma infinidade de animais venenosos contra os quais a minha ciência de pajé quase nada valeu. E esta nova gente atirou-me pedradas a noite inteira. O meu **tauari** e meu **carajuru** não tiveram força bastante de fazer-me pelear contra a 'sombra' e fui vencido; eles são mais poderosos do que eu. São terríveis estes animais que estão no meu corpo".

Mas o **tuxaua** e seus guerreiros não ligaram a essas advertências e foram se aproximando. A poucos passos da palmeira, serpentes e insetos venenosos de toda espécie lançaram-se contra o Nunuiba e seus guerreiros, os quais, por mais que fizessem, não conseguiram deles escapar, apenas mordidos se contorciam por terra.

"Agora - disse-lhes o pajé - sofri o fruto da vossa obstinação até que apareça uma mulher que possa trazer o remédio!".

As esperanças de todos voltaram-se para o povoado. Diádue estava vindo para cá. "Que ela vá então ao igarapé e retorne com água!". Transmitida a ordem, Diádue foi até o igarapé

⁹⁵¹ Termo Nheengatu que significa "comedor de gente", antropófago, acrescenta Stradelli.

e voltou com um **caraguatá**⁹⁵² cheio de água e o depôs junto ao pajé. "Agora - disse-lhe este - senta-se em cima dele, lava na água as tuas partes genitais e dá-me de beber essa água!". No mesmo instante, caíram por terra todos os animais que o atormentavam e cessaram todas as suas dores. Ele passou dessa água aos companheiros que imediatamente ficaram livres (das dores e dos animais) e, ao invés, as tocandiras, aranhas, serpentes e outros animaizinhos venenosos ficaram mortalmente envenenados.

"Antes de deixar este lugar - falou o pajé - onde além deste povo de gente invisível, sem lei nem coração, tiveram origem todos estes animais venenosos que antes não existiam, ouvi-me e sabe: contra eles todos nós possuímos antídotos contra os venenos, o homem por meio da mulher, a mulher por meio do homem, mas ninguém pode curar-se por si sozinho; o contato da parte ofendida com o sexo diferente, ou a água em que este foi lavado, se não puder de outro modo, é suficiente. Estas ervas que vão nascendo ao redor da paxiúba todas elas são terríveis feitiços se usadas para o mal, ou **puçangas** se for para fazer o bem. As raízes desta liana **uirari**⁹⁵³ são um veneno poderosíssimo e, unidas ao ferrão destes insetos, bastarão, postas em contato com o sangue, para matar instantaneamente. Mas também elas têm a sua **puçanga**: os excrementos humanos, os dos vermes da praia, o sal, a espuma das cascatas, dissolvidas em água e bebidas farão sadios os que a beberem. Mas esta nova gente que, de agora em diante chamaremos **Wāxtĩ-maxsã** ("gente de Jurupari"), será doravante inimiga de todos os filhos do Sol. São seres fortes, superiores ao meu poder e com toda a minha ciência de pajé não lhes consigo apalpar a sombra. Agora que eu já disse tudo isto, voltaremos ao povoado: cada um ponha atenção à própria cabeça, os **Wāxtĩ-maxsã**, embora invisíveis, nos jogarão tantas pedras que será impossível que ninguém não fique ferido". E quando se puseram a regressar ao povoado, começaram a cair pedras de todos os lados, e foram

⁹⁵² Planta da família Bromeliáceas cujas folhas acanaladas podem servir de receptáculo, comumente de minhocas para a pesca.

⁹⁵³ Da qual se prepara o curare. Ver nota 89.

poucos, os que não ficaram feridos. Diádue recebeu uma forte pedrada na frente e caiu na terra sem sentidos. O pajé e o *tuxaua* conduziram-na à sua casa. Rumores de gente invisível, durante toda aquela noite, perturbaram a paz do povoado.

Diádue sarou, depois de algum tempo, mas a ferida modificou-lhe a fisionomia. Aquele rosto que era o espelho da beleza Nunuibá, tornou-se horrendo. E poucas luas mais tarde, indo Diádue banhar-se no remanso de uma cachoeira, ficou assustada com a própria feiúra refletida na água e, por desespero, atirou-se nos vórtices da cascata nos quais desapareceu para sempre.

Jurupari teve notícia do fim triste de Ualrí. Uma borboleta preta lhe passou sobre a mão deixando aí uma gota quente de sangue, e sentiu Jurupari que a coragem lhe fugia. Vivia imerso em tristeza naquele lugar em que um triste dever de justiça o levava a punir a própria mãe.

E o que sucedera nas margens do Aiari? Sabê-lo estava ao seu alcance, bastava recorrer ao seu *matiri*. Mas de Jurupari se assenhoreou um desânimo profundo que quase o enlouquecia. Ressoavam pela montanha rumores sinistros acompanhados de gemidos dolorosos. Quando dormia, apareciam-lhe as suas vítimas zombando a sua *acangatara*⁹⁵⁴. E muitas vezes chegavam até a cuspir-lhe no rosto e ele suportava tudo com resignação. Sua mãe estava sempre à frente das zombadoras.

Nem as mulheres de Tunui deixavam de conjurar contra ele e se esforçavam dia e noite para rebelar seus filhos contra Jurupari. Seus filhos, porém, mais prudentes do que elas, recusavam obedecer-lhes e, para escusar-se, mostravam-lhes as figuras das mulheres convertidas em pedras onde se esculpira a história da leviandade delas.

Ante tão numerosas contradições, Jurupari sentia-se cada vez mais desanimado e, como louco, dirigiu-se um dia ao local em que estavam suas vítimas e atirou-se gemendo aos pés de sua desventurada mãe e perdeu os sentidos. Quando voltou a si, o sol

⁹⁵⁴ Ver nota 93.

já resplandecia no alto sobre o vulto de sua mãe. E ele se recordou que tinha uma missão. Abraçou aquela fria mulher de pedra, fez uma promessa que suas lágrimas confirmaram e desceu ao povoado.

No dia seguinte, quando o sol chegou ao meio-dia, soou o trocano⁹⁵⁵ convocando os homens para uma reunião. E os homens se reuniram. E quando já estavam todos lá, disse-lhes Jurupari: "Quando **Jaci-tatá**⁹⁵⁶ estiver alta 'como uma mão reunida'⁹⁵⁷ quero que todos se encontrem no local da nossa primeira reunião. Deveis, porém, sair de casa sem serdes percebidos pelas mulheres. Antes, porém, vos deveis banhar de noite no lago e esfregar o corpo com folhas de **genipapo**⁹⁵⁸. E, ao regressar a casa, cada um de vós deveis pôr na própria boca um punhado de milho tendo cuidado de conservá-lo até chegar à minha presença. Quem não fizer de acordo com estas minhas palavras, tornar-se-á mudo. E se as mulheres vos perguntarem porque fostes chamados, respondei que eu vos chamei para mostrar-vos um grande caranguejo que apanhei no lago".

E as mulheres de Tunui notaram que Jurupari estava triste e os seus olhos revelavam que ele havia chorado. Por sua vez, Jurupari percebeu que, entre os seus homens, haviam alguns tão enamorados da própria mulher que talvez não seriam capazes de manter o segredo e, para evitar qualquer violação do silêncio, é que ordenara o banho de **genipapo** e o milho na boca.

Mal os homens chegaram a própria casa que as mulheres lhes perguntaram: "Para que foram chamados?". "Para ver um

⁹⁵⁵ **Tuá-tô**, em Tukano. É um telerruptor constituído por um tronco de madeira de lei escavado, suspenso por cipós a quatro estacas e percutido por um macete (**tuá-pá:kô**, em Tukano); ver Brüzzi (1997:228).

⁹⁵⁶ **Vênus**, em Nheengatu, diz Stradelli, literalmente "fogo da lua", isto é, estrelas.

⁹⁵⁷ Tradução literal do texto italiano.

⁹⁵⁸ Arbusto usado, segundo Stradelli, como afrodisíaco. Sobre **genipapo** ver nota 178.

grande caranguejo que o **tuxaua** apanhou no lago!". "Então, é o tempo de aparecer os caranguejos?". "Certamente! Se apareceu um, é provável que apareçam muitos outros". "Se é assim - disseram as mulheres - nós iremos esta noite esperar os caranguejos na margem do lago!".

Apenas sobreviera a noite, Jurupari quis saber o que acontecera à sua gente no rio Aiari, e tirou do seu **matiri** uma pequena pedra colorida e mandou-a que lhe representasse quanto lá acontecera aos seus. Agradou-lhe a casa de Jurupari, admirou a beleza das Nunuibas, riu-se dos velhos, porém quando chegou a Ualrí e à sua vingança, atirou a pedra contra a estaca que suportava o teto da casa. A pedra se desfez em pó, e este se converteu em vagalumes, que vieram macular a escuridão da noite.

Quando **Jaci-tatá** estava na altura indicada, os homens de Tunui saíram das próprias casas e nem o suspeitaram as suas mulheres que estavam na margem do lago esperando os caranguejos, e se encaminharam para a montanha. Quando lá chegaram, viram Jurupari sentado no centro de uma ampla esteira de **arumã**⁹⁵⁹. Ordenou que todos aí se sentassem para ouvi-lo melhor.

"Ontem à noite - disse Jurupari - fiz uma promessa que devo cumprir, e comigo também todos vós, que tendes as vossas mães próximas da minha. Foi obrigado a dar uma prova do meu poder, a fim de que os que não sabem obedecer, o respeitassem. E estas pedras o demonstram. Porém, isto não foi ainda suficiente. E aquelas mulheres que, neste momento, se acham sobre as margens do lago, pensam que tendo-me eleito como **tuxaua** me podiam reter como escravo das suas vontades, mas todos os que agora me ouvem sabem que eu vim para reformar os usos e costumes dos habitantes de todos os lugares. Quando estivermos sobre as margens do rio Aiari, dir-vos-ei o que devemos fazer. Quem não cumprir as minhas ordens será punido de um modo terrível".

⁹⁵⁹ Planta marantácea (*Ischnosiphon ovatus*) de cujas folhas se tecem também cestos, paneiras etc.

Calou-se. A gente que, nem sequer movia uma pálpebra enquanto ele falava, esperava que ele continuasse. Mas de sua boca não saiu mais uma palavra.

Os de Tunui, quando perceberam que não havia mais necessidade de estarem atentos, deitaram-se sobre a esteira até que a Mãe-do-sono os veio separar do próprio espírito. Quando acordaram ao sopro do vento que murmurava entre as folhas da floresta achavam-se ainda sobre a esteira, na qual adormeceram. Porém, estavam agora na casa de Jurupari sobre as margens do rio Aiari.

"Deveis saber, estamos agora sobre as margens do Aiari - disse-lhes Jurupari - e antes de abandonarmos este lugar onde teremos doravante as nossas reuniões, ensinar-vos-ei o que deveis fazer, para não ser eu obrigado a punir a ninguém. Os homens devem ter o coração forte a fim de resistirem às seduções das mulheres que, muitas vezes, procuram enganar com carícias como aconteceu com os velhos que mandei a este lugar. Se as mulheres da nossa terra são impacientes, curiosas e tagarelas, as de aqui são piores e mais perigosas, porque conhecem parte do nosso segredo. Poucos resistem a elas, porque as suas palavras têm a doçura do mel e todo o seu ser tem seduções irresistíveis que começam por agradar e terminam por vencer. Estas minhas palavras não visam fazer-vos fugir do contato com as mulheres, mas apenas para que possais a elas resistir, e não se apoderem elas do nosso segredo, que somente os homens podem conhecer. Ualrí, embora velho e já curvado pela maturidade dos seus anos com os sentidos já frios, deixou-se seduzir por elas, revelou-lhes parte do nosso segredo, mas pagou com a vida a sua traição. Quem for bastante firme de mente e forte de coração pode enfrentá-las. E agora, entremos em casa, porém quando a noite chegar ao meio do céu, deveis todos encontrar-vos aqui".

Quando entraram na casa de Jurupari, encontraram os quatro velhos quase morrendo de fome. Desde o dia imediato à morte de Ualrí se recolheram lá dentro, dispostos a morrer de fome porque não encontravam uma escusa para desculpar a ausência do companheiro.

Apenas Jurupari os viu, conheceu imediatamente seu

pensamento e lhes disse: "Julgai, então, que a morte possa fazer desaparecer a leviandade que tendes cometido? Não é grande vergonha para um jovem ser vencido por uma mulher? Mas quando os cabelos (brancos) provam que a juventude já vai distante (deixar-se vencer por uma mulher) é vergonhoso e uma leviandade que merece ser castigada. Agora, alguns de vós vão à mata e me tragam folhas de bacaba para que, sem demora, possamos pescar, cumpre salvar estes velhos insensatos".

Trouxeram as folhas de bacaba. Ele as ligou e, tirando do seu **matiri** um pedaço de resina do sapo **cunauaru**⁹⁶⁰ esfregou, com isso, a nova rede. E mandou que com ela fossem pescar no rio.

Quando os pescadores recolhiam para a terra a rede, saltando fora da água, foi entrando pela porta uma grande quantidade de **juki**⁹⁶¹ de sorte que a sala principal deles se encheu. "Preparai a comida para os velhos e depois cada um cuide de si".

Veio a hora da reunião e os de Tunui já se achavam na casa de Jurupari: "Antes de continuar a dizer-vos as leis que devem regular os usos e costumes da gente desta terra - começou Jurupari - desejo contar-vos uma história que nos diz respeito. No princípio do mundo, o Senhor de todas as coisas apareceu sobre a terra e deixou aí um povo tão feliz que passava sua vida inteira somente dançando, comendo e dormindo. Nesse tempo o costume dos habitantes da terra não permitia que alguém dançasse com outra mulher a não ser a própria, sob pena de dever dar-se a morte com as próprias mãos, ou de ser queimado vivo. Logo que alguém nascia, seus pais lhe procuravam um companheiro para evitar que mais tarde se encontrasse sozinho. Ora, aconteceu que nasciam as mulheres em maior número que os homens e o **tuxaua** mandou construir um lugar para recolher as solteiras, à espera de lhes

⁹⁶⁰ Segundo Stradelli, este sapo faz seu ninho em resina de plantas aromáticas. Acrescentamos que é um suposto portador de felicidade (seria *Hylavenulosa* Lur.?).

⁹⁶¹ São pequenas rãs, acrescenta Stradelli.

arranjar um esposo. E, em lugar separado, se recolhiam também os viúvos que aí esperavam a morte, porque se considerava que com a perda da sua companheira, estava encerrada a sua missão. Uma bonita donzela cansada de esperar que, com o tempo, lhe viesse um esposo, resolveu fugir e encontrar a morte na tristeza da floresta, único remédio que lhe sugeria seu infortúnio, pois não sabia que existia outro povo, junto do qual se refugiar. Antes da aurora, saiu do seu povoado seguindo o caminho do sol com o propósito de não mais voltar. Caminhou o dia inteiro e, de tarde, se refugiou numa sapopema⁹⁶² e aí dormiu. Quando a noite ia pela metade ela acordou e ouviu distintamente risos e conversas de gente. Supôs a princípio que isso fosse apenas um sonho e passou as mãos pelos olhos. Se convenceu que estava acordada e, então, se persuadiu também que havia gente e que ela se achava na proximidade de uma **maloca**⁹⁶³.

Ela ouviu a voz infantil de uma menina dizendo: 'Ontem, quando eu estava pescando com **timbó**⁹⁶⁴ no igarapé Dyá-num-ya⁹⁶⁵ veio para perto de mim uma moça que me pareceu muito triste, assim mostravam seus olhos cheios de lágrimas. Eu lhe quis falar, mas ela estava tão triste, que não tive coragem, deixei-a passar respeitando com o meu silêncio a sua dor. Era bela como um **coaraci-uirá**⁹⁶⁶ e veio para esta direção'. 'Fez mal - disseram-lhe outras vozes - logo que aparecer o sol vamos procurá-la. Certamente, ela é da tribo dos Bianacás. Talvez errou o caminho. Se a encontrarmos, indagaremos se ela quer ser a esposa do filho do nosso **tuxaua**. Se ela o recusar, nós a reconduziremos entre os seus'.

Ela ouviu esta conversa e sentiu-se tentada a lançar-se nos

⁹⁶² Planta de raízes largas e chatas, de até 2 metros de altura, como paredes de um compartimento.

⁹⁶³ Ver nota 63.

⁹⁶⁴ Ver nota 115.

⁹⁶⁵ Lit., "Rios das mulheres", em Tukano.

⁹⁶⁶ "Pássaro do sol".

braços dos seus salvadores. Quando o sol começou a tingir de vermelho as raízes do céu (o horizonte), os jovens puseram-se a procurar a pegada da moça e, seguindo-a, foram até a sapopema na qual se refugiara. Quando ela ouviu que se aproximava o rumor dos que a procuravam, fingiu dormir. Eles dela se aproximaram e o jovem filho do **tuxaua**, ao qual se prometera a mão da moça, ficou encantado ante tão bela moça.

Sentou-se ele próximo da adormecida e, avizinhando sua boca da orelha da moça, disse-lhe: 'Linda menina, que faz aqui longe dos seus?'. Ela fingiu acordar nesse momento e, voltando um olhar espantado em derredor, deu um grito e começou a derramar abundantes lágrimas que lhe apagaram o brilho dos olhos. 'Linda menina, que faz aqui longe dos seus?'. 'Procuro a morte', respondeu ela. 'Então, você é tão infeliz para desejar a morte? Quando se tem olhos que brilham como o sol, cabelos negros esplendentes como as estrelas do céu, os lábios suaves como a pele de **es-hauin**⁹⁶⁷, seios intactos perfumados como as flores do umari⁹⁶⁸, quem se assemelha à **yucémicu**⁹⁶⁹ pode ser infeliz?'.

'Contudo - disse a moça - nem sempre a juventude traz consigo a felicidade. Sou uma dessas infelizes, a cujos sofrimentos só a morte pode trazer remédio'.

'Se depender de mim pôr fim aos seus sofrimentos diga-me, porque se se tornar necessário ir até onde acaba o mundo para procurar o seu repouso, eu e estes meus companheiros iremos até lá, se com isto extinguiamos o pranto que derrama e que já me queima o coração. Desposemo-nos e seremos felizes!. Mas se quer voltar para junto dos seus, até lá eu a conduzirei, mas na realidade meu coração ficará lá com você'.

'Belo jovem, visto que se comove diante da minha desventura, eu seria uma pessoa sem coração se recusasse o que

⁹⁶⁷ Pequeno desdentado de pêlo finíssimo, afirma Stradelli, porém, no seu Dicionário (1929), não figura este animal.

⁹⁶⁸ Poraqueiba sericea Tul.

⁹⁶⁹ "Olho d'água" ou "Nascenté".

agora me oferece. Sou toda sua, pode levar-me consigo, pois desde este momento serei sua companheira até que a morte nos separe. Peço-lhe uma única coisa: não indagar o motivo que aqui me trouxe'. 'Prometo-lhe não indagar as razões que aqui a trouxeram, porque você não será a única a sofrer o veneno das novas feridas. Levante-se e vamos à minha **maloca** onde encontrará homens dos quais já é senhora'.

E, quando ultrapassaram as nascentes do Dyá-numya, o rapaz fez parar a moça, pediu que esmagasse as folhas de uma erva que lhe ofereceu e, com ela, esfregasse o corpo inteiro e se imergisse na corrente. Ela fez o que ele lhe disse e, quando saiu do banho estava transformada em jacamim⁹⁷⁰. A moça começou a fazer parte da tribo dos jacamins.

Algumas luas depois, Dinári (é o nome da moça) sentiu nas suas vísceras que estava prestes a ser mãe e o disse ao seu marido. Puseram-se logo a preparar o ninho onde pôr os ovos. Dinári estava feliz porque já imaginava ver ao seu redor seus peludos pintainhos.

Passou-se uma lua, veio uma segunda, entrou a terceira e Dinári já não conseguia manter-se em pé. Ambos compreenderam logo que a **puçanga** não a transformara completamente e, embora mudada em ave, ela trazia no ventre seres humanos. Pediu, então, ao marido que lhe restituísse a forma primitiva para, assim, escapar de uma morte certa e salvar também os filhos que já davam sinal de vida. Conduziu-a o marido até Dyá-numya e executada a mesma **puçanga**, lhe deu a beber e ela tornou-se como era antes. E quando se completaram dez luas, Dinári deu à luz um menino e uma menina. A menina trazia na fronte um amontoado de estrelas, e o menino do rosto até os pés era um serpente de outras tantas estrelas. As duas crianças nada tinham da raça do pai, assemelhavam-se à mãe, tendo, ademais, as estrelas com que nasceram.

Certo dia, ao alcançarem a puerícia, o menino perguntou à própria mãe porque ela gostava dos jacamins que servem apenas para incomodar à noite. 'Antes que vocês nascessem - explicou-lhe

⁹⁷⁰ Ave da família Psófideos, *Psophia crépitans* L.

a mãe - não tinha com quem passar o tempo, dediquei-me a criar estas aves, e agora eu lhes quero bem, como quero bem a você e a sua irmã, peço-lhe que não lhes faça mal algum. São bons companheiros e eu morreria de dor se um dia eles fugissem. Amanhã eu devo ir muito longe daqui, a fim de procurar o alimento para nós e para que vocês não fiquem sozinhos, parte deles deverá ficar fazendo companhia a você e a sua irmã'.

O menino nada mais disse, mas se pôs a preparar dois arcos e flechas, quanto mais numerosas podia preparar para, na ausência da mãe, experimentá-las contra os jacamins.

As duas crianças desde o dia de seu nascimento dormiam sozinhas, fechadas dentro de um quarto, onde ninguém jamais entrara de noite. Nessa noite, Dinári tinha o coração inquieto, girava ao acaso dentro de casa quando lhe veio um desejo irresistível de ver as crianças e penetrou no quarto onde dormiam. Elas dormiam e as estrelas que traziam no corpo brilhavam como as do céu. Ao ver isto, Dinári retirou-se assustada. Tomada de um temor incompreensível, ela chamou o marido para que visse quanto brilhavam aquelas estrelas.

O marido veio, e ambos entraram onde dormiam as crianças. Ficou (o marido) a olhar longamente sem nada dizer e, ao sair, interrogou a Dinári: 'Que significa estas estrelas em nossos filhos?'. 'Não sei!' ' Por acaso não teve você estes filhos de um outro?'. 'Como poderia ter sido infiel a você se nunca nos separamos? Na verdade parece-me que você quer lançar sobre mim o que você deve atribuir à Mãe-das-coisas'.

'Se os teus filhos fossem meus, você teria antes posto os ovos, dos quais sairiam os meus verdadeiros filhos, que seriam semelhantes a mim. Mas saiu tudo ao contrário. E agora, para que eu fique ainda mais duvidoso, eles têm estrelas que brilham como as do céu. Nada mais lhe direi, proponho-lhe apenas isto: que abandone estes meninos e fuja comigo!'. 'Eu abandonar meus filhos? Nunca!' "Você recusa? Pode então ficar. Amanhã não me encontrará mais entre os meus, e sem que você me veja, devo descobrir o que você oculta'.

Dito isto, desapareceu entre as sombras da noite. Quando amanheceu o dia, não se ouviu cantar nenhum jacamim. Apenas ao

lado da estrada os **urutaus**⁹⁷¹ desatavam suas estridentes risadas.

Entretanto, o **tuxaau** dos jacamins, em companhia dos seus, dirigia-se para as margens do Dyá-numya, onde fizeram grande fogo e nele puseram grande quantidade de pequiás⁹⁷² e todos se dispuseram em redor do fogo. Disse, então, o mais velho: 'Por que nos chamou o nosso **tuxaau**?'. 'Estou pronto a vo-los dizer. Penso que minha mulher me tenha traído'. 'E por que supõe isto?'. 'Ela não depôs os ovos como as fêmeas da nossa tribo, e seus filhos trazem sobre o corpo muitas estrelas que brilham como as do céu. Será isto um indício de infelicidade?'. 'Não vê, você, que na sua união com uma raça superior a nossa, a Mãe-das-coisas deve escolher para ser fecundada a semente melhor?'. 'Mas... e as estrelas?'. 'Diga-nos a verdade, não teve você relação com Dinári depois de restituída a sua forma primitiva?'. 'Muitas vezes'. 'E qual posição tomava então a tua mulher?'. 'Com a face voltada para o céu!' 'Agora, tudo se esclarece. Ela sentia mais prazer na sua forma primitiva do que na nossa, e foi numa dessas ocasiões que ela concebeu, tendo ante os olhos as estrelas do céu, que deixaram a sua imagem nas duas crianças, como lembrança de um momento cheio de doçura. E é por isso que a acusas e talvez a queres abandonar? Volta para a tua casa, mostra-te amoroso para com teus filhos e tua esposa, pois nisto consiste a felicidade dos esposos. Não acuses mais tua esposa - prosseguiu o velho jacamim - antes de haver visto com teus olhos algumas irregularidades...'. 'As tuas palavras (razões) são verazes e eu voltarei a minha casa. Agora, porém, quero para fazer uma surpresa, que nos pintemos as costas com as cinzas do pequiá para que não nos reconheçam de primeira vista'. 'Sabe que estamos sempre prontos a acompanhá-lo em todos os seus caprichos, pedimos-lhe, porém, que hoje mesmo regresse à sua casa', finalizou o ancião.

Quando apareceu o dia, Dinári partiu à procura de alimentos e os seus filhos a viram sumir na sinuosidade do caminho comum. 'Minha irmã, vamos experimentar as nossas flechas sobre

⁹⁷¹ Aves noturnas da família *Nictibídeos*, semelhantes a *bacuraus*.

⁹⁷² Frutos do *Caryocar brasiliensis* Camb.

os jacamins!'. 'Vamos!' E fizeram um orifício na parede e, por ele, começaram a flechar os jacamins, com tal pontaria que nenhuma flecha faltou à sua meta. E quando caiu o último dos que ficaram naquele local, as crianças saíram da casa para verificarem o que haviam feito e levaram para a próxima mata os restos dos pobres jacamins que tanto os incomodavam de noite com seu canto.

Terminada esta façanha, já iam retirar-se para casa quando ouviram um rumor dos outros que chegavam e, imediatamente, as crianças puseram-se de tocaia. Notaram que estas aves tinham o dorso cinzento e, portanto, não eram iguais aos que eles haviam matado. Não obstante, fizeram sobre eles pontaria tão acertada que poucos momentos depois caía morto o último deles. Da mortandade escaparam apenas algumas fêmeas que estavam chocando. E assim morreu o **tuxaua** dos jacamins, morto pelos seus próprios filhos.

Se Dinári não tivesse tido vergonha de revelar aos seus filhos a origem deles, não teria sucedido aquela mortandade que a gente recorda ainda hoje, mas as crianças ignoravam os laços existentes entre sua mãe e os desgraçados jacamins.

Quando Dinári regressou, observou sangue por toda parte e, pensando que seu marido tivesse matado os próprios filhos, correu para dentro de casa e, encontrando-os jogando tranqüilamente, perguntou-lhes: 'Que aconteceu hoje aqui que vejo sangue por toda parte?'. 'Muitas coisas, mamãe, um bando de jacamins de dorso esbranquiçado veio aqui para fazer mal a mim e a minha irmã, e nós com nossas flechas matamos todos!'. 'Onde estão os corpos dos jacamins?'. 'Nós os amontoamos aos pés do ucuqui⁹⁷³, sobre a estrada!'

Dinári correu imediatamente onde crescia o ucuqui e ficou assustada ante o número das mortes causadas pelas suas duas crianças e, no meio dos mortos, reconheceu também o seu marido. Quase louca, atirou-se sobre o cadáver do seu marido, exclamando: 'Ai, muito duramente foi punida a sua imprudência! Você mudou o colorido do dorso para que os seus próprios filhos o matassem!

⁹⁷³ Ver nota 391.

Eu daria todo o meu coração para não vê-lo morto! Eu desejaria poder apresentá-lo aos meus filhos e informá-los do vínculo que nos unia! Agora tudo está findo!'.⁹⁷⁴

Ela não quis continuar naquela terra onde fora tão feliz e agora tão desgraçada. E quando o **uru-mutum**⁹⁷⁴ anunciava a alvorada, Dinári e seus filhos se encaminhavam para o Oriente.

Caminharam o dia inteiro e, quando o dia tristonhamente escurecia, chegaram ao cume de uma montanha donde se avistava a **maloca** dos Bianacás. Dinári reconheceu a sua habitação. Sentou-se, então, sobre uma pedra e chamou junto a si os seus filhos, abraçou-os e desatou a chorar. As crianças viram sua mãe em pranto, sem saberem as razões. Perguntou-lhe, então, o menino: 'Mamãe, por que estás chorando? A senhora está com sede? Está com fome? Diga-me o que devo fazer para que a senhora não chore! Se, para isto, eu devesse revolver esta montanha com a base para o céu, eu o farei!'.⁹⁷⁴

'Não sinto fome nem sede. Sofro porque amanhã deveremos viver sujeitos aos rigorosos costumes do povo desta **maloca** e seremos forçados a nos separar. Eu deverei ir para a casa dos inúteis, tu viverás na casa dos solteiros e tua irmã na casa das donzelas, donde, cada um de vocês dois não espere sair antes de encontrar casamento, e a mim cabe apenas esperar a morte'. 'E quem consentirá numa tal separação?'. 'Eu, absolutamente não! Eu afirmarei com absoluta certeza, se fosse necessário revirar esta montanha com as bases para cima, eu o farei, porque o posso fazer. E, para que a senhora não duvide das minhas palavras, veja isto com os seus olhos!'. O filho de Dinári tomou uma pedra da altura de três homens e a lançou sobre o povoado indígena, e a grande pedra foi cair quase em cima da casa das donzelas, com tal rumor que a terra inteira tremeu.

Os habitantes da **maloca** foram para fora, procurando a causa de tão grande rumor. Ninguém podia capacitar-se do que acontecera quando viram sobre a montanha dois grupos de brilhantes estrelas que avançavam na direção deles.

⁹⁷⁴ Ver nota 552.

O **tuxaua** foi o primeiro que notou esta novidade e disse: 'Querem ver que a causa foram aquelas estrelas caídas do céu! Realmente só um caso assim poderia fazer tremer a terra e, caindo, produzir um tremor tão assustador! Vamos recebê-las porque é boa a ocasião para obter para nós a beleza das mulheres⁹⁷⁵. Se elas não têm intenções malévolas com os filhos da terra, podemos esperar obter remédios de que as nossas mulheres muito se alegraram. Mas, ou os meus olhos me enganam ou elas estão vindo nesta direção. Quem sabe se vêm da parte do sol e trazendo-nos ordens de O'ã-maxkõ⁹⁷⁶. Sabê-lo-emos em breve. Mas em todo caso, armemo-nos, pode também ser que tenham vindo do céu exclusivamente para combater-nos'. 'Quem ousaria - gritou o **tuxaua** - vir atacar os Bianacás, sabendo que nós seremos sempre vencedores?'

Quando Dinári chegou perto de sua antiga morada assentou-se precisamente sobre aquela pedra que seu filho pouco antes havia projetado da montanha, e da qual aflorava da terra uma pequena parte da altura de dois palmos.

Os Bianacás foram ao encontro dos recém-chegados formando um grande círculo ao redor deles. Ninguém deles reconheceu a Dinári. 'Filhos do céu - disse o **tuxaua** - que querem de mim?'. 'Um abrigo para minha mãe e minha irmã, para vivermos em paz na sua terra'.

Ficaram pasmos todos diante daquele menino de aspecto tão diferente e que falava com tão franqueza. As suas estrelas brilhavam tanto que faziam tremer os olhos dos que o fixavam, e muitos mantinham as mãos diante dos olhos a fim de não ficarem ofuscados.

'Visto que pede apenas um abrigo para você e sua família - disse o **tuxaua** - já o tem, pode acomodar-se nesta casa, e amanhã porei as coisas em seu lugar'. 'Bem - disse o menino - agradam-me

⁹⁷⁵ De acordo com Stradelli, as manchas hepáticas são consideradas traços de beleza das mulheres e supostas gotas de sangue das estrelas caídas sobre a terra.

⁹⁷⁶ Ver nota 12.

as tuas palavras. Eu e minha família, nascidos e criados entre os jacamins, temos usos e costumes diferentes dos daqui, visto que gosta que cada coisa conserve seu lugar, sei que eu e os meus viveremos aqui juntos, segundo nossos usos e costumes. E para mostrar que tenho poder como você, vou repor no mesmo lugar esta pedra que aqui lancei para avisá-lo da minha chegada!'. E tomou a pedra com uma só mão, arrancou-a do seio da terra e lançou-a sobre a montanha onde foi cair renovando o rumor ouvido pouco antes. Viram então os habitantes quanto era grande a pedra e ficaram tão assustados que a maior parte sentiu dobrar seus joelhos: um menino, de apenas três pés de altura, lançar à distância de dois gritos (quase um quilômetro) um rochedo como aquele que, todos eles juntos, seriam incapazes de mover, era um fato nunca visto desde que nascera o mundo.

Dinári e seus filhos entraram na casa e os Bianacás se retiraram assustados. 'Mamãe, amanhã cedo irei à casa do **tuxaua** e, naturalmente, ele me perguntará qual o meu nome. A senhora ainda não me deu um nome, mas eu já o escolhi: eu me chamo Pĩrõ⁹⁷⁷ e minha irmã Mẽẽ-spuĩ⁹⁷⁸.

Os habitantes da **maloca** se retiraram para uma reunião na casa do **tuxaua** e assim saberem o que ele pensava dessa nova gente "filha do céu". Diziam alguns que estava bem permitir-lhes que ficassem entre eles, pois em caso contrário aquele menino poderia irritar-se e destruir aquela **maloca**, lançando sobre ela rochas como a que ele tornou a projetar sobre a montanha. Outros concordavam que fossem tratados bem, a fim de não excitar as iras do menino, diversamente teriam de suportar os efeitos do mal que causassem aos recém-chegados. As mulheres esperavam que aquele menino fizesse alguma coisa em benefício delas e deram também elas a própria opinião. Para elas, aquele menino que causara tanto pavor a todos, devia ter um bom coração e jamais lhe faria mal algum. 'Que ninguém o inquietasse, porque não há pessoa no mundo que, tendo sido ofendida não procure vingar-se'. Elas não

⁹⁷⁷ "Cobra", em Tukano.

⁹⁷⁸ "Fogo das estrelas", nas línguas Tariana e Kobewa.

tinham medo algum daquele menino que, talvez, estivesse ainda mamando leite. 'Também eu penso assim - disse o **tuxaua** - Acolherei a quem quer que queira viver à minha sombra e seria feio que eu expulsasse quem quisesse viver na minha **maloca**. Quanto aos temores que nutris, é fácil evitar que o menino faça algum mal: ninguém o ofenda, e viveremos sempre como bons amigos'.

Já estava o sol à altura da junta de um dedo, quando Pĩrõ foi à casa do **tuxaua**, o qual veio pessoalmente recebê-lo. 'Como passou a noite na sua casa?'. 'Perfeitamente! Fiquei, no entanto, pensando e penso ainda porque você julgou necessário tirar as pessoas da casa que me cedeu? Isso faz pensar que eu e minha família não possamos unir-nos em amizade com a gente daqui. Venho por isso pedir, se tenho algum mérito diante de você, que faça vir para essa casa seus antigos habitantes, a fim de que possamos unir-nos a eles em amizade. Pode crer, nós somos gente boa e encontrará, em nós, pessoas que saberão obedecer às suas ordens como verdadeiros da terra dos jacamins'. E o dizer de Pĩrõ obteve tal efeito que o **tuxaua** atendeu imediatamente a seu pedido e mandou 17 donzelas para fazer companhia a Dinári e sua filha.

Pĩrõ, que obtivera sem dificuldade a realização de um dos seus planos, esfregou as mãos de alegria. E depois daquela primeira visita ao **tuxaua**, ficou sendo considerado como uma pessoa de bem, e tudo que lhe saía da boca era executado sem hesitação.

E as leis do país foram pouco a pouco perdendo todo o seu rigor, e já era tolerado que os viúvos casassem quantas vezes quisessem, e uma parte do dia já era consagrada ao trabalho. Chegaram até o ponto em que os antigos costumes daquela terra mudaram de aspecto.

Pĩrõ e Mẽẽ-spuĩ cresciam a olhos vistos e, em 18 meses alcançaram todo o seu desenvolvimento. Pĩrõ, que era um belo jovem, mais que ninguém julgava capaz de ofender o pudor das donzelas que habitavam na mesma casa, violou a lei dos Bianacás, unindo-se não só com as virgens que estavam sob sua guarda, mas com todas as viúvas, sem lhe escapar uma sequer, e todas ficaram fecundadas.

O **tuxaua** soube da infração cometida por Pĩrõ e, num primeiro momento, envergonhou-se. Mais tarde, porém, acalmou-se pensando: 'Na realidade, quando os filhos de Pĩrõ chegarem a ser homens, toda a população dos jacamins não será capaz de vencer-nos, e os Bianacás serão os primeiros em valentia'.

Se foi razoável ou não a condescendência do **tuxaua** não se sabe. O certo é que, de ali em diante, Pĩrõ teve seus imitadores.

Mẽẽ-spuĩ, chegada à idade da puberdade, começou a sentir desejos que ela não compreendia e, sentindo-se muito incomodada, manifestou-o a sua mãe: 'Mamãe, sinto um mal que, em mim, provoca um desejo que não sei explicar'. 'Que sente?'. 'Quando o mal começa é um prurido, o mal-estar que me dá e não dá dor, e esta dor que não dói corre-me pelo corpo inteiro, com uma vontade de me morder toda. Depois sinto-me desmaiar e choro. Quando durmo vejo junto da minha rede jovens bonitos que ora me querem beijar, ora me querem abraçar e não sei esquivar-me'. 'Já compreendi o mal que você sente, e hoje mesmo dar-lhe-ei um remédio para seu mal-estar' - disse-lhe a mãe.

Quando Pĩrõ chegou, pediu-lhe sua mãe que fosse até a mata e procurasse as raízes de **muirá-puama**⁹⁷⁹. 'Qual é a doença dela?'. 'Ela tem necessidade de um marido, e não havendo este, vou tratá-la com **muirá-puama** que tem a propriedade de diminuir tais impulsos'. 'Se mamãe me confiasse o tratamento de Mẽẽ-spuĩ eu iria fazer com ela um giro ao longo do rio até que seu mal desapareça'. 'Sempre eu atendi ao meu filho como a um homem amadurecido. Pode fazer o que julgar bem em vantagem da sua irmã!'. 'Visto que me dá plena liberdade de fazer o que eu julgo conveniente, partiremos amanhã. Ficará aqui até o nosso regresso. Mas não se aflija se eu não voltar logo. Será quando a minha irmã houver sarado'. Pĩrõ e Mẽẽ-spuĩ partiram seguindo ao longo da margem das águas.

Dinári, que era a imagem da tristeza desde que lhe morrera o marido, se tornara ainda mais triste depois que se

⁹⁷⁹ Stradelli informa que é um arbusto cujas raízes se raspam e têm virtude afrodisíaca.

ausentaram seus filhos. Chorava qual desvairada, sem encontrar nada que a consolasse. As amantes de Pĩrõ contavam-lhe histórias amenas, às quais ela nem sequer prestava atenção. Fugia da presença de todos. Certo dia fugiu da **maloca** sem que ninguém soubesse a direção que tomara. Os Bianacás puseram-se à sua procura. Porém, tudo foi inútil, não mais a puderam encontrar. Dinári partira à procura dos filhos e, quando sobreveio a tarde, subiu sobre uma grande rocha, onde o sol a deixou. Mas quando o sol retornou, ela lá não se achava mais. A Mãe-dos-peixes a conduziu à profundidade do rio, e ninguém o sabia.

Pĩrõ, para garantir a virgindade de sua irmã, conduziu-a até a Serra das Pedras Brancas. E lá, para alcançar as portas do céu, fez um gancho e, por ele, subiram ao país das estrelas. E lá deixou Mẽẽ-spuĩ, que outros chamam de Seucy. Esta é a primeira história das loucuras humanas desde que começou o mundo. Dir-vos-ei agora como se povoou a terra. Esta história é a mais próxima de nós e nos diz respeito.

Pĩrõ retornou à **maloca**, da qual se ausentara por mais de uma lua, não mais encontrou sua mãe e ninguém soube dizer para onde fora. Percorreu ele todos os montes e vales dos arredores, foi também até a terra dos jacamins, sem encontrar pessoa alguma que lhe informasse haver passado por lá um ser humano. E procurando, porém sem encontrar, consumiu toda uma lua.

Enquanto andava nessa pesquisa, nasceram os seus filhos entre os quais uma menina, que trazia na fronte uma bela estrela.

Todas as pesquisas de Pĩrõ foram inúteis. Dirigiu-se, então, à casa de **tuxaua** e, assim lhe falou: 'É do teu bom coração que depende o resultado que estou para tentar. Completa-se hoje uma lua que ando à procura da minha mãe. Há muito tempo ela desapareceu deste povoado, e como é o **tuxaua** desta terra, tem também uma parte de responsabilidade. Mas não estou o acusando, quero apenas que me ajude a procurá-la cedendo-me parte de sua gente. Procure que amanhã, sem falta, estejam aqui e eu lhes indicarei a direção a seguir'.

Respondeu-lhe então o **tuxaua**: 'Amanhã ao alvorecer terá as pessoas que lhe ocorrem, e você fará o que deseje. Mas, pode crer em minha palavra de **tuxaua**, não sei onde está sua mãe'. Pĩrõ

retrucou: 'Você e os seus são inocentes, bem o sei eu, mas sendo você o senhor desta terra, tem também sua parte de responsabilidade'.

Naquela noite, Pĩrõ fecundou mais uma vez todas as suas mulheres, aumentadas ainda de algumas solteiras. E quando as primeiras alegrias (albores) do dia vinham aparecendo nas raízes do céu, Pĩrõ se achava na presença do **tuxaua** e desenhava na terra uma figura assim⁹⁸⁰. E disso dava a explicação seguinte: 'Nós estamos no meio da terra, como nos ensina o sol quando está no meio do céu, esconde a sombra do nosso corpo. Na direção de cada uma destas linhas o número de uma mão (isto é, cinco) de casais (a saber, 5 casais) os quais só voltarão atrás quando tiverem encontrado a minha mãe. Ou quando atingirem as raízes do céu. Tomo para mim estes três espaços sem linhas que eu percorrerei até encontrar a todos vós para voltarmos juntos. Digo-vos em verdade, aqueles que voltarem sem fazer aquilo que eu disse, eu os esmagarei contra as pedras da montanha'.

Naquele dia, cada um deles, cheio de tristeza, seguiu o caminho que lhe fora indicado. E também Pĩrõ, tomando nos braços a sua bela filha, seguiu por um dos espaços que deixara em branco, reservando-o para si. E assim ele abandonou as suas mulheres que choravam muito e lhe tinham ido atrás tentando dissuadi-lo do seu intento. Porém sem o conseguirem. O seu amor de filho foi maior do que seu amor por elas.

Passou-se um ano, dois, dez, muitos, sem se obter notícias daqueles que partiram. Nem de Pĩrõ. E durante este tempo morreu o **tuxaua** dos Bianacás, deixando em seu lugar um filho de Pĩrõ, que se chamava Dyá-ta-numyó⁹⁸¹.

Esse novo **tuxaua** resolveu mandar nova expedição em

⁹⁸⁰ (Desenhando) um círculo no qual estavam traçados quatro diâmetros formando entre si um ângulo de 45 graus, acrescenta numa nota Stradelli.

⁹⁸¹ "Pato mudo", em Tukano. Tal tradução de Stradelli não é, porém, verossímil, houve um grave erro tipográfico: em vez de **dyá-ta** deve-se ler **dyakaxtá** que, em Tukano, significa "pato-d'água" ou "pato do rio". E note-se que **numyó** significa "mulher" ou "fêmea".

procura da primeira. E desta também não se teve mais notícias. E isto provocou a desistência. Porém, Pĩrõ era o amor das mulheres, e estas organizaram novas expedições compostas exclusivamente de mulheres, na qual tomaram parte todas as solteiras da região.

Partiram com as primeiras luzes do dia, porém não saíram tristes como todas as expedições precedentes, ao invés, entre gritos e cantos que se ouviam à distância.

A Dyá-ta-numyó sucederam-se outros **tuxauas**, mas todos eles ignoravam que aquelas caravanas se haviam transformado em populosas **malocas**.

Pĩrõ, depois que partira daquela terra, fora diretamente ao país das estrelas e lá deixou sua bela filha à qual dera o nome de Jaci-tatá.

E quando regressou à terra, percorreu o mundo inteiro encontrando por toda parte onde passava aquela gente que ele enviara à procura da sua mãe, Dinári. Essa gente se transformara em centros populosos. E ele deixou filhos por toda parte, mas ninguém reconheceu nele o forte Pĩrõ, filho da terra dos jacamins.

Foi nesse tempo que apareceu na terra o primeiro pajé e foi na **maloca** do Cudiácuri⁹⁸². Logo que Pĩrõ soube que existia tal homem que via todas as coisas através da própria imaginação, encaminhou-se para lá. E quando o encontrou assim lhe falou: 'Filho das nuvens, venho indagar-te onde está a minha mãe que há muito tempo se perdeu na terra dos Bianacás'. 'Eu lhe direi - disse o pajé - mas é necessário saber o seu nome, para invocar a sua sombra'. 'Ela se chamava Dinári'.

E imediatamente o pajé depôs na terra o seu **matiri**, dele tirou o cigarro de **tauari** e o coquinho de **carajuru-da-lua**. Gesticulava, gritava, cantava, soltando sempre densas nuvens de fumaça. Subitamente soltou grande risada⁹⁸³ e disse: 'A ti não falta senão o saber adivinhar; tu és leve como um pássaro do ar, forte como os raios do céu. Eu te ensinarei o que te falta e tu me ajudarás a ensinar aos fortes de coração o segredo do pajé'. 'Estou

⁹⁸² Não seria o Cuduiari, afluente do rio Uaupés? (N. do R.).

⁹⁸³ As risadas fazem parte do ritual dos pajés.

pronto a isso, porém antes, quero saber que fim teve a minha mãe!'. 'Sabê-lo-ás já. Oh! Como é bela a tua mãe! Mas está longe daqui transformada em peixe!'. 'A qual parte da terra se acha ela?' 'Do lado do poente acima de uma montanha, num lugar bem próximo do céu, onde a conduziu a Mãe-dos-peixes e a transformou em **pirarara**⁹⁸⁴'.

'Posso tirá-la de lá?'. 'Podê-lo-ás, mas é necessário que aprenda comigo o segredo do pajé, fumes do meu tabaco, aspire do meu pó⁹⁸⁵ para as narinas, jejues uma lua inteira e, então, obterás tudo'.

'Disse-lhe que estou pronto a obedecer em tudo, porque quero que me indique os meios como reaver a minha mãe!'.

Na realidade, todos os pajés que hoje existem - continuou Jurupari - foram alunos de Pĩrõ que foi o segundo pajé do mundo. No último dia que esteve sobre a terra foi o dia em que fecundou todas as vossas mães, de quem também eu descí e no qual libertou sua mãe e a conduziu ao céu onde vivem todos. E agora que conheceis a nossa história, peço a todos que me ajudem de boa vontade a modificar os usos e costumes dos habitantes da terra, conforme a nossa lei".

Depois que surgiu o dia, Jurupari foi com os seus até onde estava a paxiúba nascida de Ualrí e, à sua sombra, contou a história triste de sua origem: "Não quero que pessoa alguma saiba que estamos aqui, convém por isso derrubar este osso de Ualrí sem rumor. Quem de vocês subirá lá em cima a fim de lhe talhar as folhas?". Ninguém respondeu, e vendo que tinham medo, Jurupari tirou do seu **matiri** uma panelinha, pôs um pedaço de **xicantá** e depois a colocou sobre o fogo. Imediatamente, à primeira fervura, saíram da panela papagaios, **araras**, periquitos e outros pássaros roedores que foram pousar sobre as folhas da palmeira e as cortaram em um instante. E os do séquito de Jurupari, que haviam parado na margem do rio a fim de tomar água, notaram que de todas as folhas que caíam dentro da água nasciam peixes com

⁹⁸⁴ Ver nota 654.

⁹⁸⁵ Trata-se, provavelmente, do alucinógeno *Virola* sp. (N. do R.).

dentes muito agudos, cujas natatórias eram semelhantes às aquelas folhas⁹⁸⁶.

"O primeiro trabalho está feito. Agora pescai para mim, no igarapé, um peixe grande de grandes dentes, para que eu possa abater aquele osso". Foram pescar e trouxeram uma traíra. Jurupari tirou-lhe a maxila e, com ela, serrou a paxiúba que caiu no chão, mas tão lentamente que parecia o vôo dos pássaros.

Jurupari fez as medidas e talhou os instrumentos e, quando deles teve o número desejado, jogou no rio o resto da palmeira que as águas engoliram. "Companheiros levem estes instrumentos para a casa, porque desta vez virão não só os que foram da morte de Ualrí, mas também as sombras das cinzas de Ualrí que querem apoderar-se dos nossos instrumentos". O que disse Jurupari se fez com a rapidez de uma flecha.

Quando Jurupari chegou a casa, lançou na água um grão de sal de **caruru**⁹⁸⁷ extraído do seu **matiri**. Imediatamente trovões, chuvas e raios abateram-se sobre a terra. E assim Jurupari livrou-se de dever combater contra as sombras das cinzas de Ualrí.

Naquela mesma noite ele transportou, debaixo de uma horrenda tempestade, a casa de Jurupari para as margens do rio Cayari (rio Uaupés) próximo da cabeceira conhecida por Nusque-Busca⁹⁸⁸ e que hoje chama-se Jurupari-cachoeira⁹⁸⁹.

Pela manhã, os de Tunui levantaram-se tarde porque pensavam que o rumor das cascatas fosse o prolongamento da tempestade (da noite). Jurupari lhes falou: "Companheiros, já nos achamos muito longe das cinzas de Ualrí e das mulheres que sabem enganar os homens. Isto, porém, não quer dizer que estamos livres das seduições. Estamos próximos de outra terra, na qual as mulheres são também bonitas e não são inferiores em

⁹⁸⁶ Trata-se do peixe traíra (tariira ou taraíra) da família Caracídeos, subfamília Eritrinídeos.

⁹⁸⁷ Ver nota 531.

⁹⁸⁸ "Casa do peixe", em língua Karapanã, segundo Stradelli.

⁹⁸⁹ Que, desde as demarcações da fronteira, passou a pertencer à Colômbia.

astúcias e curiosidades. Dir-vos-ei agora as últimas coisas sobre a Lei. Antes, porém, devo revelar-vos o nome de cada instrumento e o porque se chamam. Sentai-vos ao redor de mim e ouvi-me:

1) Este é o instrumento chefe, tem a minha altura e se chama **Ualrí**, cuja história todos conheceis.

2) Este, que tem o comprimento da minha perna, chama-se **Yasm-ce-rene**⁹⁹⁰ porque é o único animal que se assemelha ao homem no valor e à mulher nos enganos.

3) Este, da largura do meu peito, chama-se **Bêdêlo**⁹⁹¹, cuja origem foi a curiosidade.

4) Este, do comprimento do meu braço, chama-se **Tintabri**⁹⁹². Este pássaro nasceu (originou-se) de uma mulher muito bonita, mas embora muito bonita, pintava-se com **urucu** para ver se assim excedia as outras em beleza, e por isso, o **tuxaua** dos **cujubis**⁹⁹³ a mudou em **euripígia**.

5) Este, do comprimento a minha coxa, chama-se **Mocino**⁹⁹⁴ e representa a sombra de um homem-mulher que, não querendo amar ninguém, viveu sempre escondido cantando só à noite e foi transformado em grilo pela Mãe-da-noite.

6) Este, com duas braças de comprimento, chama-se **Arandi**⁹⁹⁵ e representa uma mulher bonita porém, sem atrativos nem gosto pelos homens, e por isso foi transformada em **arara** pelo pai dos jabutis⁹⁹⁶.

⁹⁹⁰ "Onça" (*Felis onça*) em Tariana.

⁹⁹¹ "Pato mudo", em Kobewa.

⁹⁹² "**Euripígia**" em Uaupés, acrescenta Stradelli. Porém não se conhece nenhuma língua Uaupés. Em grego *Eurípige* significa "nádegas largas". Tratar-se-ia da ave *Eurypygia helias*, da ordem dos Gruiformes?

⁹⁹³ Nome da ave da família Cracídeos, *Pipile pipile cuyubi* Pelz.

⁹⁹⁴ "Grilo" em Arapaço. Ver nota 212.

⁹⁹⁵ "Arara", em Pira-tapuya.

⁹⁹⁶ Ver nota 240.

7) Este, de dois pés de comprimento, chama-se **Darmal**⁹⁹⁷ e representa uma menina que, durante a sua curta existência, alimentava-se exclusivamente de frutas silvestres e foi transformada depois da morte em rola pelo próprio pai que era pajé.

8) Este, da largura de três das minhas mãos, chama-se **Pĩrõ**⁹⁹⁸ e representa o pajé, porque foi este pássaro que lhe deu a pedra em que ele aprende a ver todas as coisas através da sua imaginação com o tabaco e o **carajuru**.

9) Este, do comprimento do meu tornozelo, chama-se **Dinári**⁹⁹⁹, e todos vós já conheceis a sua história.

10) Este, que vai do meu joelho à minha cabeça, chama-se **Tity**¹⁰⁰⁰ e representa o ladrão, e é a imagem de uma velha que vivia apenas das coisas alheias e foi transformada em paca pelo **acutipuru**¹⁰⁰¹.

11) Este, que tem o comprimento de duas mãos, chama-se **Ilapay**¹⁰⁰².

12) Este outro do comprimento de minha espinha dorsal chama-se **Mingo**¹⁰⁰³, de ambos sabeis a origem.

13) Este, que vai do meu joelho ao queixo, chama-se **Peripinacuári**¹⁰⁰⁴. Representa um belo jovem cobiçado por todas as mulheres porém, não se entregou a nenhuma. Irritadas por isso,

⁹⁹⁷ "Pomba-rola".

⁹⁹⁸ "Águia", em dialeto Jurupixuna.

⁹⁹⁹ "Pássaro preto", em Uinambi-tapuya.

¹⁰⁰⁰ "Paca", em Baniwa.

¹⁰⁰¹ Ver nota 374.

¹⁰⁰² "Jacamim".

¹⁰⁰³ "Terchyra", em Kubewana.

¹⁰⁰⁴ O pássaro cantor tem-tem da família *Tripidaeos*, do gênero *Tanagra*, mais comumente denominado em nossos dias "rouxinol do rio Negro" pelo agradável e variável do seu canto e de cor preta com manchas amarelas no dorso.

depois de o haverem encantado¹⁰⁰⁵, o lançaram por uma cascata abaixo.

14) Este, que mede a metade do meu corpo, chama-se **Buá**¹⁰⁰⁶ e representa aquela velha medrosa, a qual receando que a cada momento o céu se precipitasse sobre a terra, nunca plantou uma semente sequer, vivendo apenas do que os outros plantaram e, por isso, foi transformada em cutia pelo macaco da noite¹⁰⁰⁷.

15) Este último, que vai dos ombros ao umbigo, chama-se **Canaroarro**¹⁰⁰⁸ e representa aquele velho que tendo, em sonho, visto a fome comendo terra, trabalhava dia e noite amontoando provisões dentro de sua casa, a fim de ter o que comer quando chegasse a fome. E foi transformado em formiga saúva pelo tatu¹⁰⁰⁹ para que fosse comido¹⁰¹⁰.

E agora que conheceis os nomes de todos estes instrumentos passo a dar a cada um deles a voz (o som) que deve ter". **Jurupari** extraiu do seu **matiri** um pouco de cera que passou sobre a boca de cada instrumento e, depois de ter feito assim ao último deles, mandou que os transportassem fora da sala, colocando-os de pé e ordenando que ninguém os soasse até o momento da festa. Feito isto, chamou novamente todos eles diante de si e, quando todos estavam presentes, falou-lhes assim:

" 1) É proibido ao **tuxaua** de uma tribo, casado com uma mulher estéril, continuar a viver sozinho com ela, sem tomar uma segunda ou mais mulheres, conforme o caso, até obter sucessores. Aquele que, com isto, não se conformar, será substituído pelo mais forte entre os guerreiros da tribo.

¹⁰⁰⁵ Isto é, transformado em pássaro por malefício.

¹⁰⁰⁶ "Cutia", em Kubewana.

¹⁰⁰⁷ Ver nota 704.

¹⁰⁰⁸ "Saúva", em Manau. Ver nota 243.

¹⁰⁰⁹ Ver nota 394.

¹⁰¹⁰ Os indígenas das diversas tribos do Uaupés as comem saúvas assadas ou mesmo cruas.

2) Ninguém procure seduzir a mulher de outro, sob pena de morte, tanto para o homem quanto para a mulher.

3) Nenhuma donzela chegando ao tempo de ser violada pela lua¹⁰¹¹ conserve inteiro os seus cabelos¹⁰¹² sob pena de não casar-se antes dos seus cabelos brancos.

4) Quando a mulher dar à luz, seu marido deverá jejuar pelo espaço de uma lua, a fim de que o filho possa adquirir a força que o pai vai perder. Durante esse jejum o marido só pode comer saúva, caranguejo, **belju** e pimenta.

Isto era o que devia eu dizer ainda sobre os costumes que devem regular a família. Que cada um o faça conhecer na própria casa. Agora, quando ouvirem o sinal, terá início a nossa festa, preparai para isto a casa e preparai as nossas bebidas, que já está chegando a hora". Dadas estas ordens, Jurupari desapareceu do meio dos seus companheiros.

Os jovens que desejavam ver iniciada a festa de Jurupari puseram-se imediatamente a preparar a casa, mostrando em seus rostos a alegria do coração. Os velhos, ao invés, continuavam frios e tristes, sem que tais preparativos tivessem o poder de tranquilizá-los.

Quando apareceu o sol daquele dia, os instrumentos, sem que ninguém os tocasse, começaram a soar a mesma música festiva que somente os Nunuibas haviam ouvido quando conduziram Ualrí ao suplício.

Nesse momento, entrou Jurupari e disse-lhes: "Meus irmãos e companheiros chegou a hora da festa. Temos três dias e três noites para aprender a música e o canto de Jurupari. Que os mais velhos tomem os instrumentos e vamos formar uma grande roda". E tomou o instrumento principal¹⁰¹³, pôs-se no meio da

¹⁰¹¹ Isto é, a puberdade, quando se submeterá ao rito da iniciação pubertária, a qual inclui o seu defloramento pela Lua, ou seja, pelo xamã que executa o rito (ver Brüzzi 1977:385-391).

¹⁰¹² Os cabelos de uma donzela no momento da primeira menstruação devem ser cortados.

¹⁰¹³ O primeiro de nome **Ualrí**.

sala, e imediatamente ouviram-se ecoar sons bens longínquos. Ouviram-se, então, as vozes de onça e das serpentes. E os peixes subiram à flor da água para ouvir a música de Jurupari.

Quando a noite chegou ao seu meio, Jurupari deixou de tocar e ordenou que os outros (participantes da festa) continuassem. E naquele mesmo momento ouviram os gritos dos animais (da mata) que estavam ao redor da casa. Jurupari disse: "Até os animais vieram ouvir a nossa música".

Beberam **caxiri** e **caapi** e recomeçou a música com os novos músicos e no meio da festa ouviu-se também o estalar do **adabi**¹⁰¹⁴.

Quando o sol enrubecia as raízes do céu, Jurupari tornou a depor o instrumento para que pudessem entrar novos tocadores.

Ouviram-se, então, muitas risadas nas vizinhanças da casa. Jurupari correu à porta e viu grande número de pessoas que se aproximavam. "Companheiros - disse Jurupari - escondi os nossos instrumentos porque estão chegando os habitantes desta terra". E os instrumentos foram escondidos num cubículo, construído para isto, e sua porta obturada com pedras.

Quando chegou à porta o **tuxaua** dos que vinham, Jurupari foi pessoalmente recebê-lo. E logo o reconheceu porque trazia a pedra-do-mando. "Ouvi a tua música desde a minha **maloca** e apressei-me a vir dançar contigo, embora não convidado. Desejo conhecer-te e saber de qual terra estás vindo e que desejas da minha".

Respondeu-lhe Jurupari: "Eu sou o **tuxaua** dos habitantes de Tunui, e a minha terra é aquela próxima do sol. Eu devo mudar os costumes de todos os habitantes do mundo, e aqui vim deixar-vos as Leis a que todos devem obedecer". "Faz-me conhecer as tuas leis e, se forem boas, eu lhes obedecerei!".

Enquanto os dois **tuxauas** conversavam, as mulheres entraram em casa e curiosamente observavam por toda parte, inclusive no dormitório e perguntavam: "Donde sois vós?". "Somos de Tunui". "Certamente viestes à procura de mulheres com quem

¹⁰¹⁴ Termo Nheengatu que designa o açoite, segundo Stradelli. Ver nota 388.

casar. Nós somos solteiras e seria de grande prazer para nós que vós outros quisessem casar conosco. É muito distante a terra donde viestes?". "Sim, muito distante". "Se casardes conosco nós iremos viver lá¹⁰¹⁵. Vamos dançar?". "Nós estamos cansados". "Então, tocai os vossos instrumentos para nos distrair". "Não podemos porque temos necessidade de repouso".

Enquanto falavam, as mulheres os provocavam por todos os modos. Porém, os de Tunui permaneciam frios diante daqueles belos corpos não cobertos por véu algum¹⁰¹⁶. Só o poder da nova Lei os podia fazer tão frios.

Quando sobreveio a tarde, as visitantes se retiraram, porém levando consigo o coração daqueles jovens que as haviam rejeitado para obedecer à Lei de Jurupari. E Jurupari lhes disse: "Visto que as nossas festas foram interrompidas pelo **tuxaua** Arianda e os da sua tribo, ficam elas adiadas para mais tarde, e nessa ocasião também eles poderão participar dessas festas. Já lhes prometi que amanhã os visitarei em companhia de todos vós, e antes que retorne o sol nós nos encaminharemos para lá. Vós podereis ser gentis com aquelas mulheres e gozar com elas. Mas ai de quem lhes revelar a mínima parcela do nosso segredo. E aqueles que não se julgam o bastante forte para resistir-lhes às seduções, fiquem aqui em casa. Mas os que forem recordem-se que também nos casos de amor é melhor mentir do que revelar os nossos segredos".

Os quatro velhos não dormiram de toda aquela noite, preparando seus ornamentos, banhando-se na cachoeira a fim de se apresentarem o mais vantajosamente possível às suas vizinhas. E antes que o sol ostentasse os seus encantos nas raízes do céu, Jurupari partia com os seus companheiros. Notavam todos que os velhos estavam muito contentes. Quando superaram uma subida, puderam ver a **maloca** cujos habitantes passeavam na frente das

¹⁰¹⁵ Segundo a regra de virilocalidade em vigor entre os grupos indígenas do Uaupés, uma mulher deve sempre passar a viver no povoado de seu marido depois do casamento (N. do R.).

¹⁰¹⁶ Aceno à nudez generalizada de todas estas tribos.

casas com seus ornatos de penas.

Arianda veio com sua filha até o início do caminho (da **maloca**) para receber Jurupari e o conduziu onde haviam previamente reunido grandes quantidades de comidas, esperando os visitantes. E, ao encontrar Jurupari, disse-lhe: "Sabes que esta noite tive um belo sonho contigo?". "Não duvido, pois me estava esperando. E qual foi o sonho?". "Di-lo-ei a ti, em particular". "Está bem: Falaremos em particular, porque eu também quero dizer-te uma coisa em segredo e ensinar-te como deves fazer. Faremos isto depois que tu e tua gente tiveres comido. Toma o teu lugar na esteira e chama teus companheiros para que se alimentem!".

E assim se fez e cada visitante tinha ao seu lado uma bonita moça e, ao lado de Jurupari, estava a filha de Arianda que o servia e lhe dava **caxiri** a beber¹⁰¹⁷.

As moças que se achavam ao lado dos velhos mostravam-se pouco contentes, ao passo que as que estavam ao lado dos jovens, revelavam por atos e palavras todo o seu contentamento e antes que terminasse o banquete, já corriam furtivamente beijos e abraços¹⁰¹⁸. E os velhos, embora vendo todas estas coisas, permaneciam frios até os ossos¹⁰¹⁹.

Quando acabaram de comer, Arianda e Jurupari dirigiram-se a uma casa situada longe da habitação, para aí tratarem das novas Leis. Mas antes de partirem, Arianda disse que eles podiam dançar e beber.

Todas estas coisas se desenrolavam na vigília do dia em que os homens deviam partir da **maloca** para acompanhar até o cimo da montanha os pajés que, com os seus remédios, iriam

¹⁰¹⁷ Pelos costumes atuais de todas estas tribos isto é inverossímil, bem como o são outros particulares desta festa descritos a seguir (ver Brüzzi 1977:422).

¹⁰¹⁸ As tribos do Uaupés desconhecem todas estas manifestações de carinho.

¹⁰¹⁹ Isto soa como uma contradição ao que afirmou na página precedente sobre a ansiosa expectativa dos velhos.

espantar a morte que queria matar a lua¹⁰²⁰. E com isto os de Tunui puderam livremente gozar das belas mulheres (da **maloca**) de Arianda.

Pelos costumes da terra, cabia às mulheres escolher os seus companheiros¹⁰²¹. E assim os jovens foram conduzidos ao centro da sala (de danças) onde duas jovens músicas¹⁰²² esperavam que se organizassem os casais para terem início as danças.

Embora muitas mulheres, ainda jovens, estivessem sem companheiros, nenhuma quis dançar com os velhos, que ficaram sentados a um canto tristonhos. O **caapi** e o **caxiri** eram distribuídos profusamente. E, pouco a pouco, foram se inflamando os apetites (sensuais), e pela noite adentro as mulheres da **maloca** de Arianda puseram-se a disputar os visitantes, e multiplicavam-se os beijos e abraços provocadores. Sobreveio a noite, e como não havia resina (de **xicantá**) para clarear a sala de dança, esta prosseguiu no escuro até a alvorada. E ninguém soube o que aconteceu entre os dançantes. Só Jurupari e Arianda viram tudo¹⁰²³.

Regressando a sua casa em companhia de Jurupari assim falou Arianda: "Realmente, me causou muito prazer a tua visita, porque os nossos vizinhos mais próximos estão a duas luas de caminho, e não os posso visitar com frequência. Mais de uma vez pensei em abandonar este local para avizinhar-me mais do outro local habitado. Mas a minha gente não quer abandonar esta terra que os viu nascer. Se o meu sonho se realizar, eu serei teu companheiro em todas as lutas da vida".

"E qual foi o teu sonho?". "Eu sonhei que vieste a minha **maloca** para pedir a minha filha Curã em casamento, o que se

¹⁰²⁰ Ou seja, o eclipse de lua. Quando há eclipse de lua todos se põem a trabalhar ruidosamente de modo a afugentar **Wãxiĩ** que julgam estar matando a lua.

¹⁰²¹ Tal afirmação não vale para as tribos atuais do Uaupés.

¹⁰²² Nas tribos atuais do Uaupés são os homens que fazem soar, com exclusividade, os instrumentos musicais.

¹⁰²³ Através de sua pedra mágica ou pedaços de sombra do céu.

realizaria no dia seguinte ao da tua chegada. É raro que os meus sonhos não se verifiquem, espero, então, ver realizado o que a Mãe-dos-sonhos me preanunciou". "Arianda, digo-te em verdade, enquanto eu não realize a grande reforma que devo cumprir sobre a terra, não me casarei. Tua filha Curã é muito bonita, e se ela quiser escolher algum dos meus companheiros, eu aceito, e o farei senhor de uma grande tribo". "Eu quero aprender o que ainda não sei, ser o teu companheiro e acompanhar-te em todas as lutas e, por isso, acho boas as tuas palavras".

"Como a noite já está sobre nós - prosseguiu Jurupari - vamos assistir à festa. Dir-te-ei amanhã o que resta a fazer". "Vamos, então, já a casa de festa!" - disse Arianda, levantando-se da rede. "Não é necessário. Poderemos ver tudo sem sair da nossa rede, lá nós causaríamos distúrbio". E Jurupari pôs a mão no seu **matiri**, tirou de lá duas lindas pedras coloridas e dando uma a Arianda, diz-lhe: "Eis aqui um pedaço da 'sombra-do-céu', onde verás tudo o que acontece na festa". E tão logo Arianda assegurou, e sobre ela lançou o seu olhar, viu reproduzir-se aos seus olhos a cena com tanta fidelidade que era fácil reconhecer todas as pessoas.

Viu que as velhas que, durante o dia, haviam assistido às danças de longe, agora nelas tomavam parte, procurando aproveitar o mais possível do engano que a escuridão e a bebida produziam. Também os velhos, deixados a parte durante todo o dia, estavam sendo procurados pelas jovens (da **maloca**) de Arianda que, com eles, procuravam todas as satisfações que podiam. Arianda e Jurupari riam-se dos enganos e dos esforços (das festejantes) e das suas hábeis substituições.

Quando amanheceu o dia, os dois chefes depuseram (dos seus olhos) a "sombra-do-céu" e continuaram a discorrer sobre o assunto da nova Lei. Entretanto continuava a festa. As velhas tagarelas foram contar a Curã o que com elas sucedera à noite. E Curã, que era muito curiosa, quis ver com seus olhos o que lhes sucedera.

Quando chegou a segunda noite, Arianda e Jurupari retornaram às suas "sombras-do-céu" e começaram a assistir à festa. E puderam ver coisas ainda piores do que aquelas da noite

precedente. Para cada habitante de Tunui havia cinco mulheres (da **maloca**) de Arianda. E Jurupari ficava indignado, e Arianda calava-se, mas era a primeira vez que via coisas semelhantes na sua **maloca**.

Sobreveio a meia-noite e Arianda viu a sua filha Curã saltar da rede e caminhar até a porta de onde um de Tunui a segurou e deflorou. Nesse momento Arianda soltou um gemido. Jurupari perguntou: "Que tens?". "A minha desgraça diante dos meus olhos". "Se a minha Lei já estivesse em vigor, isto não poderia suceder... mas aquele que tocou tua filha, com ela se casará, e tudo estará reparado", disse Jurupari. E Arianda, lamentando o que havia visto, entregou a Jurupari a "sombra-do-céu" dizendo: "Eis aqui a tua pedra, não me serve mais para nada porque nada mais quero ver. Vou dormir, tentando esquecer a minha desgraça. E quando terminares de ver, acorda-me para continuarmos a falar".

E Jurupari continuou sozinho a observar, mas tudo já lhe parecia tão feio! **Curãpã**¹⁰²⁴ já cantava ao lado do caminho quando regressaram os "salvadores da lua"¹⁰²⁵. E a festa prosseguia ainda mais desenfreada. E para não ver isso, Jurupari guardou no seu **matiri** sua "sombra-do-céu". Acordou Arianda e continuaram a falar sobre o futuro.

Quando surgiu o sol do quarto dia, os dois **tuxauas** regressaram à **maloca**. E em Arianda notou-se uma profunda tristeza e, em **Jurupari**, algo de terrível e ameaçador. "Companheiros - disse Jurupari - acomodai-vos e vamos conversar. Amanhã ouvireis de mim verdades bem amargas. Abusastes demasiado da liberdade que vos dei, mas disto não vos falarei agora. Ide antes reconquistar as forças que perdestes".

No dia seguinte Jurupari tornou a falar: "Infelizmente devo dizer-vos verdades bem amargas pois a isto me obrigastes.

¹⁰²⁴ Pequena coruja. No seu Dicionário (1929) Stradelli elenca vários nomes de corujas, não porém **curãpa** ou algo semelhante.

¹⁰²⁵ Aqueles que haviam acompanhado o pajé para seus ritos indicados *supra*.

Nunca teria pensado que houvesse gente tão má quanto vós. Que homens se aproveitam da fragilidade da mulher é ainda natural. Mas que um homem satisfaça a cinco (mulheres) é um fato novo que só se viu na terra de Arianda e praticado por reformadores. Se amanhã as outras tribos souberem que os habitantes de Tunui são pessoas más e nada respeitam, como poderão crer que são eles que devem reformar os usos e os costumes de toda esta terra? Se isto se repetir, eu vos abandonarei e irei procurar outro povo para educá-lo, e só poderá ser melhor do que vós. Abusastes de tal modo da liberdade que vos dei, que a dor me cresce no coração e o enche de ira. E das vossas mãos não escapou sequer Curã, a filha de Arianda. Quem de vós deflorou Curã? Ninguém? Aquele que o fez inutilmente se esconde! Eu vi tudo o que aconteceu e Arianda também o viu! E no seio de Curã está o novo ser que um dia, como vós, verá o sol. E por isso eu prometi que quem a violou, teria reparado o mal casando-se com ela. A minha palavra não pode ficar sem efeito. Quem foi que se apresente!"

E como ninguém se apresentasse, Jurupari extraiu do seu **matiri** a "sombra-do-céu", onde estava pintado tudo o que aconteceu e mostrando-a à sua gente disse: "Aqui está pintada Curã sofrendo o seu mal e este é quem lhe fez. Quem é ele?". E o jovem reconheceu a própria figura e abaixou a cabeça envergonhado. "Fui eu - disse Caryda - mas nunca teria pensado que me tocaria uma moça tão bonita, porque não pude ver a sua beleza nas sombras da noite". "E serás tu mesmo que desposará Curã, porque assim eu prometi ao seu pai. Os esponsais se realizarão amanhã, e depois terminaremos as nossas festas! Mas se os jovens forem repreensíveis, não menos o foram os velhos que esqueceram os próprios anos e quiseram satisfazer as mulheres, quando já não o podiam satisfazer mais! Assistiremos amanhã ao casamento de Caryda. Preparai hoje todos os vossos enfeites e assim, amanhã, ao romperem as primeiras alegrias do céu, partiremos para a **maloca** de Arianda!"

Quando enrubescia o oriente, Jurupari com sua gente se dirigiu para a **maloca** de Arianda, onde a música já anunciava a festa. E os habitantes com enfeites de plumas estavam reunidos diante da casa da festa. Ao chegar aí, Jurupari falou (aos seus):

"Companheiros esta noite o nosso parente Caryda vai casar-se com a bela Curã. Este casamento nos vem garantir o concurso de todos estes jovens para a reforma que devemos realizar nesta terra. Ficai sabendo, porém, que não quero ulteriormente ter que fazer reparações do gênero desta que agora fazemos".

Terminada esta fala Arianda e Jurupari dirigiram-se à casa fora do habitado para falarem das futuras festas e os de Tunui permaneceram na casa das danças. Os velhos, que haviam sido severamente repreendidos por Jurupari, permaneciam cautelosos e mudos, sem ousarem sequer olhar para as mulheres (da **maloca**) de Arianda. O dia era de festa e as mulheres serviam aos de Tunui comida e bebidas de praxe, e delas se iam servindo porque o recusar é considerado uma falta (de atenção). E assim pela tarde os de Tunui e os de Arianda estavam quase embriagados. As mulheres tentaram aproveitar-se desse estado para satisfazerem os seus impulsos, porém os velhos e moços resistiam, lembrados das palavras de Jurupari.

Sobreveio a noite e os músicos vieram para dentro da casa, precedendo os esposos e os dois **tuxauas**, aos quais seguiam os demais. Formou-se, então, um grande círculo e no centro a roda dos esposos. E tiveram início as músicas. Quando a roda dos esposos girava para a direita, os demais seguiam para a esquerda e vice-versa. Continuaram bebendo e dançando até a meia-noite. Então os esposos quase embriagados foram levados ao quarto nupcial (que não existe) e aí deixados a sós por algum tempo.

Decorrido o tempo estabelecido pelo costume, os esposos entraram na grande roda, onde receberam de todos a saudação do **macuhy**¹⁰²⁶. Quando despontava o dia, os esposos entraram novamente na estância nupcial donde só deveriam sair na meia-noite seguinte para terminar o matrimônio¹⁰²⁷.

Arianda e Jurupari tornaram à casa do habitado e Arianda pediu a Jurupari que não se utilizasse da "sombra-do-céu"

¹⁰²⁶ Desconhecemos o significado desta palavra, nem Stradelli a registra no seu Dicionário (1929).

¹⁰²⁷ Isto é, os festejos matrimoniais.

e desse toda liberdade à sua gente. "Se o quiser assim - lhe disse Jurupari - vai dá-la pessoalmente". E Arianda encaminhou-se para isto mas, ao avizinhar-se a casa da festa, deu-se conta que isso era inútil¹⁰²⁸, e tornou atrás.

Quando chegou a meia-noite, regressaram os **tuxauas** (para a casa das danças) e os esposos saídos do quarto nupcial puseram-se no centro do grande círculo onde receberam uma chicotada de cada um dos presentes¹⁰²⁹. E quando Caryda e Curã acabaram de receber a última chicotada com a liana que o pajé soprara, retornaram ao quarto donde não deviam sair senão ao meio-dia seguinte, a fim de participar do grande banquete.

Os chefes se retiraram e a festa continuou. Chegada a hora do grande banquete, os esposos receberam das mãos do **tuxaua** a sua coroa de penas¹⁰³⁰ e assim coroados encaminharam-se para o banquete do qual todos participaram.

E assim Caryda e Curã foram unidos em matrimônio. No dia seguinte Jurupari e a sua gente regressaram à própria casa, inclusive Caryda que se despediu de sua esposa por três dias. Os dois **tuxauas** haviam estabelecido que neste mesmo dia começaria a festa do Jurupari e que Arianda teria mandado as mulheres a pescar no igarapé Micura. Curã foi a única que não foi, dizendo que estava doente.

Nesse mesmo dia Arianda, com os seus homens, encaminharam-se para a casa de Jurupari, onde logo que chegou a meia-noite iniciou-se a festa. Quando a noite chegou ao meio, Jurupari pôs de lado os instrumentos e enumerou todos os pontos da sua Lei que deviam regular os usos e costumes da terra inteira. E quando acabou de enunciar a Lei, disse: "Agora que já conheceis tudo o que deveis saber, vou ensinar-vos o canto de Jurupari que será ao depois solenemente ensinado aos jovens quando forem pela

¹⁰²⁸ Já se entregavam eles a todas as liberdades.

¹⁰²⁹ Não consta que semelhante costume esteja em vigor nas atuais tribos do Uaupés.

¹⁰³⁰ Entre as tribos do Uaupés as **acangataras** ou grinaldas de penas são enfeites exclusivamente masculinos.

primeira vez admitidos à festa dos homens e souberem manter segredo". E a Arianda disse: "Deixa o teu instrumento e acompanha o canto e contigo todos aqueles que não têm instrumentos acompanhem o canto!".

Curã, que seu marido pensava tivesse permanecido na maloca, logo que os seus saíram, ela também saiu e seguiu de longe até a casa de Jurupari. Do alto de uma pedra vizinha, quando chegou a noite, pôde ver tudo o que sucedia, ouvir a Lei e aprender a música e o canto de Jurupari. E quando pôde conhecer todos os segredos, retornou à sua maloca antes de amanhecer o dia, com um desejo no coração e que se propunha executar.

Terminaram as festas no terceiro dia e Jurupari despediu-se de Arianda. Quando ficaram apenas os de Tunui, disse-lhes Jurupari: "Sabeis que eu tenho ainda uma promessa a cumprir na terra de Tunui. E os que têm as suas mães vizinhas da minha voltarão comigo porque devemos cumpri-la em conjunto. Os outros, conforme quiserem, poderão voltar ou permanecer aqui, restando já pouco a ensinar-vos, e os que vieram comigo ficarão obrigados a ensinar aos outros o que ainda falta. Partiremos quando aparecer a lua".

Logo que apareceu a lua, Jurupari ordenou aos seus companheiros que se sentassem sobre esteiras de arumã. Depois partiram¹⁰³¹. E, quando muito de manhãzinha chegaram à maloca, não encontraram ninguém, somente em todas as casas os ossos de crianças e na de Jurupari um quarto cheio de cabelos de mulheres.

"Que significa isto?" perguntaram os companheiros de Jurupari. "Depois de cumprida a nossa promessa, eu vos direi o que aconteceu; quero ter o coração vazio de cólera para poder chorar. Hoje é a noite da maldade da lua, e antes que ela apareça queimai todos os ossos que estão nas casas; e trouxe-me suas cinzas para bebê-las no caxiri. Eu vou fazer as nossas vestes, a fim de que as nossas mães não nos reconheçam quando estivermos junto delas

¹⁰³¹ Prodigiosamente transportados pela esteira até Tunui.

a chorar com os mesmos cabelos que as mulheres nos deixaram. E farei também os dois instrumentos que devem chorar conosco e serão soados por mim e por Caryda que eu escolhi para acompanhar-me por toda a terra. E quando a lua estiver 'como vendo' as mulheres, vinde aqui para preparar as nossas bebidas e para subir ao cimo da montanha".

Assim se fez e, depois de reduzirem os ossos às cinzas, misturaram-nas com o **caxiri**, e quando tudo estava pronto, Jurupari falou: "Chegou a hora de cumprir a nossa promessa: bebamos as cinzas dos nossos parentes a fim de que não se percam na terra. E tu, Caryda, toma o teu instrumento e nos vistamos todos com estas vestes ornadas com os cabelos, a fim de que as nossas mães não nos reconheçam e vamos até lá onde elas estão para chorar".

E Jurupari e Caryda de pé, diante das suas mães, tocaram a marcha dos mortos e seus companheiros os acompanharam chorando diante de suas mães.

E quando a lua diminuía sua maldade, os corpos¹⁰³² daquelas mulheres inclinaram-se para a terra e aí ficaram distendidos. E então Jurupari disse: "Companheiros, está concluída a nossa missão que cada um soterre a própria mãe!".

Jurupari tomou o corpo de sua mãe, com ele voou até a Serra de Marubitana¹⁰³³ e lá depositou-o dizendo: "Deixo-te sobre esta montanha para que seja útil a todos, e do teu corpo nasçam plantas preciosas que sirvam de remédio aos amores infelizes".

Quando apareceu o sol era tudo silêncio e tristeza na serra de Tunui. Foi com o sol do terceiro dia que Jurupari deu o sinal para se reunirem. "Contar-vos-ei agora - disse ele - o que sucedeu durante nossa ausência. No dia seguinte à nossa partida para o Aiari, as mulheres nos procuraram por toda parte, tristes e desesperadas pelo nosso desaparecimento. Nenhuma delas sabia a direção que havíamos tomado e reuniram-se todas para tomar

¹⁰³² As estátuas de pedra ou seus corpos petrificados.

¹⁰³³ É provavelmente Marabitanas.

uma resolução.

Arauíri, jovem astuta e cheia de maldade, disse: 'Visto que os homens fogem de nós sem motivo e sem nada dizer, isso indica que aqui não porão mais os pés. E por isso, e para não propagar essa raça de homens sem amor e sem coração, sugiro que sejam mortos todos os seus descendentes do sexo masculino'. E Pesparê acrescentou: 'Não só é necessário matar todos os descendentes do sexo masculino destes homens ingratos, mas cortemos também os nossos cabelos que ainda conservam o odor dos lábios daqueles traidores e depositemo-los todas na casa de Jurupari e vamos procurar novo destino'. E Nuré, que tinha mais de um marido, entre os quais Caryda disse: 'Está tudo bem, mas para que não fique ninguém, levemos conosco também os nossos parentes de pedra e Seucy com eles'. Sai, jovem ardente e excessiva, propôs por fim que as mulheres, mediante uma operação, se impossibilitassem de vir a satisfazer o homem.

Tudo isto foi aprovado e a primeira coisa que tentaram foi de arrancar as nossas mãos (de pedra), porém não o conseguiram. Cortaram então os seus cabelos que aqui foram depositados. Mataram todos (os filhos) do sexo masculino, praticaram uma incisão no lábio da vulva, a uniram com resina de **uanani**¹⁰³⁴ a fim de fechá-la. E agora elas vão descendo o rio ao acaso, sem ter outra guia senão a corrente. Aprendei isto: os instrumentos que servem para chorar os mortos só devem ser tocados pelo pajé e o **tuxaua**, quando chorardes os mortos e ingerirdes suas cinzas".

Nesse momento, Jurupari sentiu que algo se movia no seu **matiri**. Pôs-o dentro da sua mão e sentiu que alguma coisa lhe feria o dedo. "Companheiros - disse - fomos traídos!". E perguntando-lhe os companheiros quem os haviam traídos, Jurupari tirou de seu **matiri** uma das "sombras-do-céu" e viu Curã com todas as mulheres da **maloca** de Arianda fazendo **dabucuri** tocando e cantando a música e o canto da festa dos homens. Tomou na sua mão uma outra pedra em que tudo ficava pintado e viu Curã que,

¹⁰³⁴ Stradelli no seu Dicionário (1929) enumera várias resinas, não porém **uanani**.

do alto da pedra, assistia a toda a festa (de **Jurupari**) e cheio de tristeza assim falou: "Poderá haver sobre a terra uma mulher realmente sensata? Curã, que todo pensávamos tivesse ficado em casa doente, assistiu a nossa festa toda. Eu e Caryda partamos já". "E nós o que faremos sem ti?". "Ide por toda a terra a ensinar a Lei, a música e o canto de Jurupari!. Caryda firma-te bem nas minhas costas, porque nós iremos cair na terra de Arianda". E Caryda perguntou-lhe: "E que devo fazer quando chegarmos lá?". "Irás transformar-te em inseto para entrar no instrumento que Curã estiver tocando e roer toda a cera que lhe dá a voz (o som)". E ao mesmo tempo deu-lhe um talismã para pôr no nariz quando se transformasse em inseto.

Caryda, ao retornar à **maloca**, encontrou Curã já curada. Arianda, que agora era o reformador dos antigos costumes da terra, ordenou aos pajés que os ensinassem, mas de tal modo que as mulheres não suspeitassem que aquilo era obra de Jurupari.

Ora, Curã reuniu certo dia todas as mulheres longe da **maloca**, revelou-lhes o segredo de Jurupari e disse como eram os instrumentos, e cantou as músicas e o canto de Jurupari. "E é por isso, conclui ela, que os homens cessaram de fazer a nossa vontade. Para que eles possam crer que nós nada sabemos, vamos organizar o nosso Jurupari e fazer a nossa festa que será inaugurada com um **dabucuri** de tapioca. Doravante todas as tardes devemos reunir-nos aqui para atender o canto de Jurupari, até que eu possa roubar o instrumento que o meu marido escondeu. Esta mesma noite, quando ele sair eu o seguirei para saber onde ele vai e, se eu o descobrir, amanhã mesmo teremos os nossos instrumentos feitos sobre o modelo daquele. Segredo sobretudo!".

Os velhos de Tunui, que estavam na casa de Jurupari e que eram desprezados pelos seus companheiros, resolveram abandoná-los e unir-se às Nunuibas. Logo que chegou a noite as mulheres recorreram aos velhos de Tunui, pois todos estes possuíam os maravilhosos amuletos e voaram à terra de Ualrí. E quando passaram elas pelo lugar onde ele fora queimado, receberam pedradas da sombra dele. Nessa mesma noite quando veio Caryda, Curã fingiu estar dormindo e, vendo-a de olhos fechados, Caryda saiu da casa. Curã seguiu-o até onde repousam as águas da

cachoeira e onde Caryda havia escondido seu instrumento¹⁰³⁵.

Então, já sabedora do que desejava, Curã voltou para casa. Quando estava para entrar, ouviu que a chamavam. Voltou-se e viu um belo jovem que a chamava fazendo o sinal que lhe queria falar. Ela o seguiu e ele a conduziu a um lugar afastado e se ofereceu para fazer os instrumentos para ela dizendo-lhe que, para isso, era indispensável que fosse roubado o instrumento de Caryda para completar.

E Curã, fascinada pela beleza do jovem, nem sequer lhe perguntou quem era ele, apenas perguntou-lhe quando o poderia rever. "Amanhã, no mesmo lugar para entregar-te os instrumentos". E retornando a sua rede, ela adormeceu e sonhou a noite inteira com uma grande festa, na qual o principal tangedor (músico) era o belo jovem que lhe havia prometido os instrumentos.

Sobrevindo a manhã, Curã contou logo às companheiras que ela tinha por tangedor um belo rapaz, que tudo já estava pronto e que preparassem os **beijus** de tapioca para o **dabucuri** que se realizaria no dia seguinte.

Baixou a noite e Caryda foi ver o seu instrumento. Curã foi procurar tal jovem. Deu-lhe instrumentos iguais aos de Jurupari, faltando apenas um, e ao entregá-los disse: "Eis o que te prometi, falta apenas um instrumento, mas tu sabes onde encontrá-lo". "E tu não virás para a nossa festa?". "A festa é exclusivamente das mulheres, e não fica bem que eu vá!". "Vem ao menos beber o **caxiri** conosco, porque desejo apresentá-lo às minhas companheiras!". "Eu virei com os teus convidados, mas a ninguém digas que foi eu que te dei os instrumentos". "E como é teu nome?". "Cudeabumá¹⁰³⁶". "E de que lugar és filho?". "Da terra das cinzas! Mas retira-te porque o teu marido está chegando. Amanhã quando o sol estiver a prumo, vá procurar o seu instrumento e fazei imediatamente o **dabucuri**, acompanhado pela música e o canto de Jurupari".

¹⁰³⁵ Entre as tribos do Uaupés é comum encontrar o esconderijo dos **mĩrĩá**, isto é, os instrumentos misteriosos sob as águas do rio ou do igarapé.

¹⁰³⁶ "Espírito maligno", em língua Pamauri segundo Stradelli.

E o jovem desapareceu nas sombras da noite, e Curã voltou para a sua casa, onde Caryda, ao regressar mais tarde, já a encontrou, porém ainda acordada e pensativa e perguntou-lhe o que tinha. "Acordei e te procurei na rede, ali não estavas e receiei que tivesse fugido!". "Não tenho motivos para fugir de ti! Fui apenas ver surgir a lua, que hoje vem remexer com todas as mulheres". "Se estás com ciúme da lua, vem ficar na rede comigo para me defender". E Caryda deitou-se na rede com a sua mulher. Mas aconteceu que, durante a noite, Curã sonhasse com Cudeabumá e o chamasse pelo nome, abraçando Caryda e este ouvisse tudo. Ao se levantar pela manhã Caryda não falou à Curã, supondo que fosse a lua que nela entrara, apesar de ter ele querido impedir isso.

Quando o sol atingiu o meio do céu, os de Arianda ouviram a música e o canto de Jurupari. E correram todos para ver quem eram os tangedores e viram as mulheres que vinham do porto, algumas tocando (os instrumentos), as outras cantando e todas carregavam sobre as costas os paneiros cheios de tapioca.

Arianda foi verificar (com os homens) os seus instrumentos e os encontrou todos em seu lugar. Só Caryda não encontrou o seu.

Ficaram todos imobilizados ante tão grande profanação e ninguém respondeu a Caryda que perguntava quem lhe havia tirado o seu instrumento. Quis ele então atirar-se sobre Curã para matá-la e cumprir assim a Lei de Jurupari, mas Arianda o impediu dizendo-lhe: "Não creio que o teu instrumento esteja entre aqueles que agora estão soando, procura-o melhor e o encontrarás!" Caryda voltou à cachoeira à procura do instrumento.

Naquele instante, o instrumento de Curã começou, pouco a pouco, a perder som, até silenciar totalmente. E no meio das dançarinas levantou-se uma intensa fumaceira que as enlouqueceu, e riam sem saber o porquê. Entre elas se puseram Jurupari e Caryda que lhes tiraram das mãos os instrumentos e os lançaram no fogo. Jurupari restituiu a Caryda o instrumento que lhe pertencia, dizendo-lhe: "Não confia nunca nas mulheres. Se tivesse mandado Curã pescar com as outras, não teria acontecido o que agora estás vendo. Ela assistiu por inteiro do alto de uma pedra à

festa dos homens e retirou-se somente de manhã, depois de ficar conhecendo todos os nossos segredos. Curã roubou o instrumento de Caryda, porque ele não soube escondê-lo bem como fizeram os seus companheiros. Agora, quero saber quem lhe deu os outros instrumentos? E o saberei porque nada me pode ficar oculto". Então Jurupari, tirou de seu **matiri** as "sombras-do-céu" e nelas viu a figura de Cudeabumá que se ria. Ele disse: "Eis agora essas sombras más sobre a terra para causar a ruína das mulheres". "E quem são elas?". "Os **Wāxtĩ-maxsã**!"¹⁰³⁷. "Aqueles que nasceram das cinzas de Ualrí?". "Precisamente eles". "E como devemos fazer para que estes desgraçados esqueçam o delito que cometeram?". "Destruindo os vestígios dos seus delitos!". "Mas as sombras de Ualrí voltarão a tentá-las. Hão de tentá-las sempre até que a terra morra. Quando chegar a noite, defumai todas as casas com pimenta para afugentar as sombras e atirai ao rio os paneiros de tapioca e os enfeites de penas. E amanhã, quando as mulheres acordarem, fazei nelas uma formigação de **xicantá**!".

Arianda pediu a Jurupari que ficasse ali ainda uma lua para ensinar àquelas mulheres a estrada que deviam seguir. "E por que não o fazes tu? Observe e faz observar a minha lei! Porém para todos fingerei ser um pajé e ficarei contigo ainda meia lua".

No dia seguinte foi Jurupari pessoalmente quem acordou todas as mulheres. Apenas acordaram, elas tentaram aferrá-lo, mas ele logo se escapava delas. Sob o aspecto de um pajé as reuniu todas, e assim lhes falou: "Não fosse a compaixão que me inspirais, eu não queria prevenir-vos da sentença que pesa sobre vós, provocada pelas vossas loucuras. Na mente do **tuxaua** vós todas já estais condenadas à morte, porque violastes as Leis do Sol. De hoje a três dias dir-vos-ei todo o que deveis fazer para escapar da ira do vosso **tuxaua**". E muitas lhe disseram: "E por que não o dizeis agora?". "Para que aprendais a saber esperar e ter paciência!".

Chegado o terceiro dia, Jurupari as reuniu e disse: "Vou dar-vos agora as normas para o vosso procedimento. É o sol que

¹⁰³⁷ "Gente-Wāxtĩ".

as mandou e chamam-se "Leis de Jurupari", às quais estão sujeitos homens e mulheres. As que não as observarem estão condenadas à morte. Portanto, se quereis viver em paz sobre a Terra, deveis obedecer a estas leis".

E as mulheres lhe disseram: "Dize-nos estas leis para que as possamos observar!". "Ei-las, disse Jurupari: uma mulher, para ser boa, deve casar-se com um homem só e viver com ele até a morte; e não traí-lo por motivo algum; não deve desejar saber os segredos dos homens; nem o que sucede aos outros; não deve desejar, nem experimentar o que lhe parece apetitoso; deve jejuar uma lua inteira até que Jurupari tenha preparado os alimentos que lhe são destinados; não ceder às sombras que nasceram de Ualrí e vagam protegidas pela noite. São estas as coisas principais que deveis observar escrupulosamente para não incorrerdes nas iras do **tuxaua**. As outras coisas dir-vos-las-ei mais tarde". Elas prometeram obedecer-lhe em tudo. Nem mais se lembravam do que havia ocorrido.

Depois disso Jurupari, em companhia de Arianda e Caryda, foi até a casa apartada, e lá cessou o seu disfarce de pajé e informou ao **tuxaua**: "Já disse às mulheres de aqui as principais coisas que devem saber e prometi-lhes que em cada maldade da lua haverá uma reunião na qual os pajés ensinarão as coisas que ainda restam a saber. Convoca agora os teus pajés e lembra-lhes a obrigação que têm. Faz que eles as cumpram e tudo irá melhor! Quando elas estiverem convencidas do perigo que correm não observando as nossas leis, tu poderás executá-las livremente. Bem como poderás fazer as festas dos homens aqui na **maloca** comum, porque elas não quererão expor-se a perder a vida. E se alguma desobedecer, que ela seja morta à vista de todos, para escarmento das suas companheiras. Caryda ensinar-te-á hoje mesmo a música dos mortos, que se deverá executar o dia em que deverás chorar os que morreram, cujas cinzas beberás. Toma estes enfeites e esta máscara, que usarás somente em tais dias. E que não podem ser

usadas senão pelo **tuxaua** e pelo pajé¹⁰³⁸.

Entretanto, as mulheres não ousavam sequer sair da casa receosas de fazer alguma coisa má. Mas Curã, que era astuta e audaciosa, passava dias inteiros na cachoeira, sentada sobre a pedra com a cabeça entre as mãos. Caryda ia buscá-la todas as tardes e reconduzi-la para a casa. Uma tarde aí não a encontrou mais. Desesperado, reuniu todos os homens do povoado, e puseram-se à sua procura. Mas toda procura foi inútil. E até hoje ninguém sabe do seu destino. A maioria supõe que ela foi levada para o fundo do rio pela Cobra-Grande¹⁰³⁹. Conta-se também que desde aquele dia, quando chega a meia-noite no meio da cachoeira de Nusque-buscá, aparece uma bela mulher de cabelos pretos que, após haver cantado a música de Jurupari, desaparece novamente no seio da água.

Antes que chegasse a hora da "maldade da lua" Caryda foi assaltado por dois **tananá**¹⁰⁴⁰, espécie de grandes grilos. Atiraram-se sobre ele com a força de um **curabi**¹⁰⁴¹. Caryda fugiu para onde estava Jurupari mas também lá o perseguiram os **tananá**s. Vendo que Caryda estava sendo perseguido, Jurupari exclamou: "Estamos sendo traídos mais uma vez!". Tomou as "sombras" e nelas viu dois dos velhos de Tunui que tocavam e

¹⁰³⁸ Até uns anos atrás era comum entre as tribos do Uaupés o uso das máscaras (ver Brüzzi 1977:334). Denominavam assim a veste de entrecasca de árvore que envolvia a cabeça e o corpo do dançante com orifício na máscara correspondente aos olhos. Entre as tribos do Pira-paraná e seus afluentes podemos ver máscaras de entrecasca que envolviam apenas a cabeça. Estas últimas não devem ser consideradas objetos tabuados, pois vimos as crianças brincarem com elas.

¹⁰³⁹ Ver nota 270.

¹⁰⁴⁰ Segundo Stradelli (1929:661) **tananá** é o termo onomatopéico Nheengatu imitando o rumor que o inseto faz ao roçar suas asas anteriores com as pernas traseiras. Tratar-se-ia, de acordo com Von Ihering (1968:667), de insetos ortópteros da família Tetigonídeos (*Thliboscelus cameliifolia*) muito conhecidos pelo som fortíssimo que produzem friccionando as suas asas entre si (N. do R.).

¹⁰⁴¹ A flecha envenenada que se atira com a mão, isto é, sem arco.

cantavam a música e a canção de Jurupari numa roda de mulheres.

"Caryda - disse Jurupari - segura-te fortemente a mim, porque devemos partir". E voaram em direção à **maloca** dos Nunuibas. Com eles voaram também os **tananá**s. Jurupari tentou aferrá-los, mas eles desapareceram.

Caryda perguntou: "Aonde vamos?". "Punir os traidores!". "Não eram os dois **tananá**s?". "Não, mas foram os donos dos **tananá**s que os mandaram para espiar-me". "Então, eles já estão lá, os velhos vão ter tempo para se esconderem!". "E onde poderão se esconder que eu não o saiba? Escondam-se eles no seio das águas ou no seio da terra, ou do mar, sempre os hei de encontrar".

Nesse momento passaram sobre o lugar onde fora a casa de Jurupari e Jurupari perguntou a Caryda: "Onde está a tua **puçanga**". "Ei-la aqui!". "Dai-me-a e toma esta outra com a qual perseguirás um dos traidores até matá-lo. E tudo o que quiseses fazer pode fazê-lo se, pondo-a no nariz, conservares no coração a vontade daquilo que queres fazer". E Jurupari consultou a "sombra-do-céu" e viu os traidores fugindo, um sob a forma de uma anta, o outro como um verme, entrando na fenda de uma pedra.

"Eu vou ao alcance da anta e tu no do verme!". E Jurupari se transformou imediatamente em um grande jaguar, seguindo as pegadas da anta com a velocidade de uma flecha. E Caryda mudou-se em tatu e entrou pela fenda da pedra atrás do verme.

Quando Jurupari chegou ao rio Inambu, a anta já havia passado para a outra margem e como ele não podia molhar o seu **matiri**, ele converteu-se outra vez em homem e assim atravessou o rio. Mas apenas alcançou a outra margem que a anta se transformava em **cuyubi** e voava em direção ao rio Içana. Ele se transformou logo em um pequeno e rápido falcão e lhe foi no encalço. Quando chegou à margem do rio, o **cuyubi** se convertera numa grande cobra e escondera-se debaixo da água. E Jurupari, que não podia molhar seu **matiri**, nem dele se separar, resolveu apanhar a cobra por meio de um **cacuri**¹⁰⁴². Para tal fim fez, com uma ilha, um dos lados do **cacuri** e com pedras amontoadas o outro

¹⁰⁴² Ver nota 122.

deixando uma leve passagem no meio, por onde devia entrar a cobra. E, para ser advertido de sua entrada, pôs de sentinela um cançã¹⁰⁴³.

Terminado isto, Jurupari voltou ao lugar em que estava a cobra e aí lançou na água uma grande quantidade de pimenta. Mal sentiu o ardor da pimenta, a cobra avançou rio abaixo. Mas quando se encaminhava para o **cacuri** o cançã deu o sinal fazendo grande rumor. A cobra o ouviu e, querendo saber o que era, mudou-se em sapo e veio à superfície da água. Jurupari lançou-lhe então, à cabeça, um amuleto que o transformou em pedra.

Consumada esta vindita Jurupari partiu à procura de Caryda. Ao chegar à montanha e vendo a abertura que se estendia pela terra, com receio da pouca experiência de Caryda, Jurupari consultou a "sombra-do-céu" e verificou que o verme já se achava no rio Cuduiari transformado em cigarra¹⁰⁴⁴. Transformado em **Diuná**¹⁰⁴⁵, Jurupari voou rapidamente até o Cuduiari onde encontrou a cigarra que cantava sobre uma pedra e, em um instante, a transformou em musgo¹⁰⁴⁶. Foi então procurar Caryda, que entrara quase até o centro da terra à procura do verme. E não podendo Caryda ouvi-lo pela grande distância, Jurupari jogou na fenda um pouco de pó que imediatamente se transformou em formigas e estas desapareceram pela fenda adentro. Mordido pelas formigas Caryda veio para fora e Jurupari lhe perguntou onde estava o seu inimigo. Respondeu-lhe Caryda: "Creio que as formigas o comeram!". "Estás seguro da sua morte?". "Não sei, mas suponho!". "Vamos ver se é verdade o que dizes!". Tomou a "sombra-do-céu" e lhe mostrou o velho transformado em musgo e perguntou-lhe: "Por que não recorrestes à tua pedra?". "Porque não

¹⁰⁴³ Ave falconiforme, da família Falconídeos (*Ibycter americanus*). O nome é onomatopéico do grito desta ave.

¹⁰⁴⁴ Inseto Hemíptero, da subordem Homópteros (N. do R.).

¹⁰⁴⁵ Falcão pequeno, porém ousadíssimo, acrescenta Stradelli. Porém não encontramos este vocábulo no Dicionário Nheengatu de Stradelli (1929).

¹⁰⁴⁶ Vegetal pertencente ao grupo dos briófitos (N. do R.).

pensei que um verme fosse capaz de enganar um tatu!".

"Peço-te agora - disse Caryda - de me dizer como foi que os dois velhos revelaram às mulheres os nossos segredos". "Todas as mulheres são curiosas e desde o dia em que eu mantive afastadas da nossa casa as mulheres que foram a desgraça de Ualrí, elas não cessaram de investigar o motivo dos nossos desaparecimentos. Estes dois velhos voltaram à terra dos Nunuibas para ensinar a nossa lei. E logo que lá chegaram as mulheres puseram-se ao redor deles a fim de saber o que desejavam. E como eles foram fracos para resistir, acabaram por ensinar-lhes todos os nossos segredos, bem como a música e o canto de Jurupari. Mas, receosos que eu viesse a saber alguma coisa disso, mandaram que seus amuletos os advertissem quando eu me aproximasse deles. Porém, mesmo avisados em tempo, serão igualmente castigados. As mulheres nada sabem disto e pensam que os velhos apenas se esconderam para não acompanhá-las nas festas". "E o que fazem os dois que ficaram lá?". "Ensinam ao **tuxaua** e ao pajé a música e o canto de Jurupari".

Não agradava a Jurupari não saber previamente o que iria acontecer, e por isso é que não sabia o que sucedia aos dois velhos que permaneceram entre os Nunuibas. As mulheres de Nunuibá, vendo que não apareciam os dois outros velhos, foram com toda a espécie de artifícios tentar seduzi-los para que lhes fossem ensinar a música e o canto de Jurupari.

Miuá, a mais esperta na arte das carícias, obteve que os velhos capitulassem e lhes prometessem todos os segredos de Jurupari e dar-lhes também os instrumentos.

Uma das promessas teve sua execução: no dia seguinte os velhos completaram os instrumentos para que pudesse ter início a festa da noite. Ao sobrevir a tarde, todas as mulheres da **maloca** Nunuibá se achavam reunidas na sala de festa, e os dois velhos começaram a tanger seus instrumentos com as mulheres. Aquelas que não tinham instrumentos acompanhavam com o canto. O **tuxaua** Nunuibá e os seus homens estavam assistindo à festa. Supunham que a tal Lei de Jurupari fosse uma mentira inventada pelos dois velhos. E diziam entre si: "Não vedes que eles, com Jurupari, nos queriam enganar? Diziam-nos ontem que tudo isto

devia ser um segredo para as mulheres. E hoje são eles que o ensinam a elas? Se fosse verdade que o Sol mandou Jurupari para dar-nos estas Leis seriam eles os primeiros a desobedecer-lhes?". Mas nesse momento interveio o pajé: "Na verdade existe o Jurupari e existem estas Leis, e mais tarde, vós a sabereis também e vós capacitareis disso. Estes dois são apenas violadores das suas Leis, e terão que pagar bem caro a sua condescendência".

Ora na terceira noite quando estava diminuindo a embriaguez, recordaram-se os velhos do delito que estavam cometendo, e imediatamente fugiram da sala e se esconderam na mata, porque perceberam que o castigo já se avizinhava. Os Nunuibas, vendo-os fugir, perguntaram ao pajé: "Por qual motivo eles fogem?". "Porque Jurupari está vindo para castigá-los!".

E todos viram, então, uma densa fumaça branca alçar-se no meio da sala, e imediatamente os instrumentos perderam seu som e as cantoras ficaram sem voz e permaneceram todas na posição em que se achavam. As que dançavam continuavam a dançar, e as que tangiam os instrumentos faziam como se tangessem, mas continuando todas em silêncio sepulcral.

O **tuxaua** dos Nunuibas perguntou ao pajé: "O que é isto?". "O castigo de Jurupari!". "Onde está ele?". "Na mata à procura dos traidores". E naquele momento ouviram-se risadas de todos os lados e todos indagaram: "Quem são estes que riem da nossa desgraça?". "São os **Wăxtî-maxsă** que se alegram com o castigo que Jurupari dá às nossas mulheres que causaram a perda de Ualrí. Não vos recordais que Ualrí, já sobre a fogueira, disse que em breve se vingaria? Diádue foi a primeira de que se vingou, e pagam agora estas que foram as suas cúmplices".

E o Nunuibas perguntou ao pajé se não se podia remediar a tantos males. "Quanto a mim, não me oporei jamais ao Filho do Sol. É preferível que ele me lance contra uma pedra a eu fazer mal a Jurupari que é muito mais forte do que eu".

Entretanto Jurupari e Caryda, transformados em cães, corriam atrás dos fugitivos que se haviam convertidos em cutias e, quando estavam a ponto de alcançá-los, eles se converteram em pássaros, prosseguindo vôo ao longo da margem do rio. "Caryda - gritou Jurupari - os nossos inimigos voam como pássaros! Voemos

também nós atrás deles!". E voaram ambos transformados em rápidos passarinhos. Quando estavam ao ponto de alcançá-los, ambos se transformaram em grãos de pedra. Com isso, os perseguidores os perderam de vista e foram obrigados a parar sobre uma pedra. Jurupari, tomando então a "sombra-do-céu", verificou que um se mudara em veado¹⁰⁴⁷ e o outro se escondera no rio transformado em caranguejo. E Jurupari disse: "Tu perseguirás a este e eu o outro". Jurupari voou como águia perseguindo o veado, alcançou-o no momento em que chegava ao rio, transformando-o em pedra.

Entretanto, Caryda atirou-se no rio transformado em lontra¹⁰⁴⁸ para apanhar o caranguejo que, naquele momento, se transformou numa grande piraíba¹⁰⁴⁹ e engoliu a lontra antes que esta conseguisse transformar-se em algo diferente. Caryda, dentro da barriga da piraíba, sorria admirando a serenidade com que ela subia o rio. No remanso da cachoeira ele se transformou de lontra em porco-espinho¹⁰⁵⁰ e a pobre piraíba começou a dar saltos desesperados e acabou morta sobre a praia. E Caryda saiu do ventre da piraíba.

"Divertiram-te os últimos saltos da piraíba quando eu lhe perfurava o ventre?". "Muitíssimo! Onde está a tua puçanga?". "Ei-la!". "Está bem! Retornemos agora até onde havíamos deixado as Nunuibas quase loucas, as quais neste momento devem estar semi-mortas de sede e de fome. Tu te transformarás em um pequeno falcão e eu em macari¹⁰⁵¹ e, quando chegarmos à sala de festas, iremos pousar sobre a trave principal".

Nunuiba e os seus estavam desesperados vendo o lamentável estado a que se achavam reduzidas as mulheres.

¹⁰⁴⁷ Ver nota 113.

¹⁰⁴⁸ Ver nota 719.

¹⁰⁴⁹ Peixe de couro da família Pimelodídeos, Brachyplatystoma filamentosum que pode atingir 3 metros de comprimento (N. do R.).

¹⁰⁵⁰ Ver nota 267.

¹⁰⁵¹ Pássaro não identificado.

Somente o pajé estava tranqüilo, mas não respondia às perguntas que lhe faziam. Fumava o seu cigarro e aspirava grandes pitadas de **carajuru**. De tempo em tempo olhava para o Oriente, como se estivesse esperando alguém.

As risadas que vinham da mata, intercaladas com assobios, contribuíram ainda mais para que os homens perdessem a cabeça. Diante desse quadro triste, o **tuxaua** Nunuibá aferrou o pajé e gritou: "Por que não vamos matar estas 'sombras' que zombam de nós com os seus assobios e risadas?". Respondeu-lhe o pajé: "Pensas que as tuas flechas podem alcançar algumas dessas 'sombras'?". Já te disse que só Jurupari tem o poder de fazer calar essas sombras, e de restituir a razão a estas mulheres e ensiná-las a respeitar as suas leis".

Nesse instante entraram na **maloca** o falcão e o **macari** que foram pousar na trave principal. Os guerreiros, que tinham armas, prepararam-se para flechar os pássaros. Mas, quando aproximaram a mão direita da boca para fazer pontaria com a zarabatana sobre os pássaros, aí ficaram inertes naquela posição. Só se ouvia a respiração dele. Cessaram as risadas e os assobios na mata.

Então Jurupari e Caryda, com um salto, desceram na sala e, dirigindo-se ao **tuxaua** e ao pajé, falou-lhes Jurupari: "Tirai destas mulheres os instrumentos e os enfeites de pena, e queimai-os totalmente". Eles lhe obedeceram prontamente. E quando acabaram de fazê-lo, Jurupari continuou: "Conduzi-as agora a comer e logo que as deixardes em suas redes a dormir, vinde ouvir-me". E quando retornaram, após haverem feito como mandara Jurupari, este prosseguiu: "Agora que estamos sós, deveis ouvir os que vos resta a fazer e quais leis deveis cumprir sobre a terra, daqui em diante. E tu, Caryda, conduzes estes homens à margem do rio para que nele mergulhem e dele extraíam os restos dos ossos de Ualrí a fim de preparar os instrumentos com os quais se possa ensinar o canto e a música de Jurupari". E, dirigindo-se ao **tuxaua** Nunuibá, assim continuou: "Tu fazes parte daquela gente que até hoje me tem traído e os teus seguem o teu exemplo. Eu vejo em ti a impaciência, a sem-vergonhice e a maldade toda daqueles velhos que aqui me traíram, mas que já foram castigados.

Pensavas tu que eu não soubesse o que contra mim nutrias no fundo do coração, quando puni as mulheres desta **maloca**? Crês-tu que eu não sabia que pediste ao pajé se ele podia pôr um reparo aos males que caíam sobre os teus, ameaçando-o até, a fim de obter o que não estava em poder dele de executar? E continuando surdo a todos os conselhos que ele te dava? Mas não quero punir-te pelas ameaças que me fizeste armando teus guerreiros contra mim. Ensinar-te-ei hoje mesmo a Lei, a música e o canto de Jurupari, para mudar os usos e os costumes dos teus que são maus. Por isso logo que anoitecer, tu e os teus reuni-vos aqui nesta casa".

Caryda, apenas tinha chegado ao rio, mandou que os guerreiros nele mergulhassem e eles encontraram os restos dos ossos de Ualrí que estavam ainda no mesmo lugar, logo abaixo da cachoeira. Tirados estes restos para a terra, Caryda cortou-os conforme a Lei e deles fez instrumentos iguais aos primeiros.

O sol já se punha quando eles chegaram à casa em que estava Jurupari, e este completou o acabamento dos instrumentos e os dispôs em pé ao redor da sala. Após isto, ele disse ao **tuxaua** Nunuiiba: "Manda que os teus vão comer, e quando acabarem de comer, ordena que venham para cá". E os da **maloca** de Nunuiiba sentiram logo grande fome porque, desde o início das danças das mulheres, não haviam comido.

Quando a noite cobriu a terra, os instrumentos começaram a soar a música de Jurupari. E o **tuxaua** Nunuiiba e a sua gente ficaram maravilhados ao ouvi-la. Jurupari veio então ao meio da sala e assim lhes falou: "Todos podiam duvidar das palavras daqueles velhos insensatos que desmentiam as próprias palavras ensinando às mulheres o que não deviam, mas não deviam duvidar das palavras do pajé que confirmava a existência da Lei de Jurupari. Não fosse a tua velhice, ó **tuxaua**, que impõe tanto respeito aos teus, não teriam eles ousado dirigir suas flechas contra mim, e teriam ouvido, sem disso duvidar, tudo o que o pajé lhes dizia. Tu pertences ainda àquela gente que supõe que ninguém lhes é superior. Digo-te francamente: se não mudares de pensamento, o dia de amanhã não te pertencerá".

E o **tuxaua** Nunuiiba respondeu: "Como posso desobedecer-te se me tens ao teu lado pronto a fazer o que me disseres?"

Todos me obedecem sempre que estão sob a minha vista, para desobedecer-me tão logo eu volte as costas". E Jurupari fez-lhes conhecer todos os pontos da sua Lei e depois lhes ensinou a música e a canção de Jurupari.

E quando com a primeira luz do dia se encerrou a festa disse-lhes Jurupari: "Agora que já conhecem a minha Lei com que se devem mudar todos os usos e costumes da terra, o pajé faça respirar a fumaça do seu cigarro às mulheres que estão dormindo. Elas acordar-se-ão sem se lembrarem das loucuras que cometeram e fizeram cometer". E tendo Jurupari dissolvido a assembléia, o pajé foi acordar as mulheres com a fumaça do seu cigarro. Elas haviam ficado loucas três dias e três noites, sem reconhecer a ninguém, e quando lhes retornou a razão nada recordavam do que sucedera, nem da festa, nem do castigo que fora a sua consequência. E desde aquele dia o pajé foi sempre ouvido e obedecido em tudo e por todos.

Depois da profanação cometida por Curã, os de Tunui que ficaram na terra de Arianda partiram para pontos diversos da terra. Os que se dirigiam para o Oriente encontraram logo uma **maloca** de gente muito bonita. O costume do lugar era escolher para **tuxaua** o mais belo da tribo, fosse homem ou mulher. E naquele tempo fora eleita Naruna, uma belíssima mulher.

Ora, entre os (provindos) de Tunui, havia um belíssimo jovem chamado Date. Naruna, quando viu o jovem, lhe propôs que a desposasse, e assim tornar-se-ia o **tuxaua** local da terra. E assim ela falou a Date: "Eu quero ser tua mulher, porque és o mais belo rapaz que se apresentou até agora e, por este motivo, tu me pertences".

Date, que não sabia que orientação tomar para mudar os costumes locais de acordo com as Leis de Jurupari, aceitou a oferta de Naruna: "O nosso casamento será nas noites das 'maldades da lua' porque a minha gente está reunida aqui. E desde já, tu podes morar nesta casa com os teus companheiros, visto que brevemente serás o **tuxaua** desta terra". Date e os seus companheiros, já alojados na casa do **tuxaua**, estudavam dia e noite como haveriam de mudar os usos e costumes locais de acordo com a Lei de Jurupari, sem que surgissem obstáculos. Obedeciam todos cega-

mente às leis vigentes e não parecia fácil mudá-las de um momento para outro. Tanto mais que elas lhes pareciam mais rigorosas do que as de Jurupari.

Date perguntou aos companheiros qual o melhor meio de conseguir (seu intento) e assim lhe respondeu Jadié: "Antes do teu matrimônio com a senhora **tuxaua** do lugar, parece-me que nada se pode fazer. É melhor que antes nos assujeitemos a tudo, até que sejas tu o **tuxaua**. E então, poderemos pôr em prática as Leis de Jurupari". "E Jurupari não ficará inquieto com o nosso modo de proceder?". "Se ele deu a ti ou a alguém de nós algum amuleto, devemos temer que ele nos castigue, mas se ele nada nos deu, é melhor esperar a ocasião propícia para agir. Que adiantaria chamar agora todos os homens e ensinar-lhes as Leis de Jurupari? Todas as mulheres logo o saberiam e disso informariam a Naruna, a qual, certamente, mandaria matar-nos". "Vejo - disse Date - que não podemos introduzir agora as nossas Leis, porque não temos nenhum amuleto. Mas como o dia do casamento não está distante e eu me torno **tuxaua** desta tribo, então, com certeza, conseguiremos nosso escopo".

Jurupari e Caryda, quando deixaram a terra dos Nunuibas, se dirigiram à Serra do Tunui. E lá chegaram na ocasião em que os seus companheiros choravam e bebiam as cinzas das suas mães. E imediatamente tomaram os instrumentos fúnebres e tocaram a música dos mortos. Quando retornava o dia com suas alegrias, tudo estava concluído e cada um se recolhia na própria casa, onde reinava o silêncio.

E assim passaram três dias. No quarto, que era a vigília das "maldades da lua", Jurupari e Caryda foram com seus companheiros até as margens do lago Muypa onde se banharam e depois lhes disse Jurupari: "Agora que não vejo mais traidores sobre a terra, os quais possam impedir que os usos e costumes da nossa Lei sejam observados em todos os países do Sol, eu vou descansar. Repousai também, e depois cada um irá executar o que deve fazer. Mas ouvi antes a história triste das nossas mulheres de aqui. Depois que elas deixaram este lugar, tomaram como guia da própria viagem as águas do rio. E lá, muito distante, encontraram uma terra na qual os habitantes eram como elas, não tinham lei,

e lá ficaram todas elas, dizendo que haviam abandonado a terra que habitavam porque a Mãe-das-águas havia chamado para o fundo do rio os homens da sua tribo. E o **tuxaua** perguntou-lhes onde queriam ir. 'Queremos ficar aqui', disseram elas. 'E se a Mãe-das-águas vier em vosso encalço?', objetou o **tuxaua**. 'Ela retrocedera ante as flechas dos teus guerreiros'. 'Seja assim - disse-lhes o **tuxaua** - mas onde encontrar tantos homens para todas vós?'. 'Não queremos homens, pois prometemos não nos unir a homens'. 'Mas se eu desse um marido para cada uma de vós, tereis coração para recusá-lo?'. 'Para obedecer-te os aceitaremos, não porém para deles termos filhos. Tratá-los-emos como irmãos'. 'Está bem, hoje mesmo cada uma de vós terá um irmão para distraí-la e contar-lhe histórias'. E logo que chegou a noite, o **tuxaua** mandou a cada mulher um irmão. Quando eles chegaram e disseram às mulheres que o **tuxaua** os enviara para contar-lhes histórias lindas, elas em vez de ouvi-los, lançaram-se em seus braços e os receberam como maridos. Agora que sabeis o fim dessas mulheres impacientes, vamos descansar porque amanhã cada um de nós deverá retomar seu caminho".

Era a primeira vez que Jurupari dormia depois de tantas fadigas, e foi visitado pela Mãe-dos-sonhos. E, em seu sonho, viu o embaraço em que se encontravam Date e seus companheiros na terra de Naruna, e contou o seu sonho a Caryda. "Veja - disse Caryda - se a Mãe-dos-sonhos te disse a verdade!". E Jurupari, tomando a "sombra-do-céu", viu aí pintado com exatidão tudo o que ele havia sonhado e pôde dizer a Caryda: "É tudo verdade! Iremos para aquele lugar para ajudá-los, porém transformados em outras pessoas, e assim verificar se alguém nosso tombou vencido. Lá tomaremos parte amanhã na festa (do casamento) junto com os outros. Despede-te dos teus companheiros que cedo não poderás rever, porque lá cada um de nós seguirá o seu caminho, até que o sol nos reúna novamente".

Caryda foi então despedir-se dos seus companheiros e prometeu-lhes que um dia, quando menos o esperassem, ele voltaria em companhia de Jurupari. E recomendou-lhes que fossem severos com as mulheres, e castigassem os traidores, onde se encontrassem, em qualquer parte da terra.

Quando Caryda se reuniu com Jurupari, disse-lhe este: "Vamos pela última vez visitar esta colina onde nascemos e da qual foram dadas as primeiras Leis que devem pôr um termo a estes costumes livres que são a vergonha da terra. As nossas mães morreram para servirem de exemplo àquelas mulheres curiosas que não quiseram crer na palavra de Pĩ rõ, pai desta geração nova. Sob forma de pajé, predisse tudo o que temos executado até hoje com a minha lei que perderá sua força só quando aparecer sobre a terra a primeira mulher perfeita.

Esta colina jamais será habitada porque as sombras das nossas mães e das crianças estranguladas não permitirão à pessoa alguma que venha habitar aqui, para não profanar o lugar onde eu nasci, não escutar Seucy, a senhora deste lago, e todas as coisas nossas mudadas em pedras aqui ficarão em testemunho de nós. Agora só temos meia lua para ficarmos juntos. Amanhã partiremos para a terra de Naruna, a fim de assistir ao casamento de Date. Não sei o que vai me acontecer porque o Sol não me deu a "sombra-do-céu" que me pinte o futuro. Por isso, pela primeira vez, aceitarei tudo o que deverá acontecer. E como não quero ser reconhecido por Date, esconderei o meu **matiri** numa pele de tatu. E quando lá chegarmos pela hora da tristeza¹⁰⁵², deveremos logo tomar nosso lugar entre os dançantes e, em tudo, seguir os usos e costumes da terra".

Ao chegar a hora, Jurupari e Caryda partiram para a terra de Naruna e lá chegaram sem serem pressentidos. Mas a Lua ainda não chegara ao ponto da sua maldade, e todos conversavam. E uma bela moça por nome Carumã ia de grupo em grupo procurando um companheiro para a próxima festa e, abeirando-se de Jurupari, disse-lhe: "Belo (jovem) de Tunui, tu serás o meu companheiro nas festas das núpcias! Aceitas?". E tendo Jurupari aceitado ela completou: "Bem! Eu virei procurar-te aqui mesmo, quando chegar o momento".

¹⁰⁵² Ou seja, ao anoitecer. Para os índios do Uaupés, como para numerosos outros grupos indígenas, a chegada da noite, ou seja, o momento de transição entre o dia e a noite, é símbolo de tristeza e doença (N. do R.).

Logo que a lua começou a produzir os seus efeitos, as mulheres deram início às núpcias de Naruna e Date. Todas as mulheres, com o próprio companheiro, entraram na sala onde estava Jurupari com a sua bonita companheira. Naruna, adornada de plumas de **arara** e de águias entrou, então, na sala, precedida por Date com os instrumentos.

Logo que os esposos estavam no meio da sala, formou-se ao redor deles um grande círculo (de dançantes) e caminhou para a esquerda, enquanto Date e Naruna giravam para a direita. A pancada dos pés encobria os alegres sons da música. Quando a lua chegou ao meio do céu, Naruna ofereceu **caapi** a todos os dançantes e depois de servir ao último, ela envolveu seu esposo com os braços (abraçou-o). E todas as dançantes a imitaram. Jurupari tentou esquivar-se, porém o mestre de cerimônia que vigiava a fim de que os costumes se cumprissem, obrigou-o a capitular ante a sua companheira, que não sabia quem era aquele homem. E Jurupari, gemendo, cedeu¹⁰⁵³.

Quando **curãpã** deu o sinal que estava alvorecendo, todos se levantaram (da cópula) e Naruna distribuiu pela segunda vez **caapi** em tal abundância que, em breve, todos se sentiram entontecidos. Só Jurupari bebeu uma e mais vezes e não manifestou nenhum efeito. Depois a dança continuou, entrando novamente os esposos no centro do círculo, e sendo tangedor Jadié que conduziu pelo braço a sua bela companheira. Assim passaram o dia dançando.

Chegando a noite, repetiu-se a cerimônia (da cópula) que tanto desagradara a Jurupari. Quando o sol tornou, Naruna e Date entraram em seu quarto nupcial donde só deveriam sair no dia seguinte para receber os presentes dos seus parentes. Como desse momento em diante não havia obrigação de dançar, Jurupari e Caryda saíram da casa para conversarem e disse-lhe Jurupari: "Se eu pudesse suspeitar o que me aguardava, nunca teria assistido ao

¹⁰⁵³ Ou seja, deflorou-a. "Deflorou-a" é um esclarecimento nosso. O próprio Stradelli insinua aqui e acolá o generalizado aproveitamento do prazer sexual, de modo sempre considerado lícito para todos e com todos, entre todas as tribos indígenas, e desde que a criança a isto se sente impelida.

casamento de Date e não teria dado a minha palavra de submeter-me a todos os costumes desta gente. Porém ninguém mais verá Carumã, porque hoje ela é minha e a conduzirei para longe da vista humana, para que não seja manchada a única mulher que me tocou". "E qual presente ofereceremos a Date?", perguntou Caryda. "Tu lhe darás os teus enfeites de pena, e eu esta pele de tatu com um amuleto". E quando as primeiras alegrias do dia iluminavam as raízes do céu, reuniram-se todas à sala da festa para entregar seus presentes. E quando Jurupari avançou para dar a Date o seu presente, Naruna exclamou de modo a ser ouvida para todos: "Onde tu estavas que eu não te vi?". "Faço parte da tribo do teu marido!". "Mas és o moço mais belo que eu tenha visto! Eu sou a senhora desta terra e somente eu posso fazer a minha vontade, e assim hoje mesmo tornarei a casar-me contigo, serás o meu primeiro marido, Date o meu segundo. Já disse que eu sou a senhora desta terra, onde só se cumpre a minha vontade. Hoje mesmo serás o meu marido, se não queres morrer pela mãos dos meus guerreiros".

E a sua voz foi diminuindo pouco a pouco e cessou totalmente. E a sua gente ficou toda paralisada. Date disse então a Jurupari: "**Tuxaua**, eu te esperava a fim de poder remediar a todos estes males". "Amanhã - disse-lhe Jurupari - tira desse **matiri** o amuleto que aí está, põe-o no nariz e, em teu coração, conserva aquilo que desejas que seja feito e tudo assim se fará. Quando restituíres a razão a esta gente, ninguém se recordará disto que aconteceu, e poderás governar esta terra conforme a tua vontade, porque a própria Naruna não se lembrará mais que a sua vontade aqui era a lei, e também ela te obedecerá cegamente".

Quando Jurupari acabou de falar, tomou Carumã e desapareceu com ela em direção do Oriente, deixando após si densa fumaça com odor de resina de **cumarú**¹⁰⁵⁴.

No dia seguinte, Date tomou o amuleto, que era a garra (unha) de águia, e o pôs no nariz, soprou na face da sua gente que

¹⁰⁵⁴ Coumarouna polyphylla Ducke e Coumarouna speciosa Ducke, da família Leguminosas papilionáceas.

era ainda imóvel e, ao chegar ao último, viu que todos já estavam vivendo. Disse, então, a Jadié: "Acorda toda esta gente e manda que vão banhar-se no rio". E assim fez, todos se dirigiram ao rio para se banharem, inclusive Naruna. Quando esta voltou, sentia-se tão humilhada que Date dela sentiu compaixão, e perguntou-lhe: "Por que dormistes tanto?". "A Mãe-do-sono me enganou!". "Para que ela não te engane mais - continuou Date - antes de irmos dormir, vá tomar outro banho". Naruna ficou tão envergonhada com esta observação do seu marido que foi para a cozinha e se escondeu dentro de uma grande panela de **caxiri**. Chegada a hora da refeição, ela não apareceu. "Onde está a minha mulher?". Ninguém soube responder. Então Date tomou o talismã e quis que Naruna se apresentasse. Todos viram que a panela de **caxiri** que estava na cozinha veio até onde Date se achava, sem que ninguém a transportasse. E quando Date indagou: "Ninguém sabe onde está minha mulher?", rompeu-se a panela e apareceu o corpo de Naruna já sem pele, tão forte era a bebida.

Quando Date verificou que Naruna estava morta, amaldiçoou a Jurupari. De todos os presentes ninguém soube quem matara Naruna. Dizem que talvez Date, não sabendo usar o seu amuleto, matara Naruna sem o querer.

Ao reaparecer o sol no dia seguinte, enterraram o corpo de Naruna perto de um tronco de inajá¹⁰⁵⁵ onde todas as noites Date ia depositar **beiju**, peixe e outros alimentos, a fim de que a sombra de Naruna se alimentasse.

Jadié ficou encarregado de ensinar à tribo de Date a Lei, a música e o canto de Jurupari. Ninguém se opôs, e deste modo, os novos usos e costumes foram em pouco tempo observados em todo o país.

Depois da morte de Naruna, Date vivia solitário e triste, sem sequer conversar com os seus companheiros. O seu lugar era em cima de uma pedra, com os olhos voltados para o Oriente. Ora Jadié, que executava as suas ordens, indo em certa ocasião prestar-lhe conta das suas atividades, encontrou-o chorando e perguntou-

¹⁰⁵⁵ Família Palmáceas.

lhe: "Que tens? Vejo em ti os sinais do teu desgosto que denunciavam a tua fraqueza". "Eu mesmo não sei explicar, mas sinto uma tristeza que me domina até o ponto que vês. Nada me falta, encontro em vós amigos fiéis, mas uma dor desconhecida me mata". E, mal acabou de dizer estas palavras, caiu morto. E Jadié teve ainda tempo de amparar o corpo do seu infeliz companheiro.

O amuleto que estava dentro da pele de Date começou a fazer ruído, parecia ruído de bater de dente. Jadié dele se apoderou e, adaptando-o ao seu nariz, pediu para ser eleito chefe da tribo. Quando Jadié entrou na **maloca**, levando o cadáver de Date, os de Tunui se pintaram de **urucu**¹⁰⁵⁶ e choraram. O corpo de Date foi sepultado no mesmo lugar em que estava o corpo de Naruna. E Jadié ia, todas as noites, levar comida para as sombras de ambos.

Ora, visto que a Lei de Jurupari já era observada nesta terra, os de Tunui partiram para outros lugares para cumprir o seu dever. E Jadié ficou sozinho governando aquele povoado. Ele, porém, era muito mulhengo e, visto que sua mulher já estava grávida, andava de amores com todas as moças, violando assim a Lei de Jurupari.

E todas aquelas moças formaram uma conspiração feminina para obrigá-lo a declarar qual delas teria direito de dar-lhe um herdeiro. Mas nessa **maloca** as mulheres eram o dobro dos homens e Jadié teve medo e não respondeu. Gidanê, uma moça bonita, porém, de mau gênio, foi a primeira que deu à luz um menino que foi imediatamente depositado na casa de Jadié. Este, enfurecido com isto, fez lançar ao rio seu próprio filho. Então Gidanê, à frente de todas as mulheres, foi à casa de Jadié e todas juntas o mataram. Mataram em seguida todos os seus guerreiros, poupando apenas alguns jovens que haviam acompanhado a própria mãe nessa luta.

E o mais velho desses jovens, de nome Calribobó, foi eleito **tuxaua**. Calribobó já conhecia todas as Leis de Jurupari e continuou a observá-las com exatidão. Ora, todas as noites na casa

¹⁰⁵⁶ Ver nota 177.

onde habitara Jadié, ele ouvia um grilo cantar tão fortemente que o incomodava. Recordava-se de todas as coisas que vira e ouvira e que dois dos de Tunui falaram de uma **puçanga** que Jurupari distribuía à sua gente. Certamente também Jadié devia tê-la, e tomou o propósito de ir procurá-la logo que chegasse a noite. Quando esta sobreveio, ele foi diretamente à casa em que habitara Jadié à procura da **puçanga** e, apenas entrara em casa, ouviu o canto do grilo. Procurou matá-lo e qual não foi sua surpresa vendo que o grilo que fazia tanto rumor não passava de uma unha (garra de águia) fechada de um lado por cera de abelha. E, adivinhando que aquela garra de águia era o amuleto, o tomou para si e logo o pôs no nariz pedindo-lhe para saber o que ainda não sabia. E assim se deu, e daí por diante Calribobó governou os seus com tal sabedoria que jamais algum deles se queixou.

Depois que Jurupari e Caryda com Carumã deixaram a terra de Naruna, dirigiram-se para o Oriente até as margens de um rio de águas brancas e ali se elevaram até tocar o céu, deixando Carumã cair de lá. E o corpo de Carumã, ao cair, ia aumentando de volume quando mais se aproximava da terra, de sorte que, ao tocar o solo, se transformou em uma grande montanha.

E Caryda e Jurupari, depois de ficarem algum tempo suspensos no ar, pousaram-se no cume da nova montanha às margens de um belíssimo lago, circundado de plantas odorosas. E Jurupari assim falou: "Eis aqui a primeira e única mulher que me teve, deposta com toda segurança longe da vista dos homens. Um dia, quando tudo estiver consumado, virei então retomá-la para vivermos juntos bem próximos das raízes do céu, onde quero repousar das fadigas da minha missão, longe dos olhos de todos. Hoje, Caryda, é o último dia que estaremos juntos, e antes de nos separarmos quero contar-te o segredo da minha missão sobre a terra. O Sol procura desde que nasceu a terra uma mulher perfeita para chamá-la junto de si. Mas como até hoje não a encontrou, confiou-me parte do seu poder para ver se neste mundo poderia existir uma mulher perfeita". "E qual é a perfeição que o Sol deseja?". "Que ela seja paciente, saiba guardar segredo e que não seja curiosa! Nenhuma mulher existente sobre a terra reúne em si estas qualidades. Se sabe guardar um segredo, não é paciente. E

todas são curiosas, querem tudo ter e experimentar. E até agora não apareceu ainda uma mulher que o Sol deseja possuir. Quando a noite de hoje chegar ao meio, devemos separar-nos: eu irei para o Oriente e tu, seguindo o caminho do Sol, irás para o Ocidente. Se um dia o Sol, tu e eu nos encontrarmos no mesmo lugar, quer dizer que apareceu sobre a terra a mulher perfeita".

Depois disso Jurupari dirigiu-se à outra margem do lago e, sentado sobre uma pedra, ficou contemplando a própria imagem refletida na água. Caryda, dominado por uma força maior que a sua vontade, ficou no mesmo lugar, sem poder seguir o seu companheiro. Quando a lua vinha surgindo do seio da terra apareceu na superfície da água uma belíssima mulher na qual Caryda reconheceu Carumã. Ela cantou a canção e a música de Jurupari com tanta doçura que Caryda adormeceu e, quando acordou, já na alta noite, não viu mais ninguém. Mas, olhando melhor para o Oriente percebeu, já muito distante, duas figuras que pareciam seguir o mesmo caminho. E, então, Caryda levantou-se e pôs-se a caminhar para o Ocidente.

CONTRIBUIÇÃO DO PADRE CASIMIRO BÉKSTA¹⁰⁵⁷, SDB

¹⁰⁵⁷ O nosso fecundo quinquênio (1953-58) de permanência entre estas tribos do Uaupés deu-nos a oportunidade não só de estudar a língua Tukano mas de visitar, outrossim, todas as tribos brasileiras deste noroeste amazônico, como também de explorar a zona fronteira colombiana até o rio Pira-paraná verificando quais tribos se aninhavam nesta importante selva. Pudemos assim recolher mais de 300 palavras usuais em 38 diferentes línguas indígenas para serem publicadas no volume projetado **Idiomas Indígenas da Amazônia** como num arquivo para a posteridade. Razões de saúde levaram-nos até São Paulo (1956) e lá tivemos o ensejo de encontrar, concluindo o seu curso teológico, o jovem Casimiro Béksta. Fomos informados que viera ao Brasil para se dedicar ao apostolado missionário e, por isso, tendo já completado o curso filosófico, foi encaminhado para as Missões do Uaupés, donde seguira três anos mais tarde para o curso teológico do Instituto Pio XI em São Paulo (agregado à Universidade Salesiana de Roma). Regressando às Missões como jovem sacerdote prosseguiu seus estudos indigenistas. Foi convidado a dar cursos sobre a língua Tukano na Universidade do Amazonas e no CENESC. Bem como num curso que o Provincial Salesiano promoveu em Iauaretê para os Missionários salesianos e para os que concluíram seu curso teológico em São Paulo. Não nos sendo possível realizar o ideal de reunir pela gravação na fita magnética o total de contos e lendas que conhecem os velhos indígenas do Uaupés, mas com o desejo de reunir o maior cabedal possível para o volume sobre estas lendas, apelamos para a colaboração do P. Casimiro Béksta, que remeteu-nos tudo quanto até aquela época havia reunido para a publicação, e no-las enviou no original Tukano com a respectiva tradução. P. Casimiro continua ativo nas suas pesquisas, tendo composto recentemente uma cartilha Tukano (1984) e uma cartilha Yanomami (1985), em uso hoje na alfabetização desses indígenas.

Origem do mundo e da humanidade¹⁰⁵⁸

O mundo não existia

No princípio, o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher, por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de pedra branca¹⁰⁵⁹. Aparecendo, ela cobriu-se com os seus enfeites e fez como que um quarto de pedra branca. O nome dela era "Avó do Mundo" ou também "Avó da Terra".

Como ela apareceu

Havia coisas misteriosas, para ela criar-se a si mesma. Havia seis coisas misteriosas: um banco de pedra branca, uma forquilha grande para segurar o cigarro grande, uma cuia de *ipadu*¹⁰⁶⁰, o suporte desta cuida de *ipadu*, uma cuia de polvilho de tapioca e o suporte desta cuia de polvilho¹⁰⁶¹. Sobre estas coisas misteriosas é que ela se transformou em si mesma. Por isso, ela se chama a "Não criada".

¹⁰⁵⁸ Lenda narrada ao P. Casimiro Béksta por Firmiano Arantes Lana (ou Umusin Panlõn Kumu), índio Desana de São João (rio Tiquiê), e traduzida para o Português por seu filho, Luis Gomes Lana (ou Tolaman Kenhiri). Uma versão mais completa desta lenda foi publicada em 1980 por estes dois índios no livro *Antes o Mundo não existia* (São Paulo: Livraria Cultura Editora, pp. 51-76). Uma tradução italiana da mesma lenda foi publicada em 1986 no livro *Il Ventre dell'Universo* (Palermo: Sellerio Editore, pp. 37-59). Como podera-se ver essa versão apresenta algumas variações com as versões publicadas em 1980 e 1986 (N. do R.).

¹⁰⁵⁹ Segundo a versão publicada em 1980 (:51) trata-se de "quartzito branco" (N. do R.).

¹⁰⁶⁰ Ver nota 88.

¹⁰⁶¹ Ver os desenhos destas seis "coisas misteriosas" no livro destes dois índios (1980:193) (N. do R.).

Foi ela que pensou sobre o futuro do mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, esta mulher começou a pensar como deveria ser o mundo. Ela pensou isso na Quarto de Pedra Branca, onde ela estava. Neste quarto, ela comeu **ipadu**, fumou cigarro e pensou como devia ser o mundo.

No momento em que ela pensava, no quarto dela mesma, começou a se levantar algo como se fosse um balão e, em cima disso, como se fosse uma torre. Só com o pensamento dela aconteceu isso. Esse balão, levantando-se, envolveu toda a escuridão, de maneira que esta ficou dentro dele. O balão era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto dela havia luz, no Quarto de Pedra Branca. Tendo feito isto, ela chamou o balão "Casa do Dia", chamou-o assim como se fosse uma grande **maloca**¹⁰⁶². Este é o nome que ainda hoje é o mais mencionado nas cerimônias.

Como apareceram cinco seres

Depois ela pensou em colocar pessoas nesta grande casa. Comeu **ipadu**, fumou o cigarro. Todas essas coisas eram especiais, não eram "feitas" como as de hoje.

Ela tirou o **ipadu** da boca e o fez transformar-se em homens, os "Avôs do Mundo". Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados "Gente da Pedra Branca", quer dizer, "Homens de Mármore", porque são eternos, não são como nós. Tudo isso ela fez no Quarto de Pedra Branca, no lugar onde apareceu.

Depois de ter feito isto, ela saudou os seus gerados, chamando-os "Irmãos do Mundo", quer dizer que ela os considerava como irmãos. Eles lhe responderam, chamando-a "Avó dos Parentes do Mundo", quer dizer que era a avó de todo ser que existe.

Feito isso, a cada um ela deu um quarto nesta grande casa que é a Casa do Mundo, o mundo. Eram cinco os Trovões. Nós os chamamos "Avôs do Mundo". O primeiro, como primogênito,

¹⁰⁶² Sobre a **maloca** ver nota 63.

recebeu o quarto do chefe. O segundo recebeu o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro recebeu o quarto no alto do jirau do jabuti¹⁰⁶³. O quarto Trovão recebeu o quarto da esquerda, acima do primeiro, em frente ao segundo quarto. O quinto recebeu o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormiam os hóspedes.

Como disse antes, o mundo terminava em forma de torre. Na ponta da torre, havia um sexto quarto, onde estava um enorme morcego que se parecia como um grande gavião. O lugar onde ele estava chama-se "Funil do Alto", quer dizer o "Fim (confins) do Mundo".

Cada um recebeu assim o seu quarto, nesta grande Casa do Mundo. Estes mesmos quartos tornaram-se casas, que se chamam "Casas do Mundo". Cada Trovão ficou morando em sua própria casa. Ainda não havia luz (no mundo). Só nessas casas havia luz, do mesmo modo como na casa da Avó do Mundo. No resto do mundo tudo era ainda escuridão.

Como queriam fazer a futura humanidade

A Avó do Mundo disse aos Trovões: "Criei vocês para que guardassem o mundo. Agora vocês pensem para fazer a luz, os rios e a futura humanidade". Responderam que sim, que iam fazer. Mas não fizeram nada! Cada um ficou em sua casa, e nem pensaram no que a Avó do Mundo lhes tinha pedido.

As casas dos Trovões tinham nomes. A casa do primeiro chama-se "Casa do Leite" e fica no sul. A casa do segundo chama-se "Casa da Cachoeira da Casca" e fica no leste, em Tunui cachoeira, no rio Içana. A casa do terceiro chama-se "Casa de Cima" e fica no alto. Esta é a que tinha as riquezas: diversas espécies de materiais de dança, diversos adornos usados nas danças rituais. Todas estas coisas eram especiais, "mágicas". Tudo isto viria

¹⁰⁶³ O jabuti é um aerófono. O jirau do jabuti era o lugar onde, segundo P. Brüzzi (1977:52), "se guardava um casco de jabuti tocado durante as cerimônias" (N. do R.).

a formar a futura humanidade. Foi ao terceiro Trovão que a Avó do Mundo deu todas essas coisas, assim como o poder de guardá-las. A casa do quarto Trovão chama-se "Casa do Remanso" e fica no oeste, no rio Apaporis, na Colômbia. A casa do quinto chama-se "Casa da Cabeceira do Rio" e fica no norte. O Trovão desta casa era o último, de importância menor. Ele se chamava "Lua Bela": brilhava por si mesmo.

Foi assim que a Avó do Mundo deixou tudo distribuído.

O mundo estava ainda escuro. Vendo que não cumpriram suas ordens, a Avó do Mundo disse: "Eu não mandei vocês ficarem parados assim! Vocês não estão obedecendo às minhas ordens. Eu mandei vocês fazerem a lua, os rios e a futura humanidade, e vocês não o estão fazendo!". Os rios, eles já haviam feito. Só faltava fazer a luz e a futura humanidade. Ouvindo isto, eles decidiram fazer a futura humanidade. Realizaram um grande **dabucuri**¹⁰⁶⁴ de miriti¹⁰⁶⁵, ou festa de oferta de frutas. Fizeram isso na Casa de Leite. A Avó do Mundo, vendo o que eles iam fazer, veio para guiá-los.

Mas a bebida servida, que era **caapi**¹⁰⁶⁶, era forte demais, e eles não conseguiram fazer a criação. Um dos Trovões saiu para começar. A Avó do Mundo estava sentada para guiá-lo. Mas ele já estava tonto pela bebida e não podia mais agüentar. Saiu vomitando pelo oeste. Aí endureceu e (do vômito) levantou-se uma grande montanha formada pelos seus enfeites.

Vendo que não dava certo, a Avó do Mundo disse: "Esses não têm jeito mesmo, eles não sabem fazer". E voltou outra vez para o lugar dela, na Casa de Pedra Branca.

Como apareceu outro ser misterioso

Voltando ao seu lugar ela disse: "Não está danto certo".

¹⁰⁶⁴ Ver nota 21.

¹⁰⁶⁵ Ver nota 506.

¹⁰⁶⁶ Ver nota 188.

Pensou, de novo, em criar um outro ser que pudesse obedecer às suas ordens. Tomou **ipadu**, fumou cigarro e pensou como devia ser.

No momento em que ela estava pensando, da fumaça do cigarro mesmo, formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar nem ver.

Vendo-o aparecer, a Avó do Mundo, chegando à cachoeira do Piramiri (no rio Papuri), envolveu o espírito e o pegou. Ela estava fazendo como fazem as mulheres que dão à luz. Depois de o ter pegado, a Avó do Mundo o saudou: "Bisneto da Humanidade do Mundo!". Ele respondeu: "Tataravó, Avó da Humanidade do Mundo!".

Isso ela fez no Quarto dos Mármore, na Casa de Pedra Branca.

O nome dele também é "Deus da Terra" ou "Deus do Mundo". A Avó do Mundo disse ao Bisneto do Mundo: "Eu mandei aos Trovões do Mundo fazerem as camadas da terra, fazerem a futura humanidade. Mas eles não souberam fazer. Agora faça você isso! Eu hei de guiar".

Ele respondeu que sim, que iria fazer. Aceitou a palavra da Avó do Mundo. De lá mesmo, no Quarto dos Mármore, onde ele havia aparecido, ele levantou o seu bastão cerimonial que se chama "Osso do Pajé do Mundo". Esse bastão subiu até o cume da Torre do Mundo: era a força dele que subia. Aí, ele parou.

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava levantado, cumpriu sua promessa de guiá-lo. Ela enfeitou a ponta do bastão com Penas Amadas¹⁰⁶⁷, enfeites próprios desse bastão, masculinos e femininos¹⁰⁶⁸, e esse adorno ficou brilhante de diversas cores: azul, branco, verde, amarelo. Ficou brilhando. Enfeitou-a ainda com uma espécie de brincos, pingentes, de feição masculina e feminina. Ele fez isso no cume da Torre do Mundo. Com esse

¹⁰⁶⁷ Penas de tucano e de japu (ver Kumu e Kenhiri, 1980:55); ver desenho deste bastão cerimonial (*op. cit.*: 4, p. 194) (N. do R.).

¹⁰⁶⁸ Todos os objetos cerimoniais são sempre considerados em pares, masculino e feminino (N. do R.).

enfeite, a ponta do bastão tornou-se brilhante.

Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz à toda a escuridão, até os confins do mundo. Era o Sol que estava sendo criado. É assim que apareceu primeiro o Sol. Isso eles fizeram juntos, a Avó do Mundo e o Deus da Terra.

O Sol girava por si mesmo. Na Astronomia dos Antigos estes já sabiam que o Sol girava por si mesmo. Isso é a criação do Sol.

Tendo feito isto, a Avó do Mundo cobriu o Sol: fez como um guarda-chuva para ajudar o trabalho do Bisneto do Mundo, cumprindo a sua promessa de guiá-lo. Isso fizeram juntos.

Vendo o trabalho do Bisneto do Mundo, os Trovões ficaram com inveja. Disseram entre si: "Nós que somos Homens de Mármore, nós que fomos os primeiros (a ser criados), não conseguimos fazer isto! Como é que este aparecido, este espírito, que não tem corpo, como é que ele consegue fazer isto? Mas (faremos de sorte que) ele não conseguirá!". Por inveja, queriam destruir o trabalho dele.

Só dele não teve inveja o Avô do Mundo, o terceiro Trovão. Ele amansou-os (os outros Trovões) com a comida deles, que era **ipadu** e cigarro. Só disso é que eles viviam. Comendo **ipadu**, fumando cigarro, eles se amansaram, não ficaram mais com inveja e não incomodaram mais o trabalho do Bisneto do Mundo.

Este bastão não era como o de nossos dias: ele era especial, invisível. Todas as coisas (nesta época) eram invisíveis: a gente não podia vê-las, nem tocá-las. Desde o princípio da história, todos os materiais eram invisíveis: o **ipadu**, o cigarro, o bastão, e todas as outras coisas que eu citei, eram invisíveis.

Este bastão era o "Osso do Pajé do Mundo". Nele ele ia subir até a casa do terceiro Trovão. Antes de subir, porém, ele transformou vários materiais: o cercado para encurralar peixes, o cercado do primeiro **urucu**, o cercado da primeira aurora, o primeiro cercado inicial, com talos de **caruru** de roça. Sustentado em cima dessas coisas que ele transformara é que ele subia no espaço.

A Avó do Mundo tirou do seio esquerdo sementes de tabaco, grãosinhos minúsculos que ela espalhou em cima da

esteira. Depois, tirou leite do seio direito que ela espalhou (também) em cima da esteira. A semente do tabaco era a terra; o leite era como o adubo da terra. Ela fez isso porque o Bisneto do Mundo ia subir, cortando camadas da terra, indo para a Casa de Cima. Ele subia no espaço, cortando o espaço e dividindo a terra em camadas.

O mundo foi (assim) dividido em andares (ou graus), como o ninho da caba¹⁰⁶⁹ está dividido em vários níveis. Mas o Sol, feito por eles, estava iluminando todos esses graus. Ele estava em cima, bem no alto. Se ele estivesse perto de nós, ele nos queimaria a (todos) nós.

Portanto, o mundo ficou dividido em graus, em andares sobrepostos¹⁰⁷⁰, como disse antes. O quarto da Avó do Mundo ficou debaixo desses graus: é o primeiro quarto ou "Quarto de Mármore". O segundo grau, acima do primeiro, chama-se "Repartição de Pedras Roliças de Mármore". O terceiro andar chama-se "Nível de Tabatinga". É nesse nível que estamos nós, que vivemos, assim como toda a humanidade. O quarto nível chama-se "Firmamento" ou "Repartição do Sol" e está em cima de nós. É este grau que os Antigos chamavam "Nível dos Santos" ou ainda "Nível dos Deuses". Isso é a história dos Antigos. Os velhos desse tempo, fazendo comparações com a religião católica, dizem que o Bisneto do Mundo deve estar lá (agora).

Este, que foi criado pela Avó do Mundo no Quarto de Mármore, não tinha corpo, era um espírito. A religião católica diz que Deus é um espírito que não tem corpo. A este trecho meu pai que está contando, está comparando as histórias dos Antigos com a religião católica. Dizem que neste nível é que deve estar o espírito, o Bisneto do Mundo, o nosso Deus aí eterno.

Em cima deste nível é que está a Casa de Cima, a casa do terceiro Trovão. Este é o guardião dos enfeites de penas e dos diversos adornos que os antigos usavam para as danças.

¹⁰⁶⁹ Ver nota 409.

¹⁰⁷⁰ Ver desenho das camadas do universo in Kumu e Kenhiri (1980:197) (N. do R.).

O Bisneto do Mundo, criando as camadas da terra, estava subindo no espaço, dirigindo-se para a casa do terceiro Trovão, porque a Avó do Mundo lhe tinha dado a ordem de ir lá pedir os enfeites de penas que eram a futura humanidade.

Quando chegou à casa do Trovão, encontrou-a fechada. A casa inteira era de mármore, a porta também era de mármore. Ninguém podia entrar. Chegando lá, o Bisneto do Mundo começou a acalmar tudo e só depois abriu a porta. Se não (tivesse feito assim) ele não poderia mais viver.

No momento em que ele abriu a porta, apareceu Uaracu¹⁰⁷¹, o Homem do Dia¹⁰⁷², o chefe dos Desana. Ele era como o irmão maior do Bisneto do Mundo. Foram eles dois que entraram nesta casa.

Ao entrar, o Bisneto do Mundo exclamou: "Sôw!" É uma exclamação de advertência ao dono da casa. E continuou dizendo: "Eu sou o Homem da Fileira da Gente do Avô do Mundo". Esta era a saudação. Com isso ele quis dizer: "Eu vim visitar o Avô do Mundo".

O Trovão respondeu: "Sim, ó Bisneto do Mundo!". Ele respondeu de lá mesmo onde estava, não veio até a porta para apresentar a sua saudação. Só veio por primeiro o cigarro do Trovão, depois o **ipadu** e, por fim, o **ipadu** feito com tapioca. Estas coisas vieram sozinhas, por si mesmas; estavam cumprimentando o Bisneto do Mundo. Vieram uma por uma, subiram, chegaram à presença dele, pararam um pouco e voltaram para o quarto do Trovão.

Depois que voltaram o cigarro e o **ipadu** o Deus do Mundo (ou Bisneto do Mundo) ficou olhando. Viu muita riqueza: penas e diversos adornos dos Antigos. A casa do Trovão lhe pareceu como se fosse um museu!

¹⁰⁷¹ Uaracu (Aracu), nome do ancestral maior dos Desana, é o nome de um peixe de água doce, da família Caracídeos, subgênero Leporinus (N. do R.).

¹⁰⁷² Um dos nomes cerimoniais dos Desana é "Gente do Dia (Ömökori maxsã) ao passo que a denominação cerimonial dos Tukano é "Gente da Noite (Ñami maxsã) (N. do R.).

Como apareceu a humanidade

Enquanto ele estava olhando isso, o Trovão veio cumprimentá-lo. O Bisneto do Mundo disse ao Trovão: "Eu vim aqui porque a Avó do Mundo me mandou pedir-lhe as suas riquezas, meu Avô do Mundo. Com esta ordem é que eu vim aqui!". O Trovão respondeu: "Muito bem, meu Bisneto! As riquezas que tu queres, eu as tenho! Hei de dar!". Dito isto, ele desceu do lugar onde se encontrava, pegou uma esteira e chegou perto do Deus do Mundo. Estendeu a esteira no chão e, com a mão, apertou a sua barriga. Saíram-lhe então pela boca as diversas riquezas¹⁰⁷³ que caíram sobre a esteira. Ele fez isto na vista do Bisneto do Mundo. Quando saiu todo, o Trovão disse: "Eis as riquezas, meu Bisneto! Quando voltar lá, você faça assim!". E mostrou-lhe como devia fazer.

No momento em que ele estava explicando o que ele devia fazer, todas aquelas riquezas se transformaram em gente: homens e mulheres que encheram a casa do Trovão. Deram uma volta na casa e voltaram a ser, outra vez, riquezas. Estas riquezas eram a futura humanidade.

O Trovão disse: "Procedam assim quando forem colocar as Casas de Transformação de Gente para criar a futura humanidade!". E colocou todas as riquezas na mão do Bisneto do Mundo.

Fora da casa tinha um pé de **ipadu**. O Trovão disse-lhes, mostrando-o: "Aí está um pé de **ipadu**. Tirem cada um de vocês uma folha nova da ponta e engulam esta folha. Quando tiverem dor de barriga, tirem cada um de vocês o seu **turi**¹⁰⁷⁴ e acendem-no. Lavem a cuia de água e depois bebam toda esta água. E vomitem para dentro de um só buraco na água!".

¹⁰⁷³ A versão publicada (1980:58) precisa: "Eram **acangataras**, e outros enfeites de penas de cabeça, colares com pedra de quartzo, colares de dentes de onça, placas peitorais, forquilhas para segurar o cigarro. Cada par de enfeites representava um homem e uma mulher" (N. do R.).

¹⁰⁷⁴ Ver nota 140.

Tiraram então a folha de **ipadu** e a enguliram. Quando eles sentiram dor de barriga eles fizeram como lhes fora dito (de fazer). Quando eles vomitaram, aí mesmo, apareceram duas formosas mulheres. O Bisneto do Mundo disse para o seu irmão: "Puxa estas para fora!". Então o Uaracu, o Homem do Dia, pegou as duas pela mão, puxou-as para fora da água, dizendo-lhes: "Minhas filhas!". O vômito deles era como um parto e dele apareceram as primeiras mulheres. Eles levaram-nas para a casa do Trovão para lhe mostrar. O Avô do Mundo disse: "Muito bem! Fazei assim!" Ele viu que fizeram direito.

O Trovão disse ao Bisneto do Mundo: "Eu também vou com vocês levar as minhas riquezas". Prometeu ir com eles para ajudar a formar a futura humanidade. Feito isso, o Bisneto do Mundo voltou para o Andar de Pedra Branca, que é o Andar do Princípio, onde ele tinha aparecido com todas as riquezas e com tudo o que ele encontrou lá no alto, e que o Trovão lhe dera.

E depois, levantou-se para formar a humanidade.

Levantou-se num grande lago, chamado Lago de Leite. Enquanto ele se levantava o Trovão desceu neste grande lago na forma de uma cobra gigantesca: sua cabeça se parecia como a proa de uma lancha. Para eles parecia como um grande navio a vapor. Era a Canoa da Futura Humanidade.

O Bisneto do Mundo e Uaracu, o Homem do Dia, vieram como comandantes daquela canoa. Chegaram à casa do primeiro Trovão, no Lago de Leite. Entraram nesta casa e fizeram como o Avô do Mundo lhes tinha mostrado. Aí aconteceu o que tinha acontecido lá na Casa de Cima: os enfeites se tornaram pessoas que fizeram um desfile. Deram uma volta dentro da casa e, depois, voltaram a ser enfeites.

Esta Casa de Leite está na beira de um grande lago que se chama Lago de Leite, ou seja, o lago de onde surgiu a humanidade. As casas na beira do Rio de Leite foram feitas pelo Bisneto do Mundo junto com Uaracu, o Homem do Dia. As casas chamam-se Casas de Transformação de Gente.

Na beira deste grande lago que é o oceano, na frente da Casa de Leite, ao seu lado direito, há uma outra casa que se

chama Casa do Paricá¹⁰⁷⁵. Esta casa foi feita por Uaracu, o Homem do Dia, ao surgir com seu irmão, nesse grande lago. Foi ele que pensou fazer esta grande casa. Esta casa é de paricá. Ele ia se tornar um grande pajé, por isso é que ele fez esta casa, mesmo vindo com seu irmão. Por isso, esta casa é dele.

Como disse antes, tendo entrado na Casa de Leite, ele fez como o Avô do Mundo lhe tinha ensinado na Casa de Cima. Ao sair desta casa, o Bisneto do Mundo embarcou (de novo) com as riquezas na grande embarcação. Esta grande embarcação era o Trovão mesmo, que vinha trazendo as riquezas que eram a futura humanidade.

O Bisneto do Mundo veio ficando de pé, na proa da embarcação, com o seu bastão cerimonial. Uaracu, o Homem do Dia, estava no centro, dentro da embarcação. Os dois eram chefes dessa grande Canoa de Transformação, trazendo as suas riquezas. Essa Canoa era o Trovão mesmo e parecia-se como uma grande jibóia¹⁰⁷⁶. Daí o seu nome de Cobra de Transformação. Mas para os viajantes ela era uma grande embarcação, em forma de lancha ou embarcação a motor. Por isso é chamada "Canoa de Transformação". Eles subiram pelo lado esquerdo do lago criando Casas de Transformação de Gente.

Ao chegarem a uma casa, eles encostavam, saíam da embarcação levando as riquezas e faziam cerimônias. E em cada casa acontecia a mesma coisa: as riquezas transformavam-se em pessoas, com corpo humano, e estavam crescendo. As primeiras casas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Casa de Leite. As outras casas estão localizadas no grande rio que é o Rio de Leite, outras estão nas costas do Brasil, no rio Amazonas, no rio Negro, no rio Uaupés e, por fim, no rio Tiquiê. De um certo ponto baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo rio Uaupés até a saída por terra em Ipanoré.

Subindo acima da Casa de Leite a Canoa de Transformação chegou a casa que se chama Casa do Som da Flauta. Aí ela

¹⁰⁷⁵ Ver nota 263.

¹⁰⁷⁶ Constrictor constrictor L. (N. do R.).

encostou e os dois fizeram uma cerimônia com as riquezas. Estas casas foram feitas pelo Bisneto do Mundo e por Uaracu, o Homem do Dia.

Subindo acima da Casa do Som da Flauta, eles fizeram uma casa que se chama Casa dos que Ainda Não Comem. A futura humanidade tornava-se gente e crescia casa por casa, assim como a criancinha cresce ano por ano. Assim mesmo acontecia com eles.

A embarcação vinha debaixo da água, como submarino. As casas também estão debaixo da água. Tanto é que eles vieram como Gente de Peixe. Gente de Peixe são aqueles que ficaram nestas casas.

Subindo mais em cima, fizeram a casa que se chama Casa dos Meninos. Aí fizeram cerimônias como de costume. Estas quatro primeiras casas estão na beira do Lago de Leite, no lado esquerdo. Daí subiram o Rio de Leite e chegaram à casa que se chama Casa do Horizonte. Daí subiram e chegaram à 6ª casa que se chama Casa da Esteira. Daí subiram e chegaram à 7ª casa ou Casa de Caju. Daí subiram e chegaram à 8ª casa que se chama Casa do Menino. Daí subiram e chegaram à 9ª casa que se chama Casa de Borbulho na Água. Daí subiram e chegaram à 10ª casa que se chama Casa de Areia. Daí subiram e chegaram a 11ª casa que se chama Casa de Reboição na Água. Os velhos contam que esta casa está nas costas do Brasil. Daí subiram e chegaram à 12ª casa que se chama Casa de Terra. Também esta é nas costas do Brasil!

Continuando a subir entraram no rio Amazonas. Chegaram à 13ª casa que se chama Casa da Cobra. Os velhos contam que esta casa encontra-se em Manaus, na Baía de Boiaçu. Daí vieram subindo pelo rio Negro: chegaram à 14ª casa ou Casa de Branqueamento. Daí subiram e chegaram à 15ª casa que se chama Casa de Balacélu¹⁰⁷⁷. Daí subiram e chegaram à 16ª casa que se chama Casa das Flautas Sagradas. Daí subiram e chegaram à 17ª casa que se chama Casa do Retorno. Daí subiram e chegaram à 18ª casa que se chama Casa das Eternas Crianças. Daí subiram e

¹⁰⁷⁷ Atual Barcelos.

chegaram à 19ª casa que se chama Casa dos Vermes. Os velhos contam que esta casa é a atual Tapurucuara¹⁰⁷⁸. Daí subiram e chegaram à 20ª casa que se chama Casa de Partir o Rio. Daí subiram e chegaram à 21ª casa que se chama Casa de Chacoalhar Água na Boca. Daí subiram e chegaram à 22ª casa que se chama Casa do Cercado de Peixes. Daí vieram subindo e chegaram à 23ª casa que se chama Casa dos Camarões. Estas três últimas casas estão em São Gabriel da Cachoeira.

Daí subiram e chegaram à 24ª casa que se chama Casa das Flores¹⁰⁷⁹. Daí subiram e chegaram à 25ª casa que se chama Casa dos que Começam. Daí subiram e chegaram à 26ª casa que se chama Casa de Pedra Pintada¹⁰⁸⁰. Daí subiram e chegaram à 27ª que se chama Casa das Flautas Sagradas. Daí subiram e chegaram à 28ª casa que se chama Casa da Chegada da Muda de Abacaxi¹⁰⁸¹. Prosseguindo, chegaram à 29ª casa que se chama Casa do Gavião da Beira do Rio.

A humanidade já estava formada. Vimos que eles já entraram em muitas casas: entraram transformando-se. Por isso já estavam grandes.

Daí subiram e chegaram à 30ª casa que se chama Casa do Mestre de Cerimônia. Esta casa é a principal. Antes de chegar a esta casa, o Deus da Terra ou Bisneto do Mundo disse: "A humanidade já está formada. Também já estamos na metade da viagem. Já é tempo de fazê-la falar!". O irmão dele, Uaracu, o Homem do Dia, já tinha ultrapassado essa casa. O Bisneto do Mundo chegou depois dele. Para se comunicar com Uaracu ele mandou seu bastão invisível que tem o nome de Bastão de Onça (Onça-Pajé). Este bastão atravessou pelo rio, na frente de Uaracu, o Homem do Dia. Vendo-o, ele baixou para participar da grande cerimônia que o invisível devia fazer, na qual ele ia dar a cada um

¹⁰⁷⁸ No rio Negro.

¹⁰⁷⁹ É a atual Ilha das Flores, no rio Negro.

¹⁰⁸⁰ Itapinima, no rio Uaupés.

¹⁰⁸¹ Hoje chamada Ananá-Ponta.

a sua própria língua: Desana, Tukano, Pira-tapuya, Tuyuka, Siriano, Barasano, Baniwa, Brancos. Cada um ia receber uma língua própria. Esta mesma casa é a casa em que apareceu um ser misterioso chamado Filho do Caapi¹⁰⁸². Toda a humanidade ficou debaixo dos efeitos do **caapi**, bebida violentíssima. Ninguém entendia mais a ninguém, no meio de muita confusão. Aí é que eles começaram a falar cada um uma língua diferente. Feito isso eles continuaram a viajar, rio acima.

Chegaram à 31ª casa que se chama Casa de Secar o Rio. Mais adiante chegaram à 32ª casa que se chama Casa da Lua. Daí subiram e chegaram à 33ª casa que se chama Casa das Flautas Sagradas. Daí prosseguiram até a 34ª casa que se chama Casa do Cunuri Grande. Daí vieram subindo até a 35ª casa que se chama Casa de Cair por Terra. Daí subiram e chegaram à 36ª casa que se chama Casa de Barro Amarelo. Daí subiram e chegaram à 37ª casa que se chama Casa do Som Prolongado. Daí subiram e chegaram à 38ª casa que se chama Casa de Transformação com Paricá. Daí subiram e chegaram à 39ª casa que se chama Casa da Ilha de Muxíua de Arara. Conta-se que esta casa está na frente da boca do rio Tiquiê.

A humanidade, dentro da Canoa de Transformação, entrou no rio Tiquiê e chegou à 40ª casa, a Casa dos que Realizaram Trocas. Subindo mais acima, chegaram à 41ª casa que se chama Casa de Tapioca Grande. Foi aqui que as primeiras mulheres passaram o que as mulheres passam quando chegam a certa idade¹⁰⁸³. Vendo isto, o Deus dna Terra deixou-as nesta casa, cercando-as com **pari**¹⁰⁸⁴. E somente os homens prosseguiram a viagem.

Mais acima, entraram na 42ª casa que se chama Casa das Vassouras de Cunuri. Subindo mais, entraram na 43ª casa que se chama Casa do Cunuri e, mais acima, na 44ª casa que se chama

¹⁰⁸² Ver nota 188.

¹⁰⁸³ Isto é, a menstruação (N. do R.).

¹⁰⁸⁴ Ver nota 121.

Casa dos Piolhos. Subindo mais adiante, entraram na 45ª casa que se chama Casa das Vassouras de Cunuri.

Dáí subiram e entraram na 46ª casa que se chama Casa de Perda de Cabelos. Subindo mais acima entraram na 47ª casa que se chama Casa das Flautas Sagradas. Subindo mais adiante entraram na 48ª casa que se chama Casa das Flautas Sagradas¹⁰⁸⁵. Subindo mais adiante, entraram na 49ª casa que se chama Casa da Anta¹⁰⁸⁶.

Subindo mais adiante entraram na 50ª casa que se chama Casa dos Adornos de Nuca, depois entraram na 51ª casa que se chama Casa das Flautas Sagradas¹⁰⁸⁷. Subindo mais acima, entraram na 52ª que se chama Casa das Trocas. Subindo mais adiante entraram na 53ª casa que se chama Casa do Igarapé dos Adornos. Conta-se que esta casa está nas cachoeiras de Pari. Até aqui chegou a Canoa de Transformação.

O Bisneto do Mundo deixou neste lugar os Tuyuka, os Barasana, os Kobewa, os Caviu, os Yepá-maxsã, os Micura e várias outras tribos. Essas tribos prosseguiram a viagem sozinhas, colocando casas ao longo do rio. Elas saíram para a superfície da terra na Cachoeira Comprida, que fica acima de Pari-Cachoeira. Da Casa do Igarapé dos Adornos para cima, somente eles conhecem os nomes das casas.

A Canoa de Transformação baixou outra vez e, com ela, baixaram os Tukano, os Desana e mais outras tribos. Baixaram até a Casa de Tapioca Grande (41ª) onde o Bisneto do Mundo tinha deixado as mulheres. A Canoa de Transformação encostou e subiu de novo com elas até a Casa dos Piolhos (44ª) onde ele cortou os cabelos delas. Por isso temos este costume de cortar os cabelos da mulher quando esta passa por isso pela primeira vez. Porque também os cabelos delas eram brancos. E a canoa continuou subindo até chegar à Casa de Perda de Cabelos (46ª) onde se deu

¹⁰⁸⁵ Onde está atualmente o povoado de Uirá-Poço.

¹⁰⁸⁶ Atualmente é o povoado de São José.

¹⁰⁸⁷ Onde se encontra o atual povoado de São João.

à humanidade outros cabelos, de cor preta, como são os nossos.

Feito isto, a Canoa de Transformação baixou de novo e entrou na Casa da Ilha de Muxíua de Arara (39ª), na frente da boca do rio Tiquiê. Aqui acaba a viagem pelo rio Tiquiê.

Recomeçando a subir o rio Uaupés, eles chegaram e entraram na 54ª casa que se chama Casa da Formiga de Ingá¹⁰⁸⁸. Daí chegaram à 55ª casa que se chama Casa da Sapopema de Veado. Subiram mais adiante e entraram na 56ª casa que se chama Casa da Ponta do Lago Alto. Daí chegaram à 57ª casa que se chama Casa dos Buracos de Tocandira. Esta casa está na grande cachoeira de Ipanoré¹⁰⁸⁹. Aqui é que eles saípor terra, pisando pela primeira vez na terra, porque antes eles vinham debaixo das águas com a Canoa de Transformação.

O Deus da Terra os estava dividindo enquanto eles estavam saindo. Eles saíram por si mesmos para a superfície da terra. Por isso, na cachoeira de Ipanoré, vêem-se os buracos da sua saída, na lage de pedra. A Canoa de Transformação ficou no fundo da água, não se levantou à superfície da água. Somente eles é que saíram na terra.

Cada um saiu acompanhado da sua mulher. Se colocaram em filas, na terra. Primeiro saiu o chefe dos Tukano, que se chama Doétiro ou também Waúro. Este é o Tukano. Este chefe dos Tukano foi como o Deus da Terra. Foi como aconteceu com Deus: Deus gerou o seu filho Jesus, não é? O Deus da Terra, Bisneto do Mundo, gerou Doétiro que significa Traíra de Cabeça Chata.

O Bisneto do Mundo baixou com a Canoa de Transformação.

O segundo a sair foi Uaracu, o Homem do Dia, o chefe dos Desana. São estes dois que tiraram as riquezas que o Bisneto do Mundo tinha pedido ao Avô do Mundo na Casa de Cima.

Vimos assim que a humanidade estava dentro das riquezas, dentro dos adornos, como a galinha está dentro do ovo. Quando a galinha sai ela deixa a casca. Pois a mesma coisa

¹⁰⁸⁸ Taracué.

¹⁰⁸⁹ No baixo rio Uaupés.

aconteceu com eles. Já vimos que a humanidade se transformava, de casa em casa. Sabemos que eles estavam crescendo e que eles saíram de dentro das riquezas como o pintainho saiu do ovo. Pois as riquezas eram deles, porque cresceram nelas. E é por isto que estes dois as tomaram.

Estas riquezas agora chamam-se Adornos de Transformações. Estas, eles as distribuíram depois. O Waúro distribuiu-as para a sua geração, mas nem para todos os Tukano, só para alguns. Sobre isto somente os Tukano sabem (a estória). O Uaracu, o Homem do Dia, o chefe dos Desana, também distribuiu-as para alguns Desana. Estas riquezas são eternas.

O terceiro a sair foi o Pira-tapuya, o quarto, o Siriano. O quinto foi o Baniwa. Este já saiu com arco e flecha. Ao sair, ele experimentou atirar com o seu arco. Por isso este grupo é conhecido por ser brabo. O sexto foi o Maku. A todos estes o Bisneto do Mundo disse: "A vocês eu dou o bem-estar, dou as minhas riquezas das quais vocês nasceram". Dizendo isto, ele estava dando-lhes o poder de serem mansos, de fazerem grandes dias de danças, de se reunirem com muita gente, de falar bem com todos, isto é, de não fazer guerras. Isso é tanto verdade que os nossos antigos nenhuma vez fizeram guerras porque foi o Bisneto do Mundo que lhes deu esse poder.

O sétimo a sair foi o Branco, com a espingarda. O Deus da Terra lhe disse: "Agora você é o último. Eu já dei aos primeiros todos os bens. Como você é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer guerras para tirar riquezas dos outros. Com isso você encontrará dinheiro!". Quando ele terminou de dizer isto, o primeiro Branco virou as costas, deu um tiro com a espingarda e baixou, pelo rio, em direção do sul. Baixou, entrando nas casas, por onde ele já havia passado quando estava subindo na Canoa de Transformação. Entrou na 21ª casa (ou Casa de Chacoalhar Água na Boca) e aí mesmo fez a guerra. A pedra gravada mostra isto: há figurinhas na pedra parecidas como soldados com capacete e espingarda, todos ajoelhados dando tiros. Foi assim porque o Bisneto do Mundo deu-lhe o poder de fazer guerra! Para ele a guerra é como uma festa. Por isso é que os brancos fazem guerras!

O oitavo a sair foi o Padre com um livro na mão. O Bisneto do Mundo mandou ele ir com o Branco¹⁰⁹⁰. Por isso os nossos antigos avôs já sabiam que os Padres existiam porque conheciam essa história! Tanto é verdade que até, por fim, chegaram os Padres assim como os Brancos.

Já vimos que saiu muita gente. Saíram e ficaram conversando um com o outro, todos contentes. Enquanto estavam fazendo isto, ouviram um barulho por trás deles. Era um ser que estava barulhando. Também este estava se transformando. Ouvindo isto, eles perguntaram uns para os outros: "Quem é?". "O que é aquilo?". Alguns disseram: "Não sei!". A maior parte disse: "É Wāxtĩ! (Fantasma)!". Aí ele recebeu o nome de Wāxtĩ. Ele existe nas matas. Se eles tivessem dito: "É gente que está lá!", este teria saído como Maku, um índio do centro do mato!

Feito isto, o Bisneto do Mundo deu a eles ordem de continuar a viagem. A Canoa de Transformação, que era o Trovão, por sua vez, baixou novamente. O Bisneto do Mundo baixou com ela até o Lago de Leite. O Trovão, que era o Avô do Mundo, subiu na casa dele, na Casa de Cima, e o Bisneto do Mundo também subiu.

¹⁰⁹⁰ O retrato do padre, cujo destino, por determinação do Bisneto do Mundo, é o de se juntar (aliar) ao Branco guerreiro, é uma fiel tradução da realidade histórica. Com efeito, os primeiros missionários que chegaram à região do rio Negro, e que foram da Ordem dos Jesuítas, sempre acompanhavam as chamadas "tropas de resgate" encarregadas de capturar e tomar como escravos o maior número possível de índios, cabendo aos missionários a responsabilidade de determinar em quais circunstâncias os índios haviam sido feitos prisioneiros, e se podiam ser considerados como escravos legítimos (N. do R.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa Rodrigues, J.B.

1890 "Poranduba Amazonense ou Kochiyima-vara Poranduba".
Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (RJ) 1886-1887,
vol XIV (Fasc. nº 2):1-224.

Baschoven

1897 **Das Mutterrecht**. Basilea.

Béksta, C.

1984 1ª **cartilha Tukano**. Manaus: SEDUC/Núcleo de Recursos Tecnológicos.

1985 **Primeiras letras para o povo Kohoroxitári - Yanomami**.
Manaus: SECUC/Núcleo de Recursos Tecnológicos.

Biocca, E.

1965 **Viaggi tra gli Indi. Alto Rio Negro - Alto Orinoco. Appunti di un Biologo**. Vol. 1: **Tukâno, Tariâna, Baniwa, Makú**. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Boas, F.

1911 **The mind of primitive man**. New York.

Brüzzi, A. A. da Silva

1955 "Os ritos fúnebres entre as tribos do Uaupés(Amazonas).
Anthropos (Freiburg) 50(4-6):593-601.

1956 "Morte do chefe indígena da tribo Tukano".
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo(São Paulo)LIII:119-123.

1961 **Discoteca Etno-Lingüístico-Musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauáburis**. Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauareté/Missão salesiana do Rio Negro.

1966 **Observações gramaticais da língua Daxseyé ou Tukano.** Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauareté.

1966 "Estrutura da tribo Tukano". *Anthropos* (Freiburg) 61:191-203.

1977 **A civilização indígena do Uaupés. Observações antropológicas, etnográficas e sociológicas.** Roma: LAS (Studi e Ricerche 1).
s.d. **Uma explicação (notas ao dicionário Tukano-Português).** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho: 16 p.

Buarque de Holanda, A. F.

1972 **Pequeno Dicionário da Língua Português.** São Paulo: Companhia Editora Nacional.

1972 **Novo Dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Buchillet, D.

1983 **Maladie et mémoire des origines chez les Desana du Uaupés (Brésil). Conceptions de la maladie et de la thérapeutique d'une société amazonienne.** Tese de Doutorado (Não publicada), Universidade de Paris-X Nanterre.

1988 "Interpretação da doença e simbolismo ecológico entre os índios Desana". *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi (Série Antropologia)* 4(1):27-42.

Câmara Cascudo, L. da

1972 **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro: Ediouro (Grupo Coquetel).

Clermont-Ganneau

1880 **L'imagerie phénicienne et la mythologie iconique chez les Grecques.** Paris.

Costa, Dom F.

1909 **Carta pastoral de Dom Frederico Costa, Bispo do Amazonas a seus amados diocesanos.** Fortaleza.

Coudreau, H.

1887/9 **La France équinoxiale**. Paris: Challamel Aine. 2 vol.

Ehrenreich, P.

1905 "Die Mythen und Legenden der südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und den alten Welt". **Zeitschrift für Ethnologie** vol. 37 (suplemento).

1906 "Götter und Heilbringer". **Zeitschrift für Ethnologie** 38:536-610.

Giacone, A.

1949 **Os Tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do Rio Negro-Amazonas: Notas etnográficas e folclóricas de um missionário salesiano**. São Paulo.

1955 **Pequena gramática e dicionário Português Ubde-Nehern ou Macu**. Recife: Escola Salesiana de Artes.

1962 **Pequena gramática e dicionário da língua Taliáseri ou Tariana**. Salvador: Escola tipográfica Salesiana.

1965 **Pequena gramática da língua "Dahceié" ou Tucano, Dicionário "Dahceié ou Tukano-Portuguez", Dicionário "Portuguez-Dahceié ou Tucano". Vademecum para os missionários e fraseologia usual tucana nos rios Uaupés, Tiquiê e Papuri**. Belém (Pará).

s.d. **Pequena gramática e dicionário da língua Kótiria ou Uanano**. Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauaretê/Missão salesiana de Iauaretê.

s.d. **Catecismo em Português e Tukano**. Amazonas: Centro de Pesquisas de Iauaretê/Missão salesiana de Iauaretê.

Gourdon, P.

1846 **L'imitation sexuelle et l'évolution religieuse**. Paris.

Hugh-Jones, C.

1979 **From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in North-west Amazonia**. Cambridge: Cambridge University Press.

Hugh-Jones, S.

1979 **The Palm and the Pleiades. Initiation and Cosmology in**

Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press.

Ihering, R. von

1968 **Dicionário dos animais do Brasil.** São Paulo: Editora Universidade de Brasília.

Koch-Grünberg, T.

1909/10 **Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in nord-west Brasilien 1903/1905.** Berlin: Ernst Wasmuth A. G. 2 volumes.

Kumu, U. P. e T. Kenhiri

1980 **Antes o mundo não existia.** Com introdução de Berta G. Ribeiro. São Paulo: Livraria Cultura Editora.

Lana, F. A. e L. G. Lana

1986 **Il Ventre dell'Universo.** Palermo: Sellerio Editore.

Lang, A.

1896 **Mythes, cultures et religion.** Paris.

Langdon, T.

1975 **Food Restrictions in the Medical System of the Barasana and Taiwano Indians of the Colombian North-west Amazon.** Tese de Doutorado (Não publicada), Universidade de Tulane.

Malinowski, B.

1935 "Culture". **Encyclopedia of the Social Sciences** vol.IV:621-645.

Radin, P.

1927 **Primitive man as philosopher.** New York and London.

Roséres, R.

1902 **Congrès international des Traditions populaires de 1900.** Paris.

Saake, W.

1959 "Kári, del Kulturheros feiert mit den Baniwa-Indianern das

erste Dabukuri-Fest". **Staden Jahrbuch** 7/8:193-201.

Schaden, E.

1959 **A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil. Ensaio etno-sociológico.** Ministério da Educação e Cultura/Serviços de Documentação.

Schmidt, W.

1926 "Heilbringer bei den Naturvölker". **Semaine Internationale d'Ethnologie Religieuse, IV^e session, Milan 1925.** Paris, pp. 247-261.

Stradelli, E.

1890 "Leggenda dell'Jurupary". **Bolletino della Società Geographica Italiana** Vol. III(3):659-689, 798-835.

1929 "Vocabulários da Língua Geral, Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (Rio de Janeiro) 104:(158/2):5-768.

Tylor, E. B.

1903 **Primitive culture.** London.

Van Gennep, A.

1910 **La formation des légendes.** Paris.

ISBN: 9978-04-035-5

INSPECTORIA SALESIANA MISSIONARIA DA AMAZONIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ETNOGRÁFICO E MISSIONÁRIO-CEDEM

